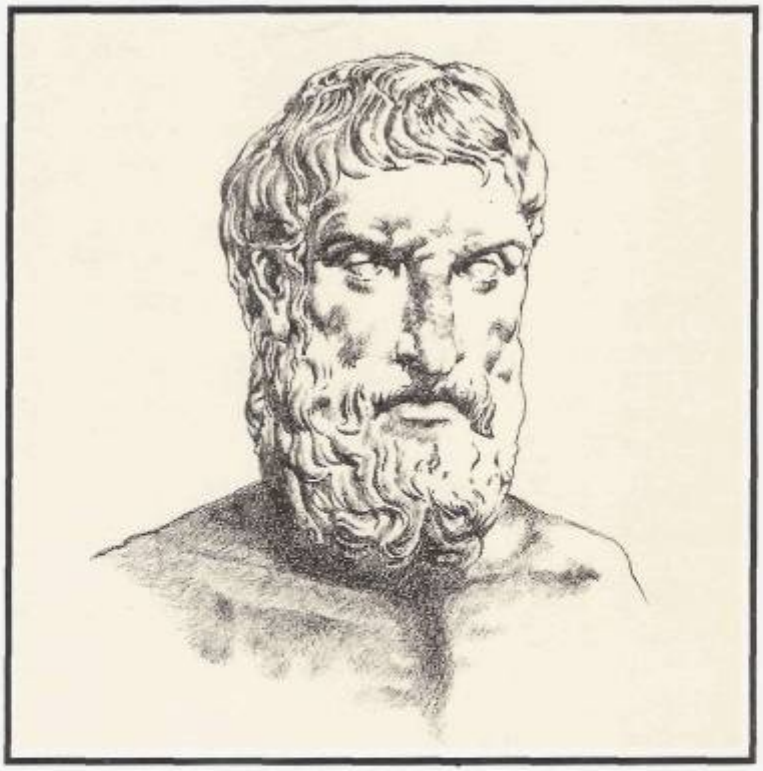
Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio



Os Pensadores

Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio

CONTRA-CAPA
Neste volume

EPICURO
ANTOLOGIA DE TEXTOS (séc. IV/III a.C.)
Pensamentos sobre a filosofia, a teoria do conhecimento,
a física e a ética — de um dos maiores filósofos da Antigüidade.

LUCRÉCIO
DA NATUREZA (séc. I a.C.)
Num longo e belo poema, Lucrécio expõe a doutrina atomista criada
por Leucipo e Demócrito e desenvolvida por Epicuro.

CÍCERO
DA REPÚBLICA (51 a.C.)
As várias formas de governo são analisadas à luz do ecletismo filosófico de um dos maiores nomes do pensamento romano.

SÊNECA
CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA (séc. **I a.C.)**
DA TRANQÜILIDADE DA ALMA (séc. **I a.C.)**
MEDÉIA (séc. I a.C.)
APOCOLOQUINTOSE DO DIVINO CLAUDIO (séc. I a.C.)
Obras representativas de um dos mais importantes filósofos estóicos da Roma Antiga, no tempo de Calígula e Nero.

MARCO AURÉLIO
MEDITAÇÕES (séc. II)
Reflexões morais do imperador-filósofo, adepto do estoicismo.

Seleção de textos: *José Américo Motta Pessanha*
Traduções e notas: *Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna*
Estudos introdutórios: *E. Joyau* (Epicuro) e *C. Ribbeck* (Lucrécio)
Consultor da Introdução Geral: *José Américo Motta Pessanha*

ORELHAS

Os Pensadores
Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio

"Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse o fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais *pouco* maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz." EPICURO: *A Filosofia e o seu Objetivo*

"É indubitável que a matéria não forma um todo compacto, visto vermos que tudo se gasta e por assim dizer se desfaz ao longo dos tempos e se oculta na velhice aos nossos olhos; o conjunto, no entanto, parece permanecer intato, pois o que se retira de qualquer corpo, e por aí o diminui, vai aumentar aquele a que se junta: obrigam uns a envelhecer, outros a prosperar; e não param nesse ponto. Assim continuamente se renova o Universo e vivem os mortais de trocas mútuas. Aumentam umas espécies, diminuem outras, e em breve espaço se substituem as gerações de seres vivos e, como os corredores, passam uns aos outros o facho da vida." LUCRÉCIO: *Da Natureza*

"Não procedas como se houvesses de durar dez milênios; o fim inevitável pende sobre ti; enquanto vives, enquanto podes, torna-te um bom."
MARCO AURÉLIO: *Meditações*

FAZEM PARTE DESTA SÉRIE:

VOLTAIRE – MARX – ARISTÓTELES – SARTRE – ROUSSEAU – NIETZSCHE – KEYNES – ADORNO – SAUSSURE - PRÉ-SOCRÁTICOS – GALILEU – PIAGET – KANT – BACHELARD - DURKHEIM – LOCKE – PLATÃO – DESCARTES - MERLEAU-PONTY – WITTGENSTEIN – HEIDEGGER – BERGSON - STO TOMÁS DE AQUINO – HOBBES – ESPINOSA - ADAM SMITH – SCHOPENHAUER – VICO – KIERKEGAARD – PASCAL – MAQUIAVEL – HEGEL – ***E OUTROS***

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Epicuro, 342 ou 1-271 ou 70A.C.
E54a Antologia de textos / Epicuro. Da natureza / Tito Lucrécio Caro.
3.ed. Da república / Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia ;
Da tranqüilidade da alma ; Medéia ; Apocoloquintose do divino Cláudio
/ Lúcio Aneu Sêneca. Meditações / Marco Aurélio ; traduções e notas de
Agostinho da Silva ... [et al.] ; estudos introdutórios de E. Joyau e
G. Ribbeck. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1985.
(Os pensadores)

Contém vida e obra de Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.
Bibliografia.

1. Epicuristas 2. Estóicos 3. Filosofia antiga I. Lucrécio, 98?-55?A.C. II. Cícero, 106-43A.C. III. Sêneca, 4?-65 ou 6. IV. Marco Aurélio, 121-180. V. Silva, Agostinho da, 1906- VI. Joyau, Emmanuel, 1850-1924. VII. Ribbeck, G. VIII. Título. IX. Título: Da natureza. X. Título: Da república. XI. Título: Consolação a minha mãe Hélvia. XII. Título: Da tranqüilidade da alma. XIII. Título: Medéia. XIV. Título: Apocoloquintose do divino Cláudio. XV. Título: Meditações. XVI. Série.

CDD- 180
-187
84-1228 -188

índices para catálogo sistemático:
1. Epicurismo : Filosofia antiga 187
2. Estoicismo : Filosofia antiga 188
3. Filosofia antiga 180
4. Filósofos antigos 180

EPICURO

ANTOLOGIA DE TEXTOS

TITO LUCRÉCIO CARO

DA NATUREZA

MARCO TÚLIO CÍCERO

DA REPÚBLICA

LÚCIO ANEU SÊNECA

CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA

*

DA TRANQÜILIDADE DA ALMA

*

MEDÉIA

*

APOCOLOQUINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

MARCO AURÉLIO

MEDITAÇÕES

Traduções e notas de **Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna**
Estudos introdutórios de **E. Joyau e G. Ribbeck**

1985 EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais: Texto de Lucrécio:
De Rerum Natura
Textos de Sêneca:
Ad Helviam Matrem de Consolatione
Ad Serenum de Tranquillitate Animi
Medea
Divi Claudi Apokolokintosis
Texto de Marco Aurélio:
Τὰ εις εαντὸν *(Meditações)*

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural, São Paulo, 1973 — 2.ª edição, 1980 —3.ª edição, 1985.
Traduções publicadas sob licença de Editora Globo S.A.,

Porto Alegre *(Antologia de Textos de Epicuro; Da Natureza);*
D. Giosa Indústrias Gráficas S.A., São Paulo *(Da República;*
Consolação a Minha Mãe Hélvia; Da Tranqüilidade da Alma; Medéia;
Apocoloquintose do Divino Cláudio); Editora Cultrix Ltda., São Paulo *(Meditações).*
Direitos exclusivos sobre "Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio — Vida e Obra", Abril S.A. Cultural, São Paulo.

TITO LUCRECIO CARO

DA NATUREZA

Tradução e notas de **Agostinho da Silva** Estudo introdutório de **G. Ribbeck**

LUCRECIO

(por G. Ribbeck)

T. Lucrécio Caro, segundo o que parece mais provável, viveu entre 96 e 55 a.C. Por desgraça, não conhecemos nem as circunstâncias da vida nem as etapas do desenvolvimento deste poderoso espírito. Alma naturalmente apaixonada, não deve ter entrado senão depois de lutas penosas e de duras experiências no porto da verdadeira filosofia, em que vê a única salvação da humanidade oprimida e aterrorizada.

Lucrécio nasceu provavelmente em Roma, e é fora de dúvida que aí foi educado. Aí também recebeu a sua alma sensível impressões feitas para abalar a crença num governo divino do mundo: viu sucederem-se as guerras sangrentas contra os aliados, contra os escravos, contra os piratas, contra os gladiadores, contra Sertório, a luta contra Mitridates, que sempre se renovava, misturada de reveses e de êxitos, as ruidosas agitações dos cidadãos no interior, as violentas batalhas de partidos provocadas pela ambição desenfreada dos chefes, as terríveis chacinas de que Sila foi o principal autor; em resumo, foi testemunha de todos os sintomas que anunciavam o próximo desabar da ordem estabelecida. No meio destas procelas, o vazio formalismo da religião etrusca, cuja doutrina pueril, toda feita de milagres e de presságios, servia apenas para aterrorizar e deprimir as almas

fracas, devia excitar o desprezo e o desgosto no espírito de todo homem inteligente.

Depois da ruína da sua independência, as almas fatigadas dos gregos abraçaram com alegria a resignação calma e a vida contemplativa que recomendava a filosofia de Epicuro. Os deuses, cuja intervenção se tinha feito sentir tão pouco, não eram realmente destronados por esta doutrina: eram postos de parte. A criação não era sua obra; o Céu, a Terra, as plantas, os animais, o próprio homem, tudo saiu do jogo eterno dos móveis átomos; tudo o que aparece, tudo o que sucede cada dia, tanto na natureza como na vida dos indivíduos e dos povos, é a conseqüência das combinações incessantes e imperceptíveis de parcelas infinitamente pequenas que se encontram no espaço.

Quanto aos deuses, cabe-lhes a humilde parte da felicidade contemplativa e, segundo o seu exemplo, não há para os mortais felicidade maior do que a pacífica satisfação do homem livre, que de si próprio goza, e que se entrega a uma serena contemplação, precavido contra os desvarios da imaginação e da paixão. Lucrécio estava bem longe de conceber o prazer no seu aspecto carnal, como o faziam certos contemporâneos de espírito menos nobre que o seu, e entre outros Pisão, o adversário de Cícero. A sua idéia era profunda e grandiosa. Ligou-se com fé robusta a uma doutrina que afinal só oferecia à miséria humana a consolação de pregar que nenhuma potência oculta nem malévola exerce a sua influência sobre a nossa vida e que a morte põe fim a tudo. Acreditou fazer obra de redentor negando a existência de um reino desolado das sombras e abalando os fundamentos da temerosa crença que ameaçava o defunto com todos os terrores de uma noite eterna acompanhada de impiedosas torturas.

Sem dúvida já se tinha começado, no mundo culto, a fazer luz sobre este ponto; mas a vitória só foi firmemente assegurada à razão pela prova científica do absurdo destas histórias de velha ama. Quantos não havia que hesitavam entre o temor e a dúvida, e que no infortúnio ou nas angústias da hora derradeira se deixavam cair de novo nas superstições da infância e do vulgo! A estes fantasmas, a

que escapou para sempre, Lucrécio os segue com um olhar cheio de ódio, como a perseguidores de que se livrou, e combate pela sua fé com a paixão de um neófito.

As doutrinas de seu mestre, "honra da raça grega", parecem-lhe mais certas que os oráculos da Pítia. Segue-lhe os passos com entusiasmo respeitoso; vê nele o filósofo que descobriu o segredo da criação; graças às suas revelações desvanecem-se os terrores do espírito, entreabrem-se as muralhas do mundo, aparece à luz a serena moradia dos deuses e nada mais vem perturbar a paz da alma. Seguindo-o e esforçando-se por o imitar, quer por seu turno empreender e elevar o facho da verdade para livrar os seus romanos do temor dos deuses, dessa *gravis religio,* dessa pesada religião, que os oprime e que pesa sobre eles com muito mais força do que outrora sobre os gregos. Quer tornar a levá-los até a natureza, de que eles se afastaram; quer livrá-los dos seus piores inimigos, o temor e a inveja, e acima de tudo do terror da morte.

Mas não encontra a paz da alma *(pietas)* nem na prece nem nos sacrifícios. Não há piedade alguma em se mostrar freqüentemente de cabeça velada, em se voltar para uma pedra, em se aproximar de todos os altares, em ficar prostrado no chão, em estender as mãos diante dos santuários dos deuses, em derramar sobre os altares o sangue de numerosas vítimas, em acumular votos sobre votos; é preciso, pelo contrário, olhar tudo com absoluta calma (V, 1196 e segs.). O bem-estar físico e a tranqüilidade da alma. eis o que reclama a natureza humana, e o destino mais agradável é habitar o templo da ciência e contemplar dessas alturas os desvarios da vida.

Lucrécio dedicou o seu poema a Mêmio, um jovem nobre que se consagrava aos assuntos públicos. Era o futuro pretor da Bitínia, que iremos conhecer no círculo de Catulo? Não há possibilidade de afirmá-lo. Lucrécio trata-o como a um discípulo que se procura ganhar para a filosofia epicurista; mas a amizade que os unia não parece ter sido muito íntima, porque, se excetuarmos a introdução solene do poema, os passos em que o interpela, algumas vezes pelo nome, não são destinados senão a reanimar a atenção do leitor.

Para o poeta a influência a exercer sobre a nação é muito mais importante, o que se compreende sem dificuldade. No princípio, é certo, permite-se, para agradar ao seu amigo, uma licença poética pela qual parece confessar ingenuamente que nele o poeta ainda não desapareceu por detrás do filósofo: Lucrécio, que pretende curar os seus leitores da crença no poderio dos deuses, na ação destes sobre o mundo e os homens, celebra numa esplêndida invocação à benéfica Vênus, protetora da *gens Memmia,* a deusa cuja cabeça se encontra cunhada nas moedas desta família. Louva-a como mãe dos romanos, filhos de Enéias, como prazer dos homens e dos deuses; é ela quem povoa o mar e as terras que produzem as searas; é por ela que foi criado tudo o que vive. Num quadro impressionante, descreve os ventos e as nuvens que fogem à sua aproximação, a terra variegada que se cobre de flores, o mar e o céu que se riem, as aves que saúdam a primavera, os animais que saltam alegres pelos pastos, todo o mundo, enfim, penetrado pelo seu poder, É Vênus que deve ajudar o poeta na sua obra, porque sem ela não poderiam nascer nem as alegrias nem as graças; a ela também compete exercer a sua força experimentada sobre Marte, que muitas vezes lhe repousa nos braços, dar a paz aos romanos nesses tempos funestos, a fim de que o poeta possa trabalhar na sua obra e que o seu amigo tenha tempo livre para escutá-lo. E, numa só pessoa, a natureza criadora e a mãe do seu povo bem-amado, a quem o poeta, levado pelo entusiasmo do assunto e pelos seus cuidados de patriota, apresenta do fundo do coração a sua homenagem, sem que a razão reclame.

Como Lucrécio não tem por objetivo expor todo o sistema de Epicuro de uma forma rigorosa e científica, mas sim dar paz aos espíritos pregando-lhes a sua doutrina, escolheu, "como a abelha nas clareiras floridas" (III, 11), na vasta obra sobre a natureza, as "palavras de ouro", e deu-lhes uma ordenação apropriada ao seu fim. Em especial da física, cujas proposições basilares repousam sobre a profunda doutrina atomística de Demócrito, decorrem para ele importantes conclusões práticas a respeito da indiferença dos deuses e da imortalidade da alma.

Só de passagem e episodicamente tratou de alguns pontos de ética; não foi até o fundo da doutrina, que é a teoria do prazer. À teoria do conhecimento (canônica), de que Epicuro fez preceder as duas outras partes da sua obra, foi ele buscar o indispensável princípio da infalibilidade dos sentidos para o expor onde era necessário, mas sem se demorar muito a desenvolver nos seus pormenores e a provar esta verdade, que lhe parecia incontestável.

O seu verdadeiro fim, revela-o Lucrécio, sem tardar, com o elogio de Epicuro: quando a vida humana jazia por terra, oprimida pelo temor dos deuses, Epicuro fez tanto com a força do seu espírito, que a religião foi por seu turno calcada aos pés, que nem o raio nem o trovão conseguem já assustar o homem; pela força do seu espírito, Epicuro de tudo triunfou e a tudo penetrou; reconheceu o que pode e o que não pode nascer, determinou exatamente o poder de cada ser e o limite que lhe está fixado. Depois Lucrécio refuta a objeção de que é criminoso pensar segundo a razão só pelo exemplo de Ifigênia (ou Ifianassa, segundo o nome que ele lhe dá), que é sacrificada só por uma palavra dita por um padre; nesse ponto, pintou Lucrécio um quadro de beleza comovente e verdadeiramente grega, cujos traços mais importantes se deviam encontrar nas estrofes do *Agamemnon,* de Esquilo, e na pintura de Timanto; mas o poeta romano, seguindo a sua própria inspiração, fez dele uma criação nova.

Não podia escolher exemplo mais impressionante para mostrar a que atrocidades contra a natureza o temor dos deuses tem conduzido os homens. Não havia ainda muito tempo que vítimas humanas tinham sido imoladas em honra dos deuses. E Lucrécio imediatamente trata, como de uma segunda questão capital e decisiva para a felicidade da vida, do esclarecimento da natureza da alma e de seu destino após a morte. "Porque, se os homens vissem diante de si fim certo de seus males, teriam a força de resistir às superstições e às ameaças dos padres; sentem-se impotentes porque julgam que têm de sofrer depois da morte castigos eternos." Só então Lucrécio coloca a pedra angular do seu edifício filosófico, ao enunciar a proposição "Nada pode nascer de nada".

Há corpos infinitamente pequenos e há o vazio que lhes permite moverem-se; cada um deles é necessário ao outro e o completa. Estas moléculas primordiais são indestrutíveis e simples, sem forma, a fim de se poderem transformar em todas as coisas. Nem a matéria nem o espaço têm limites além daqueles que recebem um do outro; é sobre isso que repousa a eternidade da natureza. O segundo livro é consagrado a explicar o movimento e a combinação dos átomos para formar os corpos compostos. Movem-se os átomos, uns em virtude do seu próprio peso, os outros pelo choque de outros átomos, não segundo a perpendicular, mas desviando-se muito ligeiramente da direção normal. É daí que provém a diversidade das coisas, daquelas mesmo que se assemelham, a sensação do que é agradável ou desagradável, a liberdade da vontade (251 e segs.). Mas a variedade das formas é limitada, ao passo que a matéria é infinita para o desenvolvimento de cada espécie. Ainda que cada coisa seja composta de elementos diferentes, não é certo que todos os elementos possam entrar em todas as combinações. Os átomos são por si mesmos desprovidos de cor, de temperatura, de sonoridade, de sabor e de cheiro. O sensível é, assim, composto do insensível; mas nem todos os encontros de átomos produzem este resultado, que depende da forma, do movimento, da posição dos átomos.

A morte é a dissolução dos átomos no ser vivo. Para dissipar o temor da morte, o terceiro livro examina a natureza da alma e do espírito. Ambos são unidos por um laço indissolúvel, mas é o espírito que domina; reside no peito, ao passo que as moléculas da alma se encontram espalhadas por todo o corpo. O espírito não pode ser senão material, mas é constituído de corpúsculos de uma extrema finura e de espécies diferentes, e ora é um desses corpúsculos ora outro que predomina; daí vem a diversidade dos temperamentos. Nascido com o corpo, o espírito cresce, envelhece e morre com ele. Mas da sua mortalidade resulta que a morte não nos toca, o que não é uma infelicidade.

O quarto livro trata das percepções. Da superfície das coisas desprendem-se simulacros semelhantes a finas partículas muito móveis. Os sentidos que os

percebem são infalíveis e todas as suas percepções são seguras, embora não seja fácil em todos os casos explicá-las racionalmente. Depois de sucessivamente haver passado em revista as percepções dos sentidos da vista, do ouvido, do gosto, do cheiro, o poeta explica os simulacros do pensamento, que são os mais finos de todos. Movendo-se na presença da alma, produzem a vontade; dançam à volta da alma no sonho (vem o sono quando a alma fatigada se retira sobre si própria).

O quinto livro tem por objeto as leis da criação. O mundo está destinado a perecer assim como tudo o que é feito de partes e membros perecíveis. A natureza não é mais do que uma perpétua agitação, um nascer e um morrer perpétuos. É por uma coincidência fortuita dos átomos que a criação apresenta a sua forma atual. O autor descreve como a Terra, o éter, o mar, o Sol, a Lua e as estrelas saíram do movimento dos átomos; explica a mudança das estações e demonstra que tudo na natureza acontece na sua época fixa, segundo uma lei constante. Mas a Terra já fez muitos ensaios infrutíferos, e muitos dos seus esboços não alcançaram nenhum resultado antes de ter chegado ao seu estado atual. Coloca-se aqui a história da civilização, de que o poeta trata de leve e os problemas de maior importância. O abrandamento e em seguida a efeminação dos costumes são o resultado da vida doméstica e familiar. A natureza e a necessidade fizeram nascer, inventaram as línguas. Chegou-se à crença nos deuses (e quanto mal não fez ela ao mundo!) pela imaginação e pelos sonhos, e depois ao considerar-se a constância das leis da natureza; com efeito, não se poderia negar que nos sentimos levados a acreditar num poder divino quando se contempla o céu estrelado, ou quando se é testemunha de tempestades ou de tremores de terra. O trabalho dos metais (o poeta distingue as idades da pedra, do bronze e do ferro), as armas e a guerra, a fiação e a tecelagem, as sementeiras e as plantas, tudo o que desenvolve e embeleza a vida, tudo foi a pouco e pouco ensinado aos homens pela experiência e pela necessidade.

Finalmente, no sexto livro, Lucrécio, sem plano bem claro, explica diversos fenômenos naturais: o relâmpago e o trovão, a formação das nuvens, a chuva e a

neve, os tremores de terra, as erupções do Etna, as cheias do Nilo, as emanações do lago Averno, as propriedades de certas fontes, a força do ímã, enfim a origem das epidemias, como por exemplo a peste de Atenas. O poema termina, sem verdadeira conclusão, pela descrição completa deste flagelo, segundo os dados de Tucídides. Era a primeira vez que um romano empreendia explicar cientificamente fenômenos físicos, sem se afastar realmente um só instante de um mestre grego: esta obra de imitação e de adaptação de idéias estrangeiras não deixa de ser, no entanto, um enorme trabalho intelectual.

Não se trata de apreciar aqui, mesmo de passagem, o valor da doutrina filosófica exposta por Lucrécio. Embora o conjunto não possa apresentar mais do que um interesse histórico, há nos pormenores muitas idéias e observações justas a respeito dos fenômenos naturais. O poema, tal como existe, não pode ser considerado uma perfeita obra-prima. Mas sabemos que o poeta morreu antes de o ter completado, que a sua obra, que ficou assim no estado de esboço, não foi preparada senão depois da morte do autor, por Marco ou Quinto Cícero, e vemos claramente que foi publicada sem grandes cuidados, depois de uma revisão muito rápida.

Encontram-se com efeito muitos passos em que faltou o trabalho final; notam-se omissões, acréscimos, trechos empregados duas vezes, erros de composição, lacunas no pensamento e negligência nos pormenores da forma; tudo prova que o trabalho, bem adiantado em certos pontos, ainda não tinha, no seu conjunto, chegado à maturidade. A própria introdução, apesar do seu exórdio brilhante, está mal ordenada.

Possuímos trechos que estão admiravelmente realizados, mas que se não encontram reunidos num todo. O primeiro livro é relativamente mais perfeito que os outros e sobretudo que o sexto, o que é natural tendo-se em vista as circunstâncias. O que assegura valor imorredouro à obra que Lucrécio deixou em estado tão imperfeito é, além do entusiasmo do autor pela sua nobre empresa e da sua fé ardente, o tom e o estilo elevados em que a sua doutrina de salvação foi

concebida e exposta, a elevação dos seus sentimentos, que se mantêm bem acima das paixões e das ambições mesquinhas, o generoso ardor com que se compadece da vida e do destino da humanidade, a imaginação e a emoção com que contempla na natureza os pormenores das menores coisas, por fim, o dom de exprimir como um artista, com força e verdade impressionantes, as suas impressões e as suas idéias.

No decurso do seu trabalho teve à vista os poemas filosóficos de um Xenófanes, de um Parmênides, de um Empédocles; e não lhes eram desconhecidos os recursos artísticos por meio dos quais os alexandrinos tinham dado à poesia didática um novo atrativo e um novo impulso. Este gênero, hoje tão pouco apreciado, gozava na Antigüidade de um prestígio por assim dizer religioso. Apresentar-se como educador da nação, expor como uma revelação as idéias mais altas do espírito humano sobre a vida e o destino, era a mais santa das missões; o tom profético e sublime do poeta parecia necessário para dar uma forma verdadeiramente digna e eficaz às obras deste gênero, e isto mesmo no tempo em que a prosa já sabia servir-se da expressão científica.

A exemplo de Ênio, que fora o primeiro a, inspirado pelas musas e rivalizando com os gregos, eternizar os altos feitos do povo romano, sentiu-se Lucrécio transportado pelo pensamento de ser o primeiro a explicar aos romanos os segredos da criação. Animado pela esperança de imortal renome, percorre, no domínio das Piérides, uma região que nenhum pé havia pisado antes dele; alegra-se por ir tirar a sua água de uma fonte virgem, por colher flores desconhecidas e por tecer com elas para si próprio uma coroa que nunca teve semelhante na fronte de um mortal (I, 922 e segs.).

Salta aos olhos que, para expor com clareza e graça um assunto tão difícil, era necessária uma arte sem igual. Tinha o poeta consciência das dificuldades que o seu tema apresentava. É por isso que ele emprega todos os meios não só para se fazer ouvir mas também para agradar. Assim como se unta de mel o bordo da taça em que se lançou uma bebida amarga mas salutar, para fazê-la tomar às crianças,

assim também Lucrécio atrai e prende pelos encantos da sua poesia, ora graciosa, ora forte, o leitor que ainda não está acostumado a tão sérias reflexões.

Cada livro é precedido de uma introdução que, em tom naturalmente um pouco uniforme, é consagrada à glória do mestre venerado, mas que faz vibrar de cada vez uma corda nova, sem preparar sempre diretamente para o que se vai seguir. A calma contemplativa do filósofo esclarecido é comparada, numa bela imagem, à agradável segurança que sentimos quando da terra firme contemplamos o mar furioso (II, 1 e segs.). Depois, eis que nos pinta a felicidade do sábio: dos templos serenos da sabedoria, contempla a seus pés a agitação dos homens, as suas inquietas, ambiciosas e egoísticas rivalidades; é simples e sem necessidades; estende-se à borda de um regato, à sombra de uma árvore, para se deliciar com o encanto e a paz da natureza; sabe que os cuidados não cedem ante o esplendor das águas, nem ante o poder e a magnificência terrestres; só a luz da razão os pode dissipar.

Em certas moedas de Mêmio está cunhada a cabeça de Hércules, e em outras a de Ceres, em lembrança das festas desta deusa que um avô tinha organizado na sua edilidade; Lucrécio dirige-se a seu amigo Mêmio para comparar os benefícios das duas divindades com os serviços do divino filósofo que deu a paz à alma do homem, livrando-a dos monstros da paixão e do medo (V, 1 e segs.). O poeta, dispondo-se a examinar a natureza da alma (III, 31 e segs.), imputa ao cego temor da morte a infâmia, assim como a ambição, a inveja e as dissensões civis, em resumo, todos os males que a paixão engendra.

Ri-se, como Sócrates, dos cuidados que o homem toma com o seu cadáver, como se depois da morte o cadáver tivesse ainda alguma importância (III, 868 e segs.). O pensador severo proscreve, não sem dureza, estas apreensões perturbadoras, que, no entanto, são tão naturais ao espírito humano. "Já a casa te não dará o seu alegre cumprimento; já a tua excelente esposa, os teus doces filhos não correrão ao teu encontro para te abraçar, nem encherão teu coração de uma alegria silenciosa; já não realizarás gloriosas ações e já não servirás de apoio aos teus. Ó infelicidade, ó infeliz, diz-se muitas vezes, um dia cruel te roubou toda a

felicidade da vida. Esquecem-se de acrescentar: de todas estas coisas não te resta a mínima saudade." — "Muitas vezes, quando os homens estão à mesa, quando seguram os seus copos e lhes sombreiam os bordos com flores, dizem do fundo do coração: o gozo destes bens é curto para os pobres mortais; um momento, e tudo terá acabado e nunca mais os poderemos encontrar. Como se no seio da morte a sede ou qualquer outra necessidade atormentasse estes desgraçados."

Deste tom sério e enérgico eleva-se o poeta ao sublime quando, depois de ter provado cientificamente que a morte nenhum mal traz ao homem, dá a palavra à própria natureza (III, 929 e segs.) para castigar a presunção e a loucura daquele que se prende à vida: "Por que é que tu não sais da vida como um conviva saciado? Nada tenho que te oferecer; isto é sempre a mesma coisa. Mas tu desejas sempre o que te falta (diz ela a um velho), tu desdenhas o que tens à mão; e foi por isso que a tua vida decorreu imperfeita e sem encanto. E tempo de deixar lugar aos filhos, porque assim o quer a lei da natureza: ninguém recebe a vida como propriedade plena; dela apenas temos o usufruto". Depois o poeta lembra a um interlocutor, que murmura, os grandes homens que morreram antes dele: o excelente Ancus, tantos reis e soberanos, Xerxes, o grande Cipião, o Africano, pensadores e poetas como Homero, Demócrito e o próprio Epicuro, que pelo seu gênio os eclipsou a todos como o Sol faz apagar as estrelas. "E tu queres te revoltar, tu cuja vida está quase extinta ainda com teu corpo vivo, tu que dormes a maior parte do tempo e que sonhas quando estás acordado?"

Com o temor da morte, os homens serão libertados ao mesmo tempo das angústias que lhes inspiram as torturas infernais, a não ser que o Inferno esteja no seu próprio coração. Como Tântalo, aquele que trêmulo pensa nos perigos do futuro vê por cima da cabeça um rochedo sempre ameaçador; Tício é o infeliz devorado pelo amor; Sísifo, o ambicioso que não trabalha senão para as honras e para o poder; o homem insaciável de gozos tira a sua água do tonel das Danaides, e todos os castigos do criminoso se encontram nos tormentos da consciência. Em resumo, "a vida do Aqueronte realiza-se para o insensato ainda mesmo neste

mundo". Na pintura das paixões e da loucura humanas, Lucrécio chega muitas vezes ao tom da sátira, mas dele se afasta pela elevação das suas observações penetrantes e profundas, assim como pela generosidade serena que nele denota a simpatia dum conselheiro sincero mais do que a ironia e a exaltação do moralista.

Assim, Lucrécio fala da avareza e da ambição como dum fenômeno que se produziu na sua altura na marcha regular da civilização. "Antes que fosse encontrado o ouro eram tudo a beleza e a força. Mas depois os homens mais fortes e mais belos prestam homenagem ao rico; para quem governa a sua vida segundo a verdadeira razão, é um tesouro para o homem o resignar-se a viver com pouco, porque deste pouco raríssimas vezes se tem falta. Mas quer-se ser ilustre e poderoso, para estabelecer a sua fortuna sobre fundamentos duradouros e passar na opulência uma vida sem cuidados: esperança vã! As lutas dos homens para atingir o cume das honras tornaram perigosa a estrada. A inveja, atingindo-os como um raio, precipita-os por vezes miseravelmente no Tártaro. É por isso que mais vale obedecer e viver em paz que querer possuir e comandar reinos. Deixa-os, portanto, perder o seu trabalho e seus suores de sangue lutando na estreita vereda da ambição, visto que não sentem senão pelo gosto de outrem e mais regram os seus apetites pelas opiniões do mundo do que por seus próprios sentidos. Isto é assim e sempre o será, como sempre o foi; a inveja, semelhante ao raio, consome os cimos e tudo aquilo que ultrapassa o nível comum." (V, 1111 e segs.)

O talento poético do autor mostra-se na sua luz mais graciosa quando, para animar o seu assunto ou lhe dar relevo, vai buscar à vida e à natureza os exemplos que ora esboça em algumas pinceladas, ora pinta em descrições completas. Dá provas, neste caso, de profundo sentimento da natureza, que observa com amor até nas menores coisas. Quer mostrar que na multidão infinita das criaturas cada ser tem, no entanto, a sua estatura e a sua forma individuais: "Como poderia de outro modo reconhecer a mãe seu filho e o filho sua mãe? Muitas vezes um vitelo cai morrendo diante do altar sob a faca do sacrificador, enquanto a mãe a que roubaram o filho percorre o verde campo, examinando no solo o sinal dos pés

forcados; lança os seus olhares para todos os lados na esperança de avistar o filho que perdeu, faz ressoar o bosque com as suas queixas incessantes e freqüentemente retorna ao estábulo, atormentada pelo desejo de o rever. Nem as ervas saborosas, nem a água da corrente, nem os outros vitelos que pastam pelo prado, podem alegrá-la ou distraí-la" (II, 349 e segs.). Com que finura não soube o poeta pintar dois quadros diferentes, um campestre e o outro militar, para mostrar ao leitor que massas em movimento, vistas de longe, aparecem como pontos imóveis? Sobre a colina, são os carneiros que pastam e procuram de longe a longe as ervas brilhantes de orvalho, são os jogos foliões dos cordeiros saciados; do outro lado, as fortes legiões manobram em pleno campo com suas armas, resplandecentes; o solo ressoa sob os seus passos; as montanhas repercutem as sonoras vozes de comando, os cavaleiros volteiam em roda e de repente atravessam os campos a todo galope (II, 317 e segs.). As emanações da cor são demonstradas pelo reflexo dos véus de púrpura que no teatro flutuam entre os mastros a que estão presos. A cena e as bancadas ficam inundadas por sua luz ridente (IV, 73 e segs.).

Lucrécio pinta com predileção os fatos que todos podem ver todos os dias e experimentar por si próprios: a dança e os combates das partículas de poeira num raio de sol (II, 114 e segs.); o esplendor do sol nascente e o claro canto dos pássaros (II, 144 e segs.); a borda do mar colorida pelas conchas variegadas (II, 374 e segs.); a ilusão dos navegadores que julgam que as colinas e as árvores fogem diante deles, o erro das crianças que, depois de terem andado à roda, pensam que os tetos ameaçam cair e que as colunas, como as paredes, giram à sua volta (IV, 385 e segs.); as formas fantásticas das nuvens (IV, 134 e segs.); o efeito do vinho (III, 474 e segs.) — em resumo, uma abundância inesgotável de imagens encantadoras dá sua graça à vasta construção da obra.

Querem-se pinturas mais graciosas e acentos mais sonoros? Eis os timbales e os címbalos, eis o tilintar das armas dos curetas, que ressoam no cortejo da deusa frígia, mãe dos deuses, quando o ídolo, colocado num carro puxado por leões, rodeado de servidores fanáticos, vai de cidade a cidade, saudado pelas oferendas e

pelas rosas da multidão devota. O poeta livre-pensador pinta ironicamente, com brilhantes cores, estes delírios, para explicação de cujas origens recorre às alegorias dos poetas gregos (II, 600 e segs.). Das fábulas dos gregos, naturalmente, nada aceita; por isso, delas só fala de longe a longe e para as rejeitar, como ao mito de Faetonte (V, 397 e segs.). Mas o coração se lhe abre quando narra as modestas origens do canto pastoril nos tempos primitivos e inocentes, quando pinta, as alegres reuniões de camponeses em que nasceram o canto e a dança, a ironia e a conversação (V, 1377 e segs.).

Depois, quando se considera a marcha do mundo, o desenvolvimento da humanidade, a decadência dos costumes, então domina a nota melancólica, comum a tantos poetas e pensadores da Antigüidade. O mundo, segundo Lucrécio, já envelhece, e torna-se menor. A terra está esgotada, já não produz senão criaturas raquíticas, e os campos exigem dos animais e dos homens um trabalho forçado. O velho lavrador, sacudindo a cabeça, queixa-se de que foi inútil a obra de seus braços; compara o presente com o passado e exalta a felicidade dos antepassados (II, 1150 e segs.). A fecundidade luxuriante da natureza, excitada pela chuva que o Éter *(pater Aether)* derrama no seio da Terra, nossa mãe comum, é admiravelmente pintada: "Elevam-se do solo as brilhantes searas, os ramos verdejam nas árvores e por si próprios crescem e dão frutos; é de lá que tira seu alimento a raça humana, é de lá que as cidades florescentes se adornam de uma seara de crianças e que por toda parte as florestas cheias de folhagem ressoam ao canto de novos pássaros; os rebanhos saciados repousam nos abundantes pastos, o alvo liquido do leite corre das tetas cheias, e os filhotes recém-nascidos, embriagados com esta bebida generosa, saltam pela tenra erva, com as pernas ainda fracas. Assim, nada se perde na natureza, mas uma coisa engendra a outra e da morte de um sai a vida de outro" (I, 250 e segs.). O primeiro vagido da criança que vem à luz mistura-se às lamentações da agonia; e jamais noite sucedeu ao dia, jamais aurora seguiu-se à noite, sem que tenham ouvido vagidos queixosos, misturados às lamentações, companheiras da morte e dos negros funerais (II, 569 e segs.).

Com o amargo realismo de um conhecedor que pagou caro a sua experiência, Lucrécio descreve (IV, 1050 e segs.) o comércio dos amorosos, os seus desejos insaciáveis e insensatos, *os* males físicos e morais em que eles incorrem: gastam as suas forças, vivem ligados ao menor sinal do objeto amado; vai-se o dinheiro, abandonam-se os negócios, sofre a reputação. A fortuna honradamente adquirida pelos pais dissipa-se em belos vestuários, em tecidos, em pedras preciosas; dão-se banquetes com coroas de flores e com perfumes, mas tudo em vão: do fundo da fonte dos prazeres eleva-se uma amargura que sufoca o amoroso; censura-lhe a consciência a sua vida devassa, ou então uma palavra ambígua que a amiga foi dizendo fica-lhe presa no coração e o queima como fogo, ou, ainda, vem a descobrir que os seus olhos se tornaram espertos demais, que ela segue com a vista outro homem, e até descobre no seu rosto os vestígios de um sorriso. São finalmente inumeráveis os sofrimentos do amor infeliz! Por isso o autor aconselha constantemente que se evitem as armadilhas de Vênus e que se despedacem as suas redes quando nelas se ficou preso. Basta abrir os olhos e verificar os defeitos do objeto amado em lugar de os desculpar. Depois vem, segundo uma fonte grega, uma enumeração verdadeiramente espirituosa das lisonjeiras mentiras inspiradas pelo amor. Por mais bela que seja a bem-amada, há, no entanto, além dela, outras mulheres; não vivemos nós sem ela anteriormente? No fim de contas, não é mais do que uma criatura humana. Mas o apaixonado, chorando, adorna de flores e perfuma de ungüentos o limiar e as ombreiras da porta que lhe fecharam: imprime-lhe beijos; quando entra, porém, se uma pequena corrente de ar vem incomodá-lo, logo busca pretexto para se ir embora e amaldiçoa a loucura de ter concedido a uma pessoa mortal tanto poder sobre ele. Ainda que todos esses conselhos não tenham realmente um ar trágico e antes façam pensar na comédia, dá-lhes o poeta um desenvolvimento tão longo que faz acreditar que o assunto lhe interessava profundamente. Conta-se que Lucrécio ficou louco por ter absorvido um filtro amoroso e que se suicidou com a idade de quarenta e um anos, depois de ter composto vários livros do seu poema nos intervalos da loucura. Não se poderia

dizer até que ponto este fato é verdadeiro. É-se bastante levado a crer que este fim infeliz é este desvario do espírito foram atribuídos a Lucrécio pelos vingadores da religião que ele desprezava. Mesmo, porém, que seja uma ficção o pretenso efeito da beberagem, não há razão decisiva para pôr de lado a narrativa dos sofrimentos e da triste morte de Lucrécio. Pelo menos este desenlace não é incompatível com a natureza do poeta, tal como ela se manifesta na sua obra. Um sopro de melancolia e de amarga desilusão passa nos seus juízos desdenhosos, e julgava ter esvaziado até a última gota o cálice da vida, como o atestam as censuras com que chicoteia o desejo desenfreado de gozar a existência. Evita falar de si ao leitor; não faz sequer alusão às suas relações com Mêmio. Mêmio é o único dos seus compatriotas que ele nomeia, e dentre estes nenhum nos informa ter estado ligado com o poeta. Lucrécio deve ter permanecido muito longe do círculo dos principais poetas da época. Isolado na sua grandeza, um destino trágico não lhe permitiu alcançar a coroa que ambicionava. Terá acabado por duvidar ele próprio da verdade do seu evangelho? Suicidou-se porque considerava perdida a tarefa da sua vida ou porque desesperara de a levar a cabo?

Sobre a extensão das suas leituras e dos seus estudos, pouco há que dizer. Depois de Epicuro, os seus elogios mais calorosos vão para Empédocles (I, 716 e segs.), que ele coloca acima de todas as maravilhas e de todos os esplendores da ilha triangular. Admira o poema de Empédocles, e sem dúvida o deve ter lido, porque se encontram nele muitos traços e muitas expressões que parecem tirados diretamente do poeta siciliano. Anaxágoras, pelo contrário, só lhe é conhecido por intermediários, como já o indica a expressão aristotélica *Homeomeria* na parte respeitante a Anaxágoras (I, 830 e segs.). E ainda menos provável que tenha lido a obra de Heráclito, de quem traça a glória, fundada sobre a obscuridade da linguagem (I, 639). Se o combate energicamente, censurando-o por ter feito sair tudo do fogo, deve esse contra-senso a um crítico posterior. Foi provavelmente em manuais populares que ele obteve o seu conhecimento dos mais antigos filósofos; a própria doutrina epicurista, deve tê-la encontrado num resumo cômodo e com

bastantes pormenores. Os grandes poetas gregos não devem ter ficado estranhos a um homem da cultura de Lucrécio; abstém-se, todavia, de nomear isoladamente a uns ou outros e desdenha enfeitar-se com as brilhantes palhetas de seus tesouros. Dos próprios romanos apenas cita seu digno precursor Ênio, cujos *Anais* lhe ofereciam um modelo clássico para a língua poética em geral e, para as expressões particulares, um vocabulário rico e substancial. A grandiosa empresa de Lucrécio exigia um estilo de solene dignidade, que trazia consigo o emprego de palavras e de formas arcaicas, tanto mais que o verso adquiria com isso uma sonoridade mais majestosa. Mas para dominar assunto tão difícil, com uma língua que de modo algum estava adaptada a este novo gênero, era preciso uma força criadora de espécie rara, e o poeta bem sabia as dificuldades enormes que tinha de vencer (I, 136 e segs.). Só a tradução dos termos técnicos gregos já era tarefa difícil e por vezes impossível. Raramente aconteceu ao poeta desanimar nesta parte do seu trabalho; de resto, não teme as palavras gregas, que são de uso geral e que todos compreendem; pelo contrário, prefere-as bastantes vezes por causa do seu colorido especial.

Em suma, é necessário sempre levar a crédito de Lucrécio o esforço que lhe impuseram os defeitos constatados e assinalados por ele na língua nacional (I, 139; III, 260), isto é, a pobreza e a falta de maleabilidade. Ainda que na parte abstrata da sua exposição, onde nada mais faz do que traduzir penosamente idéias estrangeiras, seja algumas vezes seco e duro, e se deixe mesmo arrastar à prolixidade e à monotonia, sabe contudo temperar a aridez das idéias, quando tal é possível, com um dito brilhante, expressivo ou emocionado. Mas, quando encontra oportunidade de fazer falar o seu próprio gênio, a língua eleva-se com a inspiração até a magnificência e corre como um largo rio. Até por vezes a plenitude se torna exuberância, mas não é sem que o poeta o saiba nem contra o seu desejo. Com os sentidos e o espírito mergulhados nas vivas fontes da natureza, quer ele, mesmo na expressão, não lhe ficar inferior. Não gosta de deixar um substantivo sem epíteto pitoresco ou de ornato, emprega de bom grado a figura chamada etimológica, junta

sinônimos, repete os verbos e proposições inteiras, em resumo, faz todo o possível para realçar a idéia e colocá-la em pleno relevo.

As figuras de som, como por exemplo a aliteração e outras, que ele preza porque estão mais de acordo com o caráter da obra, sustentam as amplificações para que são feitas. São enormes os progressos do estilo e da versificação, se o comparamos com Ênio; no entanto, o verso de Lucrécio não conhece ainda as delicadezas de uma arte perfeita. Apesar da rudeza e da monotonia, é harmonioso e másculo.

A importância do poema, sob o ponto de vista do estilo, é provada pela funda influência que exerceu sobre a língua poética dos sucessores de Lucrécio. Virgílio, sobretudo, dá-lhe testemunho de uma veneração discreta, mas cheia de amor; estuda-o constantemente e faz-lhe a honra de o imitar como a seu mestre. Esta homenagem prova e caracteriza muito mais o mérito do precursor do que o magro elogio de Quintiliano sobre a elegância de seu estilo, ou do que a ênfase de Ovídio tocando a trombeta para predizer aos versos do sublime poeta uma glória tão duradoura quanto o mundo. O entusiasmo pelo estudo científico da natureza, a paixão de compreender o Universo, eis aí os sentimentos que Lucrécio' imprimiu aos poetas de grande envergadura que vieram depois; e foi graças a ele que tomaram como seu ideal atingir os cimos mais altos desta ciência.

DA NATUREZA

LIVRO I

Ó mãe dos Enéadas,[1] prazer dos homens e dos deuses, ó Vênus criadora, que por sob os astros errantes povoas o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol: por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz.

Apenas reaparece o aspecto primaveril dos dias e o sopro criador do Favônio, já livre, ganha forças, primeiro te celebram e à tua vinda, ó deusa, as aves do ar, pela tua força abaladas no mais íntimo do peito; depois, os animais bravios e os rebanhos saltam pelos ledos pastos e atravessam a nado as rápidas correntes: todos, possessos do teu encanto e desejo, te seguem, aonde tu os queiras levar. Finalmente, pelos mares e pelos montes e pelos rios impetuosos, e pelos frondosos lares das aves, e pelos campos virentes, a todos incutindo no peito o brando amor, tu consegues que desejem propagar-se no tempo, por meio da geração.

Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre, eu te procuro, ó deusa, para que me ajudes a escrever o poema que, sobre a natureza das coisas, tento compor para o nosso Mêmio, a quem tu, ó deusa, sempre quiseste conceder todas as qualidades, para que excedesse aos outros. Dá pois a meus versos, ó Vênus divina, teu perpétuo encanto.

Faze, entretanto, que, por mares e por terras, tranqüilos se aplaquem os feros trabalhos militares; só tu podes obter para os mortais a branda paz, visto que é

---

[1] *Apesar da opinião de Lucrécio acerca dos deuses, a invocação a Vênus explica-se facilmente pelo fato de a deusa aparecer como uma das divindades protetoras da família dos Mêmios. A muitos leitores deve ela ter surgido como uma contradição cora as idéias do poeta sobre os deuses; e é possivelmente a esse motivo que se pode atribuir o aparecimento nos manuscritos, depois da invocação, da parte do Livro II em que Lucrécio atribui a causas naturais tudo o que acontece no mundo. Como sugere Ernout, quis-se tornar bem patente a contradição entre os dois passos. No entanto, talvez essa contradição não exista na realidade: Vênus pode ser, como Baco ou Netuno, ou Ceres, que no Livro II são apontados por Lucrécio, o "nome poético" de uma força natural. De qualquer modo, a abertura do poema é um dos trechos que mais depõem a favor da sensibilidade e da eloqüência de Lucrécio e como tal tem sido considerado por todos os críticos.*

Marte, o senhor das armas, quem ordena esses feros trabalhos de guerra, e é ele quem muitas vezes se reclina em teu seio, vencido pela eterna ferida do amor, e, erguendo os olhos para ti, inclinando para trás a nuca roliça, fica deitado como que suspenso de teus lábios e apascenta de amor seus olhos ávidos. E tu, ó deusa, enquanto ele repousa, enlaça-o com teu *corpo* sagrado, solta dos lábios tuas doces palavras e pede para os romanos, ó cheia de glória, a plácida paz. Efetivamente, nesta época terrível para a pátria, nem eu posso com serenidade realizar o meu trabalho nem o ilustre descendente dos Mêmios iria, em tais circunstâncias, faltar à salvação comum.

(Lacuna)

Além de tudo, dedica[2] à verdadeira doutrina ouvidos livres e espírito sagaz, afastado de todos os cuidados, para que, mesmo antes de as entender, não ponhas de lado, com desprezo, as minhas dádivas, para ti preparadas com fiel diligência. Vou começar a expor-te a essência do céu e dos deuses, e revelar-te-ei os princípios das coisas, donde as cria a natureza e as faz crescer e as alimenta, e para onde de novo as leva a mesma natureza, já exaustas; a estes princípios, na exposição da doutrina, damos nós habitualmente o nome de matéria, de corpos geradores e de sementes das coisas; e até lhes chamamos corpos primordiais, porque deles, como princípio, tudo surge.

Quando a vida humana,[3] ante quem a olhava, jazia miseravelmente por terra, oprimida por uma pesada religião, cuja cabeça, mostrando-se do alto dos céus, ameaçava os mortais com seu horrível aspecto, quem primeiro ousou levantar contra ela os olhos e resistir-lhe foi um grego, um homem que nem a fama dos deuses, nem os raios, nem o céu com seu ruído ameaçador, puderam dominar; antes mais lhe excitaram a coragem de espírito e o levaram a desejar ser o primeiro

---

[2] *Com toda exatidão, Lucrécio delimita o assunto do seu poema; não se trata de expor toda a doutrina de Epicuro; quer-se apenas insistir, perante o leitor romano, na contextura material e legal da natureza, de modo a poderem pôr-se de parte todas as superstições favorecidas pela religião dominante; não interessavam portanto, senão subsidiariamente, nem a teoria do conhecimento, nem a moral, nem mesmo a teodicéia.*

[3] *O elogio de Epicuro, demasiado amplo se considerarmos o valor filosófico e científico do pensador grego, provém, por um lado, do entusiasmo de discípulo que era corrente entre os epicuristas, por outro lado, sem que se queira dar menos consideração à sinceridade de Lucrecio, da necessidade, digamos estratégica, de o pôr como um insuperável revelador da verdade. Acresce ainda que, no caso de Lucrecio, o temperamento o levaria a expressões ainda mais admirativas do que as do comum dos epicuristas; de resto, a tendência retórica do latim tornava difícil aos escritores um sentido exato das fronteiras entre a eloqüência e a declamação*

que forçasse as bem fechadas portas da natureza. Mas triunfou para além das flamejantes muralhas do mundo, percorreu, com o pensamento e o espírito, o todo imenso, para voltar vitorioso e ensinar-nos o que não pode nascer e, finalmente, o poder limitado que tem cada coisa, e as leis que existem e o termo que firme e alto se nos apresenta. E assim, a religião é por sua vez derrubada e calcada aos pés, e a nós a vitória nos eleva até os céus.

Temo, porém, que por acaso julgues que penetras em elementos ímpios de doutrina[4] e te metes pela senda do crime. Pelo contrário: na maior parte das vezes foi exatamente a religião que produziu feitos criminosos e ímpios. Foi assim que em Áulida os melhores chefes gregos, escol de varões, macularam vergonhosamente com o sangue de Ifianassa o altar da virginal Trívia. Quando a faixa enrolada à volta da virgínea cabeleira caiu por igual de um lado e outro do rosto; quando viu o triste pai, de pé diante do altar, e junto dele os sacerdotes que dissimulavam o ferro, e os cidadãos que, ao contemplá-la, rompiam em choros — então, emudecendo de horror, vergou os joelhos e deixou-se cair por terra. E em nada podia valer à infeliz, em tal momento, ter sido a primeira a dar ao rei o nome de pai. Foi levantada pelas mãos dos homens e arrastada para os altares, toda a tremer, não para que pudesse, cumpridos os ritos sagrados, ser acompanhada por claro himeneu, mas para, criminosamente virgem, no tempo em que deveria casar-se, sucumbir, triste vítima imolada pelo pai, a fim de garantir à frota uma largada feliz e fausta. A tão grandes males pode a religião persuadir.

É possível que tu próprio[5], um dia, vencido pelas terríveis palavras dos poetas sagrados, procures separar-te de nós. Efetivamente, quantos sonhos podem imaginar, capazes de abater normas de vida e perturbar pelo temor toda a tua sorte! E com razão: se os homens vissem termo certo às suas dores, de qualquer modo

---

[4] *Não se limitando à defesa da doutrina, quanto à acusação de impiedade, que devia aparecer freqüentemente da parte dos defensores da religião tradicional, Lucrecio passa ao ataque, demonstrando que é a religião e não a filosofia que tem de responder por crimes tão horríveis como o sacrifício de Ifigênia.*

[5] *Lucrecio aponta como um dos problemas essenciais, se não o essencial, o problema da morte; é não só, para os não iniciados em Epicuro, o inexplicável terminar da vida como também o temor do que sucede no outro mundo o que oferece terreno tão fácil aos avanços da religião; tem portanto, segundo lhe parece, de se pôr bem nítida a idéia de que a morte não é mais do que um dos acontecimentos do conjunto natural do universo e a idéia de que, sendo o espírito mortal por natureza, a morte, quanto a acontecimentos de além-túmulo, é por completo inexistente. E, pelo que se refere a este último ponto, tem de se mostrar de que modo se originam os espectros em que Epicuro e Lucrecio viam o ponto de partida das crenças numa existência para além da vida; como se verá mais adiante, Lucrecio, sempre seguindo Epicuro, põe-nos como simples emanações, imagens, simulacros, de corpos vivos e existentes no mundo.*

ganhariam valor e resistiriam à religião e à ameaça dos vates; mas não há, agora, nenhuma razão nem possibilidade alguma de se resistir, visto que são penas eternas as que se têm de temer depois da morte.

Não se sabe, com efeito, qual seja a natureza da alma: se nasce conosco ou, pelo contrário, se se introduz nos corpos; se perece ao mesmo tempo que eles, desfeita pela morte, ou vê as trevas de Orco e os vastos abismos; se, por vontade divina, se introduz em outros seres vivos, como disse o nosso Ênio, que foi o primeiro a trazer do ameno Hélicon uma coroa de perene folhagem, cuja glória se espalharia entre as gentes de Itália. No entanto, Ênio também claramente expõe, em versos eternos," que há lugares certos do Aqueronte onde ficam, não as nossas almas e os nossos corpos, mas umas como sombras de estranha palidez; e diz que de lá lhe falou da natureza das coisas, depois de haver derramado lágrimas amargas, o sempre glorioso Homero.

E é por tudo isto que devemos não só tratar dos fenômenos celestes, saber por que motivo se dão os movimentos do Sol e da Lua, e que força produz os fenômenos da Terra, mas ver sobretudo, com sagaz inteligência, donde provém a alma e qual é a sua natureza e quais são essas coisas que, vindo ao encontro da gente acordada, mas abalada pela doença ou mergulhada no sono, aterrorizam os espíritos, dando-nos a ilusão de que estão diante de nós, e os podemos ouvir, aqueles cujos ossos tocados pela morte se encontram recobertos de terra.

E também não ignoro que é bem difícil explicar em versos latinos[6] as obscuras descobertas dos gregos, sobretudo porque se faz mister empregar palavras novas, dada a pobreza da língua e a novidade do assunto. Mas o teu valor e o prazer que espero tirar da tua doce amizade levam-me a suportar qualquer trabalho e induzem-me a passar em claro as noites tranqüilas, procurando em que termos e em que verso poderei levar ao teu espírito claras luzes com que possas penetrar profundamente os fatos e fenômenos ocultos.

---

[6] *A dificuldade de expor em latim as idéias ou doutrinas dos gregos foi várias vezes apontada pelos escritores romanos; efetivamente, não só não possuía a língua latina, por sua natureza, a maleabilidade e a capacidade de expressão do grego, como também lhe faltava a longa tradição filosófica que tinha afeiçoado a língua grega à formulação do abstrato; e as subseqüentes possibilidades do latim, nunca, apesar de tudo, muito vastas, foram devidas aos esforços obstinados de tradutores como Andronico ou Névio ou de quase tradutores como Ênio, Plauto e o próprio Lucrécio.*

Ora, é preciso que afugentem este temor e estas trevas do espírito, não os raios do Sol nem os dardos lúcidos do dia, mas o espetáculo da natureza e as suas leis. E, para início, tomaremos como base que não há coisa alguma que tenha jamais surgido do nada por qualquer ação divina. De fato, o terror oprime todos os mortais, apenas porque vêem operar-se no céu e na terra muitas coisas de que não podem de nenhum modo perceber as causas, e cuja origem atribuem a um poder dos deuses. Assim, logo que assentemos em que nada se pode criar do nada,[7] veremos mais claramente o nosso objetivo, e donde podem nascer as coisas e de que modo pode tudo acontecer sem a intervenção dos deuses.

Realmente, se fosse possível nascer do nada, tudo poderia nascer de tudo, e coisa alguma teria necessidade de semente. Poderiam surgir homens do mar, romper da terra a família dos peixes escamosos e as aves precipitarem-se do céu; e os rebanhos, os outros animais e toda a espécie de feras ocupariam, dado o acaso da origem, as terras cultivadas e os desertos. Por seu lado, as árvores não teriam sempre os mesmos frutos: mudariam de um tempo a outro e todas elas poderiam produzir todos. Com efeito, não havendo em coisa alguma elementos geradores, como poderia ter cada ser sua mãe determinada? Mas, como todos se formam por sementes certas, só nascem e chegam às margens da luz no lugar em que existam a matéria e os corpos elementares que lhe são próprios; por isso, não pode tudo nascer de tudo: cada ser determinado tem em si possibilidades próprias.

Mais ainda: por que motivo veríamos aparecer as rosas pela força da primavera, as searas pela do calor, a vinha pela do outono, se não fosse que, depois de se terem juntado no tempo conveniente os germes determinados, aparece todo o ser criado na altura em que chega o seu tempo e a terra, cheia de vida, traz às margens da luz, com toda a segurança, os seus tenros produtos?

---

[7] *O ponto fundamental que Lucrécio afirma neste passo é o de que "nada pode vir do nada", o que exclui automaticamente a idéia de uma criação divina; de fato, os deuses, para criar o mundo, ou teriam de o criar de si próprios, o que daria, se pudéssemos salvar as dificuldades internas da explicação, uma forma de panteísmo, ou teriam de o criar a partir de um nada como que exterior a si mesmos. Lucrécio não fala da dificuldade filosófica, ou pelo menos teológica, que haveria nesta última idéia: um não divino limitaria o divino que, portanto, não seria divino; limita-se a provar que nada pode vir do nada pelos dados da experiência e por uma espécie de redução ao absurdo, mas por uma redução ao absurdo quase com aspectos caricaturais, o que vem de a pôr no plano do concreto, procedimento que estava bem de acordo com as linhas gerais da mentalidade romana.*

É evidente que, se surgissem do nada, repentinamente apareceriam, em lugar incerto e em estações desencontradas, porque não haveria elemento nenhum que pudesse, por ser desfavorável o tempo, ver-se impedido de união geradora. E também não seria necessário nenhum tempo para se reunirem as sementes e crescerem os seres, se do nada pudessem surgir; de meninos pequenos se fariam de relance homens na força da idade e da terra sairiam as árvores já formadas. Sabe-se, porém, que nada disto acontece: tudo cresce pouco a pouco, como é natural, e de elementos determinados; e tudo o que vai crescendo se mantém na sua espécie. Por aí se pode ver que tudo se desenvolve sobre matéria própria e dela se alimenta.

A isto acresce que sem as chuvas regulares não pode a terra produzir os frutos que são fonte de alegria, nem pode a natureza, privada de alimento, propagar as raças de animais e conservar a vida; e é mais fácil admitir que existe um grande número de corpos comuns a muitos seres, como acontece com os elementos das palavras, do que a possibilidade de haver alguma coisa que não tenha princípio.

Finalmente, por que razão não poderia a natureza ter feito homens tão grandes que pudessem passar a vau o oceano, separar com as mãos os altos montes e ultrapassar, vivendo, muitos séculos de vida, se não fosse porque há uma quantidade determinada de matéria para tudo o que se gera e dela se compõe tudo o que surge? Tem de se admitir que nada pode nascer do nada, porque toda criatura precisa de algum germe para que depois lhe seja possível elevar-se nas suaves auras do ar.

Além de tudo, se vemos os lugares cultivados valerem mais do que os incultos e restituírem às mãos frutos melhores, é porque a terra contém, com toda certeza, os germes das coisas, e somos nós quem, revolvendo com o arado as fecundas glebas e amanhando a terra, os fazemos eclodir. Se eles não existissem, tudo, sem o nosso trabalho, se tornaria, até espontaneamente, muito melhor ainda.

Acrescente-se a isto que a natureza faz voltar todos os corpos aos seus elementos, mas nada aniquila inteiramente;[8] se alguma coisa estivesse sujeita a

[8] *É evidente que, se nada pode vir do nada, alguma coisa tem sempre de existir para que outra apareça: nada, portanto, pode voltar inteiramente ao nada; tudo o que desaparece se transforma noutro ser.*

perecer em todos os seus elementos, poderia desaparecer subitamente da nossa vista; não seria necessária nenhuma força para produzir o fim das suas partes e para lhes desfazer a ligação. Mas, de fato, como todos os seres se compõem de germes eternos, não permite a natureza que se veja o fim de coisa alguma senão quando surge alguma força que pelo choque a despedace, ou se insinue pelos espaços vazios e a dissolva.

Se fora certo que o tempo, a tudo quanto faz desaparecer pela idade, consome inteiramente a matéria, como poderia Vênus trazer de novo à luz da vida as gerações de animais, e como, depois de eles terem surgido, poderia a terra criadora encontrar com que os sustentar e fazê-los crescer, apresentando-lhes alimento? Donde vêm ao mar as fontes próprias e os rios que de longe lhe trazem águas alheias? E o céu, como alimenta os astros? Efetivamente, já há muito o tempo infinito e os dias passados deveriam ter destruído tudo o que tem corpo mortal. Pois se durante todo este tempo e a idade transata houve elementos com que se pudesse refazer este mundo, é seguro que eles são dotados de natureza imortal; nada, portanto, pode volver ao nada.

Por fim, a mesma força,[9] a mesma causa, poderia destruir sem distinção todas as coisas, se a matéria eterna a não mantivesse como que numa rede mais ou menos cerrada. O simples contato seria uma causa de morte, porque nada haveria de corpo eterno cujo contexto só pudesse ser desfeito por uma força determinada. Mas como há, de elemento a elemento, ligações especiais, e a matéria é eterna, permanecem os seres com seu corpo incólume, até que apareça uma força bastante forte que lhes desagregue a estrutura. Nada, portanto, volta ao nada; tudo volta, pela destruição, aos elementos da matéria.

Acabam as chuvas por se perder quando o ar que as engendrou as precipita no seio da terra-mãe; mas surgem as brilhantes searas e verdejam os ramos das árvores, e crescem elas próprias e se carregam de frutos. Deles se alimentam a

[9] *Para que os corpos se possam transformar noutros corpos são necessárias duas condições: pela primeira, deve haver, como ligação entre eles, dando-lhes as suas características comuns de corpos, um elemento eternamente idêntico a si próprio; pela segunda, esse elemento deve ser bastante móvel, bastante capaz de troca e de combinação, para desempenhar cabalmente o seu papel. Por outro lado, como não vemos nos corpos nenhum desses elementos, devem eles ser invisíveis; chega-se assim à idéia do átomo que aparece desde muito cedo na filosofia grega e que veio até o nosso tempo, embora a concepção moderna de átomo seja bastante diferente da do átomo grego, que mais corresponderia talvez, pelo menos com certos pensadores, à nossa idéia de molécula.*

nossa raça e a raça dos animais bravios, por eles vemos as alegres cidades florescerem em crianças e cantarem os bosques frondosos com suas aves novinhas; é por eles também que as ovelhas, que de gordas se cansam, deitam nos pastos os corpos nédios e o lácteo resplandecente néctar líquido lhes mana dos úberes pejados; é por eles, ainda, que a nova geração brinca ligeira, por entre as ervas tenras, com suas patas incertas e a juvenil cabeça perturbada pelo leite puro. Por conseguinte, não é destruído inteiramente nada do que parece destruir-se, porque a natureza refaz os corpos a partir uns dos outros e não deixa que nenhum se crie senão pela ajuda da morte de algum outro.

Mas agora, visto que te ensinei que nada pode surgir do nada, nem os seres criados podem volver ao nada, e para que não principies a duvidar do que se disse, pelo fato de que não se podem distinguir com a vista os elementos das coisas, escuta exemplos de corpos cuja existência é segura na natureza e que, no entanto, não se podem ver.

Em primeiro lugar, a força desencadeada do vento chicoteia o oceano, afunda grandes navios e dispersa as nuvens, ou então, percorrendo as planícies em veloz turbilhão, as alastra de árvores enormes e bate os montes mais altos com seus sopros que devastam florestas; tão violento é o seu furor e tão cruel a sua cólera quando freme e sibila e ameaça e ruge.

São, pois, os ventos, e não é maravilha nenhuma, corpos invisíveis que varrem o mar e as terras e até as nuvens do céu, e as assaltam de súbito e em turbilhão as arrastam; precipitam-se e espalham a destruição exatamente como um rio de brandas águas que se enche de súbito com as torrentes que as chuvas abundantes fazem descer do alto dos montes, e que levam consigo destroços de florestas e árvores inteiras; as sólidas pontes não podem agüentar a repentina violência da água que se precipita; o rio, perturbado pelas grandes chuvas, investe as estruturas com força irresistível; derruba-as com enorme estrondo, revolve sob as ondas as pedras imensas e lança-se sobre todo obstáculo que se oponha à corrente.

É também assim que devem ir os ventos assoprando: mal, como um rio violento, se abatem sobre qualquer lugar, levam tudo à sua frente, tudo arruínam com seus crebros ataques; ou então arrebatam as coisas, voltejando, e levam-nas em giros de turbilhão. Não há, pois, dúvida alguma de que são os ventos corpos invisíveis, visto que se descobre serem êmulos, pelas características e pelos feitos, dos grandes rios que têm corpo visível.

Depois, sabemos dos vários odores dos seres e, no entanto, não os vemos chegar-nos ao nariz; e não contemplamos os ardentes calores, nem conseguimos, com os olhos, dar pelo frio, nem costumamos enxergar as vozes; todavia, é evidente que tudo isto é de natureza material, porque pode impressionar os sentidos: nada pode tocar e ser tocado se não é corpo material.

Por fim, as roupas penduradas à beira da costa onde se quebram as vagas enchem-se de umidade e secam, se as expomos ao sol; contudo, não se vê de que modo se deposita a água, nem, por outro lado, como desaparece com o calor: é que o líquido se divide em pequenas partículas que os olhos de nenhum modo podem ver.

Da mesma sorte, depois de muitas revoluções do Sol, gasta-se por debaixo, pelo uso, o anel que se traz no dedo, escava a pedra a queda de uma gota de água, a recurvada relha do arado, apesar de ser de ferro, diminui nos regos, e todos vemos como as lajes de pedra das estradas se adelgaçam sob os pés da multidão; ao pé das portas, as estátuas de bronze mostram a mão direita gasta pelo toque dos transeuntes que as saúdam. Vemos, portanto, que estes objetos diminuem à força do uso; mas a vivida natureza impede-nos de ver de que maneira e em que tempo desaparecem os corpos.

Finalmente, nenhum olhar, por mais agudo e atento, pode perceber o que vão a pouco e pouco juntando a cada ser a natureza e os dias, nem se pode distinguir o que perdem a cada instante as coisas que envelhecem pelo tempo ou de fraqueza, ou as rochas que, mergulhadas no oceano, são roídas pelo úmido sal.

No entanto, nem todas as coisas são, por sua natureza, completamente cheias de matéria; o vazio existe.[10] Ser-te-á de grande utilidade sabê-lo; evitará que erres, duvidando, e andes sempre à busca das essências supremas e não confies nas minhas palavras. Há, pois, um espaço intato, vazio, desocupado. Se o não houvesse, de nenhum modo os corpos se poderiam mover, porque a propriedade fundamental dos corpos, que é a de se opor e resistir, estaria em toda parte e sempre; nada poderia, por conseqüência, mover-se para a frente, porque nenhuma coisa tomaria a iniciativa de se deslocar. Mas agora, pelos mares e pelas terras, e pelo alto do céu, vemos, com os nossos próprios olhos, deslocarem-se, de muitas maneiras e com várias leis, corpos que, a não haver espaço vazio, não somente careceriam deste inquieto movimento, como também não poderiam de modo algum ter aparecido, porque, por toda parte, se teria mantido em repouso a matéria concentrada.

Além de tudo, embora os corpos pareçam sólidos, pode ver-se, pelo que vou dizer, que há espaços vazios na substância. Mana o fluido líquido das águas pelas pedras das cavernas, e tudo aí chora gotas abundantes. Dispersa-se o alimento por todo o corpo dos animais. Crescem as árvores e dão seu fruto na estação própria, porque o alimento se difunde por todas elas, desde o mais profundo das raízes, através dos troncos e de todos os ramos. Passam as vozes pelas paredes e voam através das portas das casas, corre até os ossos o frio que enregela. Ora, se os corpos não tivessem vazios, absolutamente impossível seria explicar de que maneira tudo isto poderia atravessá-los.

Enfim, por que razão vemos algumas coisas pesarem mais do que as outras, sendo das mesmas dimensões? Se houvesse tanta matéria num floco de lã como num pedaço de chumbo, é evidente que deveria pesar o mesmo, visto que é próprio da matéria exercer uma pressão de cima para baixo, ao passo que, por sua própria natureza, o vazio não tem peso. Portanto, aquilo que tem o mesmo

---

[10] *Se tudo o que existe como corpo é material e se há movimento desses corpos materiais, tem de haver um espaço vago onde esse movimento se exerça; a existência de espaço vazio ou de vácuo é demonstrada, portanto, segundo Lucrécio, pela existência de movimento. Não lhe ocorreu sequer admitir, como o fez Zenão de Eléia, a impossibilidade do movimento material; de resto, se o admitisse, não poderia mais defender a sua hipótese de um mundo formado de átomos materiais. A ingenuidade filosófica de Lucrécio, como a de todos os materialistas do seu tipo, tem de se contentar com os dados dos sentidos, sob pena de que lhe rua todo o edifício ideológico.*

tamanho e é mais leve mostra, sem dúvida alguma, que tem mais espaço vazio; e o que é mais pesado indica ter mais quantidade de matéria e menos vazio dentro de si. É, assim, verdadeiro o que buscávamos com sagaz razão: existe, misturado aos corpos, aquilo a que chamamos vazio.

E agora vejo-me obrigado a prevenir o que alguns pensam quanto a este assunto$_s$ para que não possas desviar-te da verdade. Dizem eles que, se as ondas cedem perante os esforços dos peixes escamosos e lhes abrem líquidos caminhos, é porque os peixes deixam atrás de si espaços aonde podem confluir as águas que se desviaram. Assim também se podem mover as outras coisas, umas por entre as outras, e mudar de lugar, embora tudo esteja cheio. Mas tudo isto assenta sobre um raciocínio falso. De fato, como poderiam os escamosos peixes avançar se as ondas lhes não dessem espaço? E como poderiam refluir as águas se os peixes não pudessem mexer-se? Por conseguinte, ou têm Se se privar todos os corpos de movimento, ou tem de se admitir que há vazio misturado às coisas e que dele toma cada corpo a possibilidade de se mover.

Por fim: se dois corpos planos, depois de se chocarem, se afastam de salto, bruscamente, é . fora de dúvida que o ar ocupará todo o vazio que fica entre os dois corpos. Mas este ar, qualquer que seja a velocidade com que se precipitem as correntes, não poderá encher todo o espaço num só instante: é fatal que primeiro ocupe um certo lugar e se apodere depois de todo o resto. E é um erro imaginar alguém por acaso que se deve à condensação do ar o que sucede quando os corpos se afastam; efetivamente, surge um vazio que nunca houve antes e enche-se o vazio que antes houve; nem o ar pode adensar-se de tal modo, e, mesmo que pudesse, não conseguiria sem vazio, creio eu, concentrar-se sobre si próprio e reunir em um só lugar todas as suas partes.

Por isso, e apesar da grande demora causada pelas tuas objeções, terás de confessar que há vazio nas coisas. Posso ainda, pela menção de muitos argumentos, dar mais seguranças às minhas palavras: mas a um espírito sagaz bastam estas ligeiras indicações; por elas poderás com segurança conhecer o resto. Assim como

os cães, logo que dão com sinais certos de passagem, encontram muitas vezes, só pelo faro, os abrigos cobertos de folhagem dos animais que erram pelos montes, assim também, neste assunto, tu podes, por ti só, explicar uma coisa por outra, penetrar por todos os recessos obscuros e de lá retirar a verdade.

Mas se fores preguiçoso e te desviares, por menos que seja, do nosso objetivo, eis o que desde já, Mêmio, te posso dizer: de tal modo, com suave linguagem, se derramarão de meu peito, cheio delas, as doutrinas que bebi em grandes fontes, que, bem o receio, a pesada velhice se insinuará pelos membros e quebrará em nós todos os liames da vida, antes que sobre um só ponto te penetre pelos ouvidos, através de meus versos, a grande cópia de argumentos.

Mas, para continuar o que ia dizendo, toda a natureza é constituída por duas coisas: existem os corpos e existe o vácuo em que se acham colocados e em que se movem em diferentes direções. Quanto aos corpos, basta o senso comum para lhes afirmar a existência; se não pusermos esta crença como fundamento sólido, não haverá, quando tratarmos de assuntos mais obscuros, nada em que nos apoiemos para estabelecer pelo raciocínio o que quer que seja. Por outro lado, se não houvesse o lugar, o espaço a que chamamos vazio, não teriam os corpos onde estar colocados, nem se poderiam de modo algum mover para qualquer parte; foi o que te demonstramos um pouco acima.

Além disso, nada existe que possas dizer separado, afastado de qualquer outro corpo ou do vazio, como se fosse uma terceira parte da natureza: efetivamente, tudo o que existe deve ser alguma coisa em si próprio; se for sensível ao tato, por menor e mais tênue que seja, irá aumentar, desde que exista, com aumento grande ou pequeno, o número e conjunto total dos corpos; se o tato não der por ela, se não puder impedir que alguma coisa o atravesse por qualquer parte, então será aquilo a que chamamos vazio. Depois, tudo o que existir por si, ou terá ação própria, ou deverá aproveitar-se de outros corpos ativos, ou ser de modo que nele possam existir e fazer-se coisas; nada, porém, pode dar espaço se não for vazio e vago; portanto, além dos corpos e do vazio, não fica, no número das coisas, nada

que caia em qualquer momento na denúncia dos nossos sentidos ou que possa ser percebido pelo raciocínio do espírito.

Tudo aquilo que tem um nome, encontrá-lo-ás ou inerente a uma destas coisas ou como acidental. É inerente tudo o que não se pode separar ou abstrair do corpo sem a destruição deste, como, por exemplo, o peso da pedra, o calor do fogo, o fluido da água, a tangibilidade de todos os corpos, a intangibilidade do vazio. Mas a escuridão, a pobreza e a riqueza, a liberdade, a guerra, a paz, tudo aquilo que, por chegar ou partir, não modifica a natureza dos corpos, tem, segundo o nosso costume e como é justo, o nome de acidental.

Do mesmo modo, o tempo não existe por si:[11] é dos próprios acontecimentos que vem o sentimento do que se deu no passado, depois do que é presente, em seguida do que há de vir; na realidade, ninguém tem idéia do tempo em si próprio, separado do movimento das coisas e do seu plácido repouso. Quando se diz que foi roubada a filha a Tíndaro, e que as gentes de Tróia foram dominadas pela guerra, é preciso ver que isto nos não leve a afirmar que tudo teve existência própria, quando é certo que as gerações de homens, de que foram acidentes, já há muito as fez desaparecer o irrevogável passado; tudo aquilo que se deu pode ser considerado acidente ou das gerações ou dos lugares. Finalmente, sem a matéria, que forma os corpos, e sem o lugar e o espaço, em que tudo se dá, jamais a chama de amor levantada pela beleza da filha de Tíndaro no peito de Alexandre teria inflamado os célebres combates desta guerra terrível ou incendiado Pérgamo quando o cavalo de madeira, sem que os troianos o soubessem, teve de noite o seu parto de gregos; por onde se vê que os acontecimentos, sem exceção, não podem, como os corpos, existir ou subsistir por si próprios, nem existir, seja como for, à maneira do vazio: é melhor considerá-los acidentes da economia do espaço, em que tudo acontece.

---

[11] *O problema do tempo fica em Lucrécio por tratar, apesar dos versos que dedicou ao assunto; e não podia ser de outro modo: se admitisse um tempo absoluto isto poria no seu mundo uma terceira entidade, além do espaço e da matéria, e uma entidade que não era nem da natureza da matéria nem da natureza do espaço; se pusesse o tempo como existente no observador, isso o obrigaria a aceitar uma estrutura idealista do universo; adotou pois, e cremos que mais por instinto do que por inteligência, uma solução que na realidade não é solução, visto que põe o tempo como resultado da impressão que faz no espírito do observador o decorrer dos acontecimentos; mas não vê que só existe o decorrer quando se afere o mundo por um padrão de tempo. No que Lucrécio pode ter razão é em ter pensado que mundo e tempo estão indissoluvelmente ligados.*

Os corpos são em parte formados pelos elementos e em parte pelo que resulta da reunião destes elementos: o que é elemento, nada o pode destruir; tudo venceu pela sua solidez. Entretanto, parece difícil de aceitar que haja nos corpos alguma coisa toda sólida; o fogo do céu atravessa paredes de casas exatamente como os gritos e os sons; o ferro incandesce no lume e despedaçam-se as rochas com a violência do fervente vapor; a dureza do ouro cede, abalada pelo calor; a rigidez do bronze se liquefaz, vencida pela chama; o calor e o frio penetrante se infiltram pela prata, visto que os sentimos a um e outro quando temos na mão uma taça e se deita de cima, segundo o uso, o orvalho das águas; nada no Universo parece sólido nas coisas. Mas, visto que temos de ir seguindo o raciocínio exato e a natureza, deixa que em poucos versos mostremos que há coisas sólidas e eternas, que ensinemos serem os germes os elementos dos corpos; é deles que se compõe tudo o que existe de criado.

Em primeiro lugar[12] e em virtude de se ter estabelecido que é dupla e diferente a natureza dos dois elementos — a matéria e o espaço em que tudo sucede —, é evidente que cada um deles existe por si próprio e puro. Com efeito, em todo lugar por que se estende o espaço a que chamamos vácuo não há matéria alguma; por outro lado, em todo lugar em que existe matéria não pode haver nenhum vácuo ou vazio. Portanto, os corpos primeiros são matéria sólida e sem vazio.

Além disso, visto existir o vácuo em todas as coisas criadas, é fatal que haja em torno matéria sólida, e, pensando bem, não se poderia aceitar que qualquer corpo incluísse e escondesse em sua matéria o vácuo, se não se admitisse que existe qualquer coisa de sólido que o contém. Ora, não há nada que possa conter o vácuo dos corpos a não ser o agregado da matéria; portanto, pode ser eterna a matéria, que se compõe de elementos sólidos, embora todo o resto se desfaça.

---

[12] *No que se segue, até a refutação da doutrina de Heráclito, Lucrécio de certo modo não faz mais do que repetir ou ampliar algumas das noções já expostas; parece que a insistência era uma das características da escola epicurista e nem de outro modo se poderia explicar que o mestre tivesse escrito centenas de trabalhos sobre um acervo de idéias tão limitado e simples; mas em Lucrécio a facilidade na repetição deve provir também de uma característica comum aos romanos, a de não saber passar com discrição e ligeireza sobre cada um dos temas que tinham a tratar; dir-se-ia que sentem sempre certa desconfiança perante a capacidade intelectiva e retentiva do auditor ou do leitor.*

Mas também, se não houvesse coisa alguma a que pudéssemos chamar vácuo, tudo seria sólido; e, ao inverso, se não houvesse quaisquer corpos que enchessem o espaço ocupado, tudo o que há constaria apenas de vácuo, de vazio. É, portanto, evidente que a matéria e o vazio se misturam e se separam alternativamente, pois o mundo não é inteiramente cheio nem inteiramente vazio. Há, conseqüentemente, certos corpos que podem interromper, enchendo-o, o espaço vago, e corpos, como já demonstramos um pouco acima, que não podem ser desfeitos por nenhum choque vindo de fora, nem despedaçar-se por terem sido penetrados por outro corpo, nem cair em ruínas por outro qualquer motivo, porquanto sem vácuo nada pode ser esmagado, nem quebrado, nem cortado e dividido em dois pedaços, nem apanhar umidade, ou o agudo frio ou o penetrante fogo que tudo destroem; e. quanto mais vazio se contém num corpo, tanto mais profundamente o atacam e arruínam estas coisas.

Se, por conseqüência, e conforme ensinei, são os elementos compactos sem vazio, é força que sejam eternos; além de tudo, se a matéria não fosse eterna, já há muito tempo haveriam todas as coisas volvido ao nada, e do nada teria renascido tudo o que vemos. Mas, como já antes demonstrei que nada pode ser criado do nada e que nada do que surgiu pode voltar ao nada, devem ser de matéria imperecível os elementos a que tem, no fim de tudo, de voltar a matéria para que possa bastar à renovação das coisas. São, portanto, os elementos, sólidos e simples, nem de outro modo poderiam, conservando-se através das idades, ter renovado tudo desde tempos infinitos.

Finalmente, se a natureza não tivesse posto nenhum termo ao despedaçar das coisas, os elementos da matéria estariam de tal maneira gastos pelo rolar do tempo que nada do que é formado por eles poderia, a partir de certa época, chegar ao supremo final da sua existência. De fato, vemos que todo corpo pode ser mais depressa destruído do que refeito: assim, tudo o que a longa e infinita duração dos dias de todo o tempo já decorrido tivesse quebrado, dispersado, aniquilado, jamais poderia ser reconstruído pelo tempo restante. Ora, é evidente que foi marcado um

fim certo à destruição das coisas, porque vemos que tudo se refaz e que, simultaneamente, foi, por geração, fixado às coisas certo tempo para que possam atingir a flor da idade.

Acresce a isto que, embora os elementos naturais sejam absolutamente compactos, se podem, no entanto, explicar todos os corpos que são brandos, o ar, a água, a terra, os vapores, e de que maneira se fazem todas as coisas, e que força as gera, pois que o vazio está misturado nos corpos. Mas se, pelo contrário, fossem moles os elementos materiais, não se poderia explicar como é possível criarem-se as duras pedras e o ferro; com efeito, toda a natureza careceria dos seus princípios fundamentais.

Por conseguinte, os elementos têm a força de sua compacta simplicidade: resistência e dureza. E, se supusermos que não há nenhum termo à destruição dos corpos, é, todavia, necessário que tenham existido por toda a eternidade elementos naturais, que tenham ficado até agora livres de todo o perigo. Se, porém, é frágil a sua natureza, é inaceitável que se tenham mantido eternamente, apesar dos inumeráveis choques sofridos pelos tempos afora.

Finalmente, visto haver em cada espécie, para todas as coisas, um limite ao crescimento e à existência, e estar estabelecido por leis naturais o que podem e não podem fazer, e nada se mudar, antes se conservar idêntico, até o ponto de as aves variegadas manterem no corpo, de geração em geração, os sinais da sua espécie, devem, por força, ter em si um imutável elemento de matéria. Se os princípios das coisas pudessem ser vencidos e modificados de qualquer modo, haveria incerteza quanto ao que pode e ao que não pode nascer e quanto às leis que limitam, com exatidão, o poder de cada coisa, e lhe marcam o fim, e não poderiam as gerações ter reproduzido tantas vezes a natureza, os costumes, a vida, os movimentos dos pais.

Porém há mais: como existe um termo supremo para os elementos que os nossos sentidos já não podem discernir, é evidente que não constam de partes e que o seu tamanho é mínimo; nunca estiveram nem poderão estar isolados, porquanto cada um é parte e elemento de outros e a eles se vêm juntar, por ordem,

outras partes semelhantes, de maneira que formem todos juntos a substância do corpo; como estas partes não podem subsistir por si, é força que se aglomerem num conjunto donde nada as poderá arrancar.

São, portanto, os corpos elementares de uma compacta simplicidade, e ligam-se entre si, por partículas mínimas, com estreita coesão; não são formados por uma simples reunião das partículas, mas vem-lhes a força de uma eterna simplicidade, que a natureza não deixa cercear ou diminuir, conservando-os como germes das coisas.

Além de tudo, se não houver limite na pequenez, os corpos menores compor-se-ão de uma infinidade de partes, porque cada metade de metade sempre terá metade e nada porá fim à divisão. Que diferença haverá, então, entre a maior e a menor das coisas? É impossível que exista, porque, embora seja infinito o conjunto de tudo, os corpos que são menores se compõem também de um infinito de partes.

Ora, como se insurge contra isto um exato raciocínio e não admite que possa o espírito acreditar em tal, tens de confessar, vencido, que há corpos que não são compostos de partículas, e são os menores de todos. E, como eles existem, tens de confessar que os elementos são compactos e eternos. Finalmente, se a natureza criadora das coisas costumasse levar tudo a dispersar-se em partes muito pequenas, já não poderia tornar com elas a formar coisa alguma, visto que, não sendo formadas de partículas, não podem ter aquilo de que precisa a matéria criadora — as diversas ligações, os pesos, os choques, os encontros e os movimentos, por meio dos quais tudo se cria.

Por isso, muito se afastaram da verdade aqueles[13] que julgaram ser o fogo a matéria criadora e que só do fogo era constituído o Universo. Heráclito é seu chefe e o primeiro a encetar a luta, a quem a linguagem obscura tornou ilustre entre os

[13] *A ironia de Lucrécio quanto a Heráclito é pelo menos injusta, mas explica-se pelo estado de guerra que existia entre os epicuristas e os estóicos, os quais tinham adotado como base do seu sistema a física heraclitiana. A obscuridade de Heráclito, que o estado fragmentário em que nos chegou a sua obra nos torna ainda maior do que era para os antigos, provinha, segundo parece, não só do tom poético que adotara na exposição das suas idéias como também da própria dificuldade interna do sistema. De qualquer modo, a idéia do fogo como elemento cosmogónico, se é que se tratava de fogo e não de espírito, como parece por alguns textos, não era a mais importante de Heráclito; mereceriam muito mais atenção, se tal viesse a propósito no poema de Lucrécio e se também fosse tal o seu interesse, as idéias de identidade do ser e do não-ser, da vida e da morte, de fenômeno como ilusão, e de lei como única estabilidade no ininterrupto fluxo do universo.*

gregos, embora mais entre os superficiais do que entre os espíritos ponderados que procuram a verdade. Pois os tolos admiram e amam de preferência tudo o que julgam distinguir sob termos ambíguos, e dão por verdadeiro o que pode soar agradavelmente ao ouvido e se apresenta revestido de grata sonoridade. Mas donde poderiam vir, pergunto, tão variadas coisas e tudo se formar a partir do fogo puro e uno? De nada serviria que o ardente lume pudesse adensar-se ou rarefazer-se, se as partes do fogo tivessem a mesma natureza que todo o fogo tem no seu conjunto; seria apenas mais vivo o seu ardor quando as partículas estivessem juntas, mais brando quando estivessem separadas e cada uma para seu lado.

Não se pode acreditar que haja outros efeitos de tais causas, nem a imensa variedade das coisas pode vir de lumes densos ou rarefeitos; e mesmo isto, o poder adensar-se o fogo ou tornar-se ligeiro, só no caso de admitirem que há vácuo misturado às coisas. Como, porém, as *Musas* admitem muitas contradições e fogem a aceitar nos corpos o puro vazio, perdem o caminho da verdade por medo ao difícil, e não vêem que, se privarmos as coisas do vácuo, tudo se torna compacto e se acumula num só corpo, sem possibilidade de emanações rápidas; todavia, como o fogo ardente lança de si luz e calor, é evidente que não se compõe de partes estreitamente unidas.

Se, por outra hipótese, acham que os fogos, reunindo-se, se podem apagar e mudar de substância, e não fazem restrições de espécie alguma, força é que o próprio arder se aniquile totalmente e que surja do nada tudo o que se cria; efetivamente, tudo o que, mudando-se, sai dos seus limites é a morte do que era anteriormente. É, portanto, necessário que alguma coisa fique intata, para que não tome tudo inteiramente ao nada e não tenha o conjunto dos corpos de renascer e tomar forças a partir do nada.

Por conseguinte, como há elementos determinados que sempre conservam a mesma natureza, e cuja retirada ou acesso ou mutação de ordem modifica a natureza das coisas e transforma os corpos, é evidente que esses elementos não são ígneos. Não importaria que alguns deles se retirassem, se afastassem, e se juntassem

outros e se trocasse a ordem de outros ainda, se, todavia, todos conservassem a sua ardente natureza: tudo o que criassem seria sempre fogo.

Mas a minha opinião é a seguinte: há certos elementos cuja reunião e cujos movimentos, ordem, posição, feitios, produzem o fogo, e que, desde que mudem de aspecto, mudam a natureza dos corpos; porém não se parecem com o fogo nem com qualquer de outras coisas perceptíveis aos sentidos e capazes de nos fazer sentir o seu contato.

Dizer depois, como ele diz, que tudo é fogo, que nada há de real entre as coisas senão o fogo, parece-me o cúmulo da loucura. Parte dos sentidos vai contra os sentidos e destrói o que é fonte única dos nossos conhecimentos, o que o levou a ele próprio a saber daquilo a que dá o nome de fogo. Acha, efetivamente, que os sentidos conhecem na realidade o fogo, mas não as outras coisas que, no entanto, não são menos claras: isto me parece absurdo e insensato. Em que havemos de confiar? Que pode haver para nós de mais seguro que os sentidos para distinguir o verdadeiro e o falso? Depois, por que motivo se há de querer suprimir tudo e deixar uma única substância, o fogo, de preferência a negá-la e a deixar outra qualquer? Parece igual loucura dizer uma ou outra coisa.

É por este motivo que me parecem ter-se afastado muito da verdade todos aqueles[14] que julguem ser o fogo a matéria das coisas e poder ele constituir o Universo, e os que puserem o ar como princípio da criação, ou os que pensarem que a água formava só por si as coisas, ou que a terra tudo gerava e se transformava em todos os corpos. Juntam-se a estes os que duplicam os elementos das coisas, ligando o ar ao fogo ou a terra à água, e os que crêem que tudo pode provir de quatro elementos, o fogo, a terra, o ar e a água.

Dentre estes é primeiro Empédocles de Agrigento, a quem gerou nas suas terras a ilha triangular que o mar Jônico, penetrando nas grandes anfractuosidades,

---

[14] *Lucrecio crítica Anaxímenes, que pusera o ar ou o bafo como princípio de que tudo se forma, Tales, que atribuíra papel idêntico à água, Ferecides de Ciro, mais teólogo do que filósofo, Enópides e Xenófanes de Colofonte, que tinham elevado a dois o número dos elementos, finalmente Empédocles de Agrigento, que fazia intervir na sua cosmogonia os quatro elementos clássicos, ar, água, fogo e terra. Apesar das restrições postas à doutrina, o elogio de Empédocles explica-se provavelmente por ter servido o seu poema Sobre a Natureza de modelo ao trabalho de Lucrecio; note-se, no entanto, que Empédocles gozou sempre de grande prestígio e que era comum o olharem como a um ser sobrenatural. Também não é impossível que Lucrecio tenha reconhecido a influência de Empédocles em Anaxágoras, o verdadeiro fundador do atomismo, embora seja discutido se a sua visão do universo era a visão materialista e mecanicista de Demócrito e de Leucipo.*

banha com suas ondas glaucas, e que separa das praias da Itália um estreito canal por onde se precipitam as águas do mar. Ali fica a abissal Caribdes, e ali os rugidos do Etna ameaçam levantar de novo a cólera das suas chamas com tal violência que o fogo eruptivo seria vomitado das suas fauces e chegariam outra vez até o céu os ígneos relâmpagos.

E embora esta grande terra, por vários motivos, seja digna da admiração do gênero humano e digna de ser visitada, abunde em valiosas riquezas e esteja protegida pela valentia de numerosos habitantes, é certo que nada produziu de mais notável que este homem, de mais sagrado, de mais admirável, de mais precioso. Os cantos deste ser divino espalham por toda parte a sua voz e expõem descobertas tão maravilhosas que dificilmente se crê vir ele de progênie humana.

Mas também este, e os que acima nomeamos e em muitos pontos lhe foram muitíssimo inferiores, embora tivessem descoberto muitas coisas como com espírito divino, e dado, do íntimo do pensamento, respostas decerto mais sagradas e mais seguras que as proferidas da trípode pela Pítia, sob o loureiro de Apoio, ruíram ao tratar dos princípios das coisas e, porque eram grandes, com grande queda se abateram. Primeiro porque admitem o movimento tirando o vazio às coisas e aceitam os corpos brandos e porosos, o ar, o sol, o fogo, a terra, os animais e as plantas, sem que juntem o vazio à sua substância; depois, não põem nenhum fim à divisão dos corpos, nem termo ao seu fracionamento, nem a possibilidade de haver nas coisas um elemento mínimo, e isto apesar de vermos ter tudo como que um cimo que aos nossos sentidos parece mínimo, e que faz inferir que aquilo que não se pode ver tem igualmente uma terminação e é essa terminação o que constitui o elemento mínimo.

Acresce ainda que, se constituíssem elementos moles os corpos que nós vemos nascer e serem intrinsecamente mortais, já toda a natureza teria volvido ao nada e já todos os objetos teriam tido de renascer do nada; e já sabes como uma e outra afirmação estão distantes da verdade.

Além de tudo, estes elementos são inimigos uns dos outros e como que veneno uns para os outros: portanto, desde que se juntem, ou perecerão ou se hão de dispersar como o raio pela força da tormenta ou como vemos dispersarem-se as chuvas e os ventos.

Finalmente, se tudo se cria a partir de quatro elementos, e se neles tudo de novo se dissolve, por que razão os havemos de fazer princípio dos corpos, de preferência a tomar estes últimos como princípio deles? Efetivamente, engendram-se uns aos outros, e por toda a eternidade se têm passado uns aos outros não só o aspecto como toda a sua natureza.

Por outro lado, se se pensasse que a substância do fogo se pode juntar à da terra e os sopros do ar à fluidez da água sem que, ao se unirem, percam alguma coisa da sua natureza, nada se poderia conceber como criado a partir deles, nem seres animados, nem seres inanimados, como, por exemplo, as árvores.

De fato, cada um mostrará neste conjunto heterogêneo a sua própria natureza, e ver-se-á o ar misturado com a terra e permanecer o fogo juntamente com a água. Ora, o que é necessário é que cada elemento leve sua propriedade escondida e invisível, para que não domine coisa alguma que possa ser obstáculo ao conjunto e impeça que tenha o seu caráter próprio tudo aquilo que se cria.

Mas ainda vão pelo céu e pelos seus fogos, e fazem, primeiro, que o fogo se transforme nas auras do ar, que daqui surja a chuva, que da chuva se crie a terra, e que depois tudo volte a surgir da terra, primeiro a umidade, depois o ar, depois o calor; e estes elementos não cessam de se transformar uns nos outros, passando do céu à terra e da terra aos astros do firmamento.

Ora, é impossível que se passe com os elementos qualquer coisa de semelhante; é efetivamente necessário que subsista alguma coisa de imutável, para que todas as coisas não voltem inteiramente ao nada: tudo aquilo que, mudando-se, sai de seus limites causa a morte do que foi anteriormente. Se, portanto, se transformam os elementos de que falamos acima, é fatal que se componham de outros elementos, que nunca se possam transformar: em caso contrário tudo

voltaria inteiramente ao nada. Por que motivo se não há de admitir a existência de certos elementos de tal natureza que, se, por exemplo, criarem o fogo, podem depois, por uma ligeira diminuição ou por um ligeiro aumento, e mudada a ordem e o movimento, dar origem às auras do ar, e assim tudo se transformar em tudo?

"Mas", dirás tu, "é fato inegável que todas as coisas crescem da terra para o céu e dele se alimentam; e se um tempo favorável lhes não dá chuvas, fazendo inclinar os arbustos sob a liquefação das nuvens, se, por sua parte, o sol as não aquece, lhes não dá o seu tributo de calor, não podem crescer nem as searas, nem as plantas arbóreas, nem os animais."

Claro que sim: e nós próprios, se não nos ajudassem alimentos sólidos e líquidos brandos, perderíamos corpo e toda a vida nos fugiria de todos os nervos e de todos os ossos. É fora de dúvida que nos alimentamos e mantemos de certas coisas, e que outros de outras o fazem; e nada há nisto que espante: uma quantidade de elementos comuns se encontra nos corpos, misturados de mil modos, e por isso várias coisas de várias coisas se alimentam.

Além de tudo, é de grande importância, muitas vezes, considerar as combinações que formam, as posições que ocupam e os movimentos que uns dos outros recebem. São os mesmos os elementos que formam o céu, o mar, as terras, os rios, o Sol, e os que formam as searas, as árvores, e os animais: mas em cada qual se movem dispostos de modo diferente.

É o que se passa nestes meus versos: vão neles muitos elementos comuns a muitas palavras: e, no entanto, tem de se reconhecer que versos e palavras diferem muito entre si, não só pelo sentido como também pelo som com que soam. Tanto podem os elementos, só porque mudam de posição! Mas os princípios das coisas têm ao seu dispor mais numerosos meios para que possam criar os corpos mais variados.

Estudemos agora a homeomeria de Anaxágoras:[15] é o nome que lhe dão os gregos e que a pobreza de vocabulário pátrio não permite transpor para a nossa língua; mas é fácil explicá-lo, ao conceito em si, por outras palavras.

Primeiro, aquilo a que chama homeomeria das coisas é que, por exemplo, os ossos sejam constituídos por pequeníssimos, diminutos ossos, que as vísceras se formem de vísceras diminutas, pequeníssimas, que o sangue surja do juntar entre si de muitas gotas, que o ouro; segundo o que pensa, possa ser constituído por partículas de ouro, que a terra nasça de terras, o fogo de pequenos fogos, e a umidade de umidades; e acha que tudo se forma do mesmo modo. Todavia, não aceita que haja em parte alguma vazio nas coisas nem que haja limite à divisão dos corpos; ora, parece-me que nestes dois pontos erra e, pela mesma razão, tanto como os outros de quem falamos acima.

Acrescente-se a isto que os elementos que concebe são bem frágeis, são elementos primordiais e, no entanto, são de natureza igual à dos corpos que constituem, do mesmo modo se fatigam e perecem, e nada os salva da destruição. De fato, que há neles que possa resistir a um assalto violento, que possa escapar à morte, já mesmo nas fauces do seu termo? O fogo, ou a água, ou o ar?

O que, então? O sangue, os ossos? Creio eu que nada: tudo será tão inteiramente perecível como as coisas que vemos, claramente, a nossos olhos, acabar vencidas por uma força qualquer. Porém nada pode recair em nada, nada de nada pode nascer: bastam as provas que já dei.

Além disso, como os alimentos aumentam e nutrem o nosso corpo, isto é, as veias, o sangue, os ossos, se se disser que esses alimentos são por natureza compostos, resultará que se tem de admitir que têm em si, todos eles, quer sejam sólidos ou líquidos, pequenas partículas de nervos, ossos e, certamente, veias e

---

[15] *A apresentação que Lucrécio faz das concepções de Anaxágoras é ligeiramente caricatural, apesar de haver textos que dão alguma base à sua interpretação. No entanto, a "homeomeria" de Anaxágoras parece estar, por certos aspectos, muito próxima dos átomos da física moderna; para ele, e falando uma linguagem atual, o átomo do ferro seria diferente do átomo do hélio ou do átomo do chumbo; a substância ferro não poderia em caso algum ser formada, por exemplo, de átomos de ouro. Resumindo a evolução da hipótese atomística, pode dizer-se que Xenófanes e Empédocles dão o primeiro passo pondo os elementos como mais de um, mas em número limitado; Anaxágoras dá o segundo, atribuindo a cada substância o seu átomo próprio; Demócrito, o terceiro, pondo os corpúsculos como podendo formar vários corpos diferentes; a física atual fez como que a síntese das três noções, fixando o número de corpos simples, pondo para cada um uma determinada estrutura do átomo e formando cada átomo de cargas idênticas de átomo a átomo e capazes de troca.*

gotas de sangue, e que constam de elementos heterogêneos, de ossos e de nervos, de soro e de sangue misturados.

Depois, se todos os corpos que crescem da terra estão na terra, é fatal que a terra se componha dos seres heterogêneos que dela saem. Passa a outro campo, e poderás usar as mesmas palavras. Se na lenha se escondem chama, fumo e cinza, tem de se admitir que se compõe a lenha de elementos heterogêneos. Além disso, todos os corpos que a terra alimenta, ela os faz crescer com as substâncias heterogêneas que depois saem da lenha.

Resta aqui uma leve possibilidade de fuga, e é o que faz Anaxágoras, dizendo que tudo existe misturado e escondido em tudo, mas que só nos aparece o corpo cujos elementos se encontrem em maior número, colocados mais à frente, e com mais eficiência. Isto, porém, está bem longe da verdadeira razão. Se assim fosse, muitas vezes as searas, quando são esmagadas pela terrível força da pedra, mostrariam algum sinal de sangue ou de outras coisas que em nosso corpo se criam.

Pela mesma razão, era de esperar que manasse sangue das ervas que esmagamos entre pedra e pedra, e aparecessem gotas doces e saborosas de gosto igual ao do leite das lanígeras ovelhas; e surgissem freqüentemente pelas fendas das glebas as espécies de ervas e as searas e as frondes que na terra em pequenos elementos devem ocultar-se; e que, para terminar, se pudesse distinguir na lenha, quando se quebrasse, a cinza, e o fumo, e os fogos diminutos. Ora, os fatos nos mostram com toda evidência que as coisas não estão assim misturadas nas coisas, mas que nelas devem estar ocultos, de modos variados, elementos comuns a muitos corpos.

"Mas", dirás tu, "acontece muitas vezes, nos altos montes, que as árvores mais elevadas rocem os cimos uns pelos outros, sob o ímpeto dos austros violentos, até que a flor do fogo rebente e flameje." Sem dúvida: e, no entanto, o fogo não está oculto nos troncos: estes encerram numerosos elementos inflamáveis que se juntam ao roçarem e dão origem aos incêndios das florestas. Se de fato o

fogo estivesse dissimulado nos bosques, não poderia ocultar-se nunca e logo abrasa-ria as florestas e queimaria as árvores.

Vês então agora, como acima te disse, que tem a maior importância saber-se com que elementos estão misturados os elementos e qual a posição que ocupam, e quais os movimentos que transmitem e recebem? Vês como podem os mesmos elementos, mudando um pouco, criar fogo e madeira? É o mesmo que acontece com as palavras: mudando um pouco os elementos, podemos nomear, com som diverso, "madeira" e "fogo".

Por fim, se julgas que não se pode produzir tudo o que vês nos objetos manifestos sem que se atribua aos elementos dos corpos a mesma natureza que a estes últimos, por aí se vão perder os princípios mesmos das coisas: vão gargalhar sacudidos pelo trêmulo riso, vão banhar de lágrimas salgadas o rosto e as faces.

Vamos agora saber do que resta e ouvir coisas mais claras.[16] Bem sei que tudo é obscuro; mas uma grande esperança de glória com seu agudo tirso me atravessou o coração e incutiu-me no peito, ao mesmo tempo, o doce amor das Musas; incitado por ele, percorro agora, com vivo espírito, as regiões desviadas das Piérides, que ninguém trilhou antes de mim.

É bom ir às fontes virgens e beber, é bom colher flores desconhecidas e com elas trançar para a minha fronte coroa insigne, qual nunca a ninguém a puseram as Musas. Primeiro, porque te ensino importantes assuntos e procuro libertar-te o espírito dos apertados nós religiosos; depois, porque sobre um tema obscuro vou compondo tão luminosos versos, a tudo tocando com a graça das Musas. Isto mesmo parece perfeitamente justificado; assim como os médicos, quando tentam dar às crianças o repugnante absinto, primeiro põem, no bordo da taça, loiro, fluido e doce mel, de modo que, pela idade imprevidente e pelo engano dos lábios, tomem a amarga infusão do absinto e, não significando este engano prejuízo, possam deste modo readquirir a saúde, assim também eu, como esta doutrina

[16] *O papel de iniciador refere-se sempre na obra de Lucrecio ao seu aparecimento na literatura latina. Deve, porém, registrar-se que já antes de Lucrecio se tinha tentado o poema didático; ninguém, no entanto, tinha composto sobre o epicurismo. As dificuldades entre o vulgo e os epicuristas devem entender-se provavelmente no que diz respeito aos ataques à religião tradicional; além de tudo, a doutrina pareceu sempre difícil de aceitar e "tristior", como diz o poeta, aos que não dispensavam a consolação de se sentirem ligados a um poder espiritual que tivesse seu reino para além das difíceis e incertas aparências do mundo.*

parece muito desagradável a quem a não tratou, e foge diante dela, horrorizado, o vulgo, quis, em verso eloqüente e harmonioso, expor-te as minhas idéias, e ungi-las, por assim dizer, do doce mel das Musas; a ver se por acaso posso manter o teu espírito encantado com meus versos, enquanto penetras toda a natureza e as leis de sua formação.

Mas, como já ensinei que os elementos da matéria são plenos e voam invictos através do tempo eterno, vamos agora verificar se tem ou não limite a sua soma; e veremos também se o vazio que descobrimos, isto é, o lugar, o espaço, em que tudo se passa, aparece como um todo limitado ou se abre, profundo, imenso, vasto.

Tudo o que existe é ilimitado,[17] qualquer que seja a direção; do contrário, deveria ter um fim. Ora, não pode haver fim algum a nada, sem que haja, para além, qualquer coisa que o limite, de modo que exista um ponto para além do qual é impossível aos sentidos segui-lo. Ora, tem-se de reconhecer que para lá do conjunto das coisas nada existe: não tem extremidade; carece, pois, de fim e de limite. E não importa a região em que se possa estar: qualquer que seja o lugar em que se esteja, sempre se deixa o todo imenso alargar-se por igual a toda parte.

Depois, se se aceitar que todo o espaço é finito e se alguém chegar correndo aos últimos bordos e daí lançar um volátil dardo, achas que, arremessado com toda força, se dirigirá aonde foi atirado, voando ao longe, ou te parece que alguma coisa o poderá impedir ou deter? Tens de escolher um lado ou outro; ora, qualquer deles te impede a fuga e te obriga a conceder que não há limite.

Efetivamente, quer haja um obstáculo que o impeça de atingir o ponto aonde foi arremessado, aí parando, quer prossiga a carreira, o que é certo é que não partiu do extremo limite: continuarei sempre com a mesma razão e, qualquer que

---

[17] *Lucrécio prova primeiro, pela impossibilidade de se conceber a existência de qualquer limite, que o universo é infinito; se o universo é infinito, os átomos que o compõem serão também em número ilimitado. Como já afirmou que os átomos necessitam de espaço para mover-se, o espaço será igualmente infinito. Para provar a existência de espaço, de vácuo ou de vazio, os epicuristas argumentavam também com a necessidade de se distinguirem os átomos uns dos outros: caso contrário, haveria apenas um átomo; se os átomos são em número infinito, o espaço terá também de ser ilimitado para que infinitamente faça a separação entre os átomos. Também havia outra linha de raciocínio: os epicuristas não podiam conceber o espaço senão como ilimitado; um número limitado de átomos dentro dum espaço infinito conduziria à dispersão total do universo, se é que alguma vez se poderia ter formado; os átomos devem ser, portanto, em número ilimitado. Deve esclarecer-se que em toda esta nota se empregou finito e limitado, infinito e ilimitado como significando o mesmo, para se manter a linguagem de Lucrécio e não porque haja qualquer propriedade na identificação dos termos.*

seja o lugar onde coloques os limites extremos, perguntarei o que sucede por fim ao dardo. O que vai acontecer é que nenhum limite poderá estabelecer-se: fugas numerosas prolongarão sempre o espaço livre.

Além disso, se todo o espaço universal estivesse cerrado de todos os lados e fosse limitado, já há muito a massa de matéria, arrastada pelo peso, se teria reunido no fundo, e nada se poderia passar sob a abóbada do céu, nem haveria mesmo céu, nem a claridade do Sol: de fato, toda a matéria acumulada por sedimentação no decorrer da eternidade jazeria inerte. Mas não existe descanso algum para os corpos elementares, porque não há fundo nenhum a que possam confluir e em que possam estabelecer-se. Tudo anda sempre em contínuo movimento e por todos os lados; e do infinito se precipitam, sem cessar, os elementos da matéria.

Finalmente, pelo que se passa à nossa vista, cada objeto parece limitar outro objeto: o ar limita as colinas, os montes limitam o ar, e a terra o mar, e, por seu turno, o mar termina todas as terras; mas na verdade, nada há, para além do todo, que lhe sirva de limite.

E tal a natureza do espaço e a extensão da imensidade, que os fulgentes raios a não poderiam percorrer mesmo que prolongassem o seu vôo por toda a eternidade, e nem pelo caminho feito poderiam ter reduzido a distância que faltasse; efetivamente, por todo lado se abre às coisas, e em toda direção, um espaço sem limites.

A natureza intervém para que o Universo não se possa fixar limites a si próprio: com o espaço vazio limita os corpos, e ao vazio com os corpos o limita; assim os alternando, torna o todo infinito: mesmo, porém, que um dos dois não limitasse o outro, naturalmente se estenderia por si mesmo sem encontrar limite.

Nem de outro modo poderiam subsistir uma hora sequer o mar e a Terra e o luminoso templo do céu e a raça dos mortais e os sagrados corpos dos deuses. Dispersa do seu conjunto, a matéria seria levada, desagregando-se, pelos espaços infinitos; ou, antes, nem sequer se teria podido reunir para formar corpo algum, porquanto não poderiam juntar-se os elementos dispersos.

Não é por certo em virtude de um plano determinado nem por um espírito sagaz que os átomos se juntaram por uma certa ordem; também não combinaram entre si com exatidão os movimentos que teriam; mas, depois de terem sido mudados de mil modos diferentes através de toda a imensidade, depois de terem sofrido pelos tempos eternos toda espécie de choques, depois de terem experimentado todos os movimentos e combinações possíveis, chegaram finalmente a disposições tais que foi possível o constituir-se tudo o que existe. E é por assim se terem conservado durante muitos anos, uma vez chegados aos devidos movimentos, que os rios saciam o ávido mar com suas grandes águas, que a Terra, aquecida pelo vapor do Sol, renova as suas produções, e florescem todas as raças de seres vivos, e se sustentam os fogos errantes pelo céu. De nenhum modo o fariam se do infinito não chegasse sempre mais matéria para reparar a tempo as perdas sofridas.

Assim como os seres vivos por natureza se dispersam, perdendo o corpo, quando privados de alimento, assim tudo se deve dissolver logo que lhe falte a matéria, por qualquer motivo desviada do caminho devido. E os choques vindos do exterior também não podem conservar o Universo, seja qual for a sua composição; é certo que podem os átomos chocar com maior freqüência e manter qualquer ponto, até que cheguem outros e possa o conjunto completar-se; mas, entretanto, são obrigados a ressaltar e por aí mesmo dão aos elementos espaço e tempo de fuga, de modo que possam libertar-se do conjunto. É por isso que uma e outra vez têm de surgir elementos novos e, também, para que os próprios choques se mantenham, torna-se necessária uma força infinita de matéria a todo lado se estendendo.

Em tudo isto, ó Mêmio, tens de fugir a acreditar o que dizem alguns, que tudo tende para o centro do Universo, e que, portanto, pode o mundo manter-se sem quaisquer choques externos, não escapando nem o alto nem o baixo, porque tudo se apóia sobre o centro, como se pudesse aceitar-se que alguma coisa em si mesma se apóie! E afirmam ainda que todos os graves, do outro lado da Terra,

tendem à superfície superior e repousam no solo, ao contrário dos que estão do outro lado, exatamente como vemos na água imagens de objetos. Pretendem, pelo mesmo raciocínio, que andam de cabeça para baixo os animais, mas que não podem cair da Terra para as regiões inferiores do céu, tal como não poderiam os nossos corpos, por si sós, voar aos templos do céu: e quando eles vêem o Sol, vemos nós os astros noturnos; alternam conosco as épocas do céu e correspondem aos dias deles nossas noites.

(Lacuna)[18]

Mas não há lugar algum em que os corpos, depois de lá chegarem, possam fixar-se no vazio, perdida a força do seu peso; por outro lado, é impossível ao vazio ficar por baixo de qualquer corpo sem que, por sua própria natureza, continue a ceder. Não é possível, pois, admitir que as coisas se sustentem no conjunto apenas coagidas pela atração do centro.

Depois, dizem que nem todos os corpos tendem para o centro, mas que o fazem a terra e a água e tudo o que se contém no corpo terrestre, e a água do mar, e as grandes ondas que vêm das montanhas, e que, pelo contrário, se afastam do centro as brandas, aéreas auras, e os fogos ardentes; e cintila de estrelas todo o céu, e alimenta-se a chama do Sol através de todo o azul firmamento só porque o calor foge do centro e lá se vai reunir todo; também, por seu turno, não poderiam cobrir-se de folhas as últimas ramas das árvores, se da Terra, a pouco e pouco, não subisse a cada um seu alimento.

(Lacuna)

Os sustentáculos do mundo, à maneira das aladas chamas, fugiriam de repente, dispersos pelo espaço imenso, e todo o resto os seguiria de forma semelhante, caindo de cima o espaço do céu onde o trovão ribomba, fugindo-nos dos pés, subitamente, a terra; tudo, dissolvidos os corpos, iria, pelo profundo

---

[18] *O texto de Lucrécio foi destruído por um acidente do manuscrito O (= Oblongus, Vossianus Lat. F. 30, Leyde), entre os versos 1067 e 1076 do Livro I; restam apenas algumas palavras de cada verso e sobre elas tentou Munro reconstituir um texto; a tradução seria assim: "Mas só um erro vão pôde fazer que os tolos aprovassem estas falsidades, por terem, com um falso raciocínio, abraçado a realidade. Não pode haver centro porque o universo é infinito; e, mesmo que o houvesse, nada prova de maneira alguma que um corpo qualquer se pudesse fixar nesse ponto de preferência a afastar-se por alguma outra causa; com efeito, todo o lugar e todo o espaço a que chamamos vácuo deve, pelo centro e sem ser pelo centro, dar igual passagem aos corpos pesados, por toda parte a que os levem seus movimentos". O mesmo acidente destruiu oito versos, mas estes por completo, entre o verso 1093 e o verso 1102 do mesmo Livro I.*

espaço vago, entre as ruínas do céu e as ruínas das coisas, misturadas, e, num momento, nada ficaria dos destroços senão a deserta imensidade e os invisíveis átomos. Qualquer que seja o lugar que escolhas para dizeres que aí faltou a matéria, é esse o lugar em que para as coisas se abrirá a porta do morrer: por ela se escapará todo o tumulto da matéria.

Guiado assim, aprenderas a conhecer isto, sem grande trabalho teu uma coisa esclarecerá a outra, e a escura noite não te impedirá o caminho sem que tenhas contemplado a natureza última: os fatos darão luz aos fatos.

LIVRO II

É bom, quando os ventos revolvem a superfície do grande mar, ver da terra os rudes trabalhos por que estão passando os outros;[19] não porque haja qualquer prazer na desgraça de alguém, mas porque é bom presenciar os males que não se sofrem. É bom também contemplar os grandes combates de guerra travados pelos campos sem que haja da nossa parte qualquer perigo.

Mas nada há de mais agradável do que ocupar os altos e serenos lugares fortificados pelas doutrinas dos sábios, donde se podem ver os mais errar por um lado e outro e procurar ao acaso o caminho da vida, lutar à força de talento, ter rivalidades de nobreza e esforçar-se, com trabalho de dias e de noites, por alcançar as maiores riquezas e apoderar-se do governo.

Ó pobres espíritos humanos, ó cegos corações! Através de que trevas e perigos se passa o pouco tempo de vida! Não sente cada um o que a natureza a gritos proclama, que esteja sem dor o corpo e goze a mente, fora de medo e de cuidado, de um agradável sentimento?

Pouco é necessário, naturalmente, pelo que diz respeito ao corpo: tudo o que suprime a dor pode dar-lhe ao mesmo tempo numerosas delícias. E, entretanto, a

[19] *Para Lucrécio, como para Epicuro, a filosofia tem uma finalidade: a de garantir uma existência espiritualmente tranqüila, sobranceira às disputas, às intrigas, às invejas e às ambições dos homens; a filosofia tem, por conseguinte, um valor de utilidade e é por isso que, para os seus discípulos, Epicuro aparece mais como um benfeitor da humanidade do que como um espírito elevado que mais tenha progredido do que os outros no caminho do conhecimento. Os versos em que Lucrécio louva a sobriedade e a vida modesta estão perfeitamente dentro da linha epicurista, ao contrário da imagem vulgar da doutrina, e ao mesmo tempo enquadram-se de modo exato na tradição dos moralistas romanos; a única diferença está em que Lucrécio se afasta, com os seus conselhos ou normas epicuristas, da dureza, do severo orgulho e da secura que são freqüentes nos romanos do tipo de Catão.*

própria natureza não exige nada mais agradável: se não temos na casa estátuas douradas de jovens segurando na mão direita lâmpadas ardentes que dêem luz aos banquetes noturnos, se a casa não refulge com a prata nem rebrilha com o ouro, se não ressoam as cítaras pelas salas lacadas e douradas, não exigem os corpos grandes bens desde que estejam deitados sobre a branda relva, perto de um rio de água corrente, à sombra de uma alta árvore, sobretudo quando o tempo sorri e a estação do ano adorna de flores as ervas verdejantes. E as febres ardentes não se afastam mais depressa do corpo por se estar agitado sobre tapetes bordados e sobre a rubra púrpura do que por nos termos de deitar num pano plebeu.

Por isso, visto em nada serem os tesouros úteis ao corpo, nem a nobreza nem a glória de mandar, o que falta é pensar que também não são úteis ao espírito. Ora, é certo que o verem-se por acaso as legiões, cheias de ardor, simular a guerra no campo de Marte, com reservas numerosas, providas de armas e igualmente animadas, ou ver-se uma frota fazer-se ao largo com celeuma, em nada influi para que fujam do espírito, temerosas, as pávidas crendices, nem os temores da morte deixam o peito vazio e livre de cuidados.

E, se pensarmos que tudo isto é ridículo e vão, o que é verdade é que os terrores dos homens e os cuidados pertinazes não temem o som das armas nem os terríveis arremessos, e audaciosamente se metem entre reis e poderosos, não receando os fulgores do ouro nem o brilhante esplendor de um vestuário de púrpura; por que razão se há de duvidar de que só a inteligência o possa fazer, quando toda a nossa vida se passa labutando entre trevas?

Exatamente como trêmulos meninos que tudo receiam nas obscuras trevas, assim nós tememos à luz do dia o que em nada é mais de recear do que as fantasias que atemorizam os meninos no escuro. E a este terror do espírito e a estas trevas não afastam nem os raios do Sol, nem os luminosos dardos do dia: só o fazem o estudo da natureza e suas leis.

Vamos, então, agora explicar[20] por que movimento os elementos geradores da matéria engendram os vários corpos e os dissolvem depois de engendrados, por que força são obrigados a fazê-lo, e que possibilidade lhes foi dada de, movendo-se, percorrerem o vago espaço imenso: e tu, não te esqueças de atender ao que eu disser.

É indubitável que a matéria não forma um todo compacto, visto vermos que tudo se gasta e por assim dizer se desfaz ao longo dos tempos e se oculta na velhice aos nossos olhos; o conjunto, no entanto, parece permanecer intato, pois o que se retira de qualquer corpo, e por aí o diminui, vai aumentar aquele a que se junta: obrigam uns a envelhecer, outros a prosperar; e não param nesse ponto. Assim continuamente se renova o Universo e vivem os mortais de trocas mútuas. Aumentam umas espécies, diminuem outras, e em breve espaço se substituem as gerações de seres vivos e, como os corredores, passam uns aos outros o facho da vida.

Se julgas que podem parar os princípios das coisas e parando gerar seus novos movimentos, andas desviado e muito longe de um verdadeiro raciocínio. Efetivamente, como erram através do vazio, é fatal que ou sejam os elementos das coisas levados pelo seu próprio peso ou pelo casual choque dos outros: de fato, quando se encontrem, em direções opostas, ressaltam de repente e cada um para seu lado; e não há nada que estranhar, porque são duríssimos, de maciço peso, e nada por detrás lhes levanta obstáculo. E, para que imagines melhor as agitações de todos os elementos da matéria, lembra-te de que não há no Universo qualquer fundo, e que não há lugar onde assentem os elementos, porque o espaço é sem fim e sem limites: já mostrei e demonstrei com exato raciocínio que o espaço imenso se estende de todos os lados e para todas as partes.

---

[20] *Lucrécio, assim como, no Livro I (ou antes: no que forma, do Livro I, uma introdução geral ao poema), tinha indicado o assunto do seu trabalho, dá agora indicações do que será o tema do Livro II: o movimento dos átomos, a causa que o provoca e os efeitos que dele provém. Como os corpos são formados de átomos e incessantemente uns decaem ou morrem, enquanto outros nascem e crescem, é evidente que os elementos atômicos que os formam devem precipitar-se sem pausa dum ponto a outro e por toda a imensidade do Universo; os átomos estão, portanto, em movimento contínuo, e, para dar alguma idéia do que é este movimento, Lucrécio introduz a comparação com as partículas que dançam nos raios do sol e cuja agitação o poeta atribui aos invisíveis choques dos átomos; é curioso observar a afinidade entre a reflexão de Lucrécio e a teoria do movimento browniano estudado pela física moderna.*

E, porque isto é assim, não é de admirar que não tenha sido dado repouso algum aos elementos dos corpos através de todo o imenso espaço vazio: agitados por um movimento constante e variado, uns ressaltam a grande distância, depois de se chocarem, outros em breve espaço sofrem o efeito da pancada.

Aqueles que, por mais densa composição, pouco se afastam depois do choque, ligados como estão pelo entrelaçado de seus esquemas, formam os rijos fundamentos das rochas e os feros corpos do ferro e as restantes coisas deste gênero. Outros, que são poucos, vagueiam pelo vazio imenso e ressaltam longe e de longe voltam, com grandes intervalos: estes nos dão o leve ar e o esplêndido luminar do Sol. Há, além de todos eles, muitos que vagueiam pelo espaço imenso e que não têm lugar nas composições das coisas nem jamais foram recebidos e consorciaram movimentos.

Do que acabo de dizer temos nós sempre presente, ante os olhos, o traslado e imagem. Observa os raios do Sol que entram dando sua luz na obscuridade de uma casa: verás que na própria luz dos raios se misturam, de modos vários, numerosos corpos diminutos, e, como se fosse em eterna luta, combatem, dão batalhas, por grupos certos se guerreiam e não há pausa, agitados como estão pelos encontros e pelas separações freqüentes. Podes imaginar por isto o que será a perpétua agitação no vago espaço dos elementos das coisas na medida em que um pequeno fato pode dar idéia de grandes coisas, e elementos para seu conhecimento.

Há também outro motivo para observar os corpos que se vêem agitar-se nos raios do Sol: tais movimentos desordenados revelam os movimentos secretos, invisíveis, da matéria. Verás que muitos, ao impulso de choques invisíveis, mudam de direção, e, repelidos, voltam para trás, para um lado, para outro, realmente para todos os pontos. Ora, é evidente que esta marcha errante vem toda ela dos elementos.

Efetivamente, são os próprios elementos os primeiros a se moverem por si mesmos; vêm depois os corpos cuja composição é reduzida e que estão, digamos assim, mais perto de forças elementares: movem-se impelidos pelos choques

invisíveis destas últimas, e, por seu turno, põem em movimento os que são um pouco maiores. Assim o movimento sobe desde os elementos e a pouco e pouco chega aos nossos sentidos, até que se movem aquelas mesmas coisas que podemos ver na luz do Sol, embora permaneçam invisíveis os choques que os causam.

E agora, Mêmio, em poucas palavras poderás saber que movimento foi dado aos elementos da matéria. Quando a aurora lança sobre as trevas a nova claridade e as aves variegadas, voando pelos profundos bosques, percorrendo o leve ar, enchem todos os lugares com suas vozes límpidas, todos nós podemos ver como o Sol, que então se levanta, tudo cobre rapidamente com seu manto de luz.

E, no entanto, este calor que o Sol envia, esta luz serena, não transpõem um espaço inteiramente vazio; têm que ir mais devagar enquanto fendem as ondas aéreas. Depois os corpúsculos de calor não vêm um a um, mas caminham presos uns aos outros e como englobados; atrasam-se eles próprios entre si e encontram obstáculos exteriores: têm, portanto, que ir mais tardos.

Aos elementos, que são simples e compactos, e avançam por um espaço vazio, nada os demora pelo exterior; e, como formam as suas partes um todo único, são levados na direção que tomaram de princípio; devem, portanto, ter uma mobilidade sem igual e deslocar-se muito mais depressa do que a luz do Sol e transpor, no mesmo tempo, uma distância muito maior do que aquela que percorrem no céu os raios solares. *(Lacuna)* Mas não continuemos a examinar os elementos um a um para ver de que maneira se realiza cada coisa.

No entanto, contrariamente a isto[21] alguns, ignorantes da matéria, crêem que não teria podido a natureza, sem favor dos deuses, acomodar-se tanto aos objetivos humanos, variando as estações do ano, criando as searas e todas as outras coisas a que incita os mortais, pondo-se como guia da vida a própria, divina voluptuosidade, e incitando-se, pelos trabalhos de Vênus, a que se reproduzam as gerações para que não pereça o gênero humano.

---

[21] *Neste passo, Lucrecio não põe de parte a idéia de uma causa final do Universo; levanta-se contra qualquer possibilidade de uma causa final humana, isto é, de tudo ter sido criado por um poder benevolente, para uso, gozo e conforto da humanidade; e apresenta, como argumento, o grande número de defeitos que, sob o ponto de vista humano, se podem encontrar no mundo. A opinião contrária era sustentada pelos estóicos: o mundo era bom e só nós o tínhamos estragado pelo nosso procedimento, extravagante e ambicioso. Quando mais adiante, no Livro V, Lucrecio trata de novo a questão, não faz mais do que repetir por outra forma os mesmos argumentos destes versos.*

Mas parece, quando pensam que tudo fizeram os deuses por causa dos mortais, que andam muito longe da verdade. Efetivamente, embora eu ignorasse quais são os princípios das coisas, ousaria afirmar, pelas próprias leis do céu e por outros fatos numerosos, que de modo algum o mundo foi criado para nós por um ato divino: tanto é o mal que o macula. Mas é isto, Mêmio, um ponto de que trataremos mais tarde; agora exporemos o que resta acerca dos movimentos.

É agora a oportunidade,[22] segundo creio, e neste mesmo assunto, de te demonstrar que nenhum corpo pode por sua própria força levantar-se, deslocar-se de baixo para cima. Cuidado, não te induzam em erro neste ponto os elementos das chamas. É sem dúvida voltando-se para cima que elas surgem e tomam seus aumentos; e é também para cima que crescem as searas brilhantes e as árvores, ao passo que os graves, por sua própria natureza, tendem todos para baixo. Mas nem mesmo quando o fogo salta até os telhados das casas, e com rápida chama devora traves e vigas, se deve julgar que o faz espontaneamente sem que qualquer força o obrigue; é exatamente o que sucede quando o sangue, saindo-nos do corpo, se eleva em jato no ar e se espalha, vermelho.

Não vês também com quanta força vigas e traves são repelidas pela água? Quanto maior é a pressão que exercemos de cima para baixo, quanto mais tentamos, com toda força, obrigá-los a descer, tanto mais vigorosamente a água os repele e vomita, a ponto de a maior parte emergir e aparecer à superfície. Todavia não duvidamos de que estes corpos, entregues a si próprios, serão levados pelo espaço de cima para baixo; do mesmo modo devem as chamas poder, quando sob pressão, elevar-se nos ares, embora o peso que nelas existe por natureza lute por fazê-las descer.

---

[22] *A aceitação de um movimento eterno dos átomos suscita um problema, o da força que lhes imprime esse movimento; na física de hoje, a progressiva desmaterialização do átomo destrói, segundo parece, a dificuldade, mas, para Lucrecio, que vê os átomos como corpúsculos, tem de se dar uma explicação cabal. Para ele há duas espécies de movimentos dos átomos: o primitivo, de cima para baixo, provocado pelo peso, e os secundários, resultantes dos choques dos átomos entre si. Quanto à segunda espécie de movimento, não havia objeções; quanto à primeira, já tudo se passava de outro modo; efetivamente, se os átomos caem de cima para baixo — e já é estranha esta idéia de cima e de baixo num Universo infinito — e se, como o próprio Lucrecio o afirma, não há no Universo centro a que concorram, é evidente que os átomos cairiam eternamente em linhas paralelas e nunca mais poderia surgir corpo nenhum. Como resposta, Epicuro ideou a teoria do clinamen, que Lucrecio expõe logo a seguir e que tem um defeito grave: o de ser uma hipótese puramente gratuita, sem apoio de observação dos sentidos, única fonte de conhecimento, segundo a doutrina. A idéia da declinação dos átomos foi das que mais chamaram a ironia dos adversários do epicurismo na Antigüidade e os próprios partidários da doutrina procuraram passar sobre este ponto o mais depressa possível. No entanto, além da importância para a cosmogonia, a idéia da declinação era fundamental para a moral epicurista: era a única possibilidade que restava, num Universo totalmente mecanicista, de introduzir uma parcela de liberdade. Parece que Demócrito, mais coerente, negava a existência de liberdade.*

E não vês que os fogos noturnos que voam pelo alto dos céus levam atrás de si longas caudas de chamas, qualquer que seja a direção que a natureza tenha dado à sua marcha? Não vês cair na Terra estrelas e astros? E o Sol, lá de cima dos céus, dispersa por toda parte o seu calor e cobre de luz todos os campos: portanto, desce para a Terra o fogo do Sol. Vês ainda os rios atravessarem obliquamente as bátegas de água: ora de um lado, ora do outro, arrancam-se das nuvens os seus fogos; e muitas vezes é na Terra que vem cair a flâmea força.

Há neste assunto um ponto que desejamos conheças: quando os corpos são levados em linha reta através do vazio e de cima para baixo pelo seu próprio peso, afastam-se um pouco da sua trajetória, em altura incerta e em incerto lugar, e tão-somente o necessário para que se possa dizer que se mudou o movimento. Se não pudessem desviar-se, todos eles, como gotas de chuva, cairiam pelo profundo espaço sempre de cima para baixo e não haveria para os elementos nenhuma possibilidade de colisão ou de choque; se assim fosse, jamais a natureza teria criado coisa alguma.

Se alguém pensasse que os elementos mais pesados poderiam, pela maior velocidade com que se deslocam através do vazio, cair de cima sobre os mais leves e dar, assim, lugar a choques que tornassem por sua vez possíveis os movimentos de criação, muito longe andaria ele da verdade. É fora de dúvida que tudo quanto cai através da água ou do ar sutil tem de acelerar, segundo o peso, a sua queda: os elementos da água e a natureza leve do ar não podem retardar por igual cada uma das coisas e cedem mais depressa quando sofrem a pressão de maiores pesos.

Mas, pelo contrário, em tempo algum e em lugar algum poderia o vazio estar por baixo de qualquer coisa sem que, segundo lhe pede a sua natureza, continue a ceder-lhe; por isso, todos eles devem ser levados pelo inerte vácuo com igual velocidade, embora sejam desiguais os pesos. Não poderão, portanto, os mais pesados cair jamais sobre os mais leves, nem por si próprios originar os choques pelos quais a natureza gera as coisas.

É, por conseguinte, absolutamente necessário que os elementos se inclinem um pouco, mas somente um pouco, para que se não pareça conceber movimentos oblíquos e o refute a realidade. De fato, pelo que observamos, é evidente e manifesto que os graves, por si próprios, não podem tomar caminhos oblíquos, pelo menos visíveis para nós, quando se precipitam de cima para baixo. Mas quem há que possa verificar que em nada se desviam do caminho direito?

Finalmente, se todo movimento é solidário de outro e sempre um novo sai de um antigo, segundo uma ordem determinada, se os elementos não fazem, pela sua declinação, qualquer princípio de movimento que quebre as leis do destino, de modo a que as causas não se sigam perpetuamente às causas, donde vem esta liberdade que têm os seres vivos, donde vem este poder solto dos fados, por intermédio do qual vamos aonde a vontade nos leva e mudamos o nosso movimento, não em tempo determinado e em determinada região, mas quando o espírito o deseja? É sem dúvida na vontade que reside o princípio de todos estes atos; daqui o movimento se dirige a todos os membros.

E não é verdade que os cavalos, com toda a sua força impaciente, não podem irromper no próprio momento em que lhes abrem as cavalariças e tão rapidamente como lhes desejaria a vontade? Tem de se animar a matéria, o corpo, e só quando se anima pelos membros pode seguir o impulso do espírito; por aqui se vê que tudo vem primeiro do espírito e da vontade e se dirige depois pelo corpo e pelos membros.

Nada há de semelhante quando somos impelidos pelo violento choque de outrem, por uma forte pressão. Nesse caso, é evidente que toda a matéria de todo o corpo vai, sem nós o querermos, como que arrastada até que a vontade a refreie nos membros.

Vês então que, embora uma força exterior muitas vezes nos empurre e nos obrigue contra a nossa vontade a avançar e nos arraste, precipite, há todavia no nosso íntimo alguma coisa que se pode opor e resistir? E por essa vontade que a

matéria é obrigada a dirigir-se pelos membros, pelo corpo, é por ela que se refreia, depois de lançada, e volta para trás.

Ora, é necessário aceitar que haja o mesmo nos germes das coisas, que haja para os movimentos uma causa distinta do choque e do peso: dela nos viria este inato poder, visto que, já o sabemos, nada pode vir do nada. De fato, o peso impede que tudo se faça por meio de choques, como por uma força externa. Mas, se a própria mente não tem, em tudo o que faz, uma fatalidade interna, e não é obrigada, como contra a vontade, à passividade completa, é porque existe uma pequena declinação dos elementos, sem ser em tempo fixo, nem em fixo lugar.

Depois, a massa da matéria nunca foi mais condensada, nem teve jamais maiores intervalos. Efetivamente nada vem aumentá-la, e nada se perde. Por isso o movimento que anima agora os elementos dos corpos é o mesmo que tiveram em idades remotas e o mesmo que terão no futuro, segundo leis idênticas; o que teve por hábito nascer nascerá nas mesmas condições; e tudo existirá e crescerá e será forte de sua própria força, segundo o que foi dado a cada um pelas leis da natureza. Nem força alguma pode modificar o conjunto das coisas: não há realmente lugar algum para onde possa fugir, de todo, qualquer elemento da matéria, ou donde possa vir, para irromper no todo, qualquer força nova que mude a natureza das coisas e modifique os movimentos.

Neste ponto, não há que estranhar que, estando os princípios das coisas em movimento, todavia pareça a totalidade estar totalmente sossegada, a não ser pelo movimento próprio de cada corpo.[23] A natureza dos corpos primordiais está muito abaixo de nossos sentidos: e, como já são invisíveis, também devem ocultar-nos os seus movimentos, sobretudo quando o que podemos ver muitas vezes nos esconde também o movimento pela interposta distância dos lugares.

---

[23] *O grupo de filósofos gregos que se costuma denominar eleatas (de Eléia, cidade grega da Itália) defendia a imobilidade do Universo e negava a existência de vazio, de espaço livre; o movimento que apreendemos pelos sentidos era, para os eleatas, apenas uma ilusão. É um dos seus pensadores, Parmênides, porventura o mais notável de todos, quem permite a passagem do materialismo pré-socrático para o idealismo de Platão. Lucrécio não aponta os argumentos de Parmênides ou de Zenão; toma o problema apenas pelo seu aspecto concreto e dá-lhe solução por meio de uma imagem. Encontramos aqui um dos primeiros exemplos da péssima influência da poesia ou, dum modo mais geral, da literatura sobre o pensamento filosófico, que deu como resultado a tendência, muito geral em certas épocas, de tratar os problemas filosóficos por processos exclusivamente literários.*

Assim, freqüentemente os lanígeros gados que se deslocam pelas colinas trincando os pingues pastos por toda parte a que os incitam as ervas em que brilham como pedras preciosas as gotas de recente orvalho, enquanto os cordeiros saciados brincam e retouçam brandamente, não nos aparecem de longe senão confusos e como uma brancura imóvel sobre a colina verde. O mesmo sucede quando as legiões numerosas enchem com suas evoluções o campo de Marte e nos apresentam uma imagem da guerra, quando o brilho das armas se eleva até o céu e toda a terra à volta resplandece com o bronze e se levanta sob os pés dos homens o rumor que vem da sua força, e os montes feridos pelos gritos lançam o eco para os astros celestes, e caracolam cavaleiros, e de repente, com valente impulso, atravessam, abalando-o, o campo: há, apesar de tudo, um lugar nos altos montes onde parecem estar firmes e haver apenas um brilho, imóvel sobre os campos.

E agora, vais ficar a saber[24] de que natureza são os elementos das coisas e como são diferentes em forma, e que variedade têm suas múltiplas figuras: não porque haja poucos que têm forma semelhante, mas porque em geral não são todos iguais. E não há que estranhar: a massa deles é de tal ordem que não tem, como disse, nem termo nem total e, por conseguinte, são indubitavelmente de aspecto desigual e de forma diferente.

Depois, quanto ao gênero humano, e aos bandos escamosos, mudos e nadantes, e aos grandes rebanhos, e aos animais silvestres, e às aves variegadas, tanto as que povoam os alegres lugares à borda da água, margens dos rios, fontes e lagos, como os que percorrem, voando, os espessos bosques, toma a espécie que quiseres e verás que, apesar de tudo, diferem uns dos outros pela forma. Doutro modo, não poderia o filho reconhecer a mãe, nem a mãe poderia reconhecer o filho; ora, vemos que podem e que se conhecem tão bem como os homens entre si.

Muitas vezes, diante dos adornados templos de deuses, perto dos turícremos altares, cai sacrificado um vitelo. A mãe desolada percorre os verdes pastos, procura

[24] *Lucrécio consagra um grande número de versos a descrever as várias formas (hipotéticas) de átomos, de maneira a explicar as diversas formas e propriedades dos corpos. Não parece haver aqui apenas o interesse do filósofo, embora tudo quanto diga respeito aos átomos seja basilar para a física de Epicuro; o interesse do poeta deve andar a par com o do pensador, se é que o não ultrapassa: a capacidade de expressão do concreto de que Lucrécio dá provas a cada passo e o seu gosto, o seu amor, a sua avidez do fenômeno, devem-no ter levado em grande parte à acumulação de exemplos e descrições de todo este passo.*

as pegadas impressas no chão pelos cascos fendidos, fixando os olhos em todos os lugares, a ver se pode encontrar o filho perdido e, parando, enche de queixas o bosque frondoso e volta de novo para o estábulo varada de saudades pelo filho. Nem os tenros salgueiros, nem as ervas refrescadas pelo orvalho nem os rios correndo cheios de bordo a bordo podem distrair-lhe o ânimo e afastar o súbito cuidado; a vista de outros vitelos que andam pelos pastos abundantes não pode também distrair-lhe o ânimo e aliviá-la da sua dor: tanto é certo que procura alguma coisa que lhe é própria e conhecida.

Além disto, os tenros cabritos de voz trêmula conhecem as cornígeras mães, e os lépidos cordeiros o balido das ovelhas: cada qual, obedecendo à natureza, corre às tetas do leite que é seu.

Por fim, quanto ao grão de qualquer cereal, verás que, apesar das semelhanças que tem com os da mesma espécie, há sempre entre eles qualquer diferença de forma. Da mesma maneira, vemos as conchas colorirem o regaço da terra no lugar em que a água vem aplanar com suas brandas ondas a sedenta areia do litoral recurvo.

Por tudo isto, é fatal que de modo semelhante, e dado que são os elementos um produto da natureza e não fabricados pelo homem segundo um modelo determinado, voejem pelo espaço com forma diferente de um a outro.

É muito fácil explicar agora, de uma forma racional, de que modo o fogo dos raios é muito mais penetrante do que o nosso, aquele que sai das tochas terrestres. Pode-se dizer que o celeste fogo do raio, mais sutil, é composto de pequenos elementos e por isso atravessa poros por onde não passa este fogo nosso, nascido da lenha e produzido pela tocha.

Por outro lado, a luz passa pelo corno, mas a chuva é repelida por ele. Por que razão? Porque os elementos da luz são menores do que aqueles de que é formado o criador líquido das águas. E, embora vejamos o vinho correr rapidamente pelo filtro, tarda o preguiçoso azeite, ou porque os seus elementos são maiores ou porque são mais recurvos e mais implicados uns nos outros, de maneira

que não podem os germes, separando-se uns dos outros, passar um a um por cada poro.

A isto acresce que o mel e o leite passam na boca com uma sensação agradável para a língua; pelo contrário, a repugnante natureza do absinto e da bravia centáurea fazem retorcer o rosto com seu terrível sabor; vês, portanto, facilmente, que os corpos que podem impressionar agradavelmente o gosto se compõem de elementos lisos e redondos; os que aparecem como ásperos e amargos têm uma contextura de elementos em gancho: é esta a razão por que costumam despedaçar-nos as vias dos sentidos e exercem violência sobre os órgãos ao entrarem.

Enfim, todas as impressões boas e todas as impressões más para os sentidos são dessemelhantes entre si, e até, por formação, opostas; não julgues que o som desagradável e áspero da estridente serra se compõe de lisos elementos como a musical melodia que os citaristas com seus ágeis dedos despertam e modulam pelas cordas, não creias também que penetram no nariz dos homens elementos da mesma forma quando queimam cadáveres repugnantes e quando a cena foi há pouco regada com açafrão da Cilícia ou quando um altar exala os perfumes pânqueos; não atribuas também os mesmos elementos às cores agradáveis que apascentam os olhos e àquelas que os ferem e obrigam a chorar ou parecem, pelo seu mau aspecto, horrorosas e repulsivas. Tudo o que de qualquer modo é agradável aos sentidos não se forma sem que haja destes elementos lisos; tudo aquilo que é molesto e rude não aparece sem que haja alguma aspereza da matéria.

Há também alguns que se não podem supor inteiramente lisos nem de todo aduncos, com pontas recurvas, mas antes com pequenos ângulos um pouco salientes, de modo a poderem mais titilar do que ferir os sentidos: são desta espécie o tártaro e os sabores da mula.

Por fim, o cálido fogo e a gélida geada mordem os nossos sentidos, como a dente, mas de maneira diversa, conforme nos indica o tatear de cada uma. Porque o tato, o tato, ó sagrados, poderosos deuses!, é o sentido do corpo, quando nele se

insinua um objeto externo, ou quando o fere uma substância nascida no próprio corpo, ou quando lhe apraz o que sai no gerador ato de Vênus, ou quando, por um choque, se perturbam no próprio corpo os átomos e, batendo uns nos outros, nos confundem os sentidos: o que podes experimentar se bateres com tua própria mão em qualquer parte do corpo. É, portanto, necessário que as formas dos elementos difiram muito entre si para que possam produzir assim as várias sensações.

Finalmente, os corpos que parecem espessos e maciços devem ter fatalmente na sua composição maior número de elementos em gancho que formam entre si ramificações compactas. Nos desta espécie vem em primeiro lugar a pedra diamantina, que pode sustentar com a maior resistência todos os choques, e as valentes rochas, e as forças do resistente ferro, e o bronze que, resistindo, grita nas portas. Mas devem compor-se mais de elementos lisos e redondos os líquidos que têm uma constituição fluida: a semente da papoula absorve-se tão facilmente como água porque nada retém entre si os elementos esféricos e cada qual, quando impelido, logo rola e escapa.

Por fim, todos os corpos que vês dispersarem-se num momento, como por exemplo o fumo, as nuvens e as chamas, têm de se compor de elementos lisos e redondos, se não inteiramente, ao menos o bastante para que, encadeando-se, não embaracem o movimento: só assim podem ferir os corpos e penetrar nas pedras, sem que todavia fiquem presos entre si; poderemos assim reconhecer facilmente tudo o que é aplacado nos sentidos e constituído por elementos, não ligados entre si, mas agudos.

E não tens que te admirar ao veres corpos amargos, que são ao mesmo tempo fluidos, como, por exemplo, a água do mar: a parte que é fluida consta de elementos lisos e redondos, mas vão misturados elementos de dor, que são ásperos; todavia, não é necessário sempre que sejam aduncos; possivelmente são redondos e ao mesmo tempo ásperos, para que possam rolar e ferir-nos os sentidos.

Para que te convenças mais facilmente que é esta mistura de elementos rugosos e de lisos que dá o seu sabor amargo ao corpo de Netuno, há um processo

de separar e de ver isolada a parte doce, depois que, pela filtragem repetida através de terra, chega à cisterna e aí repousa: deixa em cima os elementos do infeto amargor, os quais, por serem ásperos, mais facilmente ficam presos à terra.

Como ensinei isto,[25] vou agora juntar uma coisa que dela depende e que é boa para demonstrar que os elementos dos corpos variam de forma segundo um modo finito. Se não fosse assim, deveria haver certos elementos de infinito tamanho, porque, dada a pequenez de todo o elemento, não podem variar muito as suas formas: põe que os elementos constam, nas suas partes mínimas, de três ou até um pouco mais: quer se coloquem em cima quer embaixo estas partes de um mesmo elemento, quer se lhes troque a direita com a esquerda, quer se experimentem outras combinações, qualquer que seja a ordem capaz de mudar o aspecto de todo o elemento, sempre resulta que, se por acaso se quiserem variar as formas, se têm de juntar outras partes; e, de forma idêntica, conclui-se que se se quiser variar ainda as formas ter-se-á de, por nova combinação, buscar outras partes; portanto, as formas novas implicam um aumento de volume, Não há, pois, forma de se crer que possa ser infinita a variedade de formas dos elementos, a não ser que se admita uma grandeza monstruosa, o que, como já demonstrei, é impossível aceitar.

Depois, as barbáricas vestes, a resplandecente púrpura melíbea tingida pela cor das conchas, o esplendor dourado dos pavões impregnados de ridente graça, cairiam superados por novos coloridos; desprezar-se-ia o perfume da mirra e o sabor do mele, pelo mesmo motivo, calar-se-iam, opressos, os cantos do cisne e, nas cordas, as harmoniosas, fébeas melodias: ante cada valor se levantaria um mais alto valor.

Por outro lado, tudo poderia também ir de mal a pior, exatamente como vimos quanto às melhores: haveria para o nariz, os ouvidos, os olhos e o paladar sensações cada vez mais desagradáveis. Mas, como não sucede assim, como tudo

[25] *A idéia de que a variedade dos átomos não é infinita vem naturalmente de Epicuro, mas o filósofo grego acrescentava que ela é em todo caso incalculável para a mentalidade humana. O argumento apresentado por Lucrécio de que, se a variedade fosse infinita, acabaria por haver átomos extremamente grandes, é interessante, quando se compara com o que ensina a atomística atual: com efeito, se concebêssemos um infinito regresso no número das camadas eletrônicas, acabaríamos por ter os átomos de que fala Lucrécio; a sua pequenez, a sua invisibilidade, garantem um número finito de variedades.*

aparece encerrado dentro de certos limites, é forçoso confessar que a matéria só difere, quanto à forma, em termos limitados; desde o fogo às gélidas geadas há um caminho limitado, e a mesma medida se tem de contar em sentido inverso.

Com efeito, todo o calor e todo o frio, e todas as temperaturas médias ficam entre os dois extremos e formam, ordenados, um conjunto. Portanto, tudo o que foi criado difere dentro de certos limites: de um lado e de outro os contêm duas pontas, como de espadas: as chamas e a geada que as regela.

Como ensinei isto, vou agora[26] juntar uma coisa que dela depende e que é boa para demonstrar que os elementos dos corpos que têm a mesma forma são em número infinito. Com efeito, como a variedade de formas é finita, é força que sejam infinitos os elementos semelhantes, e que seja limitada a massa da matéria: ora, já provei que isto não é assim, mostrando em meus versos que os corpúsculos de matéria, vindos do infinito, sempre mantêm o total pelo choque que provocam de todos os lados.

Talvez o fato de veres que há seres vivos raros te leve a supor neles uma natureza menos fecunda: mas pode ser que noutra região e em terras remotas haja muitos dessa espécie e por aí se complete o número; o que, entre quadrúpedes, sucede principalmente com os elefantes de tromba serpentina, de que há na índia tantos milhares que é possível se levantarem muralhas de marfim que vedem o acesso: tão grande é a quantidade destes animais bravios de que nós vemos pouquíssimos exemplares.

Mas, para te ceder também nisto, embora houvesse uma coisa única, que fosse só ela a existir tal qual é e a que não houvesse igual em todo o orbe das terras, se não existisse uma força de matéria donde pudesse ser concebida a criação, não poderia ter surgido, nem depois crescer e se nutrir.

Supondo mesmo que houvesse no total dos elementos os germes limitados de um só corpo, onde, quando e por que força e de que modo se poderiam juntar

---

[26] *Lucrécio, que expusera a idéia de um número infinito de átomos, propõe também a de um número infinito de átomos de formas idênticas, dentro do infinito, digamos total, de tal maneira que se poderia natural-mente fazer corresponder a cada átomo deste conjunto um átomo do conjunto de átomos idênticos. Uma reflexão da mesma natureza pôs Cantor na pista de uma das mais notáveis criações da matemática moderna (teoria dos conjuntos).*

através do vasto oceano da matéria, através de turba tão alheia? Não têm, creio eu, possibilidade de se reunir.

Assim como é costume, depois de naufrágios grandes e pequenos, lançar ao imenso mar, por um lado e outro, barcos, cascos, vergas, proas, mastros, remos flutuantes e arremessar a todas as praias os cavernames, para que os vejam os mortais e daí tirem lição, de modo a evitarem as insídias do pérfido mar, e a sua violência e os seus enganos, e não acreditarem nele em tempo algum, mesmo quando sorri o falaz convite do plácido mar, assim também, se aceitares que é limitado o número de certos elementos, deverão eles, dispersos por todo o tempo, ser atirados em várias direções pelas marés diversas da matéria, sem que jamais possam ser impelidos a juntar-se, a reunir-se, nem fiquem em grupo nem, crescendo, se desenvolvam. Ora, a realidade mostra claramente que uma e outra coisa acontecem, que os corpos se criam e podem crescer depois de criados. Há, portanto, em cada espécie, infinitos elementos que chegam para tudo.

E, assim, também os movimentos de destruição não podem vencer para sempre, nem sepultar a vida para a eternidade, exatamente como os movimentos que produzem e aumentam os corpos não conseguem assegurar para sempre as suas criações.

Deste modo se vai travando o combate dos princípios, numa guerra desencadeada desde tempos infinitos. Ora, num ponto ou noutro vencem as forças vitais e são vencidas depois; misturam-se com os lamentos funerários os vagidos que soltam os meninos ao verem as regiões da luz; nenhuma noite se tem seguido a nenhum dia, nenhum dia se tem seguido a qualquer noite, sem que se tenham ouvido misturados aos vagidos dolorosos os choros que são companheiros da morte e dos negros funerais.

Há também nisto alguma coisa que é conveniente manteres bem firme e confiada à memória do espírito: nada existe, naquilo cuja natureza é visível a nossos olhos, que se componha duma só espécie de elementos, e também nada existe que não seja constituído por germes misturados; e quanto mais propriedades tem um

corpo, quanto mais possibilidades nele se encontram, também mais claramente demonstra que contém vários gêneros e várias formas de elementos.

Primeiro, contém a terra em si os corpos elementares donde as fontes, volvendo as frescas águas, vão renovar continuamente os mares e também os elementos de que se originam os fogos. Em muitos lugares da Terra o solo ardendo se incendeia e no ímpeto se enfurecem suas chamas que vêm do profundo.

Tem igualmente aqueles com que faz crescer para a humanidade as brilhantes searas e as árvores vigorosas e os que lhe permitem apresentar rios, frondes e pastos abundantes aos animais errantes pelos montes. Por isso lhe deram ao mesmo tempo o nome de grande mãe dos deuses, de mãe dos animais bravios e de geradora do nosso corpo.

A ela cantaram os doutos poetas gregos[27] *(Lacuna)* saindo do templo e incitando os dois leões atrelados ao carro; queriam dizer com isto que a grande Terra está suspensa no espaço e que não há terra em que a Terra se possa apoiar. Juntaram-lhe as feras porque toda a descendência, por mais brava que seja, se deve abrandar vencida pelos benefícios dos pais. Cingiram-lhe a cabeça com uma coroa de muralhas porque ela sustenta e defende as cidades em lugares escolhidos. E é ainda com estas insígnias que a imagem da mãe divina é levada pelas terras, no meio de um respeitoso temor.

Vários povos, segundo os antigos costumes sacros, chamam-lhe Mãe do Ida e dão-lhe por' guarda bandos frígios porque, segundo dizem, foi desta região que se espalharam pelo orbe da terra as produções das searas. Juntam-lhes eunucos, porque querem mostrar que todos aqueles que violarem a divindade da Mãe e se mostrarem ingratos a seus progenitores devem ser considerados indignos de trazer à luz da vida qualquer posteridade.

---

[27] *O quadro da Terra adorada pelos homens como deusa é evidentemente um pouco estranho, sobretudo pela sua extensão, dentro do ritmo filosófico e, quanto possível, de especulação em que o poema se desenvolve; trata-se, de fato, de um excurso um pouco à maneira da escola alexandrina, que se aclimataria em Roma com a poesia de Catulo e dos poetae novi; o gosto pelos efeitos musicais das palavras, a demora nos pormenores, o próprio assunto, aparentam todo este trecho com, por exemplo, as "Bodas de Tétis e Peleu" e "A Cabeleira de Berenice". Filosoficamente o ponto importante é aquele em que o poeta põe os deuses apenas como nomes de forças naturais; vai aqui ainda, segundo parece, mais longe do que a teodicéia tradicional da escola, a não ser que se interprete o passo como significando apenas que os homens usam os nomes dos deuses para os aplicar a fenômenos perfeitamente explicáveis por leis naturais; e é esta decerto a interpretação mais aceitável.*

Tocam tambores tensos, as mãos soam, à volta, côncavos címbalos, as tubas cantam roucas as suas ameaças, a oca flauta com seu ritmo frígio exalta os corações e vão os dardos como sinais de violento furor, para que aterrorizem os ânimos ingratos e os peitos infiéis do vulgo com o temor da poderosa deusa.

Logo que, levada através das grandes cidades, silenciosa, beneficia os mortais com sua calada proteção, os fiéis, com generosa oferta, juncam de bronze e prata todas as ruas que percorre e uma neve de rosas cobre a Mãe e os bandos que a acompanham. Grupos armados, Curetes Frígios, segundo o nome que lhes dão os gregos, vão lutando entre si, pulam em cadência, alegres como sangue, e sacudindo com os movimentos da cabeça os terríveis penachos fazem lembrar os Curetes Dícteos que, segundo se diz, disfarçaram outrora em Creta os vagidos de Júpiter, enquanto, à volta do menino, meninos armados, dançando ligeiro, tocavam com ritmo o bronze no bronze, para que Saturno o não apanhasse e não o passasse aos dentes, ferindo com ferida eterna o coração da Mãe. Por isso homens armados acompanham a Grande Mãe; ou talvez queiram antes dizer que a dança aconselha que defendamos com armas e *valor a terra pátria* e *sejamos nós a* guarda da honra de nossos pais.

No entanto, tudo isto, apesar de tão belo e tão bem imaginado, anda muito longe da verdade. Efetivamente, é fora de dúvida que os deuses, por sua própria natureza, gozam da eternidade com paz suprema e estão afastados e remotos de tudo o que se passa conosco. Sem dor nenhuma e sem nenhuns perigos, apoiados em seus próprios recursos, nada precisando de nós, não os impressionam os benefícios nem os atinge a ira.

Quanto à Terra, o que é certo é que está em todo o tempo privada de sensibilidade e só porque possui os elementos dos mesmos corpos os pode, de modos variados, trazer à luz do sol. Mas se alguém resolver chamar Netuno ao mar, e às searas, Ceres, e preferir abusar do nome de Baco a empregar o vocábulo próprio do vinho, concedamos-lhe também que possa dizer que o orbe das terras é

Mãe dos deuses, contanto que, na realidade, não manche o próprio espírito com torpes superstições.

É por este motivo que, embora pastem as ervas de um mesmo campo, vivam sob o mesmo céu e mitiguem a sede no mesmo curso de água, vivem com aspecto diferente as lanígeras ovelhas, e os belicosos filhos dos cavalos e as manadas de cornudos bois, conservando a natureza dos pais e reproduzindo os hábitos da sua espécie. Tão grande é a diferença da matéria em qualquer espécie de erva, tão grande também o é num rio!

Em seguida toma na totalidade um animal qualquer: ossos, sangue, veias, calor, líquido, vísceras, nervos concorrem na sua formação; todos corpos que são muito diferentes e feitos de elementos de formas dessemelhantes.

Igualmente, tudo aquilo que arde no fogo tem em si, pelo menos, os elementos donde pode lançar lume, produzir luz, espalhar centelhas e dispersar ao longe as cinzas.

Passando em revista os outros corpos com a mesma disposição de espírito, encontrarás que se ocultam nas suas substâncias os elementos de muitas coisas, que encerram germes de formas variadas. Finalmente, vês numerosos corpos que têm ao mesmo tempo cor, sabor e cheiro: primeiro, as dádivas. . .

(Lacuna)

Devem compor-se, por conseguinte, de elementos diversos quanto à forma; efetivamente o cheiro penetra por onde a cor não passa aos nossos órgãos; a cor tem seu caminho certo, e seu caminho certo para entrada nos sentidos tem o gosto: por aí verás que são diferentes os feitios dos elementos. Portanto, várias formas se juntam num mesmo todo e se compõem os elementos de germes misturados.

Também nos meus versos te aparecem por toda parte muitos elementos comuns a muitas palavras, embora se tenha de reconhecer que versos e palavras se compõem de elementos diversos; não porque tenham poucas letras comuns ou porque não haja duas palavras compostas pelas mesmas, mas porque em geral os conjuntos não são semelhantes.

O mesmo acontece com as outras coisas: embora lhe sejam comuns com muitos outros os elementos primordiais, todavia os conjuntos podem diferir muitíssimo entre si: pode-se dizer, com toda razão, que *têm* composição diferente a raça humana, as searas e as vigorosas árvores.

Não se deve, porém, aceitar que os elementos se possam juntar de todas as maneiras.[28] De outro modo, ver-se-ia por toda parte nascerem monstros, existirem espécies de homens semiferas, brotarem às vezes ramos de um corpo vivo, unirem-se membros de animais terrestres e marinhos e até apresentar a natureza, pelas terras de tudo produtoras, quimeras que exalassem chamas das tétricas goelas.

Ora, é manifesto que nada disto sucede, visto que todos os corpos criados a partir de germes determinados e de determinada mãe conservam, segundo vemos, ao crescer, os caracteres específicos. Claro que isto não pode acontecer sem lei definida: de todos os alimentos que entram no corpo, uns vão para os órgãos e aí se combinando produzem os convenientes movimentos; outros, que lhe são alheios, a natureza os devolve à terra, e muitos ainda, que nos são invisíveis, escapam sob o impulso de certos choques; são os que não se puderam combinar em parte alguma, nem se juntaram, para os reproduzir, aos movimentos vitais do interior.

Mas não vás julgar que só os animais são determinados por estas leis: o mesmo princípio a tudo põe suas marcas. Porquanto, assim como todas as coisas, por sua natureza, diferem entre si, assim também se deve compor cada uma de elementos diversos, não porque sejam poucas a terem as mesmas formas, mas porque em geral os conjuntos não são iguais. Como os germes são distintos, têm também de ser diferentes os intervalos, as trajetórias, as ligações, os pesos, os choques, os movimentos, os encontros, que não só diferenciam os seres vivos mas também distinguem as terras e o total do mar e separam das terras todo o céu.

---

[28] *Sendo os átomos em número infinito, havendo a declinação e sendo ilimitado o espaço, poder-se-ia pensar que as suas combinações seriam arbitrárias e em número infinito. Lucrecio desfaz o erro afirmando que a natureza não pode produzir monstros, o que inutiliza as pretensões supersticiosas da religião, e mostrando que, sendo os átomos finitos em variedade, não pode deixar de ter limites a variedade dos corpos que eles formam. No Livro IV e no Livro V Lucrecio volta a tratar do primeiro problema, afirmando que os monstros não podem existir por serem formados de elementos discordantes; tudo provém do encontro, em determinadas circunstâncias, dos simulacros de corpos que atingem os nossos órgãos dos sentidos.*

Agora, ouve o que tenho para dizer-te,[29] o que adquiri a preço de um agradável trabalho, para que não creias que os corpos brancos, de que os olhos contemplam o esplendor, se compõem de elementos brancos, e que os negros nasceram a partir de elementos negros: qualquer que seja a cor de que estejam impregnados os corpos, não creias nunca que vem tal fato de serem os elementos de matéria tintos de semelhante cor. Os elementos não têm cor nenhuma, nem semelhante à dos objetos, nem desigual.

Se te parece que elementos como estes não têm possibilidade de ser concebidos pelo espírito, muito erras; os que nasceram cegos, os que jamais viram a luz do sol, todavia conhecem pelo tato corpos que não têm, para ele, cor alguma; daqui se pode concluir que podem chegar a ser concebidos pela nossa mente corpos que não têm à volta cor nenhuma. Depois, nós mesmos, quando tatearmos um objeto nas obscuras trevas, não o sentimos tinto de qualquer cor.

Como demonstrei que isto se passa assim, vou agora mostrar que existe: *(Lacuna)* toda cor se pode transformar em outra qualquer, o que não é possível, de forma alguma, fazerem os corpos elementares. É preciso, com efeito, que fique alguma coisa de estável para que não seja tudo reduzido inteiramente ao nada. Tudo aquilo que, transformando-se, sai de seus limites, produz logo a morte do que antes foi. Cuidado, portanto, não dês cores aos elementos dos corpos: todas as coisas te voltariam inteiramente ao nada.

Além disso, se, por natureza, não têm os primórdios cor nenhuma e apresentam várias formas de que tiram e variam toda a espécie de cores, tendo grande importância as combinações dos elementos, a posição relativa em que se encontram, e os movimentos que imprimem e recebem, é muito fácil agora explicar racionalmente por que motivo o que anteriormente foi de cor negra pode de repente adquirir uma brancura marmórea, como, por exemplo, o mar quando os

[29] *A afirmação de que os átomos não têm cor própria vem de Epicuro, que acrescentava mudar-se-lhes a cor sempre que mudavam de posição; não temos, no entanto, nenhum pormenor quanto ao mecanismo exato do processo. Como se sabe, também a física atual tem o átomo por incolor. As razões são, naturalmente, muito diferentes das de Epicuro, que também, como o expõe Lucrecio pouco adiante, fazia os seus átomos sem calor nem frio, sem som, sem cheiro nem gosto algum. Poderia dizer-se que o mundo de Epicuro é realmente o mundo onde só o movimento existe; o que é, de certo modo, a visão da atomística atual, apenas com o movimento num contínuo a quatro e não a três dimensões. Tal idéia do Universo, a única que é compatível com a verdadeira experiência, traz consigo graves dificuldades para uma doutrina de caráter materialista; Epicuro manteve-se na sua posição, mas a ciência moderna caminha rapidamente para uma concepção não-materialista do Universo: o que não quer dizer mística ou sobrenaturalista, como se tem pretendido.*

grandes ventos lhe revolvem a superfície e o transformam em ondas com esplendores de mármore.

Bastará dizer que o que comumente vemos preto, desde que se produz uma mistura na sua substância, uma mudança de seus elementos, qualquer adição ou qualquer diminuição, sucede imediatamente que nos pareça um branco brilhante. Se as ondas do mar se compusessem de elementos de cor azul, seria impossível que se tornassem brancas. Com efeito, de qualquer modo que se turvem os elementos de cor azul, jamais poderão passar à brancura do mármore.

Se, porém, são elementos tingidos de cores diferentes que produzem a cor crua e pura do mar, do mesmo modo que de figuras diferentes e de formas várias se pode realizar uma única figura, por exemplo, um quadrado, era de concluir que, assim como no quadrado vemos as diversas figuras, assim pudemos ver na água do mar ou em qualquer outra cor igualmente crua e pura as cores que seriam entre si diferentes e desiguais. Além de tudo, as figuras diferentes em nada impedem que o quadrado exista em todo o contorno exterior, ao passo que as várias cores dos objetos obstariam a que a cor do conjunto fosse una e a mesma.

Portanto, o que nos leva e incita a que atribuamos, sem causa alguma, cores aos elementos das coisas cai por terra, porque os objetos brancos não se originam de elementos brancos, nem os negros se compõem de elementos negros, mas cada um deles de vários elementos. De fato, é muito mais natural que a cor branca nasça da ausência de qualquer cor do que da negra ou de outra cor que lute contra ela ou a ela se oponha.

Depois, como não podem existir cores sem luz alguma, e como os elementos das coisas não aparecem à luz, é evidente que não são os elementos revestidos de cor alguma. Realmente, como poderia haver qualquer cor nas trevas? A própria cor muda com a luz e doutro modo brilha, segundo a recebe direta ou oblíqua: é esta a maneira por que se vêem, ao sol, as penas que as pombas têm na cabeça e à volta do pescoço; umas vezes têm o vermelho vivo do rubi, outras, por uma impressão diferente, se misturam o azul e as verdes esmeraldas. Do mesmo modo a cauda do

pavão, quando se banha em plena luz, muda de cor segundo a exposição; como estas cores surgem de uma certa incidência da luz, é seguro que não se pode supor que doutra maneira pudessem surgir. E como há uma espécie de impressão na pupila quando se diz que se sente a cor branca, e depois outra quando se sente a cor negra e as restantes, como por outro lado, não importa, quanto aos objetos que se tocam, a cor de que estão revestidos, é evidente que não têm os contornos necessidade nenhuma de cor, e que só a sua variedade de formas produz as diferentes impressões.

Ainda mais: como não há correspondência fixa entre as formas e a natureza da cor e podem todas as formas de átomos ter uma cor qualquer, por que não hão de os corpos que eles formam estar igualmente revestidos de toda espécie de cores, qualquer que seja a sua espécie? Havia então de se ver corvos de brancas penas, passando com seu branco vôo, e nascerem cisnes negros de um germe negro, ou de qualquer outra cor, pura ou variada.

Depois, quanto mais se divide um corpo em partes diminutas tanto mais facilmente se pode ver que pouco a pouco se desvanece e se extingue a cor; é o que acontece quando o ouro se separa em partículas; e a púrpura e a escarlata, que é muito mais viva, todas se perdem quanto se desfazem fio a fio: daqui se pode concluir que as partículas se despojam de toda cor antes de chegarem a átomos.

Aceitarás, finalmente, existirem corpos que não dão nem som nem cheiro e por isso não atribuirás a todos sons e odores. Do mesmo modo, e porque não podemos ver tudo com os olhos, é lícito concluir que há corpos privados de cor como há os que estão desprovidos de qualquer cor ou cheiro; e qualquer espírito sagaz os pode conceber, exatamente como nota os que estão privados de outras qualidades.

Mas não deves julgar que os elementos só estão despojados de cor: também não possuem temperatura alguma, nem o tépido nem o frio nem o calor, e são estéreis de som e privados de sabor, e não lançam do corpo nenhum cheiro próprio. Quando se pretende preparar a delicada essência da manjerona, ou da

mirra, ou da flor do nardo, que néctar nos exala, o primeiro que se há de procurar, na medida em que é possível encontrá-lo, é um óleo inodoro que não lance qualquer cheiro ao nariz, de maneira a que os perfumes, misturados, cozidos com a sua substância, nada percam ao contato da sua acidez.

Assim também, pela mesma razão, devem os germes das coisas não levar qualquer odor ao que vai ser criado, nem som, porque nenhum podem emitir, nem por igual motivo qualquer sabor, nem frio nem calor nem tepidez nem coisa alguma. De resto, tudo o que é de natureza perecível, de substância branda e mole, frágil e friável, porosa e escavada, tudo tem de ser estranho aos elementos, desde que desejamos dar ao Universo fundamentos eternos em que se apóie toda a salvação: caso contrário todos os corpos voltariam inteiramente ao nada.

E agora, quanto aos corpos que vemos terem sensibilidade,[30] é necessário confessar que, no entanto, são compostos de princípios insensíveis; fatos que são manifestos e evidentes nem refutam esta idéia nem se levantam contra ela: como que nos levam pela mão e nos obrigam a aceitar que, segundo o que digo, podem seres vivos nascer de corpos insensíveis.

Com efeito, podemos ver[31] que existem vermes vivos a partir da infecta lama, quando a terra úmida ganhou podridão por causa das chuvas excessivas; de resto todos os corpos se transformam do mesmo modo. Os rios, as frondes e os pastos abundantes se transformam em gados, os gados passam a sua essência aos nossos corpos e muitas vezes do nosso corpo aumentam a força das feras e o corpo das aves de asas poderosas.

---

[30] *O ponto difícil para todo o materialismo, e quase diríamos também para todo sistema, mesmo dualista, que admita a matéria como realidade, é o da explicação dos fenômenos da sensibilidade, que vão desde o sinal mais elementar de vida até o conjunto dos processos do espírito. Lucrécio dá o primeiro passo afirmando que o vivo pode provir do não vivo, crença esta que encontramos até muito tarde na história da biologia e que hoje ganha novas possibilidades de discussão com a descoberta das proteínas-vírus; para Lucrécio, e para muitos dos que se lhe seguiram, a questão não se punha nos mesmos termos em que atualmente se coloca: o que se aceitava como fato averiguado era que o ser vivo provinha diretamente do não vivo, por exemplo, os vermes do lodo. O ser vivo seria, pois, a conseqüência, devida à modificação do ambiente, do meio, de uma nova estrutura de um certo conjunto de átomos; como se admitia simultaneamente que seres vivos provinham de seres vivos, o ser vivo ficava assim com uma dupla possibilidade de origem; mas o primeiro ponto era o importante, porque não obrigava, perante o fenômeno da vida, a abandonar a hipótese materialista.*

[31] *Paralelamente ao que acontece com o próprio ser vivo, a sensibilidade, para Lucrécio, nasce do que é insensível; se fosse doutro modo, teria de admitir sensibilidade nos átomos, o que não faria senão recuar o problema; a sensibilidade nasce, portanto, por um certo arranjo, por uma certa disposição dos átomos, e a sensação não é mais do que o resultado de um encontro de elementos materiais que vêm de fora com os elementos materiais que, formando os órgãos dos sentidos, são, como diz o poeta, guardas vigilantes do nosso corpo. A idéia de que a sensação seja um fato puramente psicológico ou uma interpretação de um sinal exterior não aparece, como é natural, no poema de Lucrécio.*

A natureza converte em corpos vivos todos os alimentos e daqui faz surgir os sentidos dos seres animados, mais ou menos da mesma maneira por que da lenha seca faz sair as chamas e tudo transforma em fogo. Vês agora que importância tem para os elementos das coisas a ordem em que estão colocados e, depois que se misturam, os movimentos que imprimem ou recebem?

Que é, então, que te fere o espírito e o abala e o leva a exprimir várias reflexões de modo a que não creias que do insensível possa surgir o sensível? Certamente o fato de que as pedras, a lenha e a terra, mesmo misturadas, não podem produzir a sensibilidade vital. Mas será bom lembrarmo-nos, quanto a este ponto, de que eu não disse que tudo pode surgir de todas as coisas, mesmo que, sejam quais forem os corpos que dão origem ao sensível, possa de todos eles sem restrição nascer a sensibilidade: é de grande importância, primeiro a pequena quantidade do que cria o sensível, depois a forma de que os elementos são dotados, finalmente os movimentos, as ordens, as posições. Ora, de tudo isto nada vemos na lenha e na terra: e, no entanto, estes materiais, quando estão como que putrefatos pelas chuvas, geram vermes, visto que os elementos, deslocados da ordem anterior pelo fenômeno novo, se dispõem de tal modo que têm de aparecer os seres vivos.

Depois, os que dizem que o sensível só pode vir do sensível, habituados a ter sensações por órgãos sensíveis, *(Lacuna)* concebem os elementos como moles: efetivamente a sensibilidade anda toda ligada a vísceras, nervos, veias, que vemos todos compostos de substância mole e perecível.

Aceitemos, no entanto, que possam subsistir eternamente: têm de possuir apenas sensibilidade parcial ou de serem inteiramente semelhantes a seres vivos. Mas é seguro que não podem as partes do corpo serem sensíveis por si próprias: todas as sensações dos membros vão a outros pontos; a mão separada de nós ou qualquer outra parte do corpo, quando isolada, não conservam sensibilidade alguma. Resta, portanto, assimilá-las a seres vivos inteiros. É necessário, então, que sintam o que nós sentimos, de maneira que possam, por todos os lados, cooperar na sensibilidade vital. Mas como hão de poder neste caso chamar-se elementos das

coisas e evitar os caminhos da morte, se são seres vivos e se vivo é, afinal, o mesmo que perecível?

Suponhamos, no entanto, que o podemos: pela sua reunião, pelo seu conjunto, nada mais fariam que uma multidão, uma turba de seres vivos, exatamente como homens, gados e animais bravios, quando juntos, não podem dar lugar a corpo algum. E se, por acaso, perdem a sua sensibilidade própria e adquirem outra, que necessidade houve de lhes dar o que depois se lhes tirou? Só resta o refugio de há pouco; vemos os ovos de aves transformarem-se em pintos vivos e referver de vermes a terra que apodreceu por causa das chuvas excessivas: é por conseguinte possível que o sensível nasça do que não tem sensibilidade.

Se acaso alguém disser que, pelo menos, para que o sensível nasça do insensível, é necessária uma certa sensibilidade, ou como que um parto por meio do qual venha à luz, bastará explicar-lhe e demonstrar que não há parto algum sem união prévia e que nada se transforma sem a existência de um conjunto.

Em primeiro lugar, é impossível haver sentidos, seja de que natureza forem, antes de ter sido gerado o próprio animal: a matéria mantém-se dispersa no ar, nos rios, na terra e no que nasce da terra, e não pode reunir-se de maneira a produzir a vida, com os movimentos convenientes, por meio dos quais se acendem os sentidos que em todo ser vivo tudo velam.

Depois, se um ser vivo recebe um choque demasiado violento e além do que suporta a sua natureza, abate-se de repente e ficam-lhe confundidas a sensibilidade de corpo e a do espírito. Com efeito, destroem-se as posições dos elementos e impedem-se profundamente os movimentos vitais, até que a matéria, abalada em todos os membros, desata os laços vitais que uniam a alma ao corpo e, desagregada, a lança fora por todos os poros. Que havemos nós de supor que pode fazer um tal golpe senão sacudir e dispersar tudo?

Pode acontecer também que, depois de um choque menos violento, os movimentos vitais que se conservam vençam muitas vezes, acalmem o tumulto do imenso golpe e façam voltar tudo aos caminhos naturais, repelindo o movimento

de morte, já quase dominante no corpo e reacendendo a sensibilidade quase perdida. Se fosse de outro modo, como poderia, já do próprio limiar da morte, voltar à vida, recobrando os sentidos, de preferência a continuar o caminho já quase no final e a ir-se de vez?

Além disso, visto haver dor quando os elementos da matéria, atraídos por qualquer força através das vísceras vivas e dos membros, se agitam dentro dos seus lugares próprios, e visto aparecer um doce prazer quando voltam à sua posição, é de concluir que não podem os elementos sentir dor alguma e também não podem receber gozo nenhum; efetivamente, não são compostos de elementos alguns cujo movimento lhes possa causar dor ou dar qualquer espécie de criador prazer. Não têm, por conseguinte, nenhuma sensibilidade.

Depois, se é necessário, para que os seres vivos possam ter sensações, que se atribua sensibilidade aos elementos que os constituem, de que elementos será então constituído o gênero humano? Sem dúvida riem, abalados por trêmulas gargalhadas, cobrem o rosto e as faces com o orvalho das lágrimas, sabem dissertar amplamente sobre a mistura de corpos e até investigam quanto aos elementos que os compõem a eles; como se assemelham inteiramente aos mortais, devem também constar de outros elementos, e esses de outros, de modo que se não ousará parar em parte alguma.

E não te largarei mais: tudo o que disseres que fala, ri e discreteia tem de ser formado de elementos que façam o mesmo; se considerarmos isto como delirante e louco e acharmos que pode rir quem não é constituído por elementos risonhos, e racionar-se e darem-se explicações em termos doutos sem haver elementos sabedores e eloqüentes, por que não poderiam os seres que vemos capazes de sensação ser compostos de elementos inteiramente privados de sensibilidade?

Realmente todos somos oriundos duma semente celeste; é pai de nós todos aqueles donde a terra nossa mãe criadora recebe as gotas de líquida chuva; assim fecundada, dá à luz as esplêndidas searas e as árvores vigorosas e a raça humana, dá à luz todas as gerações de animais bravios, visto que lhes apresenta os alimentos de

que se nutrem todos os corpos, passando uma doce vida e propagando a sua espécie; por isso bem merecidamente recebeu o nome de mãe.

E tudo o que saiu da terra à terra volta, tudo o que foi enviado das regiões do céu outra vez o recebem os espaços do céu. A morte não destrói os corpos a ponto de aniquilar os elementos da matéria: só lhes quebra a união. Depois combina-os de outro modo e faz que todas as coisas modifiquem as formas e mudem de cor e adquiram sensibilidade, manifestando-a logo; isto te fará ver de que importância são para os mesmos elementos as combinações e as posições que possam ter e os movimentos que entre si transmitam e recebam; não tomes, pois, como podendo residir nos elementos primordiais e eternos o que vemos flutuar à superfície das coisas e nascer por instantes e subitamente perecer.

Do mesmo modo é importante nestes meus versos a ligação de cada parte e a ordem por que vem colocada. Efetivamente, caracteres idênticos designam o mar, as terras, o céu, os rios e o sol e ainda as searas, as plantas e os animais; se nem todos são iguais, a grande maioria é muito semelhante; mas o significado difere devido à posição. De igual modo, se se trocam nos corpos as combinações, os movimentos, a ordem, as posições, as formas, também se muda o próprio corpo.

Dá agora atenção a razões verdadeiras:[32] uma coisa fortemente nova se prepara para te chegar aos ouvidos, um novo aspecto das coisas se te vai revelar. Mas nada há tão fácil que não pareça à primeira vista difícil de acreditar, e nada tão grande e tão admirável que todos não deixem de admirar a pouco e pouco.

Primeiro, a pura e clara cor do céu e tudo o que ele próprio em si mesmo encerra, os astros errantes por um e outro lado, e a lua, e o sol brilhando com preclaro esplendor; se tudo isto aparecesse agora pela primeira vez aos mortais, se de improviso se apresentasse diante deles, que se poderia dizer de mais admirável que tudo isto ou que menos ousariam os homens ter acreditado? Creio que nada; o

[32] *A nova verdade que Lucrécio anuncia e para que pede toda a atenção de Mêmio não é na realidade mais do que a extensão a uma escala universal da idéia de que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos; como o Universo é ilimitado e nele atuam, com os mesmos elementos, as mesmas causas, tem de se aceitar, segundo o poeta, que haja, não apenas um mundo, tal como o conhecemos, mas vários, idênticos ou semelhantes a ele; é a idéia que teve tantos defensores, que aparece, já com um nível literário e elegante em Fontenelle, e que pode ter um último eco nas fantasias astronômicas sobre os canais de Marte.*

espetáculo teria sido admirável. E agora, cansados, saciados de olhar, nem levantam os olhos aos celestes espaços luminosos.

Deixa, pois, só porque te sentes atemorizado pela novidade, de afastar do ânimo o que é racional: mas pesa tudo com mais agudo juízo e, se isto te parece verdadeiro, entrega as armas; se, porém, o vês falso, lança-te ao ataque. O espírito, realmente, procura pensar, visto haver um espaço infinito fora dos limites do mundo, que há então para além, lá onde a mente quereria investigar, lá onde o espírito se levanta num vôo livre e espontâneo.

Em primeiro lugar, não há para nós em parte alguma, nem de ambos os lados, nem de cima, nem de baixo, nenhuma espécie de limite; assim o demonstrei, assim o proclama a natureza por si própria a grandes brados, assim claro sai da natureza do vácuo: não é, portanto, verossímil, seja como for, que, abrindo-se por todos os lados o espaço sem barreiras, voando de mil maneiras, animadas de movimento eterno, partículas em número incontável, no total infinito, só tivesse sido criado este mundo e este céu e que todos os outros elementos, os de fora, permanecessem inativos, tanto mais que tudo se fez naturalmente: foi por eles próprios, espontaneamente, batendo ao acaso, que os elementos, depois de se terem unido de mil modos, mas em vão e inutilmente, formaram por fim as bases de que sairiam os princípios das grandes coisas, da terra, do mar, do céu, das espécies de seres vivos. É força, por conseguinte, confessares que existem outros agrupamentos de matéria semelhantes a este nosso, o qual o éter estreita em ávido abraço.

Depois, quando há, preparadas, grandes quantidades de matéria, quando está pronto o lugar, e não há para demora nem objeto, nem causa, é evidente que tudo tem de se arranjar e tomar forma. Ora, se há tão grande quantidade de elementos que não bastaria para os enumerar a vida inteira dos seres vivos, e subsistem a mesma força e a mesma natureza que podem, em todos os lugares, reuni-los do mesmo modo por que foram reunidos neste mundo, é força confessares que há

noutros pontos outras terras e várias raças de homens e várias gerações de bichos bravos.

Acresce a isto que nada há no Universo que seja único, que nasça isolado e só e isolado cresça: tudo pertence a qualquer geração e muitas são as da mesma espécie. Repara primeiro nos animais: verás que foi gerada assim a raça dos que erram pelos montes e a prole dos homens e, por fim, os mudos bichos escamosos e as diferentes espécies dos que voam.

Por isso se tem de aceitar que, de igual maneira, não são únicos nem a Terra nem o Sol nem a Lua nem o mar nem tudo o mais que existe: pelo contrário, são em quantidade inumerável; de fato, têm um termo de existência marcado tão Fixamente e compõem-se de elementos tão naturais como todas as espécies de coisas que por cá aparecem com toda abundância.

Se retiveres tudo isto,[33] já bem conhecido, logo a natureza te aparece como livre, isenta de senhores soberbos e realizando tudo espontaneamente, sem qualquer participação dos deuses. De fato — e pelo sagrado coração dos deuses, que em paz tranqüila passam um plácido tempo e uma vida serena! —, quem poderia ter mãos bastante firmes para manejar as fortes rédeas do infinito, quem poderia fazer girar harmoniosos todos os céus, aquecer com fogos etéreos todas as terras fertilizadas, em todos os lugares, em todos os tempos achar-se sempre pronto a fazer trevas com as nuvens, a abalar com o trovão os espaços serenos do céu, depois enviar os raios e abater muitas vezes o seu próprio templo, e, retirando-se para os desertos, lançar furiosamente o dardo que muitas vezes passa além dos maus e tira a vida aos que o não merecem, aos que não são culpados?

Depois do tempo em que surgiu o mundo, e do primeiro dia e do conjunto aparecimento do mar, da terra e do sol, vieram juntar-se-lhe do exterior muitos

---

[33] *A constância das leis naturais, que Lucrécio acaba de demonstrar, ê, segundo sua opinião, o argumento mais forte a favor da tese de que os deuses não intervém no governo do mundo e passam o tempo na paz inalterável de uma contemplação bem-aventurada. E, assim como nada fizeram para que ele surgisse, também nada poderão fazer para lhe sustar a velhice e impedir a morte. Para Lucrécio, o mundo não é eterno, embora o seja o conjunto dos átomos que formam o Universo; o mundo — mar, terra, céus — é um corpo que nasceu como os outros, existe como os outros, e como os outros se há de dispersar, de modo a que os seus átomos possam entrar em novas formações. Segundo o que pensa, o mundo, por já dele se desprenderem mais elementos do que aqueles que a ele vêm, está numa fase de decadência, de fraqueza, como o prova o fato de criar com dificuldade animais pequenos quando já os criou de imenso corpo e o de a terra não produzir as opulentas searas de outros tempos. É uma idéia a que voltará no Livro V e que de certo modo se liga com a da Idade de Ouro e do presente envilecimento do homem.*

corpos, e também se juntaram à volta elementos que o grande todo, precipitando-os, para aí trouxe; com eles puderam aumentar o mar e as terras, aparecer o espaçoso palácio do céu elevando seus tetos longe das terras, e surgir o ar.

Efetivamente, de todas as partes donde vêm, são os elementos distribuídos pelos choques entre os corpos que lhes são próprios e todos se dirigem às suas espécies; a umidade vai para a umidade, a terra cresce com terrenos corpos, os fogos formam o fogo, o ar, o ar, até que a natureza criadora de todas as coisas a tudo leva até o extremo do seu crescimento, até o seu devido termo, o que acontece quando os elementos que penetram nas veias vitais não são mais do que aqueles que fluindo se retiram. É então que para tudo deve parar o tempo, é então que a natureza refreia em suas forças o crescimento.

Tudo o que vês aumentar com alegre crescimento e a pouco e pouco subir os degraus da idade adulta absorve mais corpos do que de si manda, enquanto o alimento se espalha com facilidade por todas as veias e os órgãos se não encontram tão distendidos que deixem escapar muitas coisas e façam gastar mais do que o tempo assimila. Tem de se aceitar que muitos corpos fluem e se retiram das coisas; mas devem chegar muitos mais, até que se atinja o cimo supremo do crescer. Depois, de partícula a partícula, a idade quebra as forças e o vigor adulto e desliza para a decadência.

De fato, quanto maior é um corpo depois de ter crescido, quanto mais vasto é, mais numerosos são os elementos que espalha e deixa escapar de si, e não é com facilidade que os alimentos se distribuem em todas as veias, nem bastam para compensar a torrente que escapa em largas ondas, para produzir a substância necessária. É, pois, natural que os corpos pereçam, uma vez que se rarefazem com esse fluxo, e sucumbem de todos os lados aos choques externos; pois o alimento acaba por faltar numa idade avançada e pelos choques repetidos dos elementos de fora, que, batendo sempre, não deixam de consumir os corpos e de dominar-lhes a resistência pelos seus choques.

Por conseguinte, assim também as muralhas à volta do grande mundo, tomadas de assalto, cairão em ruínas e em desfeitos escombros: efetivamente, o alimento tem de, renovando-os, reparar todos os corpos, o alimento tem de os escorar, o alimento tem de os sustentar: mas as veias não admitem a quantidade suficiente, nem ministra a natureza o que seria necessário.

E já agora está o tempo sem forças, já a terra cansada mal cria os animais pequenos, ela que criou todas as espécies, e produziu, gerando-os, os corpos enormes dos animais bravios. Realmente, creio que as espécies mortais não desceram de lá de cima do céu, por meio de cordas, a campos de ouro, nem as criaram o mar e as ondas que batem nos rochedos: gerou-as a própria terra, que as alimenta agora com seu corpo.

Além de tudo, foi ela quem primeiro, espontaneamente, criou para os mortais as luzentes searas e os vinhedos pingues, foi ela quem produziu os frutos saborosos e os abundantes pastos: e tudo isto cresce mal, apesar dos nossos trabalhos, em que esgotamos os bois e as forças dos lavradores. Gastamos o ferro, e o campo mal recompensa, tanto é avaro dos frutos, tão grande é o esforço que ele exige.

Já, abanando a cabeça, suspira mais freqüentemente o lavrador de idade, ao ver que foi em vão todo o seu grande trabalho; e, ao comparar os tempos presentes com os tempos passados, louva muitas vezes a sorte de seu pai.

Do mesmo modo, o triste plantador de uma vinha hoje velha e enfezada acusa a ação do tempo, queixa-se repetidamente da sua geração e resmunga que os homens antigos, cheios de piedade, passavam uma vida fácil num pequeno campo, quando era menor a quantidade de terra que cabia a cada um: e não vê que tudo se enfraquece a pouco e pouco e se dirige para o esquife, fatigado pelo decrépito tempo da idade.

LIVRO III

Ó tu que primeiro pudeste,[34] de tão grandes trevas, fazer sair um tão claro esplendor, esclarecendo-nos sobre os bens da vida, a ti eu sigo, ó glória do povo grego, e ponho agora meus pés sobre os sinais deixados pelos teus, não por qualquer desejo de rivalizar contigo, mas porque por amor me lanço a imitar-te. De fato, como poderia a andorinha bater-se com o cisne, que poderiam fazer de semelhante em carreira os cabritos de trêmulos membros e os fortes, vigorosos cavalos? Tu, ó pai, és o descobridor da verdade, tu me ofereces lições paternais, e é nos teus livros que nós, semelhantes às abelhas que nos prados floridos tudo libam, vamos de igual modo recolhendo as palavras de ouro, de ouro mesmo, as mais dignas que houve desde que o tempo é tempo.

Logo que a tua doutrina, obra de um gênio divino, começa a proclamar a natureza das coisas, dispersam-se os terrores do ânimo, apartam-se as muralhas do mundo, e vejo como tudo se faz pelo espaço inteiro. Aparece o poder divino e as mansões tranqüilas que nem os ventos abalam, nem as nuvens regam com suas chuvas, nem a branca neve, reunida pelo frio agudo, profana, caindo, e que um límpido céu sempre protege e que sempre riem na luz largamente difundida. Tudo lhes fornece a natureza, nada lhes toca em tempo algum a paz da alma. E, pelo contrário, jamais aparecem as regiões do Aqueronte, e a Terra não impede que se veja tudo o que, sob nossos pés, sucede nos espaços vazios; perante tudo isto me tomam divina volúpia e temeroso respeito, pelo fato de a natureza, descoberta pelo teu gênio, assim se ter manifestado abertamente em completa nudez.

Ora, depois de te ter ensinado[35] quais são os princípios de todas as coisas e como, tão diferentes pela variedade de formas, espontaneamente voam, tomados

---

[34] *Neste começo do Livro III como que se fundem a invocação a Vênus do Livro I e o elogio da filosofia no início do Livro II: Epicuro, pela sua penetração filosófica, pelo vigor do pensamento e pela coragem de atuar contra a falsidade, passou ao lugar de deus e só ele pode ser o guia do poeta, no seu empreendimento de principiar a exposição das leis da natureza. O ponto mais importante da invocação a Epicuro é decerto a insistência em que o estudo da filosofia permitirá ao homem ver-se livre de todos os terrores que lhe oprimiam a vida e levar uma existência semelhante à dos deuses, mas à dos deuses segundo a concepção epicurista.*

[35] *Como fizera no Livro II, anunciando que trataria do movimento dos átomos, suas causas e efeitos, Lucrécio expõe o argumento do Livro III: vai explicar a natureza da alma, não como objetivo de puro conhecimento, como já era de esperar, mas para mostrar como são vãos todos os terrores que se possam ter da morte. Lucrécio considera que o terror da morte é muitas vezes a causa dos males da vida; de certo modo, a sua filosofia seria uma meditação sobre a morte, não no sentido de uma preparação, visto que a morte nada é. mas no sentido de tal verdade aparecer claramente aos espíritos e de dissiparem todos os temores. É ao terror da morte que Lucrécio atribui o amor à riqueza, a*

num eterno movimento, e de que modo se podem gerar, a partir deles, todas as coisas, parece que a seguir devo pôr claro nestes meus versos a natureza do espírito e da alma, expulsando, derrubando aquele medo do Aqueronte que perturba desde os fundamentos, intimamente, a vida humana, tudo penetra da cor da morte e não deixa prazer algum límpido e puro.

É certo que muitas vezes dizem os homens que mais se deve temer doença e desonra do que o abismo da morte, e que sabem que a natureza do espírito é a do sangue, ou até a do vento, se a tanto os leva a fantasia, e que, portanto, para nada precisam da nossa doutrina: mas é bom que vejas, pelo que segue, que se trata mais de jactância e de fanfarronice do que de qualquer real fundamento.

Eles mesmos expulsos da pátria, banidos para longe da vista dos homens, manchados por um crime vergonhoso, afetados até por todas as desgraças, continuam a viver, e em toda parte aonde chegam sacrificam aos mortos, imolam reses negras e fazem oferendas aos deuses manes, e. por se verem em dificuldades, mais vivamente se voltam para a religião. É por isso que é conveniente observar os homens nos perigos e nas provas, e conhecer na adversidade aquilo que são; é nesses momentos que se lançam do íntimo do peito as palavras verdadeiras: arranca-se a máscara e surge a realidade.

Por fim, vêm a avareza e a cega cobiça das honras que obrigam os pobres homens a ultrapassar os limites do direito e até, cúmplices e servidores do crime, a esforçar-se de dia e de noite, com trabalho sem par, por atingir os cimos da riqueza: estas chagas da vida são criadas, em parte não pequena, pelo medo da morte.

Parece, efetivamente, a quase todos, que o vergonhoso desprezo e a dura pobreza estão longe de uma vida agradável e tranqüila e se encontram como que parados diante das portas da morte; por isso os homens, levados por um falso terror, querem fugir para longe, e aumentam então as suas riquezas com o sangue dos concidadãos, duplicam ávidos os bens, acumulando a morte sobre a morte;

---

ambição do poder e das honras; possivelmente Lucrécio pensa que tudo isso surge de uma vontade, consciente ou inconsciente, de se afirmar na vida, ou, então, de um meio de aturdimento que não deixe pensar no problema do fim.

cruelmente se alegram com o triste funeral de um irmão e odeiam e temem as mesas dos parentes.

De igual modo, é muitas vezes deste temor que nasce a macerante inveja: aos olhos deles é um poderoso, atrai outro as atenções, marchando entre honras esplendorosas, enquanto eles se queixam de andarem rolando na treva e na lama. Uns morrem por causa de estátuas e de glória do nome; e algumas vezes de tal maneira toma os homens por medo da morte, o ódio à vida e à luz que vêem, que a si próprios dão a morte com triste coração, esquecidos de que a fonte dos cuidados é esse mesmo terror, que é ele que dificulta a virtude, que é ele que rompe os vínculos da amizade: em resumo, persuade-os a derrubar a piedade.

Já muitas vezes os homens traíram a pátria e os pais queridos pelo desejo de evitar as regiões do Aqueronte. Exatamente como os meninos se aterrorizam e tudo receiam nas cerradas trevas, assim nós, à luz do dia, tememos coisas que em nada são mais temíveis do que aquelas de que os meninos se assustam nas trevas, julgando que vão realmente acontecer. É, portanto, necessário que venham dissipar este terror do espírito e esta escuridão, não os raios do sol, nem os dardos luminosos do dia, mas os fenômenos da natureza e a sua explicação.

Digo primeiro que o espírito, a que muitas vezes chamamos pensamento, e em que se colocam a ordem e o regimento da vida. é uma parte do homem, tal como as mãos, os pés e os olhos fazem parte do conjunto do ser vivo.

(Lacuna)

[Outros afirmam?] que a sensibilidade do espírito não esta localizada em lugar determinado, mas que é uma certa disposição vital do corpo, à qual os gregos chamam harmonia, alguma coisa que nos faz viver com sensibilidade, ao passo que o espírito não está localizado em parte alguma; de igual modo se diz que existe saúde do corpo, embora a saúde não seja parte do ser saudável.

Assim, não colocam a sensibilidade do espírito num lugar certo: e muito me parecem errar, desviando-se fortemente da verdade. Muitas vezes, o corpo que é exterior e visível está doente, embora haja alegria numa parte escondida; e, por

outro lado, acontece muitas vezes o inverso, quando alguém, infeliz no espírito, se sente bem disposto em todo o corpo, exatamente como um enfermo que tenha os pés doentes pode, no entanto, nada sofrer quanto à cabeça. Além de tudo, quando os membros estão entregues ao sono e todo o corpo jaz pesado e sem acordo, há todavia em nós alguma coisa que, durante esse tempo, se agita de mil modos e em si recebe todos os movimentos de alegria e os vãos cuidados do coração.

E agora poderás saber que a alma reside nos membros e que não é por meio da harmonia que tem o corpo a habitual sensibilidade: primeiro sucede que, embora perdida uma grande parte do corpo, todavia permanece em nossos membros a vida; e, no entanto, quando escapa um pouco de calor e um pouco de ar é expelido pela boca, logo ela abandona as veias e os ossos; daqui podes concluir que nem todos os elementos têm papel igual e igualmente nos garantem a segurança; mas são principalmente os elementos que são primordiais no vento e no cálido vapor que tratam de que a vida permaneça nos membros. Há, por conseguinte, no próprio corpo um calor e um vento vital que nos abandonam os membros moribundos.

Visto, portanto, que está descoberta a natureza do espírito[36] e é a alma como uma parte do homem, abandona esse termo de harmonia roubado pelos músicos lá do alto Helicão ou de qualquer outro sítio donde o trouxeram para o aplicar a uma coisa que ainda não tinha nome próprio; seja como for que o guardem eles: tu, escuta as minhas outras palavras.

Digo a seguir que o espírito e a alma[37] se mantêm ligados entre si e formam no conjunto uma só substância; mas o que domina no corpo todo, o que é, por assim dizer, a cabeça, é aquilo que nós chamamos a reflexão, o pensamento. E este está colocado na região média do peito. Aqui sobressaltam o pavor e o medo; é

---

[36] *Lucrécio rebela-se contra a idéia de que a alma seja, não uma parte do corpo, tão material como ele, embora mais sutil, mas uma "harmonia", alguma coisa que vem de órgãos materiais, como a música, sem que seja ela própria constituída de matéria; nesta última concepção, a alma seria de certo modo uma "forma" do corpo; mas admiti-lo seria admitir uma parte não material do mundo; daí a dureza de expressão de Lucrécio e de onde a onde um traço de sarcasmo.*

[37] *Lucrécio distingue entre o espírito e a alma, adotando uma concepção tripartida do homem que se manteve até muito tarde, e não só na filosofia grega, e que a filosofia possivelmente terá de considerar de novo, embora por aspectos muito diferentes daqueles que interessaram a Lucrécio. Para ele existe um espírito (animus), que é também pensamento, mente (mens) e a alma (anima); o espírito, concentrado num ponto, o meio do peito, poderíamos dizer, o coração, a alma dispersa por todo o corpo. Em termos mais ou menos atuais, o espírito de Lucrécio corresponde à noção de alma, a alma, à noção de fluido ou princípio vital de certas escolas de pensamento.*

neste lugar onde palpitam docemente as alegrias; aqui, portanto, estão o pensamento e o espírito.

A outra parte, a alma, disseminada por todo o corpo, obedece e move-se segundo a vontade e a impulsão do espírito. O espírito raciocina por si só e para si, consigo se alegra quando nada vem abalar a alma nem o corpo. E do mesmo modo que, sob o impulso da dor, podem sofrer em nós a cabeça ou o olho, e não padecemos com todo o corpo, assim também o espírito é algumas vezes o único a sofrer ou a revigorar-se de alegria, ao passo que a outra parte, a alma, não recebe pelos membros e pelos órgãos nenhuma impressão nova.

Mas, quando o espírito é abalado por um medo violento, vemos que toda a alma sente o mesmo pelos membros e que por todo o corpo aparecem suores e palidez, a língua se entaramela, a voz se prende, os olhos se obscurecem, os ouvidos ressoam, os membros desfalecem; finalmente, vemos que muitas vezes caem os homens pelo terror do espírito; qualquer um pode facilmente concluir daqui que a alma está ligada ao espírito e que ao ser percutida pela força do espírito por seu turno abala e fere o corpo.

Este mesmo raciocínio demonstra[38] que é corpórea a natureza do espírito e da alma: quando a vemos impelir os membros, arrebatar o corpo ao sono, demudar o rosto, reger e dirigir todo o corpo, como nada disto se pode fazer sem contato e como não há contato sem corpo, não é verdade que se tem de aceitar que o espírito e a alma são de natureza corpórea?

Além disto, vês que o espírito sofre com o corpo e com o corpo sente em nós; se a força horrível de um dardo penetrando em nós, dilacerando os ossos e os nervos, não suprime, no entanto, a vida, segue-se uma languidez, um cair no chão cheio de brandura e, já no chão, ura abalo que nasce do espírito e de quando em quando uma incerta vontade de se levantar. É, por conseqüência, necessário que

[38] *Tanto o espírito como a alma são de natureza material, e o grande argumento parece ser o da impossibilidade de explicar doutro modo o contato entre o corpo, de um lado, e o espírito e alma, do outro. E, como se sabe, a dificuldade de todos os sistemas dualistas; uma das formas de a resolver é o materialismo de Epicuro, adotado por Lucrécio; a outra é um monismo espiritualista. Lucrécio fala da influência do espírito e da alma sobre o corpo e da influência do corpo sobre o espírito e alma; mas não esquece também a ligação entre espírito e alma.*

seja corpórea a natureza da alma, visto que sofre com dardos, que são corpos, e com seus choques.

Continuarei agora expondo-te[39] de que matéria é formado este espírito e donde veio ele. Primeiro, digo que é perfeitamente sutil e constituído de elementos diminutos. Para que possas saber que isto é assim, basta que atentes neste ponto. Parece que nada sucede de maneira mais rápida do que aquilo que o espírito a si mesmo propõe e por si mesmo começa. O espírito, portanto, move-se, segundo parece, com maior celeridade do que qualquer corpo visível a nossos olhos.

Mas o que é tão móvel deve compor-se de corpos extremamente redondos e extremamente diminutos, de modo a poderem deslocar-se ao mais pequeno impulso que os abale. Efetivamente, se a água se agita e corre à mais pequena força, é porque é constituída de elementos pequenos e rolantes. Pelo contrário, é mais espessa a natureza do mel, o seu líquido mais preguiçoso, o seu movimento mais lento; toda a massa de matéria adere mais entre si, certamente porque não é formada por elementos tão lisos, tão sutis e tão redondos.

Um vento leve e lento pode colher e fazer que te caia do alto um grande número de sementes de papoula: mas nada pode contra um montão de pedras ou de espigas. Portanto, os corpos mais pequenos e mais lisos são por isso mesmo mais móveis; ao inverso, aqueles que se encontram mais pesados e mais ásperos são mais estáveis. Ora, como se verificou que a natureza do espírito é extremamente móvel, tem ele de se compor de elementos muito pequenos, lisos e redondos. Este conhecimento, meu caro, te aparecerá em muitos casos como engenhoso e útil.

Também este fato te mostra a natureza do espírito, a sua ligeira contextura, o pequeno espaço em que se conteria se pudesse condensar-se: logo que o seguro repouso da morte se apoderou do homem e se retira a natureza do ânimo e da

---

[39] *Quanto à constituição íntima do espírito, Lucrécio tira da mobilidade de quanto nele se passa a idéia de que deve ser formado de elementos extremamente pequenos e redondos; devem ser, além disso, em pequena quantidade, porquanto a exalação do espírito, pela morte, não produz qualquer alteração do peso do corpo nem a retirada da alma tem como resultado modificar-se a linha exterior dos órgãos e dos membros. Seria, no entanto, um erro supor que espírito e alma são compostos de uma só qualidade de elementos; a prova, neste caso, é ainda dada pela experiência: da boca dos moribundos solta-se um bafo misturado de calor; se há calor, há ar; teremos, portanto, o bafo (ar em movimento), o calor e o ar, três elementos, de átomos diferentes; simplesmente, nem ar nem calor nem bafo são bastante sutis para explicarem o pensamento: têm de se lhes acrescentar uma quarta substância a que se não dá nome algum, mas que é formada de átomos ainda mais lisos e mais pequenos, já no extremo limite de tais conceitos; é essa substância que constitui realmente o espírito e explica os fenômenos psicológicos.*

alma, verifica-se que nada se perdeu no total do corpo, nem quanto ao aspecto nem quanto ao peso: a morte deixa tudo, exceto a sensibilidade vital e o cálido vapor. É, portanto, necessário que toda a alma seja formada de elementos mínimos e distribuída pelas veias, pelos órgãos, pelos nervos, visto que, ao retirar-se inteiramente de todo o corpo, fica intata a linha exterior dos membros e nada se perdeu do peso.

O mesmo acontece quando se desvanece o perfume de Baco ou quando o hálito suave dum ungüento foge nos ares ou quando o sabor se retira de qualquer corpo; o objeto em si não fica por isso mais pequeno a nossos olhos, nem coisa alguma se lhe retira do peso, evidentemente porque numerosos e diminutos elementos constituem o sabor e o odor em toda a substância das coisas. Por conseguinte, e uma vez mais, a natureza do espírito e da alma só pode ser formada de elementos mais pequenos, visto que ao fugir não leva consigo peso algum.

Todavia, não devemos julgar que é simples essa natureza. Efetivamente, abandona os moribundos um sopro misturado de vapor: ora o vapor traz consigo ar e não há calor algum ao qual não esteja misturado ar; como a sua natureza é tênue, tem de se aceitar que se movam dentro dele muitos elementos de ar.

Já, portanto, se descobriu a tríplice natureza do espírito; mas ainda não bastam elas todas para criar a sensibilidade: o espírito não aceita que qualquer delas possa criar os movimentos sensitivos e tudo o que no espírito se revolve. É preciso, então, juntar-lhes uma quarta substância. Carece ela de qualquer nome: nada existe de mais móvel ou de mais tênue do que ela, nem formada de elementos mais pequenos e mais lisos; é ela que primeiro reparte pelos membros os movimentos sensitivos.

É ela de fato a primeira que se move, formada como é por elementos diminutos; depois o calor e o invisível poder do sopro recebem os movimentos e em seguida os recebe o ar; depois todos se movem, agita-se o sangue, tudo sentem os órgãos e por fim é comunicado aos ossos e às medulas ou o prazer ou um ardor contrário.

Mas não é impunemente que a dor pode penetrar até aí e derramar-se um agudo mal: tudo se perturba a tal ponto que falta lugar para a vida e fogem as partes da alma por todos os canais do corpo. Mas na maior parte das vezes a superfície do corpo é termo destes movimentos: por isso podem reter a vida.

Agora: de que maneira se misturam estes elementos, de que modo, ligando-se, exercem a sua ação — eis o que, apesar dos meus desejos, me impede de explicar a pobreza da língua pátria; no entanto, vou, como puder, tocar sumariamente os pontos principais.

De fato, os elementos destas substâncias entrecruzam os movimentos de tal modo que não se pode separar nenhuma nem há possibilidade de as localizar: ficam, pois, e sendo muitas, como as propriedades de um só corpo. Toda substância de qualquer órgão de um animal tem cheiro, calor, sabor: todavia, de todas estas qualidades se faz somente um corpo. Assim o calor, o ar, o invisível poder do sopro, criam, misturados, uma única substância e aquela força móvel que divide por elas o movimento que por si criou e que é a primeira origem dos movimentos sensitivos dos órgãos.

Esta última substância está profundamente escondida, dissimulada, e não há no nosso corpo nada que se encontre mais dentro do que ela: ela é por sua vez a própria alma de toda a alma. Assim como, nos nossos membros e por todo o corpo, estão misturados e ocultos a força do espírito e o poder da alma, visto serem formados de poucos e raros elementos, assim também esta força sem nome se esconde com seus minúsculos elementos e é ela própria, por assim dizer, a alma de toda a alma, e domina em todo o corpo.

É necessário, do mesmo modo, que o sopro, o ar e o calor misturados entre si existam em todo o corpo e que um ou outro domine ou esteja subordinado, de maneira que entre si constituam um conjunto: caso contrário, o calor e o sopro por um lado, por outro lado o poder do ar, destruiriam a sensibilidade e, desagregando-se, dispersariam tudo.

Com efeito, o espírito possui o calor, que recolhe quando referve em ira e faz brilhar os olhos com ardor agudo. Há também o sopro frio, companheiro do medo, que provoca o arrepio dos membros e abala o corpo. E há também aquela condição pacífica do ar que se mostra no peito tranqüilo e no sereno rosto. Existe, porém, mais calor naqueles que têm ardentes corações e cujo espírito iracundo facilmente ferve de ira.

Neste gênero vem em primeiro lugar a violenta força dos leões que muitas vezes, rugindo, rasgam o peito com o abalo e não podem conter no peito as ondas de cólera. É mais de sopro o frígido espírito dos veados e mais depressa lhes lança pelos órgãos gélidas auras que fazem aparecer nos membros um trêmulo movimento. A natureza dos bois vive mais de plácido ar; jamais os fachos da cólera a exasperam, jamais fumegam rodeando-a com as sombras da negra escuridão; também nunca fica entorpecida pelos gélidos dardos do pavor: está colocada a meio, entre os veados e os terríveis leões.

O mesmo acontece com a raça dos homens:[40] embora a educação dê a alguns uma uniforme polidez, todavia lhes deixa os antigos vestígios do caráter que tinha cada um; e não se deve supor que se pode arrancar o mal pela raiz; um corre mais facilmente para as iras furiosas, outro é atingido mais cedo pelo temor, um terceiro aceita as coisas com mais paciência do que devia.

É de necessidade que nos outros apareçam ainda muitas diferenças e que sejam vários os caracteres dos homens e os costumes que se lhes seguem; mas não posso agora expor as suas causas ocultas nem encontrar os nomes bastantes para todos os princípios de formas de que provém esta diferença das coisas: o que vejo poder afirmar-se neste ponto é serem tão pequenos os vestígios de caráter que se deixam, e que a razão não pode afastar de nós, que nada impede se passe uma vida digna dos deuses.

---

[40] *De um modo geral, os materialistas são pessimistas quanto à natureza humana. Para Lucrécio, a educação não consegue modificar os defeitos inerentes a cada qual; eles voltarão a revelar-se de cada vez que lhes for dada oportunidade conveniente. Pode dizer-se que nenhum pensador da Antigüidade considerou a educação como podendo modificar a natureza, o que tem sido por vezes a idéia de alguns pedagogos modernos; mas o que eles puseram como assente é que a natureza humana é em si própria boa e que os defeitos provêm apenas das condições gerais da vida (o problema da inclusão da estrutura biológica dos indivíduos entre estas as condições gerais nunca foi plenamente tratado). De resto, não havia em tudo isto senão crenças, inclinações pessoais ou considerações metafísicas; só no nosso tempo, a tese de uma bondade humana essencial recebeu o apoio de provas científicas com os estudos sobre os primitivos atuais.*

Portanto, esta substância é contida por todo o corpo, sendo ela própria a guarda e a causa da segurança do corpo; estão presos um ao outro por raízes comuns e é evidente que não se podem separar sem destruição. Assim como não é fácil arrancar o perfume aos grãos do incenso sem que pereça a sua substância, assim também não é fácil extrair de todo o corpo a substância do espírito e da alma sem que tudo se dissolva, de tal modo se implicaram os seus princípios desde a primeira origem e aparecem dotados de uma vida consorte. Parece que nenhum deles pode existir sem a força do outro, ou terem o corpo e a alma sensibilidade por si próprios. É pelos seus movimentos comuns que a sensibilidade se inflama e acende pelos nossos órgãos.

Além disso, o corpo não pode nascer nunca por si próprio, nem cresce nem parece durar depois da morte. Não é como a água que perde o vapor que lhe foi dado e nem por isso fica destruída, mas permanece intata: não é, digo eu, do mesmo modo que os órgãos podem suportar, abandonados, a retirada da alma: perecem profundamente abalados e em podridão se abatem. É assim que, desde os primeiros tempos, no próprio organismo e no ventre da mãe, os contatos mútuos, do corpo e da alma, aprendem os movimentos vitais, de maneira que a separação não se pode fazer sem desastre e sem mal; vês, portanto, que, se as suas existências estão ligadas na mesma segurança, é porque são idênticas quanto à sua substância.

Depois, se alguém negar a sensibilidade do corpo, e julgar que é a alma, espalhada por todo o corpo, que recebe este movimento a que chamamos sensibilidade, não há dúvida de que vai contra fatos manifestos e verdadeiros. Quem há de dar para o fato de o corpo sentir outra explicação que não seja a que a realidade nos deu e ensinou? E, quanto ao fato de que o corpo, saindo a alma, não tem mais sensibilidade, o que é certo é que perde o que, durante a vida, não era mesmo seu; e, quando sai da vida, perde ainda muitas outras coisas.

Dizer, por outro lado, que os olhos nada podem ver, e que por eles, como por uma porta aberta, o espírito contempla, é bem difícil; o próprio sentido da vista leva a outra idéia, leva a sensibilidade como por força às próprias pupilas,

sobretudo quando não podemos fitar um brilho forte por nos ferir a luz os olhos. O que não acontece com as portas: nunca um portal, por estar aberto e por nós olharmos, sofre qualquer incômodo. Por outro lado, se os nossos olhos são como portas, parece que o espírito devia ver melhor as coisas depois de lhos tirarem, como se suprimissem obstáculos.

Neste assunto, não podes de modo algum adotar a doutrina venerável do ilustre Demócrito,[41] a de que os elementos do corpo e do espírito se justapõem, alternando-se um a um, e assim entrelaçam os membros. Efetivamente, não só os elementos da alma são muito menores do que aqueles de que se compõem o corpo e os órgãos, como também são inferiores em número e se dispersam raros pelos membros; no entanto, pode admitir-se que os objetos mais pequenos que podem provocar nos nossos corpos movimentos sensíveis são do tamanho dos intervalos que têm entre si os elementos primordiais da alma.

De fato, algumas vezes não sentimos a aderência do pó, nem a greda que cai de lado sobre os membros, como não sentimos também o nevoeiro noturno nem a fina teia de aranha que esbarra conosco, quando nos enreda ao irmos caminhando, nem a antiga vestidura que nos lança sobre a cabeça, nem as plumas das aves, nem os cardos voadores que vão caindo com extrema leveza; não sentimos igualmente o choque dos pequenos animais, o tocar de cada um dos pés que nos põem no corpo os mosquitos e os outros insetos. Tanto se têm de agitar em nós antes que, abalados, os elementos da alma que se misturam no corpo aos membros possam, apesar dos intervalos, chocar-se uns com os outros, encontrar-se, unir-se e repelir-se alternadamente.

E é o espírito, mais do que a força de alma, que mantém fechadas as barreiras da vida e domina mais a própria vida. De fato, sem o pensamento e o ânimo, não pode ficar nos membros, mesmo por um tempo exíguo, qualquer parte

---

[41] *Segundo parece, porque o trecho de Lucrécio é o único que nos chegou às mãos sobre o assunto, Demócrito afirmara que o homem é formado de uma tessitura de átomos de corpo e de átomos de espírito, alternando-se um a um; Lucrécio, embora admita um contato muito íntimo e como que uma solidariedade entre corpo e espírito, refuta a opinião de Demócrito com dois argumentos, o de que os átomos do espírito são mais pequenos que os do corpo e o de que são em número menor. Este ponto de discordância, entre outros, mostra que os epicuristas não tinham adotado na sua totalidade a teoria de Demócrito; no fundo o que se tinha aceitado plenamente era a concepção atomística da matéria.*

da alma; logo segue facilmente na sua companhia e se dispersa pelos ares e abandona os gélidos membros no frio da morte.

Permanece, no entanto, na vida aquele a quem ficou o pensamento e o ânimo: ainda que seja em tronco mutilado, com todos os membros amputados, ainda que lhe tenha sido arrancada, suprimida dos membros a alma, vive e recebe as vitais auras etéreas.

Privado, não de toda a alma, pelo menos de uma parte, todavia se demora na vida e a ela se prende; de igual modo, se, dilacerado o olho, ficar incólume a pupila, permanece viva a possibilidade de ver, desde que não se ofenda todo o globo da vista ê se não corte à volta deixando-o isolado: o que não se faria sem destruir um e outro. Mas, se se ferir aquela pequena parte mediana do olho, logo se extingue a luz e se seguem as trevas, embora o resto do globo esteja intato e cheio de brilho. Tal é a lei que une para sempre o espírito e a alma.

E agora, para que possas saber[42] que nos seres vivos os espíritos e as ligeiras almas estão submetidos a nascimento e morte, continuarei a expor em versos dignos de ti o que adquiri e descobri por um trabalho contínuo e agradável. Tu, faze de maneira que juntes sob um só nome a substância de um e de outro e que entendas, quando falar de alma e ensinar que ela é mortal, que também me refiro ao espírito, visto que são um só todo, uma coisa conjunta.

Primeiro, mostrei que a alma é sutil, composta de elementos minúsculos, e que é feita de elementos muito mais pequenos do que o líquido fluido da água ou a névoa ou o fumo: está muito à frente pela mobilidade e mexe-se mais com choques leves, visto que a movem os simulacros do fumo e da névoa. Assim, nos sonhos, quando dormimos, vemos subir alto no ar o vapor dos altares e desprender-se o fumo; sem dúvida estes simulacros vêm para nós de longe.

---

[42] *Demonstrada a natureza material do espírito e da alma, e indicada a forma por que agem no corpo, passa Lucrécio a explicar que a morte os atinge a ambos exatamente como ao corpo e, para maior facilidade de raciocínio, passa a tomar espírito e alma como formando um todo. Para Lucrécio, a alma dissipa-se no ar e mistura-se com os átomos do ar, como acontece com o nevoeiro e os fumos, as substâncias que mais se lhe assemelham em estrutura; e dispersa-se sempre que o corpo morre, visto que lhe acompanha todas as fases da vida e está sujeita às mesmas doenças que o atingem. O mais curioso dos aspectos por que Lucrécio encara a questão é o da impossibilidade de corpo e alma não constituírem senão um todo. para os efeitos de vida; é um aspecto que, sob um ângulo mais largo, tem sido posto de parte em muita especulação filosófica e teológica.*

Ora, como se vê, sacudindo um vaso, correr a água por todos os lados e escapar o líquido, e dispersarem-se no ar a névoa e o fumo, acredita que também a alma se dissipa, que parece muito mais facilmente e mais depressa se dissolve nos elementos primordiais, uma vez que se retira, arrancada dos membros do homem. Porque se o corpo, que é como o vaso da alma, já a não pode conter quando abalado por alguma coisa ou rarefeito, ao retirar-se o sangue das veias, como se há de acreditar que a pode conter qualquer espécie de ar, que é de matéria menos aglomerada que o nosso corpo?

Além disto, sentimos que o espírito nasce juntamente com o corpo e cresce com ele e envelhece ao mesmo tempo. Assim como o menino é débil e pela fraqueza do corpo lhe é incerto o andar, assim o acompanha um pensamento sem consistência. Depois, quando a idade cresce com robustas forças, é também maior a inteligência e aumenta a força do espírito. Em seguida, quando o corpo é abalado pela força do tempo e declinam os órgãos pelo embotamento das forças, o engenho claudica, delira ao mesmo tempo. E, portanto, também admissível que toda a substância da alma se dissipa como o fumo nas aladas auras do ar, visto que a vemos nascer com o corpo, crescer ao mesmo tempo e, como disse, arruinar-se, cansada, pela mesma idade.

Acresce a isto que, segundo vemos, se o corpo contrai por sua parte grandes doenças e uma dor cruel, também o espírito tem cuidados agudos e desgostos e receios; é natural que também participe da morte.

Mesmo nas doenças de corpo, o espírito, desviando-se, muitas vezes vagueia; fica dementado e pronuncia coisas delirantes; às vezes é levado, por um pesado letargo, ao profundo, eterno sono e, de lá, os olhos fechados, pendente a cabeça, nem ouve as vozes, nem pode conhecer os rostos daqueles que estão à sua volta, chamando-o à vida, e inundando de lágrimas os rostos e as faces. É, portanto, necessário dizer que também o espírito se desagrega sempre que nele penetram os contágios da doença. A dor e a doença são ambas obreiras da morte, como já sabemos pelo desaparecimento de muitos.

Finalmente, por que motivo, quando a força de um vinho generoso penetrou num homem e o calor, dividindo-se, se espalhou pelas veias, se segue um peso nos membros, vacilam as pernas, inclinando-se, retarda-se a língua, perturba-se o espírito, nadam os olhos, aparecem gritos, soluços e provocações, todas as conseqüências desse gênero? Por que motivo vem isto, senão porque a veemente violência do vinho costuma perturbar a alma "dentro do próprio corpo? Ora, toda substância que pode ser perturbada e impedida declara por aí que, se nela se insinua alguma coisa de mais grave, perece e se priva do tempo futuro.

Também muitas vezes, tocado de súbito pela força da doença, cai alguém ante nossos olhos como fulminado por um raio, e espuma, geme, treme-lhe o corpo, delira, fica de nervos rígidos, torce-se, respira sem ritmo, e fatiga-se agitando os membros. É sem dúvida porque a alma, despedaçada nos órgãos pela força da doença, se perturba e provoca as espumas, como pela força violenta dos ventos as ondas se levantam no salgado mar.

Aparece também o gemido porque os membros são atacados pela dor e porque os elementos da voz são arremessados para fora e levados em bloco pela boca, caminho habitual e por assim dizer próprio. Há delírio porque se perturba a força do espírito e da alma e, como ensinei, porque se separam divididos e dispersos por aquele mesmo veneno. Depois, quando a causa da doença se retira e recolhe ao esconderijo o humor acre do corpo corrompido, então primeiro se levanta como vacilante e a pouco e pouco recobra todos os sentidos e recebe de novo a alma.

Visto que podem ser, no próprio corpo, agitados por tão grandes doenças e sofrer dilacerados de mísero modo, por que razão se há de acreditar que sem corpo podem passar a vida ao ar livre entre os ventos violentos?

Também, como vemos que o espírito se cura, tal como o corpo doente, e pode ser modificado pela medicina, há aqui indicação de que o espírito vive vida mortal. É preciso juntar partes ou transpor-lhes a ordem, ou retirar ao conjunto pelo menos um pouco, quer se procure e se pretenda transformar o espírito, quer

se busque modificar qualquer substância. Mas aquilo que é imortal não deixa que lhe troquem elementos ou lhe acrescentem alguma coisa ou lhe tirem seja o que for. Efetivamente, tudo aquilo que, mudando-se, sai de seus limites, significa logo a morte do que era dantes. Portanto, o espírito, ou pela doença ou por ser modificado pelo remédio, mostra caracteres mortais. De tal modo vem sempre a verdade ao encontro do falso raciocínio, e, impedindo-lhe a fuga, o demonstra falso por uma dupla refutação.

Por fim, vemos um homem ir-se pouco a pouco e perder a sensibilidade membro a membro: primeiro, tornam-se-lhe lívidos os dedos dos pés e as unhas, depois morrem os pés e as pernas, depois ainda vai pelas outras partes do corpo, lentamente, a passada da gélida morte. Como a substância da alma é também dividida e não escapa toda inteira em tempo algum, tem de ser tomada por mortal.

Se se imaginar por acaso que pode retirar-se para dentro através do corpo e levar a um só ponto os seus elementos, retirando assim a sensibilidade a todos os membros, então o lugar em que se encontrasse tão grande quantidade de alma devia aparecer com sensibilidade maior; como tal não se dá em parte alguma, é de força, como dissemos antes, que ela em pedaços se disperse fora e, portanto, morra. E mesmo se nos apetecesse aceitar o que é falso, conceder que a alma se pode concentrar no corpo daqueles que abandonam pouco a pouco a luz, todavia seria preciso aceitar que a alma é mortal, sem que importe se perece dispersa pelos ares ou se se embrutece contraída nas suas partes: efetivamente a sensibilidade abandona cada vez mais toda a pessoa e por toda parte lhe resta cada vez menos vida.

Como o espírito é uma parte do homem e está fixo num lugar certo, tal como estão os ouvidos e os olhos e os outros sentidos que governam a vida, e como as mãos, os olhos e o nariz não podem por si próprios, separados de nós, ter sensibilidade ou existir, mas em pouco tempo se corrompem em podridão, assim também a alma não pode existir por si só, sem o corpo e sem o próprio homem,

como se ele fosse o vaso que a contém, ou outra coisa qualquer que possas imaginar estreitamente ligada a ele, visto que adere ao corpo intimamente.

Enfim, o poder vivo do corpo e do espírito só tem vigor e desfruta da vida se é conjunto; sem o corpo, não pode por si só a substância do espírito produzir movimentos vitais, nem por outro lado pode o corpo privado de alma subsistir e usar a sensibilidade. Assim como o olho, arrancado das suas raízes, separado do resto do corpo, não pode por si só distinguir coisa alguma, assim também parece que a alma e o espírito nada podem por si. E nada há nisto de extraordinário, porque, misturados pelas veias e pela carne, pelos nervos e pelos ossos, são retidos por todo o corpo; não podem os elementos saltar livres a grandes distâncias e por isso, encerrados,- produzem os movimentos sensitivos que não podem produzir fora do corpo, depois da morte, lançados às auras do ar, visto já não serem retidos do mesmo modo.

De fato, o ar seria um corpo e até um ser vivo, se a alma pudesse dentro dele manter-se unida e nele encerrar os movimentos que anteriormente realizava nos nervos e no próprio corpo. Por isso, e ainda uma vez, tem de se confessar que, depois de disperso o invólucro corpóreo e de expelidos os sopros vitais, se dissolve a sensibilidade do espírito e da alma, visto que alma e corpo têm causas conjuntas.

Finalmente, como o corpo não pode suportar a partida da alma sem que apodreça com terrível cheiro, como se há de duvidar de que, tendo-se levantado do mais profundo e íntimo de nós, a força da alma não emane difusa como um fumo e por isso o corpo caia, transtornado por tão grande e putrefata ruína, visto lhe terem sido abalados os fundamentos mais profundos, quando a alma ao sair passou pelos membros, por todos os meandros dos caminhos que há no corpo e pelos poros? Podes assim conhecer de vários modos que a substância da alma, repartida, saiu pelos membros e que já se tinha despedaçado no próprio corpo antes de deslizar para fora e flutuar nas auras do ar.

E até mesmo, mantendo-se dentro dos limites da vida, mas abalada todavia por alguma causa, parece que a alma quer ir-se embora e soltar-se de todo o corpo;

e, como se fosse na hora suprema, o rosto enlanguesce, os membros moles como que se soltam do corpo exangue. Isto acontece quando alguém se sente mal ou perde os sentidos, quando já todos se agitam e procuram apertar o laço último da vida. Então, com efeito, abala-se o espírito e todo o poder da alma, e eles se abatem com o próprio corpo; um choque mais violento destruiria tudo.

Pode-se duvidar ainda de que, saída do corpo, fraca, ao ar livre, arrebatado o seu abrigo, não só não possa durar por toda a eternidade mas nem consiga sequer subsistir durante algum tempo? Não há nenhum moribundo que sinta sair a alma inteira de todo o corpo e ir primeiro à garganta e, mais acima, às goelas; desfalece, porém, no lugar certo em que está colocada; exatamente como se sabe que cada um dos outros sentidos se dissolve na sua sede. Ora, se o nosso espírito fosse imortal, não se queixaria de ao morrer se dispersar: antes seria como sair e abandonar o vestuário, à maneira da cobra.

Finalmente, por que razão a mente e o refletir nunca nascem na cabeça ou nos pés ou nas mãos, mas se fixam num só lugar e em certas regiões, se não é porque há lugares certos para que nasça cada coisa e aí possa permanecer depois de criada, ficando assim cada órgão repartido de maneira que nunca se possa inverter a ordem dos membros? A tal ponto se encadeiam os fenômenos! E também não é de hábito nascer uma chama nos rios ou surgir no fogo o gelo.

Além de tudo, se a natureza da alma é imortal e pode ter sensibilidade quando separada do nosso corpo, temos que a dotar, creio eu, de cinco sentidos. Não podemos imaginar de outro modo as almas dos infernos vagando pelo Aqueronte, e assim os pintores e as antigas gerações de escritores apresentaram as almas dotadas de sentidos. Mas por si só a alma não pode ter olhos, nariz, mãos, nem língua, nem ouvidos: por conseqüência, não pode por si própria sentir e existir.

E visto que sentimos que todo o nosso corpo é a sede da sensibilidade vital, que em toda parte a alma está difusa, se com golpe rápido uma força repentina vem a cortá-lo ao meio de modo a separá-lo em duas partes, é evidente que a alma

também será dividida e fendida, e como o corpo cairá em duas metades. Mas o que se fende e se divide num número qualquer de partes não pode, evidentemente, pretender a imortalidade.

Dizem que os carros de foices,[43] quentes da matança e em tumulto, cortam membros tão subitamente que se vê palpitar no chão o que caiu, cortado do corpo, enquanto o espírito e a sensibilidade do homem não podem dar pela dor, em virtude da rapidez do desastre. E, ao mesmo tempo, como o espírito está inteiramente entregue à animação do combate, o homem com o resto do corpo retoma a luta e lança-se à carnificina, nem sentindo que a mão esquerda lha levaram com o escudo por entre os cavalos, as rodas e as foices rapaces; outro não sente que lhe caiu a mão direita, quando ataca e persegue; outro tenta levantar-se sobre a perna que lhe arrancaram, enquanto, perto, no solo, o seu pé moribundo agita os dedos; uma cabeça cortada de um tronco quente e vivo conserva no solo um rosto animado e os olhos abertos, até entregar os últimos restos da alma.

Também, se quiseres, à serpente que de um lado vibra a língua e do outro ameaça com o corpo, cortar com um ferro em muitas partes, verás que tudo o que foi cortado com uma ferida recente se torce por si próprio e salpica a terra de veneno, e que a parte da frente procura com a boca a parte de trás para, ferida pela dor ardente, a apertar mordendo. Vamos então dizer que há almas inteiras em todas estas pequenas partes? Mas, por este raciocínio, a conclusão será que um só animal tinha no corpo muitas almas. Foi portanto dividida a que, juntamente com o corpo, formava uma unidade; têm de se considerar ambas mortais porque se podem dividir igualmente em muitas partes.

Depois, se a substância da alma é imortal,[44] e se se introduz no corpo ao nascer, por que razão não podemos lembrar-nos do tempo passado nem conservar qualquer vestígio do que foi feito? Efetivamente, se a tal ponto se transformaram as

---

[43] *Ao argumento de que, acompanhando a alma, o corpo em tudo deve igualmente acompanhá-lo na morte, junta-se agora o de que, sendo a alma divisível, não pode considerar-se imortal; para Lucrécio a divisibilidade da alma prova-se pelo fato de continuarem animadas partes do corpo separadas da estrutura principal.*

[44] *O terceiro argumento a favor da mortalidade da alma é o de que não existe lembrança da vida anterior; para outros pensadores gregos, anteriores a Epicuro, essa lembrança existia: era o fundamento, ou um dos fundamentos, da metafísica pitagórica e Sócrates ou Platão, com o nome de anamnes, puseram-na como fonte essencial do conhecimento.*

faculdades do espírito que tenha desaparecido toda a retentiva das coisas realizadas, creio que se não anda muito afastado da morte; é por isso que é necessário confessar que morreu a que existia antes e foi depois criada a que depois existe.

Além disto, se é já depois de concluído o corpo[45] que costuma introduzir-se em nós o vivo poder do espírito, na altura em que nascemos e entramos no limiar da vida, não convinha que juntamente com o corpo e com os membros a víssemos crescer no próprio sangue: devia viver à parte, sozinha como numa gaiola, mas de modo a derramar por todo o corpo a sensibilidade. Assim, e uma vez mais, tem de se admitir que as almas não estão isentas de começo nem libertas da lei da morte.

De resto, não é possível admitir que tão fortemente se ligassem aos nossos corpos, se tivessem sido introduzidas de fora, o que seria contra tudo o que ensina a mais clara evidência; está tão ligada a alma às veias, às carnes, aos nervos e aos ossos, que até os dentes participam de sensibilidade, como o indica a doença e a guinada da gélida água e o áspero grão de areia mordido de súbito no pão; e, por estarem tão juntas, não parecem que possam sair sãs e salvas de todos os nervos, ossos e articulações.

E se por acaso julgas que a alma, introduzida de fora, habitualmente flui pelos nossos membros, tanto mais depressa morrerá fundindo-se com o corpo. Efetivamente o que flui dissolve-se, portanto morre. Divide-se, por conseguinte, pelos poros de todo o corpo, como o alimento, quando se espalha por todos os membros e órgãos, se perde e dá origem a outras substâncias: assim também a alma e os espíritos, embora entrem inteiros no nosso corpo, se dissolvem fluindo, porque se dispersam por todos os poros nos membros as partículas de que é formada esta substância da alma, a que domina agora, a que nasceu no nosso corpo a partir da que pereceu dividida pelos membros. Por isso a substância da alma não parece nem privada de dia natal nem isenta de morte.

---

[45] *No texto que se segue, Lucrécio traz ainda em apoio de sua tese que a alma não se pode desprender, sem que pereça, do corpo em que está estabelecida, tal a intimidade das suas implicações.*

Depois, ficarão por acaso germes de alma no corpo inanimado?[46] Se ficam e nele residem, não haverá possibilidade de ser considerada imortal, visto que se retirou privada das partes perdidas; mas se, ao separar-se, fugiu com membros inteiros, de modo a não deixar no corpo nenhuma parte de si mesma, donde vem que produzem os cadáveres, a carne já podre, vermes, donde vem que uma tão grande abundância de animais sem ossos e sem sangue se agite por entre os membros tumefactos?

E se por acaso admitires que as almas se podem introduzir de fora nos vermes e podem vir uma a uma alojar-se nos corpos, e não deres uma razão para que tantos milhares de almas se reúnam no lugar de onde só uma se retirou, parece que se tem de investigar e de discutir se realmente as almas andam à caça de cada germe de vermezinho e se constroem elas mesmas lugar onde residam ou se então se introduzem nos corpos completos. Mas não se poderia dizer por que motivo o fariam elas próprias ou por que razão trabalhariam.

Efetivamente, enquanto estão sem corpo, voejam sem se afligir com doenças, frio e fome. O corpo está muito mais sujeito a estes males e o espírito, por contágio, sofre por muitos males que são dele. Mas, embora lhes seja útil fazer um corpo em que entrem, não se vê nenhum caminho pelo qual isto lhes seja possível. As almas não se constroem, portanto, um corpo e membros. Também não se introduzem em corpos já completos, porque não poderiam estar intimamente ligadas com eles nem se realizariam contatos de sensibilidade.

Depois, por que razão[47] segue a dura violência à áspera raça dos leões e a fraude à raposa e é dada a fuga aos cervos por seus pais e o pavor ancestral lhes incita os membros? Por que razão todas as coisas deste gênero aparecem desde tenra idade na predisposição de cada um, se não é porque em cada germe, em cada

---

[46] *Lucrécio pensa ainda, segundo parece, que uma parte da alma fica no corpo e, subdividindo-se, dá as almas que vão animar os vermes.*

[47] *O poeta crê que o fato de haver persistência de caracteres psicológicos diferentes de espécie a espécie vem a favor das suas idéias sobre a mortalidade da alma; rigorosamente, só se poderia apresentar tal verificação como argumento se se pensasse que as almas podiam, indiscriminadamente, penetrar em. qualquer corpo; caso contrário, poderia sempre responder-se a Lucrécio que cada alma procuraria sempre o corpo apropriado. É para prevenir, no entanto, esta réplica, que Lucrécio põe como ininteligível e, por conseguinte, inaceitável, que a alma humana, por exemplo, transmigre de adultos a crianças.*

raça, existe uma determinada força de espírito que se desenvolve juntamente com o corpo?

De fato, se o espírito fosse imortal e passasse de um corpo a outro, os animais seriam de costumes mistos: muitas vezes um cão de raça hircana se furtaria ao ataque de um cornígero veado e o açor tremeria pelas auras do ar, fugindo, ao vir a pomba; seriam os homens irracionais e teriam razão as bravias gerações das feras.

É por um raciocínio errado que se afirma que a alma imortal se modifica ao trocar de corpo: o que muda se dissolve e, portanto, morre. Efetivamente, as partes da alma deslocam-se e mudam de posição: devem, por conseguinte, poder também dissolver-se nos membros até que finalmente pereçam inteiras com o corpo. E, se se disser que as almas humanas sempre vão para corpos humanos, ainda perguntarei como pode ser que de sapientes fiquem tolas, e não tenha experiência menino algum, nem seja o filhote de égua tão hábil e forte como o cavalo adulto.

Dirão como refúgio que num corpo tenro se faz tenro o espírito. Se isto é assim, ter-se-á que dizer que a alma é mortal, porque, ao trocar de membros, perde tão fortemente a vida e a sensibilidade anteriores. Mas de que modo poderá a força do espírito, juntamente com o corpo, chegar, já firme, àquela desejada flor da idade, a não ser que lhe tenha sido consorte desde os primeiros tempos? Por que razão quer sair dos membros caducos? Acaso teme ficar fechada num corpo podre e cair-lhe a habitação já cansada pelo largo tempo? Mas, para imortais, não há perigo nenhum.

Finalmente, parece ridículo[48] que a alma assista aos conúbios de Vênus e aos partos das feras e que, sendo imortais, lutem em número incalculável pelos membros mortais e se batam entre si para entrar primeiro e com mais força; a não ser que haja entre as almas combinação estabelecida, de maneira a entrar primeiro a que primeiro chegue voando, sem que haja qualquer encontro violento.

---

[48] *Insistindo na tese, para ele fundamental, Lucrécio apresenta como absurdo que almas imortais disputem entre si a entrada num corpo mortal. Por outro lado, a alma não pode viver fora do corpo mortal e, a considerarmos a alma como imortal, ver-nos-íamos em dificuldades para explicar como pode ela viver unida a um corpo mortal. Por fim, mostra que a alma não apresenta nenhum dos caracteres que lhe garantiriam a imortalidade.*

Por fim, nem a árvore pode subsistir no ar, nem as nuvens no alto mar, nem os peixes viver nos campos, nem existir sangue nos lenhos, nem haver seiva nas pedras. Está determinado e disposto o lugar onde cada coisa tem de crescer e residir. Assim, a substância do espírito não pode nascer sozinha sem o corpo nem estar muito longe dos nervos e do sangue. Se realmente o conseguisse, mais depressa poderia a própria força do espírito existir na cabeça ou nos ombros ou no fundo dos calcanhares, e nascer em qualquer parte, porque sempre estaria no mesmo homem, no mesmo vaso. Mas como se vê que há no nosso corpo lugar determinado e disposto onde a alma e o espírito podem crescer à parte, tanto mais devemos negar que possam gerar-se e perdurar fora do conjunto do corpo. Por isso, quando o corpo morre tem de se confessar que perece a alma dispersa pelo corpo todo. Juntar o mortal ao eterno e julgar que podem ter sensibilidade conjunta e utilizar-se mutuamente é não ter senso algum. Que se há de imaginar de mais diferente, separado, discordante, do que alguma coisa de mortal ligada ao que é imortal e eterno e suportando com ele as mesmas terríveis tempestades?

Além disto, todas as coisas que são eternas têm de repelir com um corpo sólido os choques, não deixando penetrar em si nada que possa dissociar o entrelaçamento das partes, e é isto o que sucede com os elementos da matéria de que anteriormente mostramos a natureza; ou, então, de permanecer por todos os tempos, porque não sofrem os golpes, tal como acontece com o vácuo, que permanece intato e não recebe choque nenhum; ou, ainda, porque não há à volta nenhum lugar onde as coisas possam dissolver-se e dissociar-se, tal como é eterno o conjunto dos conjuntos fora do qual não há lugar para onde fujam, nem corpos que possam cair sobre eles e dispersá-los pela violência da pancada.

Mas, se por acaso se tem de considerar a alma como imortal, por estar fortificada de defesas vitais, ou porque não lhe chega nada que seja contra a segurança ou porque aquilo que vem se retira repelido, seja como for, antes que lhe possamos sentir os efeitos nocivos, *(Lacuna)* o que é certo é que, além de adoecer com as enfermidades do corpo, acontece que se atormenta muitas vezes acerca do

futuro, tremendo de medo e fatigando-se de cuidados e a remorder os erros antigos e as faltas. Acrescenta a isto o furor próprio do espírito e o esquecimento das coisas, acrescenta-lhe o mergulhar nas ondas negras do letargo.

A morte, portanto, nada é para nós[49] e em nada nos toca, visto ser mortal a substância do espírito. E, como não sentimos dor alguma quanto ao tempo passado, quando os cartagineses acorreram de todos os lados para o combate, quando o Universo, sacudido pelo tumulto trépido da guerra, tremeu de horror sob as altas abóbadas do céu e em todos os homens havia dúvida ansiosa sobre a qual dos dois caberia o domínio da terra e do mar, assim também, quando não existirmos, quando houver a separação do corpo e do espírito, cuja união forma a nossa individualidade, também a nós, que não existiremos, não nos poderá acontecer seja o que for nem impressionar-nos a sensibilidade, mesmo que a terra se misture com o mar e o mar com o céu.

E se, depois de se separarem do nosso corpo, a substância do espírito e o poder da alma continuam sentindo, nada há nisso que nos interesse, visto que é só pela ligação e adaptação da alma e do corpo que existe a nossa individualidade. Também, se o tempo depois de morrermos juntar toda a nossa matéria e de novo a dispuser onde agora está situada e outra vez nos for dada a luz da vida, nada nos importará o que se tiver feito, visto que foi interrompido uma vez o curso da nossa memória. Agora nada nos importa o que fomos, nem nos afeta por isso qualquer angústia.

Efetivamente, se contemplarmos todo o tempo imenso que passou, os variados movimentos da matéria, facilmente se pode acreditar que alguma vez estiveram na mesma posição em que estão agora os elementos de que somos formados neste momento: todavia não o podemos recordar no espírito; entre um

[49] *Feita a demonstração de que a alma não é imortal, o que levou mais duma terça parte de todo o Livro III, Lucrécio conclui que a morte não pode de modo algum ser nada terrível; a morte é, na realidade, visto que por ela se atinge o não-ser, a libertação de todos os males da vida. Não haverá memória nenhuma de todos os sofrimentos por que se passou, exatamente como na vida não se conserva a lembrança das provações que não se experimentaram. Dos males futuros também nenhum nos pode alcançar porque, para sofrer-se um mal, é necessário existir. É por isso que não se deve igualmente ter nenhuma preocupação com aquilo que sucederá ao corpo depois de morto: deve ser indiferente que o enterrem, o queimem, ou o deixem como pasto de feras e de aves de rapina; é um erro que vem de ligar o eu, o que existe agora, ao corpo inanimado; não haverá consciência porque não seremos nessa altura o que somos enquanto vivemos, um conjunto de corpo e alma.*

tempo e outro sobreveio uma pausa da vida e todos os movimentos, separados de todos os sentidos, erraram vagueando por aqui e por além.

Ê preciso, de fato, se por acaso tem de haver alguma coisa de mísero e de triste, que haja nesse mesmo tempo aquele a quem tem de acontecer: como, porém, a morte o suprime, como impede de existir aquele a quem poderia ser armado tal conjunto de males, ficamos a saber que nada há de temível na morte, que não pode ser infeliz quem não existe, e que não interessa nada que já tenha nascido nalguma época, visto que a morte imortal lhe roubou a vida mortal.

Assim, quando se vir um homem lamentar-se sobre si próprio por lhe acontecer, depois de morto, que ou apodreça o corpo abandonado, ou se desfaça com as chamas ou com as mandíbulas das feras, pode-se concluir que não são palavras sinceras, ou que um estímulo secreto se lhe esconde no coração, embora ele próprio negue acreditar que tenha alguma sensibilidade depois de morto. Creio eu que não dá o que promete nem as razões; não se tira, não se arranca radicalmente da vida, e acha ele próprio que alguma coisa de si lhe sobreviverá.

Com efeito, o vivo que se representa a si mesmo no futuro, com as aves e as feras lacerando-lhe o corpo já morto, apieda-se de si próprio; não se separa dele, não se afasta bastante do corpo estendido e pela imaginação se confunde com ele e, de pé, empresta-lhe a sua própria sensibilidade. Por isso, se lamenta de ter sido criado mortal e não vê que na morte verdadeira não há outro eu que possa vivo chorar a sua perda, e, ficando de pé, doer-se de que o lacerem ou o queimem.

Realmente, se quando se morre é um mal ser despedaçado pelas mandíbulas e pelas mordeduras das feras, não percebo por que motivo não é doloroso abrasar-se nas chamas ardentes de uma fogueira em que nos colocaram ou sufocar posto no mel ou ficar rígido de frio, quando se está deitado sobre a superfície de uma pedra gelada, ou de ser triturado e esmagado pelo peso da terra que nos deitaram por cima.

"Já agora não te receberá uma casa alegre,[50] nem uma esposa excelente, nem os filhos queridos correrão a roubar-te beijos e a acariciar-te o peito com silenciosa ternura. Já não poderás ter negócios florescentes, já não poderás ser a guarda dos teus. Ó infeliz de ti, ó infeliz", dirão ainda, "um dia nefasto te roubou todas as vantagens da vida." Mas não acrescentam a seguir: "Também já não te seguirá a saudade de tudo isto". Porque se o vissem claramente em seu espírito e se cumprissem estas palavras, já libertariam a mente da grande angústia, do grande medo.

"E tu, adormecido como estás na morte, assim ficarás por todo o tempo, isento de todas as cruéis dores. Mas nós, perto da horrível pira, te choramos incessantemente, a ti já feito em cinzas, e dia algum nos arrancará do peito essa dor eterna." Tem, por conseguinte, de se perguntar a quem assim fala para que é necessária uma tal amargura; se tudo vem a dar em dormir e estar em sossego, quem há de consumir-se num eterno luto?

Outros homens, ainda, quando se sentam à mesa e seguram os copos e sombreiam o rosto de grinaldas, dizem convictos: "Breve é o gozo para os pobres homens; depressa passará e depois nunca mais poderemos ressuscitar". Como se o primeiro mal na morte fosse esse de a sede abrasar os miseráveis e de cálida os queimar ou de haver com eles a saudade de qualquer outra coisa. Ninguém, realmente, se lamenta a si e à vida quando repousam por igual o espírito e o corpo.

Pode haver, pelo que nos respeita, um sono eterno e nenhuma saudade de nós nos vem afligir. Todavia, os elementos espalhados pelos nossos membros não vagueiam de modo algum longe dos movimentos sensíveis quando o homem se levanta do sono e se recobra. Tem, portanto, de se crer que a morte é ainda menos para nós, se alguma coisa pode ser menos do que aquilo que vemos nada ser: segue-se à morte uma dispersão maior da quantidade de matéria e ninguém torna a acordar depois que a gelada suspensão da vida o tocou uma vez.

---

[50] *Todo o final do Livro é, sob o ponto de vista poético, um dos mais vivos e belos trechos de toda a obra de Lucrécio, com as suas falas reproduzidas em discurso direto e a prosopopéia da natureza. Filosoficamente, é o coroamento de tudo quanto ficou para trás: podemos ter a certeza de que não há mal algum na morte, de que o castigo dos infernos não é mais do que lenda ou figura poética e de que é na terra que realmente se é punido por todo o mal que se faz; que se é punido, sobretudo, por ter ignorado que se deve viver sobriamente, livre de ambições e desprendido de todo o laço que possa trazer-nos qualquer espécie de inquietação.*

Finalmente, se de súbito a natureza proferisse palavras e viesse ela própria increpar algum de nós: "Que tens tu, ó mortal, que te abandonar de tal modo a dores tão excessivas e amargas? Por que choras e te lamentas sobre a morte? Efetivamente, se a vida anterior te foi agradável e se todos os prazeres não foram como acumulados num vaso furado e não correram e se perderam inutilmente, por que razão não hás de, tolo, retirar-te da vida como um conviva farto e aceitar com equanimidade um repouso seguro? Mas se tudo aquilo de que gozaste se perdeu em vão e a vida te pesa, por que buscas aumentá-la mais, para que tudo de novo tenha um mau fim e desapareça sem proveito? Não seria melhor pôr fim à vida e ao tormento? Não posso imaginar e inventar agora coisa alguma que te agrade: tudo é sempre o mesmo. Se o teu corpo já não está decrépito com os anos, se os membros não estão lânguidos de cansaço, tudo fica, no entanto, igual, mesmo que persistas em viver, vencendo todos os tempos, e, ainda mais, mesmo que nunca viesses a morrer". Que haveríamos de responder senão que a natureza nos intenta um processo justo e defende uma causa verdadeira?

Se é já um homem mais velho, adiantado em anos, que se queixa e lamenta a morte, fazendo-se mais infeliz do que seria justo, não tem ela razão em clamar ainda mais e em o increpar com acre voz? "Limpa daí as lágrimas, meu pateta, e cala-me essas queixas. Envelheces depois de ter gozado de todos os bens da vida. Mas, como sempre desejas o que está longe e desprezas o presente, passou-te a vida incompleta e sem gosto, e chegou-te a morte à cabeceira, sem tu a esperares, antes de poderes retirar-te saciado, cheio das coisas. Mas abandona agora tudo o que não vai com a tua idade e retira-te, vamos, diante dos outros: eis o que é necessário."

É justo, creio eu, que assim proceda, justo que censure e increpe. Sempre a velhice se retira expulsa pela novidade, e é necessário que umas coisas se renovem à custa de outras: ninguém é entregue ao báratro e aos tenebrosos infernos. É preciso que haja material de que se desenvolvam as gerações futuras; e estas também te seguirão depois de terem gozado da vida; cairão como caíram as que vieram antes de ti.

Nunca deixará de haver alguma coisa que de outra nasça e a vida não é dada como propriedade a ninguém: a todos vem como usufruto. Vê, olhando para trás, como nada significou para nós toda a velha porção de eternidade que se passou antes que nascêssemos. Eis o espelho que a natureza nos apresenta do tempo futuro, do que virá depois da nossa morte. Surge nisto algum horror, alguma tristeza? Não é tudo muito mais seguro do que o sono?

E é fora de dúvida que tudo o que se diz existir no profundo Aqueronte nos acontece realmente na vida. Não há nenhum infeliz Tântalo que receie, como é fama, o enorme rochedo suspenso nos ares, e esteja paralisado por um medo sem objeto real; é antes na vida que o vão pavor dos deuses atormenta os mortais: é nela que se temem os acasos que a sorte traz a cada qual. Nenhumas aves atacam um Títio prostrado no Aqueronte e é certo que não lhe poderiam encontrar no vasto peito nada que perscrutassem durante toda a eternidade; embora fosse enorme a extensão do corpo derrubado e não cobrisse apenas nove jeiras com seus membros despedaçados, mas todo o orbe terrestre, não poderia, mesmo assim, suportar uma dor eterna, nem dar sempre alimento com seu próprio corpo.

Mas, para nós, Títio existe aqui: prostrado de amor, dilaceram-no aves, devora-o a ansiosa angústia ou despedaçam-no os cuidados de qualquer outra paixão. Também na vida e diante dos olhos temos nós um Sísifo: é aquele que se esforça por conseguir do povo os feixes e os temíveis machados e sempre se retira vencido e abatido. Efetivamente, procurar o poder, que é sempre vão e jamais nos é dado, e nisto sofrer sempre um duro trabalho, é o mesmo que fazer subir com esforço, por um monte acima, um rochedo que, mal no alto, logo rola e rapidamente busca os plainos de um campo aberto.

Depois, apascentar sempre um espírito de ingrata natureza e enchê-lo de bens sem nunca o saciar — exatamente como sucede com as estações do ano que voltam de novo trazendo os vários frutos e as várias alegrias, sem que, no entanto, jamais nos enchamos dos gozos da vida —, eis o que, segundo me parece, significa o que dizem das meninas na flor da idade que lançam água num vaso sem fundo, o

qual de modo algum se poderia encher. E o mesmo acontece com o Cérbero e as Fúrias, a falta de luz *(Lacuna)* e o Tártaro que vomita das fauces chamas horríveis. Não existem em parte alguma nem poderão certamente existir.

É na vida, porém, que existe o grande medo de castigo por causa de grandes malefícios e que há expiação para o crime; há prisão e o horrível lançamento do alto do rochedo e a flagelação, os verdugos, o tronco, o pez, as lâminas e as tochas; mesmo que tudo isto esteja ausente, há o espírito consciente do que fez e que, temeroso, se aplica o aguilhão e se abrasa às chicotadas, sem ver entretanto que termo possa haver para os seus males ou qual seja o fim dos castigos, antes temendo que ainda mais se agravem com a morte. É aqui, na realidade, que a vida dos tolos se torna um Aqueronte.

Também poderias alguma vez[51] dizer-te a ti próprio: "Também o bom Anco fechou os olhos à luz do dia, ele que era, meu patife, muito melhor do que tu". Depois morreram muitos outros reis e poderosos do mundo que governaram grandes povos. E aquele que outrora lançou estrada sobre o grande mar, abriu caminho às legiões por entre as vagas e as ensinou a ir a pé pelos abismos salgados, e insultante desprezou com os cavalos os rugidos das águas, também ele, privado de luz, exalou a alma do corpo moribundo.

Cipião, o raio da guerra, o terror de Cartago, deu os ossos à terra como se fosse um escravo ínfimo. Junta-lhe os descobridores das doutrinas e das artes, junta-lhe os da comitiva das Heliconíades; destes, Homero, o único, depois de ter empunhado o cetro repousou com os outros. Finalmente, Demócrito, depois que a madura velhice lhe mostrou que se retardavam no espírito os movimentos da memória, de livre vontade foi ao encontro da morte e lhe apresentou a cabeça.

O próprio Epicuro morreu, extinta a luz da vida, ele que superou pelo engenho a condição humana, e a todos mergulhou na sombra como o sol etéreo, ao nascer, faz às estrelas. E tu ainda hás de duvidar e ainda te hás de indignar porque vais morrer? Estás ainda vivo e vendo e, no entanto, a tua vida é morta porque

---

[51] *Para nos ajudar no passo da morte, Lucrécio lembra todos os grandes homens que morreram já antes de nós, o que é freqüente na literatura do gênero. A alusão ao rei que estabeleceu uma estrada pelo mar é feita a Xerxes I, rei da Pérsia que, partindo ao ataque da Grécia, na segunda guerra médica (século V a.C), atravessou o Helesponto por duas grandes pontes.*

estragas, dormindo, a maior parte do tempo e acordado ressonas, não deixas de ver sonhos, trazes a alma atormentada por vãos receios e não podes encontrar nunca a origem do mal quando, pobre de ti, te perseguem inúmeros cuidados e vagueias, como flutuando, ao sabor dos erros do teu espírito.

Se os homens pudessem,[52] assim como parecem sentir no fundo do espírito uma carga que os fatiga com seu peso, conhecer quais são as causas que a geram e por que razão tão grande fardo de desgraça se lhes mantém no peito, não levariam a vida que levam agora, na maior parte, sem saber o que querem e procurando sempre mudar de lugar como se pudessem, assim, ver-se livres da carga.

Muitas vezes, aquele que sai de grandes paços, porque se aborreceu de estar em casa, a eles volta de súbito, por nada haver fora que sinta ser melhor; corre precipitado para a sua casa de campo, incitando os garranos, como se fosse levar socorro a um incêndio em casa; mas, logo que passa o limiar, boceja, ou, pesado, se deita a dormir e procura o esquecimento; ou então, a toda pressa, dirige-se à cidade para a tornar a ver.

Deste modo, cada um foge a si próprio, mas como se vê não lhe é possível escapar-se, e fica preso à força e odeia, porque, estando doente, não compreende a causa da enfermidade. Mas, se bem a vissem, todos, abandonando as outras coisas, procurariam conhecer primeiro a natureza, porque a origem de tudo vem da eternidade, não de uma só hora: e é na eternidade que os mortais terão de passar todo o tempo que lhes resta após a morte.

E, então, por que tremer tanto em perigos e dúvidas? Que enorme e maléfico desejo de viver nos subjuga? Há para os mortais um fim de vida certo e próximo; ninguém pode evitar aparecer diante da morte. Depois, sempre estamos e insistimos no mesmo, e não é por vivermos que nos surge qualquer novo prazer. Só enquanto está longe o que desejamos nos parece exceder o resto; depois, logo

---

[52] *No fim do Livro, Lucrécio quer afirmar com toda clareza que o medo da morte ou o desagrado que se possa ter da vida não são mais do que o resultado da ignorância; o conhecimento da natureza das coisas, o poder de contemplar tudo quanto existe com uma segura ciência, o dominar, por lhe ter penetrado no mais íntimo, a lei do Universo, garantem a paz na existência, garantem uma vida animada pela idéia de beleza da hora presente e não esmagada, torturada pelo terror da morte. É por este ponto que se tem feito uma aproximação entre a filosofia de Epicuro e de Espinosa; mas escusado será dizer que o pensador de Amsterdam, apesar de determinista, não caiu em nenhuma das ingenuidades filosóficas de Epicuro; e é bem provável que o sentido último da sua atitude quanto à ciência, vida e morte, seja muito diferente do que davam à sua os adeptos do epicurismo.*

que o alcançamos, desejamos outra coisa; a mesma sede de vida nos mantém sempre anelantes.

Também ficamos em dúvida quanto à sorte que nos trará o futuro, que nos dará o acaso ou quanto ao fim que se aproxima. Não é por prolongarmos a vida que diminuímos num mínimo que seja o tempo da morte; não podemos tirar nada que nos faça escapar do aniquilamento. Podes, portanto, durante o tempo da vida, enterrar quantas gerações queiras; nem por isso a morte ficará menos eterna: não existe menos aquele que hoje vê o termo da vida do que outro que já morreu há muitos meses, há muitos anos.

LIVRO IV

Percorro as regiões desviadas das Piérides,[53] que ninguém trilhou antes de mim.

É bom ir às fontes virgens e beber, é bom colher flores desconhecidas e com elas trançar para a minha fronte coroa insigne, qual nunca a ninguém a puseram as Musas. Primeiro, porque te ensino importantes assuntos e procuro libertar-te o espírito dos apertados nós religiosos; depois, porque sobre um tema obscuro vou compondo tão luminosos versos, a tudo tocando com a graça das Musas.

Isto mesmo parece perfeitamente justificado: assim como os médicos, quando tentam dar às crianças o repugnante absinto, primeiro passam no bordo da taça loiro, fluido e doce mel, de modo que, pela idade imprevidente e pelo engano dos lábios, tomem a amarga infusão de absinto e, não significando este engano prejuízo, possam deste modo readquirir a saúde, assim também eu, como esta doutrina parece muito desagradável a quem a não tratou, e foge diante dela, horrorizado, o vulgo, quis, em verso eloqüente e harmonioso, expor-te as minhas idéias e ungi-las, por assim dizer, do doce mel das Musas; a ver se por acaso posso

[53] *O prólogo que aparece nos manuscritos é reproduzido, quase sem modificações, dum trecho do Livro I; duas hipóteses são possíveis para explicar a repetição: uma, a de que o próprio poeta o tivesse posto como prefácio provisório, incerto sobre o lugar que melhor caberia ao texto na elaboração geral do poema; a segunda, a de que um leitor tivesse feito a cópia, de modo a equilibrar o Livro IV com os outros. De qualquer modo, dão-no neste lugar os dois manuscritos mais importantes, O, já citado, e Q (= Quadratus, Vossianus, Q. 94, Leyde).*

manter o teu espírito encantado com meus versos, enquanto penetras toda a natureza e lhe sentes a utilidade.

Mas, como ensinei[54] quais são os elementos primordiais das coisas, como distantes pela variedade de formas, voejam por sua livre vontade, levados por um eterno movimento, e de que modo se pode qualquer coisa criar a partir deles; como ensinei também qual é a natureza do espírito, de que elementos é formada, como convive com o corpo, e de que modo, quando separada, volta aos elementos primitivos, agora começarei a expor-te o que intimamente se liga a todos estes assuntos, isto é, o que são as coisas a que chamamos simulacros dos objetos.

São eles como películas arrancadas da superfície dos objetos e que voejam de um lado e outro pelos ares; indo ao nosso encontro quando estamos acordados, aterram-nos o espírito, exatamente como em sonhos, quando muitas vezes contemplamos figuras espantosas e imagens daqueles que já não têm luz; são elas que muitas vezes nos arrancam cheios de horror ao sono em que repousávamos; ora, não vamos acreditar que as almas fogem do Aqueronte ou que espectros voejam entre vivos, ou que alguma coisa de nós pode ficar depois da morte, visto que o corpo e a substância da alma, aniquilados ao mesmo tempo, se dispersam nos seus elementos respectivos.

Digo, pois, que são emitidos dos objetos,[55] da superfície dos objetos, efígies e leves representações desses mesmos objetos; deveria dar-se-lhes o nome de películas ou de cascas, visto que têm a forma e o aspecto do corpo de que são imagens, daquele mesmo de que emanam para errarem no espaço. Pelo que vou expor, será possível, mesmo a um espírito obtuso, compreender isto.

Primeiro, porque muitos objetos emitem elementos abertamente, uma parte em solução difusa, como a lenha quando emite o seu fumo ou a chama quanto ao seu calor, e parte mais cerrada e condensada, como às vezes as cigarras quando

---

[54] *Ao prólogo segue-se, como de costume, o argumento do Livro: Lucrécio anuncia que tratará dos simulacros dos objetos e das visões aterrorizadoras que eles podem provocar nos espíritos não preparados pela sólida doutrina.*

[55] *A afirmação de que da superfície dos objetos se desprendem figuras, imagens sutis, películas, apóia-se numa tentativa de prova por analogia: o fumo, o calor das chamas, a pele velha das serpentes, a cor dos toldos no teatro; os elementos que compõem essas imagens são, segundo Lucrécio, muito mais sutis, muito mais delicados do que aqueles que constituem os próprios corpos. A teoria não é tão extravagante como pode parecer à primeira vista e facilmente se poderia traduzir em termos modernos; para a visão, por exemplo, cada objeto se comporta como se dele se desprendesse a cada momento uma carapaça de ondas que reproduzem, pelos seus vários comprimentos, os acidentes de cor do objeto.*

abandonam por causa do calor as suas túnicas redondas, e como os vitelos quando deitam ao nascer películas da superfície do corpo; e também como a serpente escorregadia despe o seu vestuário entre os espinhos, o que faz que vejamos as moitas enriquecidas por seus despojos que esvoaçam; ora, como isto se dá, também deve uma tênue imagem ser emitida pelos corpos da sua superfície exterior.

Não há nenhuma possibilidade de aceitar mais facilmente que se desprendam dos corpos as coisas de que falei do que aquelas que são tênues, sobretudo porque à superfície há muitos elementos diminutos, que podem ser lançados na mesma ordem em que estavam e conservar a figura da forma, e isto tanto mais facilmente quanto menos podem ser impedidos, visto estarem colocados mesmo à frente.

Efetivamente, vemos muitos objetos emitir e lançar não só o mais profundo e íntimo de si próprio, como já dissemos antes, mas até mesmo parte da sua superfície e a própria cor. E isto o que fazem vulgarmente os toldos amarelos, vermelhos e verdes, quando, estendidos nos grandes teatros, ondulam drapejando pelos mastros e pelas traves: por baixo deles, todo o público sentado nos degraus, todo o adorno da cena e as estátuas dos deuses e das deusas se tingem e são levados a tomar a sua cor flutuante; e, quanto mais restrito é o âmbito do teatro, tanto mais todos os objetos, na rarefeita luz do dia, sorriem nesta graça difusa.

Portanto, se os toldos emitem cor da superfície, também quaisquer outros objetos devem emitir tênues imagens, visto que num caso e noutro é da superfície que elas são lançadas. Existem, por conseguinte, imagens fiéis dos objetos, as quais voejam por um lado e outro, formadas como são de um sutil material e não podem ser vistas quando tomadas em separado.

Além de tudo, se o odor, o fumo, o calor e as outras coisas semelhantes se dispersam ao sair dos objetos, é que, ao virem dos íntimos lugares em que nasceram, separam-se por causa das sinuosidades do caminho, visto não encontrarem estradas retas que lhes sirvam de saída ao pretenderem escapar logo que se formam. Mas, pelo contrário, quando é emitida a leve membrana duma cor

de superfície, nada há que a possa dilacerar, visto que, por estar colocada na frente, tem seu caminho livre.

Finalmente, todas as imagens que nos aparecem nos espelhos, na água, em toda a superfície brilhante, têm fatalmente que ser como imagens emitidas dos próprios objetos, visto apresentarem um aspecto idêntico. Existem, por conseguinte, imagens sutis dos objetos e efígies semelhantes a eles, as quais ninguém pode ver em separado, e que todavia se tornam visíveis, quando repelidas freqüentemente, continuamente, pela superfície dos espelhos; e de nenhuma outra maneira se poderia explicar como se conservam de tal forma que sejam capazes de reproduzir figuras semelhantes a cada objeto.

E, agora, aprende quão tênue é a substância de cada imagem, porque os elementos estão tão abaixo dos nossos sentidos e são tão mais pequenos do que os objetos que os nossos olhos começam a não poder distinguir; e, para confirmar isto, ouve em poucas palavras como são sutis os elementos das coisas.

Primeiro, há animais tão pequenos que, partidos em três, sua terça parte já não se pode ver de modo algum. Como se lhes há de imaginar o intestino ou qualquer coisa de semelhante? Que será o coração ou o olho? Que serão os membros? E as articulações? Como tudo há de ser pequenino! E que havemos de dizer daqueles elementos de que fatalmente lhes há de ser formada a alma e a substância do espírito? Não vês como são sutis e diminutos? Depois há todas as coisas que exalam do seu corpo um cheiro penetrante, a panacéia, o repugnante absinto, os desagradáveis abrótonos, a terrível centáurea; se por acaso segurares numa qualquer, mesmo de leve, como não hás de reconhecer que numerosas imagens dos objetos vagueiam de inúmeras maneiras, sem força alguma e imperceptíveis aos sentidos?

Mas não julgues que só eles vagueiam,[56] esse tais simulacros das coisas que das coisas provêm. Há também outros que se geram espontaneamente e por si próprios se apresentam neste céu a que chamamos ar. Formados de maneira

[56] *Além dos simulacros que se desprendem dos corpos, há a considerar outra categoria, a dos que se formam espontaneamente pelo espaço, devido, segundo crê, ao encontro fortuito de átomos apropriados à função, ou à modificação de simulacros que primitivamente correspondiam a objetos.*

numerosa, levantam-se no alto e não deixam de mudar de aspecto, maleaveis, e de se transformar noutras figuras de toda espécie: como as nuvens que de quando em quando facilmente vemos acumular-se nas alturas e acariciando o ar com seu movimento violar o sereno aspecto do céu; muitas vezes parecem voar faces de gigantes arrastando vastas sombras, outras vezes avançar grandes montes e rochedos arrancados dos montes; passam diante do sol e depois vêm monstros que arrastam e atraem a si outras nuvens.

Agora, quanto ao fato[57] da facilidade e da rapidez com que continuamente estas imagens correm das coisas e caindo avançam, *(Lacuna)* sempre há alguma coisa nos corpos, à superfície, que escapa e donde elas são lançadas. Quando chegam a corpos rarefeitos, atravessam-nos, como principalmente no vidro; mas se chegam a rochedos ásperos ou à substância da madeira, já aí se dispersam de modo que não podem produzir qualquer imagem.

Mas quando se lhes opõem substâncias brilhantes e compactas, como sobretudo o é um espelho, nada disto acontece; efetivamente, nem podem atravessar, como no vidro, nem por outro lado, dispersar-se; salva-as o polido de que falamos; é por isso que acontece que de lá as imagens a nós voltem. Sempre que puseres um objeto, qualquer que ele seja, diante de um espelho, sempre aparece a imagem, mesmo que o faças num momento e seja em que tempo for; isto é para que saibas que da superfície dos corpos continuamente fluem tênues contexturas, figuras tênues.

Portanto, muitos simulacros se geram num breve espaço, de tal forma que sem dúvida se lhes pode dar à origem o nome de rápida. E assim como o sol, em breve espaço, deve enviar numerosos raios para que sempre todas as coisas deles estejam cheias, assim também é necessário, por igual razão, que num instante sejam trazidos dos corpos numerosos simulacros desses corpos e de muitas maneiras e

[57] *Os simulacros produzem-se continuamente, tal como no exemplo das ondas para a visão (descontados os intervalos quânticos), são refletidos pelos espelhos ou superfícies que se comportam como espelhos, deslocam-se com grande velocidade, quase instantaneamente (argumento das estrelas refletidas no espelho) e todos os corpos os emitem, de modo a impressionarem a todos os sentidos. Para muitos historiadores da filosofia tem sido um ponto obscuro o pensamento epicurista quanto a determinar-se por que razão certos simulacros impressionam os olhos, outros o ouvido, outros o tato; não há realmente nenhum texto de Epicuro sobre o assunto; mas bastaria imaginar uma diferença de estrutura dos simulacros e um critério de receptividade dos sentidos, conforme referências de Lucrécio; do mesmo modo se compreende hoje que não sejam os olhos sensíveis ao infravermelho, por exemplo, que é no entanto da mesma natureza fundamental da luz visível, mas com outro comprimento de onda.*

para todas as partes; sempre que miramos um espelho, aí aparecem as coisas com forma e cor idênticas.

Além disso, e embora há pouco fosse limpíssimo o aspecto do céu, de repente tudo se perturba horrivelmente, de tal modo que se julgaria que as trevas abandonaram todas o Aqueronte e encheram as grandes abóbadas do céu, tão negra é a noite que desce das nuvens, tão grande a ameaça da face negra do Terror por cima de nós. E ninguém pode dizer que pequena parte destes objetos é a sua imagem; ninguém pode explicá-lo por palavras.

Vê agora com que rápido movimento são levadas estas imagens e que mobilidade lhes é dada quando atravessam vogando os ares, de maneira a percorrerem rapidamente um longo espaço, qualquer que seja o lugar a que tendam por diversa vontade: vou expô-lo em versos mais harmoniosos que abundantes, tal como o breve canto do cisne é melhor do que o clamor dos graus dispersos pelas etéreas nuvens do Austro.

Primeiro é conveniente ver que os corpos leves e compostos de elementos diminutos são, na maior parte das vezes, rápidos. A este grupo pertencem a luz do sol e seu calor, visto serem feitos de elementos diminutos que vão, por assim dizer, empurrados uns pelos outros e não hesitam, abalados pelos choques sucessivos, em atravessar o intervalo do ar. Efetivamente, a luz se sucede logo à luz e o fulgor é estimulado por outro fulgor como por um aguilhão.

É necessário, portanto, que de igual modo os simulacros possam percorrer um espaço enorme num só momento, primeiro porque são pequenos, depois porque há por detrás uma causa que os empurra e impele, o que é quase de sobejo quando são levados por tão veloz leveza, depois ainda porque são emitidos com uma tessitura tão rarefeita que podem facilmente penetrar seja no que for e, por assim dizer, fluírem pelo intervalo do ar.

Além disto, se os corpúsculos mais profundos e íntimos dos corpos são lançados para fora, como a luz do sol e o calor se vêem num momento espalhar-se por todo o âmbito do céu, voar pelo mar e pelas terras e inundar o firmamento,

que não sucederá com aqueles que já estão preparados mesmo na frente, quando são lançados sem que nada lhes retarde a emissão? Não vês que devem ir mais rápido e mais longe e que no mesmo tempo devem percorrer uma distância muito maior do que aquela que transpõem no céu os raios do sol?

Há também entre os principais, segundo parece, uma prova convincente de quão rápido é o movimento com que são levados estes simulacros: se se colocar ao ar livre um espelho de água, imediatamente os astros serenos do céu estrelado se refletem na água como luzeiros do mundo. Não vês, por conseguinte, em que instante a imagem vem das regiões do céu às regiões da terra?

Por isso e ainda uma vez, é necessário aceitar que há elementos admiráveis que ferem os olhos e provocam a visão. De certos corpos fluem perpetuamente os cheiros, como o frio dos rios, o calor do sol, e das ondas do mar a salsugem que rói os paredões ao longo do litoral. Não deixam variadas vozes de esvoaçar no vento.

Finalmente, quando estamos junto do mar, vem-nos à boca muitas vezes uma umidade com sabor de sal, e atinge-nos o amargor quando vemos preparar diante de nós uma solução de absinto. Portanto, é fora de dúvida que de todos os corpos saem coisas, sejam elas quais forem, e que são levadas para todos os lados, sem que haja neste fluir qualquer descanso ou demora, visto que os sentimos sempre e é sempre possível tudo ver, cheirar e ouvir.

Além disso, manuseando um objeto nas trevas, podemos reconhecer que é o mesmo que vemos à límpida claridade do dia: é forçoso concluir que uma causa semelhante provoca o tato e a visão. Portanto, se apalpamos nas trevas um objeto quadrado e temos a impressão de um quadrado, que poderá ser aquilo que nos parece um quadrado à luz do dia senão a sua imagem?

Parece que é nestas imagens que há uma causa de visão e que sem elas nada pode ser visto. Ora, os simulacros de corpos de que eu falo são levados para todos os lados e são lançados divididos para todos os pontos; mas, como nós só podemos vê-los com os olhos, é por isso que todos os objetos se nos apresentam com forma e cor somente do lado a que nos voltamos.

Também é a imagem que faz[58] que vejamos e permite conhecer a distância a que cada objeto está de nós. Efetivamente, quando é emitida, imediatamente empurra, expulsa o ar que está entre ela e os olhos; este ar escorrega todo pelos nossos olhos, banha as pupilas e assim passa. É por isso que vemos a distância a que está cada objeto. Quanto mais ar se agita por diante, quanto mais longo é o sopro que banha os nossos olhos, tanto mais se vê o corpo como colocado ao longe. Sem dúvida, tudo isto se passa de uma forma rapidíssima, visto que vemos ao mesmo tempo qual é o objeto e a que distância está.

Nestas coisas, é necessário não ter como espantoso que os simulacros que ferem os nossos olhos não possam ser vistos em separado e que se distingam os próprios corpos. Do mesmo modo, quando o vento nos fere e quando corre o áspero frio, não costumamos sentir as partículas isoladas do vento e do frio: vem tudo de uma vez e vemos que sucede como se alguma coisa viesse dar pancadas no nosso corpo, provocando a sensação de um objeto externo. Por outro lado, quando tocamos uma pedra com o dedo, é a superfície da pedra, a sua cor externa que nós tocamos; mas não é ela que nos produz a sensação tátil: o que sentimos é a própria dureza interna, profunda, da pedra.

Agora, aprende[59] por que motivo se vê a imagem para além do espelho, porque certamente a vemos recuada e profunda. Acontece o mesmo com as coisas que realmente se vêem fora, quando uma porta aberta oferece uma visão livre e permite que se veja de dentro o que está fora. Também aqui a visão se dá em virtude de o ar estar em duas camadas, em camada dobrada.

Primeiro, para dentro da porta, vê-se uma camada de ar, depois à direita e à esquerda seguem-se as ombreiras da porta, em seguida a luz externa inunda os olhos e logo outra camada de ar e as coisas que na realidade se vêem lá fora.

---

[58] *Para Lucrécio, a noção de espaço físico é dada pela quantidade de ar interposta entre o objeto e os olhos; o simulacro empurra o ar e a quantidade maior ou menor que passa pelos olhos dá a idéia da distância; em parte alguma aparece hipótese de acomodação muscular.*

[59] *A teoria do espelho que Lucrécio apresenta é a do ponto luminoso com imagem virtual, em espelhos planos. A noção de distância,para lá do espelho, é dada, segundo o poeta, pela coluna de ar que o simulacro do objeto empurra do espelho ao objeto, na reflexão, e que se acrescenta à coluna de ar que já empurrara o simulacro do próprio espelho; as duas, juntando-se, dão o dobro da distância do objeto ao espelho; por conseqüência, a imagem aparece para lá do plano do espelho. O processo psicológico de reconstituição, que parece evidente em todo o fenômeno, não entra no raciocínio de Lucrécio. A explicação da simetria é das mais engenhosas do poema. Quanto às imagens que se podem sobrepor aos objetos, o texto é muito incerto para que se possa assentar em qualquer conclusão: parece, no entanto, que se trataria de espelhos côncavos, semicilíndricos, formados de pequenos espelhos planos justapostos. (Ernout e Crouslé.)*

O mesmo acontece com a imagem que se projetou no espelho e que vindo ao encontro dos nossos olhos empurra e põe em movimento o ar que se encontra entre ela e os olhos e faz que a sintamos a ela antes do espelho. Mal percebemos, por sua vez, o próprio espelho e imediatamente uma imagem vinda de nós chega a ele e, refletida por ele, volta até nossos olhos; e como no seu percurso ela descola outra camada de ar que nos faz ver em seguida, parece-nos assim recuada além do espelho, em sua distância exata. Por isso nada há de espantoso em que da superfície dos espelhos saia uma visão a igual distância, visto que ela nos aparece em virtude de uma dupla camada de ar.

Quanto ao fato de que a parte direita do nosso corpo apareça nos espelhos como sendo a esquerda, isso acontece porque, ao bater a imagem na superfície do espelho, não é refletida tal qual, mas leva uma volta de diante para trás, exatamente como se, ao atirarmos uma máscara de gesso, antes de estar seca, contra um pilar ou uma trave, ela imediatamente, conservando na frente a figura intata, se lançasse logo para trás. Sucederia que onde antes estivera o olho direito aparecesse agora o esquerdo e, por seu turno, do esquerdo surgisse o direito.

Acontece também que uma imagem seja passada de espelho a espelho de modo que chegue a acontecer que haja cinco e até seis simulacros: efetivamente, todas as coisas que estejam escondidas lá para trás, bem no interior, podem, todavia, embora estejam afastadas e desviadas, ser levadas inteiras, por caminhos angulosos, e aparecer nos vários espelhos como se lá estivessem. Tanto é certo que a imagem se reflete de espelho a espelho e que, apresentada à esquerda, logo fica como se fosse à direita, depois volta de novo para trás e se converte no que era.

Mas, se existem espelhos facetados que sigam curvas semelhantes às dos nossos flancos, refletem-nos então simulacros direitos em relação a nós, ou porque a imagem passa de espelho a espelho e daí a nós vem ter depois de dar duas voltas, ou então porque ao vir gira sobre si própria, visto que o feitio curvo do espelho a ensina a desse modo se dirigir a nós.

Depois, se parece que os simulacros avançam, põem o pé como nós e imitam o gesto, é porque, logo que saímos duma parte do espelho, deixa ela imediatamente de nos enviar simulacros; efetivamente a natureza obriga todas as coisas a refletir-se, a ressaltar segundo os mesmos ângulos com que foram recebidas.

Fogem os olhos aos brilhos vivos e evitam contemplá-los; também cega o sol se se tenta olhá-lo de frente, visto ser grande a sua força e adquirirem peso os simulacros ao cair de cima, através do ar puro; ferem os olhos e perturbam os elementos que os compõem. Além disso, todo esplendor demasiado vivo sempre abrasa os olhos, visto que possui numerosos elementos de fogo que produzem dor ao introduzirem-se neles.

Tudo aquilo que contemplam[60] os que têm icterícia se torna amarelo, porque numerosos elementos do amarelo, saindo do corpo deles, vão ao encontro dos simulacros das coisas, e porque têm nos olhos, misturados por toda parte, muitos elementos que tudo tingem de amarelo ao seu contato.

Vemos, das trevas, tudo o que está na luz, porque mal o negro ar da escuridão que estava mais perto penetra e ocupa os nossos olhos sem defesa, imediatamente se segue um ar brilhante, incandescente, que é como se os limpasse e dispersasse as negras sombras daquele ar; efetivamente ele é de maior mobilidade nas suas numerosas partículas, mais sutil e mais poderoso.

Logo que ele enche de luz os caminhos dos olhos e abre aqueles que antes obstruía o ar escuro, imediatamente o seguem os simulacros das coisas que estão colocadas na luz e por aí fazem que as vejamos. Pelo contrário, não podemos fazer o mesmo da luz para as trevas, visto que o ar de escuridão que está atrás dele e que se lhe segue é mais espesso, enche todos os orifícios e ocupa os caminhos dos olhos, de maneira que não se pode mover nenhum simulacro lançado por qualquer coisa.

---

[60] *A observação de Lucrécio sobre a visão dos doentes de icterícia levá-lo-ia, se a tivesse explorado, a admitir um papel ativo e não simplesmente passivo dos órgãos da visão; o mundo seria o resultado das inter-relações de sujeito e objeto, de observador e observado; ir-se-ia até ao ponto de um e outro aparecerem como simples aparências, sem que se pudesse determinar a coisa em si. De resto, a visão do mundo que Lucrécio devia ter era realmente essa, porque para ele tudo resultava da interação de átomos que eram, por exemplo, sem cor nem som.*

Quando vemos ao longe as torres quadradas duma cidade, acontece que muitas vezes as percebemos redondas, visto que todo ângulo percebido de longe parece obtuso ou até mesmo não se vê e perde o seu efeito, sem que aos nossos olhos chegue qualquer impressão; efetivamente, os simulacros, ao serem levados pelo ar, ficam muito fracos, em virtude dos choques freqüentes com o mesmo ar. Assim, todo ângulo escapa aos nossos sentidos e todas as estruturas de pedra aparecem como se tivessem sido passadas no torno, não porque efetivamente e verdadeiramente sejam redondas, mas porque as formas surgem como que diluídas numa penumbra.

Parece igualmente que a nossa sombra conosco se move ao sol e que nos segue os passos e nos imita o gesto; não se creia, porém, que possa andar um ar privado de luz e que ele siga os movimentos e os gestos dos homens: de fato, aquilo que nós costumamos considerar sombra nada pode ser senão ar privado de luz. Não há nisto nada de admirável, porquanto a terra, em lugares certos e por determinada ordem, é privada da luz do sol pelos caminhos que seguimos, dela se enche logo que os abandonamos; por isso parece que aquilo que foi a sombra do corpo nos vai seguindo de um para outro lado. Efetivamente, sempre se derramam novos raios de luz e desaparecem os primeiros como lã que se fosse deitando ao lume. Por isso facilmente a terra se despoja de luz e dela se enche e de si lava as negras sombras.

Todavia, de nenhum modo[61] concedemos que se enganem os olhos. De fato, é função deles distinguir onde está a luz e a sombra; mas se a luz ou as sombras são as mesmas que anteriormente havia num ponto e que passaram para outro, ou se antes tudo sucede como já dissemos, isto é o que deve discernir o raciocínio do espírito, visto que os olhos não podem conhecer a natureza das coisas: não se deve, portanto, atribuir aos olhos o erro do espírito.

O navio em que somos transportados move-se e parece estar parado; e aquele que fica no ancoradouro julgamos nós que avança. As colinas e os campos

[61] *No trecho em que arquiva várias ilusões de óptica, inclina-se Lucrécio para a afirmação de que se trata não de um erro dos sentidos mas sim do intelecto; como conseqüência, devia dizer que todo fato é uma teoria, o que punha por terra a sua idéia do conhecimento em si e, mais largamente, toda a construção materialista.*

parecem fugir-nos pela popa quando passamos perto, de navio, levados pelo vôo das velas. As estrelas parecem estar todas fixas nas abóbadas do ar e todas elas são levadas em contínuo movimento; todas elas tornam a ver, depois de nascerem, o poente longínquo, quando já mediram com seu corpo brilhante o céu inteiro. Do mesmo modo, segundo parece, permanecem o sol e a lua nas suas posições, quando é certo que os fatos nos indicam que eles se movem. Vistos de longe, os montes que surgem do meio do abismo e que dão entre si passagem livre e grande para esquadras, parecem todavia formar juntos apenas uma ilha.

Parece que os átrios vacilam e que as colunas vão de roda à volta das crianças, quando elas próprias deixam de girar, e de tal modo que lhes é difícil não crer que toda a casa lhes vai cair em cima.

Quando a natureza principia a levantar ao alto e a fazê-lo subir acima dos montes o rubro facho de trêmulos raios, parece que esses montes sobre os quais está o sol e que ele próprio, tocando-os de perto, abrasa, ardendo, com seu fogo, não estão a mais de duas mil flechadas, não estão a mais de quinhentos tiros de azagaia; mas entre eles e o sol encontram-se os imensos plainos do mar que se estendem sobre a grandeza das plagas celestes e os muitos milhares de terras que habitam os variados povos e as gerações dos animais bravios.

No entanto, uma poça de água que não tem mais que um dedo de profundidade e que se forma entre as pedras sobre o pavimento das nossas estradas mostra quando a olhamos um tal abismo pela terra adentro quanto o espaço enorme que vai da terra ao céu; dá-nos a impressão de que lá podemos ver as nuvens e ver o céu e ver, milagrosamente escondidos por debaixo das terras, todos os corpos que nesse céu existem.

Finalmente, quando o nosso fogoso cavalo pára no meio dum rio, e nós olhamos para as rápidas águas da corrente, parece que o corpo do cavalo, que está parado, é levado contra a corrente, como se uma força o arrastasse para o lado contrário com toda violência; e, para todos os pontos a que lançamos os olhos, nos parece que tudo é levado, que tudo flui exatamente do mesmo modo.

Um pórtico sustentado de uma extremidade à outra por colunas paralelas, e todas ao mesmo nível, parece, todavia, quando o vemos todo de uma das extremidades, ser levado a tomar a inclinação dum cone alongado, juntando o telhado com o solo, o lado direito ao lado esquerdo, até se dirigir inteiramente à ponta invisível do cone.

No mar, parece aos marinheiros que o sol sai das ondas e às ondas se dirige, nelas escondendo a sua luz; é porque não vêem nada mais que não seja água e céu; não se creia, porém, levianamente, que por toda parte sejam enganados os nossos sentidos. Àqueles que são ignorantes do mar parece que os navios ancorados no porto têm partidas as obras mortas e se afundam na água: efetivamente, toda a parte dos remos que está acima da água salgada é direita e direito é também o leme na sua parte superior; tudo, porém, que mergulha no líquido parece quebrado: é dobrado, virado debaixo para cima e vem refletido flutuar quase à superfície das águas.

Quando, de noite, os ventos levam pelo céu as nuvens rarefeitas, vêem-se os astros esplendorosos ser arrastados ao encontro das nuvens e passar por cima delas, numa direção completamente contrária àquela em que verdadeiramente são levados.

E se, por acaso, a nossa mão, colocada por cima de um dos olhos, o aperta, acontece, não sei por que sensação, que, ao olharmos, vemos tudo que olhamos desdobrando-se em dois: duas luzes florescem nas chamadas das tochas, um duplo mobiliário se desdobra pelo interior das casas, duplas são as faces dos homens e duplos os corpos.

Finalmente, quando o sono atou os membros com um brando torpor e o corpo jaz inteiramente numa suprema quietação, então nos parece que estamos acordados e que movemos os nossos membros; pensamos, nas cegas trevas da noite, ver o sol e a luz diurna e, num lugar fechado, mudarem-se o céu, o mar, os rios e os montes, e parece-nos passar a pé pelos campos e ouvir os sons, embora

por toda parte haja apenas o severo silêncio da noite; estando calados, parece que falamos.

Vemos muitas outras coisas da mesma espécie admirável, que são como se procurassem todas elas quebrar a fé que temos nos sentidos; mas em vão, porque a maior parte de tudo isto apenas nos engana por causa das opiniões de espírito que nós próprios juntamos, de maneira a fazer-nos ver aquilo que de fato os nossos sentidos não viram. Efetivamente, nada é mais difícil do que distinguir as coisas verdadeiras das duvidosas que o nosso espírito por si mesmo junta.

Finalmente, se há aí alguém[62] que julgue nada saber, isto mesmo ele ignora, se pode saber, visto que diz nada saber. Portanto, não me darei ao trabalho de discutir com ele, visto que resolveu trocar a cabeça pelos pés. Todavia, concederei que sabem alguma coisa, com a condição de lhes perguntar, visto nada terem encontrado de verdadeiro nas coisas, donde lhes vem o saber que sabe que sabe ou que não sabe, que fato deu sinal do verdadeiro e do falso, que fato prova distinguir-se o duvidoso do seguro?

Descobrir-se-á que é pelos sentidos que primeiro se revela a nós o sinal da verdade e que os sentidos não se podem refutar. Efetivamente, deve-se aceitar com mais fé aquilo que espontaneamente pode fazer que o verdadeiro triunfe sobre o falso. Ora, que pode merecer maior fé do que os sentidos? Por acaso poderá a razão depor contra eles, quando é falsa a sensação, ela que inteiramente nasceu dos sentidos? Se eles não são verdadeiros, também a razão se torna inteiramente falsa. Ou poderão os ouvidos retificar os olhos ou o tato ou os ouvidos? Acaso o gosto convencerá de erro o tato, acaso o nariz refutará, acaso vencerão os olhos? Claro que não, segundo o que penso.

Efetivamente, o poder está dividido entre todos e tem cada um a sua força; torna-se, portanto, necessário que haja um sentido próprio para o que é mole, outro para o que é gélido e fervente, e que outros sintam as várias cores dos corpos e

---

[62] *O que Lucrécio diz das ilusões dos sentidos prestava-se naturalmente ao ataque dos céticos, que concluiriam pela impossibilidade de toda a ciência; Lucrécio responde-lhes pelo argumento, tanta vez repetido sob uma ou outra forma na história da filosofia, de que, se nada se sabe, nem se pode saber se se sabe, isto é, de que, se se diz que não se pode saber, uma afirmação se fez, a de que alguma coisa se pode saber; o ceticismo foi, portanto, abatido pela base. Nem Lucrécio nem nenhum dos autores antigos que usaram do argumento faz referência ao problema lógico que consiste em saber se a proposição "nada se pode saber" ou"toda proposição é falsa" é da categoria das "sobre si próprias" ou das "que se aplicam a si próprias"; no entanto, só no segundo caso o argumento será legítimo. (McTaggart.)*

vejam tudo aquilo que se relaciona com as cores. Do mesmo modo, tem o sabor a sua própria força e por si mesmo nascem os odores, por si próprios os sons. É, portanto, de concluir que não podem os sentidos corrigir-se uns aos outros; não poderão também ter mais verdade um que outro, visto que os devemos considerar dignos de fé a todos por igual. Por conseguinte, é verdadeira toda sensação que eles têm em qualquer momento.

E, se a razão não pode determinar a causa pela qual aquilo que de perto é quadrado de longe se vê redondo, é ainda melhor, dado o desconhecimento da razão, dar uma explicação imperfeita de ambos os aspectos do que deixar sair das mãos aquilo que é seguro, infringir a fé que mais se deve e abalar por inteiro os alicerces em que se apóiam a salvação e a vida. De fato, não é só a razão que ruiria; também a própria vida cairia imediatamente se se ousasse não acreditar nos sentidos e não evitar os precipícios e as outras coisas do mesmo gênero a que se tem de fugir, seguindo aquilo que lhes é contrário. Tem, portanto, de se considerar como vã toda a massa de palavras que nos aparece preparada, formada contra os sentidos.

Finalmente, se uma construção se começa com uma régua torta, se o esquadro enganador se afasta de uma linha reta, se o nível em algum ponto falha por pouco que seja, é fatal que tudo fique errado e de través, malfeito, deitado, inclinado para a frente, deitado para trás, com os telhados discordantes, de tal modo que tudo parece querer cair, e cai, traído pelos primeiros cálculos errados; do mesmo modo, também o raciocínio sobre os corpos sairá errado e torto se por acaso nasce de erradas sensações. Vejamos agora de que maneira cada sentido tem as suas próprias impressões: a razão não é difícil de encontrar.

Primeiro, ouvem-se sons[63] e todas as vozes quando se insinuam nos sentidos e provocam a sensação abalando os órgãos. Tem de se aceitar que são corpóreos a voz e o som, visto que podem abalar os sentidos. Além disso, a voz raspa a

[63] *Como se sabe, a física mantém a idéia de uma "transmissão corpórea" do som, pela teoria das vibrações no ar. Quanto à voz, Lucrécio não parece afirmar que se trata de uma exalação; aqui a teoria dos simulacros manqueja. A teoria do eco é ainda a atual. O fenômeno da travessia dos corpos sólidos pelo som é explicado por Lucrécio pela passagem dos elementos da voz através dos canais que se abrem em todo o corpo.*

garganta e muitas vezes um grito ao passar faz saltar fora os canais por que passa; efetivamente, a multidão dos elementos da voz, agrupando-se em grande número e começando a sair, fere, obstruindo-a, a abertura da boca. Não é, portanto, duvidoso que os sons e as palavras constem de princípios corpóreos: de outro modo não poderiam ferir.

Não te passou também despercebido o que leva do corpo, o que arranca dos nervos e das forças dos homens uma conversa contínua levada desde o brilho da aurora que surge até a sombra da escura noite, principalmente quando falamos com grande clamor. É necessário, por conseguinte, que a voz seja de natureza corpórea, visto que falando muito se perde uma parte do corpo.

Vem, então, a aspereza da voz da aspereza dos elementos e a suavidade da suavidade surge. Não são iguais pela forma os elementos que penetram nos ouvidos quando a tuba de som grave muge num murmúrio opresso e rouca reboando bárbara ressoa, ou quando os cisnes levantam acima das fortes torrentes do Helicão a lúgubre voz em suas claras queixas.

No momento em que fazemos sair do corpo estes sons e os lançamos direitos pela boca, articula-os em palavras a língua sua obreira, e os conforma ajudada em parte pelos lábios. É por isso que, se a voz nos chega a uma distância não muito grande do ponto de que partiu, é fatal que as próprias palavras sejam ouvidas claramente e se lhes distinga a articulação: conservam de fato a disposição e a forma.

Mas, se o espaço intermediário é demasiadamente grande, é fatal que as palavras se confundam por causa da grande quantidade de ar que se interpõe, e que a voz se perturbe enquanto voa pelos ares. Pode-se, então, perceber o som, mas não reconhecer qual seja o sentido das palavras: de tal maneira nos chega a voz embaraçada e confusa.

Além disso, muitas vezes uma só palavra pronunciada pela boca de um só pregoeiro vai ferir todos os ouvidos de uma multidão. Por conseguinte, uma única voz pode subitamente separar-se em várias, porque se divide segundo os ouvidos

de cada um, aí marcando a forma e o som distinto das palavras. Mas a parte das vozes que não vai cair em ouvido algum perece ao passar e em vão se difunde pelos ares. Outra parte, batendo em corpos duros e por eles repelida, a nós volta sonora e algumas vezes nos engana com um simulacro de palavra.

Compreendendo bem isto, poderás tu próprio explicar a ti e aos outros de que maneira nos lugares desertos as pedras nos reenviam a forma das palavras com exatidão e pela sua ordem, quando procuramos os companheiros perdidos pelas sombrias montanhas e com grandes gritos chamamos os que se dispersaram: eu mesmo vi, ao emitir um som, que os lugares seis ou sete vezes os restituíam. As próprias colinas os transmitiam às colinas e as palavras repelidas por elas docilmente refaziam o caminho.

Aqueles que habitam perto destes lugares dizem que os ocupam caprípedes sátiros, ninfas e faunos, e afirmam que é o seu estrépito noctívago e os seus jogos joviais que vêm freqüentemente quebrar-lhes os taciturnos silêncios; surgem os sons das cordas e as queixas maviosas que solta a flauta tocada pelos dedos dos cantores; e a gente agrícola o ouve de longe, quando Pã, sacudindo as coroas de pinheiro de sua cabeça semi-selvagem, percorre com o lábio recurvo os calamos abertos para que a flauta não deixe de fazer ressoar a musa pastoril. E contam muitas outras maravilhas e portentos deste gênero, para que por acaso não se julgue que foram abandonados pelos deuses, ficando solitários todos estes lugares. Por isso falam destes milagres; ou então são levados por qualquer outra razão, porque toda a raça humana é por demais ávida de ouvidos.

Depois, não temos de nos admirar se de algum modo pelos lugares através dos quais nada se pode ver chegam as vozes e impressionam nossos ouvidos. Também muitas vezes damos por uma conversa que se passa a portas fechadas; e nada há nisto de admirável, porque a voz pode passar intata pelos orifícios recurvos dos corpos, ao passo que os simulacros se recusam. Efetivamente, dispersam-se as passagens, não são retas como, por exemplo, as do vidro que toda imagem atravessa voando.

Além de tudo o som separa-se para todos os lados; uns nascem dos outros e um, ao produzir-se, logo se dissolve em vários, exatamente como uma fagulha costuma dispersar-se em vários lumes. Assim todos os lugares, por mais escondidos, se enchem de som, dos sons que estavam à volta e que os despertam com o som.

Os simulacros, porém, vão todos por caminhos diretos ao ponto aonde uma vez foram enviados; por isso é impossível, seja a quem for, ver para trás de um muro, mas é possível, de fora, ouvir as vozes. E, todavia, a própria voz, ao transpor as paredes das casas, perde a sua agudeza, penetra confusa nos ouvidos e na verdade mais ouvimos os sons do que as palavras.

Quanto à língua e ao palato, com os quais sentimos o gosto, não é necessário que haja grandes explicações. Primeiro, sentimos o gosto na boca quando espremememos o alimento ao comê-lo, exatamente como se alguém se pusesse a espremer com a mão e a secar uma esponja cheia de água. Depois, aquilo que espremememos se distribui inteiramente pelos canais do palato e pelos orifícios recurvados da complicada língua. Quando os elementos deste suco que sai são lisos, tocam suavemente e suavemente impressionam todos os espaços da língua, que logo se enchem de saliva; mas, pelo contrário, quanto mais estão cheios de aspereza tanto mais ferem os sentidos e mais os dilaceram.

Depois, o prazer que se tira destes sucos tem seu fim no palato; logo que se precipita pela garganta, já não há nenhum prazer, enquanto se dispersa inteiramente pelos membros; não importa em nada o alimento de que se nutra o corpo, contanto que aquilo que se toma possa, digerido, dividir-se pelos membros e conservar a compleição úmida do estômago.

Vejamos agora, segundo o que vou explicar, *(Lacuna)* por que razão tem cada um seu alimento e por que razão aquilo que para uns é desagradável e amargo pode, todavia, parecer **a** outros extremamente agradável; há nestas coisas tanta variedade e tanta diferença que o alimento de uns se torna para outros um veneno violento. E o que sucede com a serpente que, tocada pela saliva do homem, morre

e se destrói, mordendo-se a si própria. Além disto, o heléboro é para nós um. terrível veneno, mas aumenta a gordura das cabras e das codornizes.

Para que se possa conhecer a razão destas coisas convém lembrar primeiro aquilo que dissemos anteriormente, isto é, que há nos corpos elementos misturados de numerosos modos. Todos os animais que se alimentam, exatamente porque são diferentes no exterior e porque segundo as raças é também diferente a linha de contorno de corpo, também são compostos de elementos de diferentes formas.

Ora, como os elementos são diferentes, é fatal que sejam também diferentes os intervalos e os canais a que chamamos poros, em todos os membros e na boca e no próprio palato. Uns devem ser maiores, outros devem ser menores, uns devem ser triangulares, outros devem ser quadrados, muitos serão redondos, alguns de numerosos ângulos dispostos de várias maneiras.

Efetivamente, como o exigem a disposição das formas e o movimento, devem os feitios dos poros diferir uns dos outros e variarem os caminhos segundo a imposição das estruturas. Por isso aquilo que é agradável para uns é desagradável para outros; nos primeiros, naqueles a que é agradável, devem os corpos mais lisos entrar vagarosamente nos canais do palato: mas, pelo contrário, aqueles para os quais um corpo é desagradável devem receber na garganta elementos demasiado ásperos e picantes.

É fácil agora, por intermédio destes fatos, conhecer o resto. Assim, quando aparece uma febre, ou por excesso de bílis ou porque se excitou por outra razão alguma força mórbida, logo se perturba todo o corpo e se trocam as posições dos elementos; acontece que os corpos que primeiro convinham aos nossos sentidos não convém agora e outros aparecem mais aptos, os mesmos que, penetrando nos sentidos, podem em geral ser desagradáveis. As duas coisas se encontram misturadas no sabor do mel, como já anteriormente o demonstrei com freqüência.

Tratarei agora da maneira por que o cheiro nos vem ter ao nariz. É necessário primeiro que haja uma quantidade de corpos donde se levante, fluindo, o vário fluxo dos odores, e tem de se aceitar que ele flui e é emitido e se espalha

por toda parte; mas alguns deles convém mais a alguns seres vivos por causa das formas desiguais. Assim as abelhas, embora estejam longe, são atraídas através do ar pelo odor do mel, e os abutres pelos cadáveres. A força atenta dos cães levará a toda parte aonde tenha dado um passo a unha fendida dos animais bravios, e de longe pressente o odor humano a branca ave que salvou a cidadela dos filhos de Rômulo.

Assim também o próprio cheiro de cada coisa leva cada animal ao seu alimento e o obriga a afastar-se do terrível veneno: deste modo perduram as gerações dos animais.

Quanto aos cheiros que nos vêm impressionar o nariz, há alguns que podem ir mais longe do que outros; no entanto, nenhum deles é transportado tão longe como o som, como a voz, sem falar sequer das coisas que ferem as pupilas dos olhos e impressionam a visão. Efetivamente vêm errantes e vagarosos e a pouco e pouco desaparecem, facilmente dispersos nas auras do ar; até lhes é difícil sair do interior dos corpos: de fato, é do mais profundo que os odores fluem e saem das coisas: demonstra-o o fenômeno de que tudo, ao partir-se, ao esmagar-se ou ao ser destruído pelo fogo, pareça exalar um odor mais forte.

Depois, é fácil ver que o constituem elementos maiores que o da voz, visto que não penetra pelos muros de pedra por onde a voz e o som facilmente passam. Por isso verás também que é mais difícil saber em que lugar está colocado aquilo que deita cheiro. Efetivamente, a emanação resfria ao demorar-se pelos ares e os sinais das coisas não correm quentes aos sentidos. Deste modo muitas vezes se desviam os cães e procuram a pista.

Também não é só nos cheiros e nos sabores que isto acontece: os aspectos das coisas e as suas cores não convém por igual aos sentidos de todos: há algumas que são bastante duras para certas visões. Acontece até que os raivosos leões não podem suportar nem contemplar o galo acostumado a aplaudir com as asas a partida da noite e a chamar a aurora com sua clara voz; logo pensam na fuga.

Nada há nisto de estranho, porquanto existem no corpo dos galos certos elementos que, ao serem lançados nos olhos dos leões, escavam as pupilas e produzem uma terrível dor, de tal modo que, apesar da bravura, não podem suportá-la; no entanto, não podem ferir os nossos olhos, ou porque neles não penetram ou porque, se penetram, lhes ê dada saída livre de dentro dos olhos, de tal maneira que não possam, demorando-se, ferir os olhos seja onde for.

Vais agora saber e compreender[64] em poucas palavras quais são os corpos que movem o espírito e donde vem aquilo que à mente vem. Primeiro direi o seguinte, que sutis simulacros das coisas, de numerosas espécies, vagueiam em grande número por todas as partes e que facilmente se juntam entre si nos ares quando chegam ao encontro uns dos outros, exatamente como as teias de aranha ou as folhas de ouro. São, efetivamente, muito mais sutis na sua estrutura do que os corpos que ferem os nossos olhos e provocam a visão, visto que penetram pelos pequenos intervalos dos corpos e lá dentro excitam a sutil substância do espírito e provocam as sensações.

É assim que nós vemos os centauros e os membros dos Cilas e as fauces cerbéreas dos cães e as imagens daqueles cujos ossos, tocados pela morte, a terra cobre; efetivamente, simulacros de todas as espécies são levados por todos os lados, em parte porque se formam no próprio ar, espontaneamente, em parte porque escapam dos vários corpos ou porque aparecem pela reunião das suas formas.

De fato, não é certamente a partir de um centauro vivo que se forma a sua imagem, visto que jamais houve tal espécie de animais; mas quando a imagem de um homem e de um cavalo se reúnem por acaso, facilmente se juntam uma à outra, como dissemos anteriormente, devido à sua substância sutil e à sua textura delicada.

As outras coisas da mesma espécie surgem do mesmo modo. Como os simulacros são levados rapidamente por causa da suma leveza, segundo o que já

---

[64] *Depois de ter aplicado ao gosto e ao olfato a teoria da emissão com que explicou a vista e o ouvido, Lucrecio trata especialmente das visões do espírito. Epicuro, no trecho correspondente (A Heródoto, em Diógenes Laércio, Livro X), fala também da imaginação. As visões seriam, como já se disse, produzidas por simulacros modificados no trajeto ou fundidos e de substância tão sutil que diretamente impressionariam o espírito. Esses simulacros chegam ao espírito, porque os sentidos, geralmente adormecidos pelo sono, não se lhes podem opor com sua força de verdade. O movimento das visões no sonho é explicado como resultando de uma série rápida de imagens paradas; é, no fundo, a teoria da retenção de imagens com que se explica o cinema, mas como ela incompleta, porque não entra em linha de conta com o trabalho criador do espírito.*

disse, facilmente qualquer delas, com sua imagem sutil, nos pode impressionar o espírito com um só choque; efetivamente, o próprio espírito é delicado e de mobilidade extraordinária.

Facilmente poderás reconhecer, pelo que se vai seguir, que tudo se passa como te digo. Como aquilo que vemos com o espírito e com os olhos é igual, tem de se aceitar que surge do mesmo modo. Ora, eu demonstrei que me é possível ver um leão pelos simulacros que me impressionam os olhos; deve ser pelo mesmo motivo que o espírito se impressiona: é pelos simulacros que ele vê o leão e todas as outras coisas, exatamente como os olhos; e até imagens muito mais sutis.

E se, quando o sono nos prostra os membros, o espírito fica vigilante, é porque exatamente do mesmo modo o impressionam os mesmos simulacros que vêm a nós quando acordados; a tal ponto que nos parece distinguir com toda exatidão aqueles a quem a vida faltou, aqueles de que se apoderaram a morte e a terra.

A natureza leva a que isto se produza porque todos os sentidos embotados repousam pelas várias partes do corpo e não podem abater a mentira com sua verdade. Além de tudo, a memória está prostrada, lânguida de sono, e nem revida que é presa da morte e do extermínio aquele que o espírito julga contemplar.

Também não é de estranhar que estas imagens movam em cadência os braços e as outras partes do corpo. O que aparece em sonhos sucede deste modo: mal foge a primeira imagem, logo surge outra em posição diferente, de modo que parece que a primeira mudou de gesto. É de ver que tudo isto se faz com toda rapidez: tão grande é a mobilidade e a abundância das coisas, tão grande a abundância de partículas, num momento de tempo quase imperceptível, que a tudo podem bastar.

Neste ponto, temos de investigar muita coisa, muito temos de esclarecer, se queremos expor tudo com lucidez. Deseja-se saber em primeiro lugar por que razão, logo que temos desejo de um objeto, imediatamente o espírito o imagina. Será que por acaso os simulacros obedecem à nossa vontade e nos ocorre uma

imagem quando o queremos, quer se trate do mar, quer se trate da terra, quer finalmente do céu? Reuniões de homens, cortejos, festins, batalhas, tudo a uma só palavra a natureza nos prepara e cria. E o que é mais extraordinário é que o espírito daqueles que estão no mesmo sítio, no mesmo lugar, lhes imagina coisas que são muito diferentes umas das outras.

E que diremos a respeito das imagens que nos sonhos vemos avançar ritmicamente e mover os ágeis membros, ágeis sim, visto que alternadamente movem os braços com leveza, e a nossos olhos acompanham seus gestos com pés harmoniosos? Acaso estas imagens são embebidas de arte e doutamente vagueiam, de modo a poderem durante a noite fazer seus jogos? Ou não será antes que num só momento, segundo o que sentimos, isto é, ao soltar-se um som, estão incluídos numerosos tempos, que a razão descobre existirem, visto que em todo instante e em todo lugar imediatamente nos aparecem estas imagens? Grande é a mobilidade e a abundância das coisas. Efetivamente, logo que desaparece a primeira imagem, outra surge em outra posição e parece ser a primeira que mudou de gesto.

E, como estes simulacros são sutis, o espírito não pode ver com clareza se por acaso não está com atenção; por isso, tudo o que existe logo perece, a não ser aquilo para que ele próprio se preparou. Assim ele se prepara e espera que há de ver o que se segue a cada coisa; e portanto acontece. Não vês também, quando os olhos se põem a fixar corpos sutis, como ficam atentos e se aplicam e como sem isto não pode suceder que vejamos com clareza? E até nas coisas que se vêem distintamente se pode observar que, se não se estiver com atenção, tudo se passará sempre como se estivessem afastadas e extremamente remotas. Por que nos havemos, então, de admirar se o espírito perde todas as coisas a não ser aquelas a que está entregue? Depois, muitas vezes, de pequenos indícios imaginamos as coisas mais vastas e a nós mesmos nos defraudamos, a nós mesmos induzimos em engano.

Acontece também às vezes que não aparece uma imagem da mesma espécie: a mulher que anteriormente tínhamos na mão parece transformar-se em homem ou

então um rosto surge de outro rosto, uma idade de outra idade; mas o sono e o esquecimento fazem que não persista a nossa admiração.

Há nestas coisas um erro grave[65] *(Lacuna)* a que se tem de fugir e que se tem de evitar, de temer, acima de tudo: é preciso que não se julgue que a clara luminosidade dos olhos foi criada para que possamos ver ao longe; e não é para que possamos caminhar a passos largos que a extremidade das pernas e coxas se apóia, articulando-se nos pés; também os braços/que temos dotados de fortes músculos e as mãos que nos servem a um lado e outro nos não foram dadas para que pudéssemos fazer aquilo que é de utilidade para a vida. Pensar-se seja o que for, a este respeito, desta maneira, é usar um raciocínio pervertido, e ao revés: não há nada no nosso corpo que tenha aparecido para que possamos usá-lo, mas é o ter nascido que traz consigo a utilização.

Não existiu a visão antes de ter aparecido a luz dos olhos, nem o exprimir-se por palavras antes de ter sido criada a língua; a origem da língua é, pelo contrário, muito anterior à do falar, e foram criados os ouvidos muito antes de se escutar o primeiro som e, segundo creio, existiram, numa palavra, todos os membros antes de terem sido utilizados. Não puderam, portanto, crescer para serem usados.

Pelo contrário, aprendeu-se a combater nas batalhas e a despedaçar os membros e a marcar de sangue o corpo muito antes que voassem os cintilantes dardos; e a natureza levou a evitar as feridas, antes que, por meio da arte, o braço esquerdo apresentasse o obstáculo do escudo. E é claro que o entregar ao descanso o corpo fatigado é muito mais antigo do que os brandos colchões do leito; e apareceu o acalmar a sede antes dos copos. Quanto a tudo isto, é possível aceitar-se que tiveram como origem a possibilidade do uso e a experiência da vida. No entanto, têm de ser postas de lado todas as coisas que, tendo surgido primeiro por si próprias, nos deram depois noção da sua utilidade. Deste gênero são primeiro, como vemos, os sentidos e os membros; é por isso que, digamo-lo uma vez mais, não se pode aceitar que tenham sido criados segundo um critério determinado.

---

[65] *A propósito das operações dos sentidos, Lucrécio nega a existência de causas finais, muito de acordo com as suas idéias gerais sobre o mundo; num sistema mecanicista como o seu não pode haver senão causas eficientes; neste ponto, o raciocínio de Epicuro está de acordo com as diretrizes da ciência moderna, a qual, pelo menos, afirma que não se pode determinar, cientificamente, a existência de causas finais.*

Não temos também de nos admirar do fato de naturalmente todos os animais procurarem o alimento conveniente. Efetivamente, já demonstrei que de todos os corpos fluem e escapam elementos de numerosas espécies; mas é dos animais que eles vêm em maior número. Como são agitados pelo movimento, os elementos são trazidos do interior por meio do suor e exalam-se em grande quantidade pela boca quando, fatigados, ficam anelantes; então o corpo todo fica rarefeito e toda a natureza quase cai em ruínas; e logo a dor surge como conseqüência.

Por isso se toma o alimento que sustente os membros e reanime as forças e acabe, espalhando-se pelos membros e pelas veias, com o aberto desejo de comer. Do mesmo modo, os líquidos se distribuem a todos os lugares que os reclamam; os numerosos elementos de calor, que, aglomerados no estômago, o incendeiam se dissipam com a chegada do líquido que apaga este fogo e não deixa que o árido calor possa abrasar mais os vários órgãos. Fica sabendo que é assim que a ofegante sede se suprime do nosso corpo, que é assim que se farta o desejo esfomeado.

E agora como é que nós podemos dar passos para a frente quando o queremos, como é que podem os nossos membros mover-se em várias direções, como é que alguma força é capaz de deslocar o peso tão grande do nosso corpo? Eis o que vou dizer: tu, recolhe as palavras.

Digo que, como já antes mostrei,[66] os simulacros do movimento vêm impressionar o nosso espírito e dar-lhe excitação; daqui nasce a vontade; efetivamente, nada começa a realizar-se senão aquilo que o espírito previu e quis; daquilo que ele vê, fica presente a imagem. Portanto, quando o espírito se move a querer marchar e caminhar, imediatamente toca na substância da alma que está disseminada em todo o corpo pelos membros e pelos órgãos: o que é fácil, visto que as duas substâncias são ligadas. A alma, por seu turno, toca no corpo e assim, a pouco e pouco, toda a massa avança e caminha.

---

[66] *Afirmando que não se principia uma ação sem que se veja o que se quer fazer, Lucrécio de certo modo admite as causas finais que repeliu mais acima. É fácil pô-las de parte no mundo determinista dos fenômenos; a tarefa revela-se, porém, muito difícil quando se passa aos domínios do espírito.*

Além disto, também o corpo se rarefaz e o ar, que evidentemente sempre deve ter mobilidade, vem pelas aberturas e penetra largamente pelos poros e se dispersa até as partes mais diminutas do corpo. Daqui vem que por estes dois motivos o corpo vai como um navio levado pelas velas e pelo vento.

Portanto, não há nada de espantoso em que corpúsculos tão diminutos possam manobrar tão grande corpo e fazer voltar uma tão grande carga. O vento de substância tão sutil e rarefeita pode, agindo, fazer mover a grande massa dum grande barco; e, no entanto, uma só mão o dirige qualquer que seja a sua velocidade, um só leme o manobra aonde quer, e, por meio das roldanas e dos paus de carga, uma só máquina move com ligeiro esforço e levanta coisas de grande peso.

Agora exporei em versos[67] mais harmoniosos que abundantes as maneiras por que o sono espalha pelos membros o seu sossego e liberta o peito dos cuidados do espírito; farei como o cisne, o qual, com seu canto breve, supera o clamor dos grous dispersos nas etéreas nuvens do vento sul; e tu, dá-me ouvidos sutis e um ânimo sagaz; não negues que é possível fazer-se o que eu digo, não recues repelindo do peito as palavras verdadeiras, quando é certo que por tua culpa não terias podido distingui-las por ti próprio.

Primeiro surge o sono logo que a força da alma se dispersa pelos membros e uma parte sai fora de nós e outra parte fatigada se retira aos lugares mais profundos. Então, por fim, os membros se abrandam e se tornam como fluidos. Não há dúvida que a nossa sensibilidade é obra da alma; e, quando o sono embaraça essa sensibilidade, tem de se aceitar que a alma se perturbou em nós e foi lançada; não toda, porque então o corpo ficaria jazendo mergulhado no eterno frio da morte. Certamente, se nenhuma parte da alma ficasse escondida nos membros, exatamente como um fogo fica escondido coberto por numerosa cinza, donde viria que a sensibilidade de repente se pode reanimar nos membros, exatamente como a chama surge dum lume adormecido?

---

[67] *A explicação do sono pelo recolhimento da alma é comparável a uma das hipóteses atuais, a que liga o sono ao corte de contato sensorial com o mundo exterior.*

Mas vou explicar por que motivo se realiza esta mudança e donde vem que se possa perturbar a alma e ficar lânguido o corpo: tu, por teu lado, farás que eu não lance ao vento estas palavras.

Em primeiro lugar, é necessário que a parte externa do corpo, visto estar em contato estreito com as auras aéreas, seja ferida e abalada pelos seus choques freqüentes; é este o motivo por que quase todas as coisas são recobertas de couro ou então de conchas, de superfícies calosas ou de cascas. Por outro lado, a parte interna também é batida por este mesmo ar que respiramos, quando inspiramos e quando expiramos. Ora, como o corpo é batido de um lado e de outro, e como os choques, por intermédio dos pequenos poros, chegam às primeiras partes e aos elementos primordiais do corpo, a ruína dos nossos membros vai se fazendo pouco e pouco. Perturbam-se as posições dos elementos do corpo e do espírito.

Sucede, então, que é expulsa uma parte da alma e que outra parte, escondendo-se, retira-se para o interior; outra parte ainda, dispersa pelos membros, não pode manter contato entre si nem aproveitar-se de movimentos mútuos: efetivamente, a natureza levanta barreiras nas comunicações e nos caminhos e por isso a sensibilidade se afasta, dado o efeito profundo destes movimentos. Depois, como nada mais sustenta os órgãos, torna-se o corpo débil e enfraquecem todos os membros; abandonam-se os braços e as pálpebras e, mesmo estando-se deitado, dobram-se os jarretes e abandonam-nos as forças.

Por outro lado, se o sono chega depois da refeição é porque os alimentos têm o mesmo resultado do que o ar quando se espalha inteiramente pelas veias; e, se o sono mais pesado é aquele que se tem depois de um bom repasto ou quando se está cansado, é porque é nessa altura que os elementos primordiais estão mais abalados em virtude do grande esforço. Acontece, ainda, que é mais profundo o retiro da alma, que uma parte maior é lançada para fora e que toda ela se encontra mais dividida e mais dispersa lá por dentro.

E, sejam quais forem[68] os objetos a que por inclinação cada um se sente preso, é a eles, às coisas em que muito nos demoramos, àquelas em que o espírito mais se ocupou com especial atenção, que, na maior parte das vezes, vemos, segundo nos parece, virem em sonhos ao nosso encontro; acontece ao advogado defender causas e comparar leis, aos generais combater e lançar-se na batalha, aos marinheiros bater-se em duelo contra os ventos, e a nós fazer isto mesmo, investigar continuamente a natureza das coisas e expor na pátria língua aquilo que encontramos.

Todas as inclinações a todas as artes aparecem em sonhos do mesmo modo e ocupam, enganando-os, os espíritos dos homens. Todos aqueles que durante muitos dias deram assídua atenção a toda série de jogos públicos, vemo-los nós depois, quando já eles deixaram de lhes ocupar os sentidos, conservar todavia no espírito caminhos abertos por onde podem chegar até eles idênticas imagens. Durante muitos dias passeiam elas diante dos seus olhos, de modo que, ainda que despertos, vêem os dançarinos movendo os ágeis membros, e ouvem com seus próprios ouvidos o límpido canto da citara e a voz das cordas, e vêem o mesmo ajuntamento e o resplandecer das várias decorações da cena: tal é a importância da inclinação e do prazer e dos hábitos que vêm de se ter trabalhado numa coisa, não só no que se refere aos homens, mas também a todos os animais.

Assim poderás ver cavalos fortes, mesmo deitados, suar em sonhos, ofegar continuamente, como que bater-se com todas as forças pela palma do triunfo ou pelas barreiras abertas. . . Muitas vezes os cães dos caçadores, durante um brando repouso, de súbito agitam as pernas, de repente soltam a voz e freqüentemente aspiram o ar com o focinho, como se tivessem descoberto a pista dos animais bravios e a fossem seguindo; muitas vezes, acordando, perseguem os vãos simulacros de veados, como se os vissem fugindo, até que, dissipado o erro, voltam a si. Do mesmo modo a branda raça dos cãezinhos, habituada à casa, de repente se sacode e levanta o corpo do chão, como se visse faces e rostos conhecidos.

---

[68] *A origem dos sonhos é, para Lucrécio, de caráter interior: sonha-se aquilo em que se pensa habitualmente ou o que não se pôde realizar durante o dia; os dois últimos exemplos podem, porém, indicar a possibilidade de uma explicação fisiológica ou exterior dos sonhos.*

E quanto mais alguma coisa é feita de ásperos elementos tanto mais é de necessidade que tenha violência nos seus sonhos. Já as variegadas aves fogem e de súbito perturbam de noite os bosques sagrados, batendo as asas, se por acaso lhes pareceu durante o agradável sono que abutres lhes ofereciam batalha e voando as perseguiam.

Por seu turno, o espírito do homem, agitado por grandiosas ações, muitas vezes faz o mesmo e o mesmo realiza nos seus sonhos: os reis tomam cidades, são feitos prisioneiros, travam batalhas e levantam gritos como se ali mesmo os estivessem degolando. Muitos se debatem, lançam gemidos de dor como se fossem entregues às mordeduras de uma pantera ou de um cruel leão, tudo enchem com seus grandes clamores. Muitos falam de grandes coisas durante o sono e muitas vezes foram eles próprios os denunciadores dos seus atos. Muitos vão ao encontro da morte.

Muitos, como se caíssem no chão, lá do alto do monte, com todo o peso de corpo, ficam aterrados e, arrancados ao sono, dificilmente voltam a si, tal a obsessão do seu espírito, tal a agitação do corpo. Outros, cheios de sede, ficam sentados junto de um rio ou de amena fonte e é como se quisessem engolir toda a água. E muitas vezes os mais delicados, enleados pelo sono, julgam levantar o vestuário junto de uma bacia ou dum tonel cortado e derramam o líquido extraído de todo o corpo, inundando ao mesmo tempo os tapetes de Babilônia de magnífico esplendor.

Também àqueles em que na flor da idade começa a correr pelos canais o líquido seminal, no mesmo dia em que se torna maduro dentro do corpo, aparecem imagens de vários corpos, com o aspecto de belas feições e de lindas cores, os quais incitam, irritando-os, os lugares túrgidos de abundante sêmen, de tal modo que eles, como se tudo se passasse na realidade, derramam em ondas a abundante corrente e mancham o vestuário.

Esta semente de que falamos[69] agita-se em nós, logo que a idade adulta começa a fortificar os nervos. Efetivamente, tem de haver alguma coisa que abale e agite as outras. Só a força de um ser humano é capaz de fazer sair do homem a semente humana. Logo que ela sai dos seus lugares de residência, corre através dos membros e dos órgãos por todo o corpo, juntando-se em lugares determinados dos nervos e logo excita as próprias partes genitais do corpo.

Esses lugares, excitados, ficam cheios de sêmem, e aparece a vontade de o lançar para dentro do que excitou o terrível desejo; o corpo vai procurar aquilo que de amor feriu o espírito. De fato, na maior parte das vezes, todos caem para o lado donde foram feridos e o sangue lança-se para o lugar donde recebemos o golpe, de tal modo que o líquido rubro inunda o inimigo se por acaso está perto. Assim também sucede com aquele que recebeu uma ferida dos dardos de Vênus, quer lhos tenha lançado um moço de membros feminis, quer as mulheres cujo corpo, todo ele, lança amor; tende a ir ao lugar donde foi ferido e procura juntar-se e lançar o líquido, saído do corpo, a esse corpo: pois o desejo sem voz pressagia a volúpia.

Ei o que é para nós Vênus; daqui vem o próprio nome de amor, daqui destila Vênus ao nosso coração as primeiras gotas do prazer, daqui vem depois o gélido cuidado. Realmente, se está ausente aquilo que se ama, logo vêm perto de nós as suas imagens, logo o seu doce nome ressoa de contínuo aos nossos ouvidos.

Mas convém fugir a essas imagens, afastar de si os alimentos do amor, pensar em outras coisas e lançar num corpo qualquer o líquido coligido: não devemos retê-lo, convertê-lo a um único amor e preparar para si próprio um cuidado e uma dor certa. Porque a ferida se fortalece e se torna inveterada se a alimentarmos. De dia para dia, cresce o furor e se torna mais pesada a pena, se não se apagam com feridas novas os golpes antigos, se, variando, não se confiam ainda recentes à Vênus vagabunda ou se não se podem transferir a outro objeto os movimentos do espírito.

---

[69] *Todo o trecho sobre o amor pode de certo modo autorizar ou ter dado origem às afirmações de São Jerônimo quanto às causas da loucura do poeta. É de resto, pela forma de apresentação do assunto, pelo tom realista, quase grosseiro e, doutra parte, pela linha elegíaca do contexto, um exemplo bem frisante da literatura romana do gênero; liga-se, por um lado, à comédia de Plauto e Terêncio, sobretudo à do primeiro, por outro lado à poesia de um Pérsio, de um Tibulo ou de um Ovídio.*

E aquele que evita o amor não fica privado do fruto de Vênus, mas antes recolhe aquilo que é agradável e sem as dificuldades. Efetivamente, o prazer que recolhem os que estão de cabeça fria é mais puro do que o dos desvairados. No próprio momento da posse, o ardor dos amantes flutua ao sabor de incertos impulsos e não sabem ao certo se primeiro hão de gozar com os olhos ou com as mãos. Apertam estreitamente o que desejaram, provocam dores no corpo, muitas vezes ferem os lábios com os dentes e os magoam de beijos: tudo isto porque não é puro o seu prazer e há ocultos estímulos que os instigam a ferir aquilo mesmo, seja o que for, donde surgiram aqueles germes de furor.

Mas facilmente quebra Vênus as fúrias do amor e o prazer se mistura às mordidelas, refreando-as. Há sempre uma esperança de que o corpo, que é origem do furor, possa ele próprio extinguir a chama. No entanto, a natureza é inteiramente contra isto; é o amor o único objeto que, quanto mais possuímos, tanto mais incendeia o nosso peito com terríveis desejos. De fato, a comida e a bebida são levados para o interior do corpo e, como podem ficar alojadas em lugares determinados, é fácil satisfazer-se o desejo de líquidos e frutos. Mas, realmente, duma face humana e duma linda cor nada vem ao corpo, para que ele goze, senão frágeis simulacros; esperança miserável que muitas vezes é levada no vento.

Assim como aquele que em sonhos, cheio de sede, procura que beber e ninguém lhe dá com que possa extinguir o ardor dos membros, e busca imagens de líquidos, em vão se atormenta e fica cheio de sede, ao mesmo tempo que bebe das torrentes de um rio, assim também Vênus, no amor, ilude os amantes com a imagem: não podem saciar-se olhando o corpo que se lhes apresenta nem podem com as mãos arrancar seja o que for dos delicados membros, e incertos erram por todo o corpo.

Depois, quando, enlaçados os membros, gozam da flor da idade, já quando o corpo pressagia o prazer e já quando Vênus semeia os campos femininos, avidamente prendem o corpo, misturam a saliva das bocas e lhes inspiram o bafo,

oprimindo os lábios com os dentes; e tudo inútil, porque nada podem roubar a esse corpo e nele não podem, com todo o corpo, penetrar e aniquilar-se. Realmente é isto o que parecem tentar fazer num esforço violento: a tal ponto se enleiam, desejosos, nos laços de Vênus, quando os membros desfalecem abalados pela força da paixão.

Finalmente, quando irrompe o amor acumulado nos nervos, faz-se por algum tempo uma pequena pausa no violento ardor. Em seguida, volta aquela mesma raiva, torna a vir aquele furor, visto que eles próprios procuram saber aquilo que desejam e não podem descobrir o meio de vencer aquele mal; de tal modo estão incertos acerca da invisível ferida que os põe doentes.

Acrescenta a isto que consomem as forças e perecem nos cuidados, acrescenta ainda que o tempo se lhes passa aos acenos de outrem. Entretanto, dissipa-se a fortuna e transforma-se em tapetes da Babilônia, os deveres tornam-se lânguidos e a reputação vacilante adoece. Sem dúvida lhes resplendem nos pés ungüentos e sapatos de Sícion e grandes esmeraldas de verde brilho se encastoam em ouro e se fatiga com freqüência o vestuário marinho bebendo o suor de Vênus. Os bens honestamente adquiridos pelos pais convertem-se em diademas, mitras, em mantos e em fazendas de Alindes ou de Geos. Preparam-se banquetes notáveis pela decoração e pela comida, jogos, taças, que se seguem umas às outras, perfumes, coroas e grinaldas; e tudo inútil, porque do meio da fonte dos prazeres surge não sei que de amargo que angustia nas próprias flores, ou quando surgem na consciência os remorsos de se passar a vida, de se perderem os anos assim na indolência, ou porque uma palavra ambígua que ela lançou ao partir deixou preso no coração um fogo, que revive, ou então porque se suspeita que ela dá muito movimento aos olhos, ou fixa outro, ou lhe surpreende no rosto os vestígios de um sorriso.

E, no entanto, tudo isto se encontra ainda no amor propício e favorável; mas num amor adverso e sem esperança são inumeráveis os males que se poderiam encontrar, mesmo estando apagada a luz dos olhos; é por isso que é melhor estar à

vela já antes, do modo que ensinei, e ter cuidado em não se deixar prender. De fato, é mais fácil evitar o sermos lançados aos males do amor do que depois de presos sair daquelas redes e quebrar os fortes nós de Vênus.

E contudo, mesmo estando-se preso e enlaçado, ainda se poderia fugir ao inimigo se a própria pessoa se não pusesse obstáculos passando em claro todos os defeitos do espírito e do corpo daquela que se deseja e quer. É isto o que fazem na maior parte os homens cegos de desejo, atribuindo qualidades àquelas que realmente as não têm. Por isso vemos que muitas que são más e feias vivem em delícias e prosperam no meio de supremas honras. No entanto, eles riem-se uns dos outros e aconselham a que aplaquem Vênus, porque os sentem afligidos por um amor vergonhoso, sem que, pobres deles, vejam os seus males, muito maiores.

Uma negra tem a cor do mel; a imunda e fedorenta é apenas maltratada; a de olhos verdes, uma Palas; a nervosa e lenhosa, uma gazela; a baixinha, a anãzinha, uma das graças, um puro grão de sal; a grande, a colossal, uma maravilha plena e majestosa. A tartamuda que não sabe falar chilreia; a muda é pudica; a incendiária, a odiosa, a tagarela, torna-se uma chama; aquela que nem pode viver de magreza é um delicado amorzinho e a que morre de tosse é realmente um mimo. A avantajada, de grandes seios, é a própria Ceres, depois de nascido Baco; a de nariz achatado é uma silena, é uma sátira; a de grandes lábios, um puro beijo. E seria muito longo se eu tentasse enumerar as outras coisas da mesma espécie.

Mas. suponhamos que ela tem na face toda a beleza que se queira e que em todos os membros surge a força de Vênus; há outras iguais e sem ela vivemos até hoje; faz todas as coisas, bem o sabemos, que fazem as feias: sufoca-se a pobre de cheiros terríveis quando as criadas a evitam de longe e a furto se riem. Mas o namorado, posto fora e chorando, cobre muitas vezes de flores e de grinaldas o limiar da porta e unge o soberbo portão de perfume da manjerona e cobre, o mísero, a entrada com seus beijos. Ora, se o tivessem deixado entrar, o cheiro o atacaria logo de início, de tal modo que procuraria motivos excelentes de se ir embora e lhe cairia das mãos a queixa meditada e preparada há muito tempo; ele

próprio condenaria a sua estupidez por lhe ter atribuído mais qualidades do que aquelas que pode ter um ser mortal.

Nem isto engana as nossas Vênus; põem todos os seus cuidados em ocultar estes bastidores da vida, quando os querem reter e prender a si por meio do amor; e tudo inútil porque se pode, pela força do espírito, trazer tudo à luz e averiguar o que causa riso; depois, se ela tem bom espírito e não é odiosa, pode-se perdoar alguma coisa e fazer concessões aos defeitos humanos.

E também nem sempre a mulher suspira com fingido amor quando abraçando o corpo do homem o aperta ao seu corpo e o segura umedecendo os beijos com lábios sugadores. Muitas vezes, ela o faz sinceramente e, procurando gozos comuns, o incita a percorrer a carreira amorosa. Se fosse doutra maneira, nem as aves, nem os animais dos rebanhos, nem os gados, nem as éguas poderiam submeter-se aos machos: é porque a natureza, ardendo fortemente, as incita e as leva a alegremente receberem o prazer de Vênus daqueles que as assaltam.

E não vês como muitas vezes aqueles que o mútuo prazer encadeou ficam torturados nos laços comuns? Quantas vezes os cães, nas encruzilhadas, procurando separar-se, puxam com toda força cada um para seu lado e ficam, no entanto, presos pelos fortes vínculos de Vênus. Ora, se os prazeres não lhes fossem comuns, nunca fariam isso; e prazeres que os podem enganar e manter presos. Por isso, e di-lo-ei uma e outra vez, o prazer é comum.

Quando, na mistura das sementes,[70] a mulher por acaso e de súbito ganha energia e vence pela força a força masculina, então, por causa da semente materna, nascem os filhos semelhantes à mãe, como o seriam ao pai, da semente paterna. Mas aqueles que se vêem com um e outro aspecto, pondo juntamente os rostos dos pais, esses crescem a partir do sangue materno e paterno, quando as sementes, excitadas através do corpo pelos estímulos de Vênus, vêm ao encontro uma da

[70] *A doutrina da hereditariedade que Lucrécio expõe era geral entre os antigos; os pontos mais interessantes para comparação com a genética moderna são o da existência de caracteres que poderíamos chamar, com linguagem atual, dominantes e recessivos, o do duplo germe e o da transmissão pelos germes dos caracteres hereditários (o gene, no fundo, não é mais, nas teorias modernas, do que um átomo de hereditariedade).*

outra e se misturam com mútuo ardor, de tal modo que nenhuma delas vence ou é vencida.

Acontece também que muitas vezes podem ser semelhantes aos avós e freqüentemente reproduzem as feições dos bisavós, visto que os elementos, em grande número e de muitas formas, muitas vezes, misturando-se, se ocultam no corpo dos pais e transmitem de pais a filhos o que partiu da estirpe primitiva. Daqui tira Vênus rostos de vária espécie e reproduz as feições, a voz e a cabeleira dos antepassados; tudo isto vem duma semente determinada, exatamente como as nossas faces, os nossos membros. Também nascem mulheres da semente do pai e existem varões desenvolvidos a partir do corpo materno. Sempre o parto é o produto duma dupla semente, mas é mais semelhante àquilo de que se cria, àquilo de que mais vem; o que se pode ver, quer se trate de descendência masculina ou de raça feminina.

Não são os poderes divinos que recusam seja a quem for a semente genital, de modo que nunca lhe chamem pai os filhos queridos e passe o tempo de vida com uma Vênus estéril; muitos, porém, pensam assim e, cheios de tristeza, inundam os altares de abundante sangue, perfumam as aras com suas dádivas, para que, por semente abundante, engravidem as esposas. Mas é em vão que fatigam os deuses e os oráculos.

Na verdade eles são estéreis porque têm a semente demasiado espessa ou então porque ela é fluida e tênue além do que seria conveniente. Se ela é tênue não pode ficar presa a lugar algum e logo se dispersa se retira sem dar origem a qualquer nascimento; mas, se é espessa e se é lançada mais compacta do que seria bom, não só não voa com tão ligeiro impulso como também não pode penetrar nos lugares de maneira equilibrada nem, se penetrou, se mistura com facilidade o sêmen ao sêmen feminino.

De fato, parece que Vênus difere muito segundo as harmonias. Uns mais facilmente fecundam certas mulheres e de outros mais facilmente outras mulheres recebem a carga e engravidam. Muitas, estéreis durante vários himeneus, alcançam

depois esposos dos quais concebem filhos e se enriquecem com agradáveis descendentes. E muitos cujas esposas, apesar de fecundas, nunca tinham parido, encontram também uma natureza igual à sua, de modo a poderem proteger de filhos a sua velhice. A tal ponto é importante que as sementes se possam misturar a sementes aptas à fecundidade e que as espessas se juntem às fluidas e as fluidas às espessas.

Também tem importância neste ponto o alimento de que se sustenta a vida; há certas coisas que fazem crescer a semente pelo corpo, outras que a diminuem e a põem doente. Também tem muitíssima importância a maneira por que se realiza o brando prazer; parece que é à maneira dos animais quadrúpedes que as esposas concebem com mais facilidade, porque a semente pode assim dirigir-se aos lugares certos, dada a inclinação do peito e a elevação dos rins.

Também não é necessário, de modo algum, que as esposas tenham voluptuosos movimentos. Efetivamente, a mulher se impede de conceber e se retrai, quando louca excita, com as nádegas, o prazer do homem, e, desmanchando-lhe o corpo, lhe retira o líquido; com efeito, atira fora do rego certo a relha do arado e impede o jato da semente nos lugares próprios. As mulheres de má vida costumam mover-se, e exatamente para que não fiquem prenhes, grávidas muito amiúde, ao mesmo tempo que fazem o possível para que tenham os homens um prazer mais sutil; mas as nossas mulheres não têm necessidade alguma destas coisas.

Depois, não é por intervenção divina ou pelas flechas de Vênus que se vai amar uma mulher de beleza inferior. Muitas vezes a própria mulher, pelos seus costumes, pelos seus modos, pela maneira por que trata seu corpo, leva facilmente a que vá alguém partilhar a sua vida. E ainda mais isto, que o costume gera o amor; efetivamente, aquilo que se toca com pancadas leves mas freqüentes acaba com o tempo por ser vencido e abater-se. Não vês como as gotas de água, caindo numa pedra, com o tempo a perfuram?

LIVRO V

Quem pode com inspiração poderosa[71] compor um poema digno da majestade do assunto e destas descobertas? Quem terá forças para em palavras cantar os louvores conforme os méritos daquele que nos deixou tais bens nascidos e adquiridos dos seus esforços? Ninguém, creio eu, que tenha nascido com um corpo mortal. Porquanto, se, como o pede a própria e reconhecida majestade do assunto, se tem de falar dele, não há dúvida, ó Mêmio glorioso, que foi um deus,um deus, aquele que primeiro descobriu a regra da existência que se chama agora sabedoria, aquele que trazendo a nossa vida, por meio da sua arte, de tão grandes ondas e de tão grandes trevas, colocou-a em lugar tão tranqüilo e em tão clara luz.

Compara, efetivamente, as antigas descobertas de outros tidas por divinas. Diz-se que Ceres trouxe as searas aos mortais e Líber o líquido tirado do sumo das vinhas; no entanto, sem estas coisas, a vida poderia ter subsistido, exatamente como consta viverem ainda hoje certos povos. Mas não se poderia viver bem sem um coração puro; é por isso que nos parece merecidamente ser um deus aquele cujas palavras, espalhadas entre as grandes nações, ainda agora pela sua suavidade abrandam os ânimos e se tornam consolação da vida.

E se acaso julgamos mais importantes os feitos de Hércules, muito longe andamos de um raciocínio exato. Em que nos seria hoje um obstáculo aquela grande fauce do leão da Neméia e o horrendo javali da Arcádia? Que poderiam o touro de Creta, o flagelo de Lerna, a hidra defendida por cobras venenosas? Que nos ofenderiam os três peitos vigorosos do tríplice Gerião *(Lacuna)* e os habitantes do Estinfalo e os cavalos de Diomedes soprando fogo pelas ventas, na Trácia. junto das praias da Bistônia, perto do Ismar?

Em que seria contra nós a serpente que guardava os fulgentes frutos das Hespérides, furiosa, de cruel olhar, e cujo corpo enorme enlaçava o tronco da árvore, lá perto do litoral do Atlas e das cóleras do oceano, lá onde nenhum dos

---

[71] *Repete-se o elogio de Epicuro, a ponto de aparecer como superior aos deuses, a que se atribuíam invenções fundamentais, ou aos heróis do tipo de Hércules, que tinham tornado a Terra habitável para os homens. Logo a seguir o poeta, depois de resumir o assunto dos livros precedentes, põe como argumento deste o destino do mundo, a maneira por que tudo se formou e as leis naturais, que segue a sua evolução sem que intervenha nenhum poder divino.*

nossos e nenhum dos bárbaros ousa chegar? E todos os outros monstros desta espécie, que foram aniquilados, em que nos prejudicariam, vivos, se não tivessem sido aniquilados? Em nada, creio eu: efetivamente, a terra inteira agora está cheia de monstros e estremece de horror, pelos bosques e pelos altos montes e pelas profundas florestas; mas estes lugares, todos nós os podemos evitar sem nenhum custo.

Mas, se o peito não foi purificado, que lutas e que perigos não temos nós de afrontar sem o querer! Quantas preocupações bem duras não despedaçam o homem que a paixão solicita, quantos temores não vêm daí! E que diremos do orgulho, da devassidão, da petulância? Quantas desgraças não consumam! E o luxo e a preguiça? O homem que, pelas palavras, submeteu todas estas coisas e as expulsou do espírito, sem empregar as armas, não teremos nós de o comparar em dignidade ao número dos deuses? Além de tudo, ele pronunciou muitas palavras belas e divinas acerca dos deuses imortais e em seus ditos explicou toda a natureza das coisas.

É marchando nas suas pegadas que eu vou investigando e expondo por palavras as razões das coisas, e de que maneira foi criada cada uma delas e a necessidade que há de persistirem nessa lei, visto que não poderiam quebrar as fortes determinações do tempo.

Descobrimos, primeiro, de que modo [72] a substância do espírito é composta de um corpo submetido ao nascimento e não pode durar incólume por um tempo sem fim, e que são imagens o que costuma enganar-nos o espírito durante o sono, quando parecemos ver aqueles que a vida abandonou.

Agora, pois, que me trouxe a este ponto a ordem do raciocínio, tenho de explicar a razão de ser o mundo composto de uma substância mortal e estar submetido às leis do nascimento. Direi também de que modo esse agregado de matéria formou a Terra, o céu, o mar, as estrelas, o Sol e o globo da Lua; depois que seres vivos nasceram da terra e quais os que nunca nasceram, e de que modo a

[72] *Para Lucrécio, como para Epicuro, o mundo está destinado a perecer. Trata-se de um conjunto de corpos naturais sem espírito de deuses que o salvem da destruição; por assim dizer, o mundo é ainda mais material do que o homem porque nele não existe nenhum vestígio de alma; dado que o homem desaparece, não há razão alguma para que julguemos o mundo eterno.*

raça humana começou a entender-se entre si numa linguagem variada por meio de nomes dados às coisas; e de que modo se insinuou nos peitos aquele medo aos deuses que em todo o orbe das terras protege os templos sagrados, os lagos, os bosques, os altares e as imagens dos deuses.

Além disso, explicarei por que força inflete e governa a natureza o curso do Sol e o andamento da Lua, para que não se acredite por acaso que eles prosseguem espontânea e eternamente nos seus caminhos entre céu e Terra, a fim de favorecer o crescimento de plantas e de animais, nem se julgue que giram impelidos por qualquer vontade divina.

De fato, aqueles que aprenderam [73] que os deuses levam vida sossegada procuram, no entanto, saber por que lei tudo acontece, sobretudo no que diz respeito àquelas coisas que se vêem acima da cabeça, nas regiões etéreas. E lá voltam às antigas religiões e fazem intervir senhores terríveis que os pobres julgam ter todos os poderes, porque não sabem o que pode e o que não pode existir e o poder limitado que tem cada uma das coisas segundo uma lei fixa marcada por limites rígidos.

E agora, para que te não demoremos mais tempo com promessas, observa primeiro os mares e as terras e o céu; é tríplice a sua natureza, três os corpos, ó Mêmio, três os aspectos tão diferentes, três as suas contexturas, e, no entanto, um só dia os lançará à destruição e ruirá a massa, a máquina do mundo, sustentada durante tantos anos.

E não deixo de perceber como isto é novo e admirável para o espírito, que venha a dar-se no futuro a destruição do céu e da terra e quão difícil me será vencer-te pelas minhas palavras; é o que sempre sucede quando se leva aos ouvidos alguma coisa não habitual, sem que se possa, por outro lado, submetê-la à vista dos olhos ou pô-la debaixo das mãos, o que é o mais seguro caminho, e o mais fácil,

[73] *Lucrécio insiste na idéia de que os deuses estão completamente desligados do mundo e apresenta a de que nada tiveram que ver com a sua criação. Quanto ao problema da criação, Lucrécio apóia-se em dois argumentos de mais interesse: o primeiro é que, sendo os deuses, por definição, perfeitos, não haveria razão nenhuma para criarem o mundo, com algum fito de que os adorassem ou lhes fossem gratos; o segundo, que tendo passado uma eternidade em repouso também não haveria motivo para que o interrompessem subitamente. Outra ordem de argumentos é a de que só se pode criar aquilo de que se tem modelo: não havendo modelo de homens nem de mundo, os deuses não os poderiam ter criado; com efeito, a aceitação por Lucrécio de modelos-idéias, de modelos existentes, ou na fantasia ou na própria estrutura dos deuses, implicaria uma ordem não materialista do mundo. Finalmente, Lucrécio põe de parte a idéia de uma criação divina levantando de novo o problema da existência do mal.*

para levar a verdade ao peito humano e aos templos do espírito. Entretanto, falarei. Talvez os acontecimentos confirmem as minhas palavras e tu vejas em pouco tempo um grande terremoto abalar tudo com os seus movimentos. Mas oxalá a fortuna, que tudo rege, isto afaste de nós, e possa a razão, de preferência ao fato, persuadir-te de que todo o mundo pode desabar vencido e com fragor horrível.

Antes, porém, de começar a expor a respeito deste ponto os oráculos do destino mais sagrados e muito mais verídicos do que os da Pítia, que fala de lá da tripeça e do loureiro de Febo, tratarei de consolar-te com muitas palavras doutas; talvez tu, refreado pela religião, penses que as terras e o Sol e o céu e o mar e as estrelas e a Lua devem, por seu corpo divino, permanecer eternos, e julgues que é justo punir, como sucedeu com os gigantes, com todas as penas dignas de um imenso crime, aqueles que pelo seu raciocínio perturbam os fundamentos do mundo e quereriam extinguir o claríssimo sol do céu, marcando os imortais com palavras mortais; no entanto, todas estas coisas se acham tão distantes do poder divino, e são tão indignas de serem levadas à conta dos deuses, que mais se poderia julgar terem sido apresentadas para mostrar o que é um corpo completamente privado de movimento e sensibilidade vitais.

De fato, é preciso não supor que todo o corpo possa conter a substância do espírito e a inteligência, assim como não pode uma árvore subsistir no ar, nem as nuvens nos salgados plainos, nem viver os peixes pelos campos, nem haver sangue na madeira, nem haver sumo nas pedras. Está marcado e determinado o lugar em que cada coisa pode crescer e habitar.

Assim, a substância do espírito não pode surgir sozinha sem o corpo nem pode estar afastada dos nervos e do sangue. Se, efetivamente, o pudesse, muito antes a própria força da alma poderia residir na cabeça ou nos ombros ou na extremidade dos calcanhares e nascer em qualquer parte do corpo, visto que no fim ficaria no mesmo homem e no mesmo vaso.

Ora, como parece haver no nosso corpo um lugar certo e determinado onde podem residir e crescer por si o espírito e a alma, é esta mais uma razão para negar

que possam viver fora do corpo e duma forma viva, quer nas friáveis glebas da terra, quer no fogo do sol, quer na água, quer nas altas regiões do ar. Todos estes corpos não contêm qualquer sensibilidade divina, visto que nem sequer podem ser animados por uma alma.

Do mesmo modo, é impossível acreditar estejam as sagradas mansões dos deuses colocadas em qualquer parte do mundo. Efetivamente é sutil a natureza dos deuses e muito afastada dos nossos sentidos: até difícil de perceber com o espírito; ora, como foge ao contato e ao toque das mãos, também não pode tocar nada daquilo que para nós é tátil. De fato, aquilo que em si próprio não pode ser tocado também não pode tocar. Por isso as mansões deles devem ser diferentes das nossas casas e delicadas como seu corpo: o que mais adiante provarei com largo discurso.

Dizer ainda que foi por causa dos homens que eles quiseram preparar a maravilhosa natureza do mundo e que, por conseguinte, convém louvar a louvável obra dos deuses e julgá-la eterna e imortal; dizer que não é lícito abalar jamais nos seus fundamentos, seja qual for a razão, ou atacá-la com palavras ou derrubá-la inteiramente, apenas porque foi fundada para a raça humana e por toda a eternidade pela antiga sabedoria dos deuses; imaginar outras coisas deste gênero e vir apresentá-las é, ó Mêmio, perfeita loucura.

Em que importaria realmente o nosso agradecimento a seres imortais e felizes para que por nossa causa empreendessem fosse o que fosse? Que novidade pôde levá-los, depois de estarem tanto tempo sossegados, ao desejo de mudarem a sua vida anterior?

Com efeito, parece que a novidade deve agradar a quem encontra obstáculos nos tempos antigos; mas aquele a quem nada aconteceu de desagradável no tempo já passado, aquele que ia levando uma bela vida, como o pôde inflamar de tal modo o amor da novidade? Que mal haveria para nós em não termos sido criados? Ou é que por acaso a vida jazia nas trevas e na dor até a ter iluminado a origem genésica das coisas? Realmente, todo aquele que nasceu deve querer conservar-se na vida

enquanto o retiver o doce prazer. Mas, para quem jamais provou o amor da vida nem esteve no número dos vivos, que importa não ter sido criado?

Depois, para gerar as coisas tem de haver um modelo; donde tiraram os deuses a primeira idéia de homens, para saberem o que desejavam fazer e o verem claramente no espírito? De que modo reconhecerem eles a força dos princípios e a possibilidade de lhes trocarem a disposição, se a própria natureza lhes não tivesse dado o modelo que haviam de criar?

Os elementos dos corpos em número e feitios inumeráveis e batidos pelos choques desde tempos infinitos foram sempre arrastados, levados pelos seus pesos, a juntar-se de todas as maneiras e a tudo experimentar, tudo o que podia criar-se pela sua junção; não é, pois, de admirar que tivessem chegado a tais disposições, que tivessem vindo a movimentos como aqueles pelos quais o Universo, deslocando-se, eternamente se renova.

Mesmo que eu ignorasse quais são os elementos das coisas, ousaria, no entanto, e só pelo estudo das leis celestes, afirmar e mostrar, até por outras coisas ainda, que de nenhum modo a natureza foi preparada para nós por vontade dos deuses: tão grandes são os seus defeitos!

Primeiro, de toda a terra coberta pelo imenso ímpeto do céu possuem os montes e os bosques da terra uma ávida parte; ocupam outra as rochas e os brejos desertos e outra ainda o mar que largamente separa os litorais, e as terras. Depois, perto de duas partes, roubam-nas aos mortais o fervente ardor e a incessante queda da neve.

Quanto ao que sobra de terra cultivada, a natureza por sua própria força a esconderia sob as silvas, se a energia humana não resistisse e se por causa da vida a não tivesse habituado a gemer sob o forte enxadão e não tivesse rasgado a terra pesando sobre o arado. Se nós não revolvêssemos com a relha as fecundas glebas, se não preparássemos o solo para o que tem de nascer, nada poderia por si mesmo subir no límpido ar; e todavia muitas vezes o que foi obtido com grande trabalho, quando já tudo se cobre de folhas e floresce pela terra, ou o abrasa o sol etéreo

com o calor demasiado ou o destroem as súbitas chuvas e a fria geada, e o arrebatam os flagelos do vento em violento turbilhão.

Por que razão, além disso, alimenta e multiplica a natureza, em mar e terra, a raça terrível das feras inimigas do gênero humano? Por que razão trazem doenças as estações do ano? Por que razão vagueia a morte prematura?

Depois, a criança, que, tal o marinheiro arremessado pelas ondas terríveis, jaz nu sobre o solo, sem falar, sem nenhum auxílio para a vida, logo que a natureza o lança num esforço, do ventre da mãe às praias da luz, enche o lugar de queixosos vagidos, como é natural para quem tem ainda de passar tantos males durante a vida.

Mas crescem os variados animais, os de rebanho e as feras, sem que sejam necessários guizos nem as palavras balbuciadas e suaves da ama criadora; não têm de procurar vestuários diferentes segundo a época do céu, nem necessidade de armas e de altas muralhas para proteger as suas coisas: a terra e a natureza criadora a todos dão de tudo, e largamente.

Visto que a substância da terra, e a água, e os leves sopros do vento e os cálidos vapores de que parece compor-se todo o Universo, tudo isso consiste em matéria sujeita a nascimento e morte, deve considerar-se que dessa mesma matéria é formada a natureza de todo o mundo. De fato, tudo o que nos aparece com partes e membros constituídos por elementos sujeitos a nascimento e morte é também, segundo vemos, de natureza sujeita a nascimento e morte. Por isso, quando vejo os enormes membros e as partes do mundo serem consumidos e renascerem, é lícito concluir que também o céu e a Terra tiveram algum tempo em que principiaram e que serão destruídos no futuro.

Não creias que neste ponto[74] eu tenha de deformar os fatos a meu favor por considerar que são mortais a terra e o fogo, por não duvidar de que perecem a água e os ventos e por ter dito que tudo nasce e cresce de novo. Primeiro, uma parte considerável da terra, abrasada pelo sol contínuo, batida freqüentemente pela força dos pés, solta um nevoeiro de pó e nuvens voadoras que os fortes ventos

[74] *Todo o trecho que se segue tende a mostrar que tudo o que existe no mundo está sujeito à morte e que é por uma renovação, por uma substituição incessante, que tudo conserva a nossos olhos o mesmo aspecto; Lucrécio mantém-se agora, logicamente, dentro de uma concepção do mundo como descontínuo.*

dispersam por todo o ar. Também uma parte das glebas é diluída pelas chuvas e os rios roem as margens que vão raspando. Depois, tudo aquilo que se alimenta e aumenta restitui a parte que recebeu. E, como parece fora de dúvida que ela é a mãe de todas as coisas e seu comum sepulcro, temos como conseqüência que a terra se gasta e, aumentando, recresce.

Quanto ao resto, não há necessidade de mostrar por palavras que o mar, os rios, as fontes, sempre abundam em águas novas e que perenemente manam as nascentes: por toda parte o declara a grande carreira das águas. Mas como a água também desaparece, os líquidos nunca são demais, em parte porque os fortes ventos que varrem a superfície do mar e o etéreo sol que os atrai com seus raios os vão diminuindo, em parte porque se dispersam cá embaixo pela terra inteira. Depois, aí se coa de toda impureza e volta para manar a substância da água e se reúne na cabeceira de todos os rios, depois flui sobre as terras numa doce marcha, seguindo o caminho já uma vez ligeiramente aberto pelas águas.

Falarei agora do ar que na sua totalidade sofre em cada hora inumeráveis transformações. De fato, tudo aquilo que flui das coisas é logo levado inteiramente ao grande mar aéreo; e se ele não fizesse nenhuma restituição aos corpos e não reparasse o que vai fugindo, já tudo se teria dissipado e convertido em ar: não cessa, portanto, de nascer das coisas e de nas coisas recair, exatamente porque tudo de contínuo flui.

Do mesmo modo a fonte da límpida luz, o Sol etéreo, sem cessar banha o céu duma luz jovem e continuamente sustenta a luz de nova luz. Realmente, todo o fulgor se lhe some, seja o que for que dele caia. Podes concluí-lo do fato de que, mal as nuvens começam a passar debaixo do Sol e, por assim dizer, a quebrar os raios da luz, logo a parte inferior deles desaparece na sua totalidade e a Terra se escurece por toda parte aonde são levadas as nuvens; vês por aqui que as coisas precisam sempre de um novo esplendor, que o primeiro jato de luz perece logo e que não haveria maneira de se poderem ver as coisas à luz do Sol, se a fonte da luz a não fornecesse de contínuo.

E também as luzes noturnas, as que são terrestres, os lustres suspensos, as tochas impregnadas de gordura que no meio da escuridão brilham de fulgores coruscantes, todas elas se apressam da mesma maneira a fornecer nova luz servindo-se do lume: vão depressa, depressa, com trêmulos lumes, e a nenhum lugar deixam como se a luz tivesse sido quebrada. A tal ponto se apressam todos os fogos a esconder, nascendo rapidamente, a morte da chama. Deve-se supor que, do mesmo modo, nos lançam a sua luz, por meio de freqüentes emissões, o Sol, a Lua, as estrelas: o primeiro ímpeto das chamas perde-se sempre, de modo que se não pode crer que elas sejam duma força inviolável.

Finalmente, não vês também como as pedras são vencidas pelo tempo, como tombam em ruínas as altas torres e apodrecem os rochedos, e se abrem fatigados os templos e as estátuas dos deuses e não pode a santa divindade recuar as fronteiras do destino e bater-se contra as leis da natureza? Não vemos finalmente os monumentos dos homens caírem em ruínas e perguntar *[texto alterado nos manuscritos]* e ruírem dos altos montes pedras soltas e incapazes de agüentar e suportar as fortes forças dum tempo limitado? Realmente não cairiam arrancadas de súbito se por toda a eternidade tivessem suportado sem tremer todos os ataques dos anos.

Considera, por fim, tudo isto que acima de nós e à nossa volta encerra em seu amplexo a Terra inteira: se, como dizem alguns, de si procria todas as coisas e as recebe depois de mortas, é porque é totalmente formado de substância sujeita ao nascimento e à morte: sem dúvida tudo aquilo que de si próprio aumenta e alimenta as coisas deve diminuir e depois aumentar quando as recebe.

Além disso, se não houve para a Terra e para o céu nenhum gênesis original, e sempre foram eternos, por que razão não houve poetas que outras coisas cantassem para lá da guerra de Tebas e dos funerais de Tróia? Aonde foram perecer tão numerosas vezes os feitos de tantos heróis, e não florescem inscritos em parte alguma nos eternos monumentos da fama?

Mas, segundo minha opinião, toda a natureza do mundo é recente e nova e não tomou há muito tempo seus começos. É por isso que algumas artes ainda hoje se aperfeiçoam, que ainda hoje elas progridem; ainda hoje se fazem acrescentos aos navios e foi há pouco tempo que os músicos produziram sonoras canções. Finalmente, foi também há pouco que se descobriu esta natureza, esta legalidade das coisas e sou eu próprio que primeiro entre os primeiros me encontro a poder traduzi-la em nossa língua.

Pode ser que se julgue que já existiu antes tudo isto, mas que pereceram as gerações dos homens num sopro abrasador ou que tombaram as cidades num grande desastre mundial ou que saíram, de chuvas freqüentes, rios destruidores que foram pelas terras e submergiram as cidades: isso te faria confessar mais uma vez que há também para Terra e céu destruição futura.

Realmente, se na altura em que as coisas são abaladas por tão grandes males e tão grandes perigos ainda viesse algum desastre mais terrível, então tudo seria uma enorme desgraça, uma ruína imensa. É pelo mesmo motivo que verificamos entre nós sermos mortais: adoecemos com as mesmas doenças que tiveram aqueles que a natureza removeu da vida.

Além disso, para que todos os corpos permaneçam eternos, é necessário que, por serem de sólida substância, repilam os choques e não deixem penetrar em si nada que possa lá dentro dissociar as partes combinadas; é o que sucede com os elementos da matéria, cuja natureza já mostramos anteriormente. Ou, então, só podem durar por toda a eternidade porque estão livres de choques: é o que se dá com o vácuo que permanece intato e não é atingido por nenhum golpe. É ainda possível que isto se dê porque não há à sua volta nenhum lugar aonde as coisas se possam de qualquer modo retirar e dissolver: é o que sucede com a eternidade do conjunto dos conjuntos, visto não existir fora nenhum lugar para onde saltem, nem haver corpos alguns que possam cair sobre eles e dispersá-los com violento choque.

Mas, como ensinei, a natureza do mundo não é formada de substância compacta, visto que o vácuo está misturado às coisas; também não é como esse

vácuo; nem também faltam os corpos que poderiam, nascendo, por acaso, lá do infinito, arrebatar num turbilhão violento este conjunto das coisas ou provocar qualquer outro desastre perigoso; também não falta lugar e espaço e profundidade aonde possam dispersar os fundamentos do mundo, ou qualquer outra força que possa, abalando-os, destruí-los.

Por isso, a porta da morte não está de modo algum cerrada para o céu ou para o Sol ou para a Terra ou para as altas ondas do mar: mas permanece aberta, imensa, e espera com sua vasta fauce. É, portanto, necessário confessar que tudo isto teve um começo; e, porque são de substância mortal, de nenhum modo poderiam, desde a infinita eternidade, desprezar as válidas forças do tempo imenso.

Finalmente, quando os enormes membros[75] do mundo lutam entre si com tanta violência, envolvidos numa ímpia guerra, não vês que pode haver algum fim para tão longo combate? Por exemplo, quando o Sol e todo o calor tiverem esgotado todos os líquidos. E é o que tentam fazer, mas ainda não atingiram o seu objetivo, de tal maneira se opõem os rios e ameaçam, por seu turno, inundar tudo correndo dos profundos abismos do oceano. Mas é inútil, porque os ventos que varrem os mares e o Sol etéreo, absorvendo-os, os vão diminuindo e esperam secá-los antes que a água possa atingir o objetivo do seu empreendimento. Assim animados em tão grande luta, e com forças iguais, batem-se entre si pelo domínio de todas as coisas: e já uma vez o fogo os superou, e já uma vez, segundo é fama, reinou a água sobre os campos.

Efetivamente venceu o fogo, e muitas coisas, lambendo-as, abrasou, quando a violenta força dos cavalos do Sol, desviando-se do seu caminho, arrebatou Faetonte por todo o céu e por todas as terras. Mas então o pai onipotente, aguilhoado por uma ira violenta, derrubou dos cavalos ao solo, com um súbito raio, o ambicioso Faetonte; e o Sol, indo ao encontro do caído, tomou a eterna lâmpada do mundo, reuniu os cavalos dispersos, atrelou-os ainda trêmulos, depois, guiando-

[75] *Para Lucrécio, o fim do mundo poderá ser a conseqüência natural da luta do fogo e da água, do elemento quente e do elemento frio; parece-lhe, historicamente, se tal termo pode ser justo, que houve vitórias parciais, ora do fogo, ora da água, mas que um dia um dos elementos poderá vencer definitivamente. É difícil dizer até que ponto a idéia sobreviveu nas especulações filosóficas ou pseudofilosóficas baseadas na segunda lei da termodinâmica (lei da entropia); mas talvez se possa ver nas concepções filosóficas sobre um máximo final de calor ou de energia desordenada uma idéia semelhante à da possibilidade do fim do mundo pelo seu abrasamento.*

os pelo seu caminho, tornou a criar todas as coisas; é isto o que cantaram os antigos poetas gregos. Mas tudo se abate perante um raciocínio perfeitamente verdadeiro: o fogo pode vencer quando os seus elementos, reunindo-se do infinito, são em número maior; depois, tombam as forças vencidas por qualquer outra causa ou então tudo perece pelos ardentes ares.

Também outrora a água, segundo se diz, começou por subir e vencer e destruiu numerosas cidades dos homens. Depois, logo que se retirou, desviada por qualquer outra causa, a força que do infinito se juntara, pararam as chuvas e diminuíram os rios a sua força.

Mas vou, agora, expor, em sua ordem,[76] de que maneira aquele conjunto de matéria formou a Terra e o céu e as profundidades do mar e as órbitas do Sol e da Lua. De fato, não foi por um plano nem em virtude de uma inteligência sagaz que os elementos das coisas se colocaram por sua ordem; não foram também eles que dispuseram os seus movimentos: os elementos das coisas, em grande número, abalados por choques de muitas espécies, foram sempre levados por seus próprios pesos e juntaram-se de todas as maneiras e experimentaram todas as coisas que podiam criar-se pela sua reunião; é por isso que, tendo vagueado durante um tempo imenso, experimentando todas as espécies de junção e movimento, finalmente constituem aquilo que, depois de pronto, logo se torna muitas vezes o início dos grandes objetos naturais, da terra, do mar, do céu e da raça dos seres vivos.

Ainda não se podia ver aqui a roda do Sol voando pelo alto com sua luz ampla, nem os grandes astros do mundo, nem o mar, nem o céu, nem finalmente a terra e o ar, nem qualquer outra coisa semelhante às nossas. Só havia uma tormenta recente, uma certa massa formada de elementos de toda espécie, a qual combatia discorde, misturando os intervalos, os caminhos, as ligações, os pesos, os choques, as reuniões e os movimentos, por causa das formas diferentes e das várias figuras:

---

[76] *Lucrécio explica a seguir a formação do mundo, com os elementos da Terra acumulando-se no centro do Universo; o Sol, a Lua, os outros astros, formados posteriormente, gravitariam em torno da Terra, como se sabe, nas hipóteses cosmogônicas mais modernas, o sistema planetário proviria do Sol; quanto aos outros astros, Lucrécio não os vê independentes do sistema planetário; mas é possível que a sua idéia de pluralidade dos mundos esteja de algum modo representada na hipótese atual dos universos-ilhas.*

não podiam, nestas circunstâncias, permanecer juntos nem ter entre si os convenientes movimentos.

Depois começaram a separar-se as partes deste amontoado, a juntar-se os iguais aos iguais e a encerrar o mundo, a dividirem-se os membros, a disporem-se as grandes partes, isto é, a distinguir-se da Terra o alto céu, a ir para um lado o mar, de maneira a ficar, com um líquido, à parte, a ir para outro o fogo de um céu puro e distinto.

Com efeito, a princípio, todos os elementos da terra, em virtude de serem pesados e estarem presos uns aos outros, juntavam-se no meio e ocupavam todos eles as regiões mais baixas; e quanto mais se entrelaçavam e se juntavam tanto mais faziam sair o que devia constituir o mar, os astros, o Sol, a Lua e as muralhas do grande mundo. Efetivamente, tudo isto se compõe de germes lisos e redondos, e de elementos muito mais pequenos que os da terra.

Daí, irrompendo das partes da terra, pelos raros poros, se elevou primeiro o éter cheio de fogo e consigo levou muitos fogos ligeiros, mais ou menos como vemos muitas vezes, quando os áureos raios matutinos do radiante Sol se tingem de vermelho com o recente orvalho das ervas cobertas de pedrarias e exalam sua névoa os lagos e os perenes rios, a tal ponto que parece fumegar a própria terra; tudo isto que se levanta se reúne e forma lá em cima, com um corpo denso, as nuvens que nos ocultam o céu. Foi, portanto, assim que então o liso e volátil éter, tendo-se condensado, se pôs à volta de tudo, e espalhando-se ao longe, em todas as direções, a tudo abraçando com seu ávido abraço, serviu de cerca às outras coisas.

Nasceram depois o Sol e a Lua, cujos globos giram pelos ares intermédios; nem a Terra nem o grande céu os atraíram, porque não eram tão pesados que se depositassem no fundo, nem tão leves que pudessem ser levados para as regiões superiores; todavia, de tal modo estão colocados nos espaços intermédios que giram como corpos vivos e fazem parte de todo o mundo; do mesmo modo podem, no nosso corpo, ficar alguns membros em repouso, enquanto outros se movem.

Depois de se terem retirado estes elementos, a Terra se abateu no lugar em que se estende agora a planície azul do mar e encheu os fossos com um salgado abismo. E, de dia para dia, à medida que, à volta, o calor do éter e os raios do Sol, com seus crebros golpes, obrigavam a Terra a reduzir os seus extremos limites, de modo a que, repelida, se reunisse no meio e se concentrasse mais; o salgado suor que lhe saía do corpo aumentava, manando, o mar e os nadantes campos, e mais numerosos também escapavam e voavam os elementos do vapor e do éter, e adensavam no alto, longe da Terra, os fulgentes recintos do céu. Formavam-se as planícies, e com os altos montes iam crescendo as elevações; realmente, as pedras não podiam baixar-se nem podia todo lugar deprimir-se por igual.

Assim, pois, se estabilizou a massa da Terra,[77] com seu denso corpo, e, por assim dizer, todo o lodo do mundo foi correndo por seu peso para o fundo e aí ficou depositado como um sedimento; depois o mar, depois o ar, depois o próprio éter cheio de fogos, ficaram todos puros, pela ligeireza da sua constituição, e cada um mais leve do que o outro; por cima de todos, o mais leve, o ligeiríssimo éter, faz mover as suas auras aéreas sem que misture às auras do ar o seu ligeiro corpo; deixa que elas sejam todas agitadas pelos violentos turbilhões, deixa que as perturbem as incertas procelas, enquanto ele próprio leva seus fogos com suavidade e segurança. E que o éter possa caminhar com marcha regular e certa é o que nos demonstra o Ponto, mar que flui com maré determinada e conserva na carreira o mesmo ritmo.

Cantemos agora a causa do movimento dos astros. Primeiro, se gira o grande orbe do céu, tem de se aceitar que dum e doutro lado oprime os pólos uma certa massa de ar que se mantém de fora e o fecha a um e outro; depois, que existe uma outra corrente que, pelo lado de cima, se dirige ao lugar aonde volvem, brilhando, os astros do eterno mundo; ou, então, que outra, por baixo, move fazer o orbe em sentido contrário, exatamente como vemos os rios fazer mover as rodas das azenhas.

---

[77] *Quanto à causa do movimento dos astros, Lucrécio, seguindo um hábito dos epicuristas, apresenta duas hipóteses, a de que sejam arrastados pelo movimento da esfera celeste e a de que, ficando o céu imóvel, tenham os astros movimento independente; a causa deste movimento poderia ser um movimento do éter que procura uma saída, uma corrente de ar vinda do exterior ou um movimento próprio dos astros que iriam buscando o éter de que se alimentam.*

É também possível que todo o céu esteja parado, enquanto se deslocam os astros luminosos, quer porque estejam incluídos no espaço os rápidos fogos do céu e procurando o seu caminho se movam à volta, levando consigo os lumes pelas abóbadas do céu; quer porque uma corrente de ar se precipite de fora e, movendo-os, faça girar os lumes; quer, ainda, porque eles podem deslizar por si próprios, por todo o lugar aonde o alimento os chama e os incita, quando apascentam por todo o céu os seus corpos de chama.

E difícil afirmar qual destas coisas se passa no mundo; mas o que eu ensino é o que é possível que aconteça no conjunto dos vários mundos criados de vários modos, e por isso vou expondo as várias causas que podem, no conjunto, dar origem ao movimento dos astros; de todas, só uma poderá ser a causa que efetivamente dê movimento aos astros; mas não pode ensinar qual delas seja, esta ciência que só progride passo a passo.

Para que a Terra esteja em repouso[78] na região média do mundo, é necessário que o peso diminua e se desvaneça aos poucos e que tenha por baixo uma estrutura diferente ligada desde a origem e intimamente adaptada às partes aéreas do mundo com as quais vive em conjunto. É por isso que não pesa sobre o ar nem o comprime, exatamente como os membros não têm peso para nenhum homem, nem a cabeça pesa sobre o pescoço, nem damos por que todo o peso do corpo assenta sobre nossos pés; mas tudo o que vem de fora nos incomoda com seu peso quando colocado sobre nós, embora ele seja muito menor. Tanto importa considerar o que pode cada uma das coisas. Assim a Terra não é alguma coisa de estranho que de repente se tenha ajuntado e apresentado às alheias auras: foi concebida ao mesmo tempo desde a origem do mundo e é dele uma parte determinada, exatamente como os nossos membros o são de nós.

Além disso, quando a Terra é abalada de repente por um trovão violento, logo, por sua vez, a tudo abala com o seu movimento; ora, não o poderia fazer de modo algum se não estivesse ligada ao céu e às partes aéreas do mundo. De fato,

---

[78] *O sustentar-se a Terra no espaço, no centro do Universo, é problema que Lucrécio resolve supondo que na parte inferior a Terra é feita de substância que perfeitamente se liga à do ar em volta; a Terra, portanto, não seria esférica.*

estão presos uma e outro por comuns raízes, estão ligados desde o princípio dos tempos e estreitamente unidos.

E não vês também como a tenuíssima força da alma nos sustenta o corpo, que é de tão grande peso, visto estarem ligados e estreitamente unidos? Depois, como é possível levantar-se o corpo com um ligeiro salto, senão porque a força da alma governa os membros? Não vês como uma natureza fraca pode ter tanta força, desde que esteja ligada a um corpo pesado, como o ar está ligado às terras e a nós a força de alma?

Nem a roda do Sol nem o seu calor[79] podem ser maiores ou menores do que parecem aos nossos sentidos. Efetivamente, qualquer que seja a distância a que um lume lance a sua luz e nos exale para os membros cálido vapor, nada o intervalo diminui ao corpo das chamas, nem pelo que se vê é mais pequeno o fogo. Depois, como o calor e o lume do Sol, derramando-se, chegam até os nossos sentidos e acariciam a Terra, deve ter o Sol, na verdade, a forma e o contorno que se lhe vêem, sem que nada se lhe possa aumentar ou diminuir.

Também a Lua, quer ilumine a Terra com uma luz emprestada, quer lance de seu corpo uma luz própria, também a Lua, haja nisto o que houver, não se desloca com uma figura maior do que aquela que na aparência se distingue com os nossos olhos. Todos os objetos que vemos ao longe através de uma grande espessura de ar aparecem com aspecto confuso, antes de diminuírem por pouco que seja. Mas, como a Lua apresenta um claro aspecto e uma figura determinada, é força que tenha, qualquer que seja o seu feitio, o tamanho com que a vemos aparecer no céu.

O mesmo acontece finalmente com todos os lumes do céu que nós podemos ver aqui da Terra, enquanto é clara a sua cintilação e enquanto se vê o seu ardor: pouco mudam o seu contorno para uma ou outra dimensão e segundo o seu afastamento; é lícito concluir que só podem ser numa pequeníssima parte, numa parte ínfima, maiores ou menores do que aquilo que parecem.

---

[79] *Em muitos pontos (grandeza real e aparente dos astros, esfericidade da Terra, origem do luar, etc.) a astronomia epicurista representa um retrocesso sobre astronomias anteriores.*

Também não é de admirar que aquele solzinho tão pequeno possa emitir tão grande quantidade de luz de maneira a encher, a inundar os mares e a terra inteira e o céu e a banhar tudo com seu cálido vapor. É possível que todo o nosso mundo só tenha essa fonte donde pode à larga manar e correr a luz, porque é ali que de todo o mundo se vêm juntar os elementos de calor, ali que seus impulsos confluem, e dali, dessa única origem, que todo o ardor flui. Não vês tu que pequena fonte de água é necessária para largamente regar os prados, para até se inundarem os campos?

É também possível que do fogo do Sol, e sem que ele seja muito abundante, possa o ardor comunicar-se ao ar com seus cálidos lumes, se acaso o ar dá qualquer oportunidade, qualquer possibilidade, para que se incendeie ao ser tocado por um pequeno lume, é o mesmo que sucede com as espigas e o colmo, quando vemos uma só faísca provocar um incêndio.

E é possível ainda que o Sol, brilhando alto com sua rósea lâmpada, possua à sua volta um grande fogo de raios invisíveis, que nenhum fulgor denuncie e que, cheio de calor, lhe aumente a força dos raios.

Também não é fácil e simples explicar de que maneira o Sol, deixando o seu pouso de verão, dirige o curso para o trópico de inverno, o Capricórnio, e depois voltando se encaminha para as metas solsticiais do Câncer, e de que maneira a Lua parece percorrer num mês o espaço em que o Sol consome o tempo de um ano. Não se pode, repito, encontrar para estes fenômenos uma causa simples.

Primeiro é possível que tudo seja como o declara a divina opinião do grande Demócrito, isto é, que tudo quanto está mais vizinho da Terra menos facilmente possa ser levado pelo turbilhão do céu. Diminuem e se desvanecem as suas rápidas e violentas forças, à medida que baixam, e por isso fica o Sol com os astros que deixou para trás, porque está menos alto no céu do que as ardentes estrelas.

E isto sucede ainda mais com a Lua: como a sua carreira é mais baixa e está mais longe do céu, mais próxima da Terra, tanto menos pode rivalizar em velocidade com as estrelas. Como é mais fraco o movimento que a arrasta, por

estar mais baixa do que o Sol, tanto é mais fácil a todos os astros alcançá-la e ir-lhe além. É por isso que ela nos parece voltar, com maior mobilidade, a cada uma das estrelas: mas são os astros que a alcançam.

Também é possível que um ar, alternado em tempo certo, venha de cada lado do mundo, de maneira a poder arrancar o Sol dos astros estivais e levá-lo até as voltas invernais e ao gélido frio e de maneira a fazê-lo voltar desde as gélidas sombras do frio até as partes estivais e aos ardentes astros.

Pode-se também julgar por igual raciocínio que a Lua e as estrelas que giram em grandes órbitas durante muitos anos sejam levadas a um e outro lado pelos alternos ares. Não vês também como as nuvens vão para diversos lados, para cima e para baixo, levadas pelos diversos ventos? Por que razão não podiam os astros que vão pelos grandes orbes do éter ser levados por correntes diversas entre si? E quando a noite cobre as terras com grande escuridão, é porque o Sol tocou com a sua longa carreira os últimos lugares do céu, e lânguido exalou os seus focos abalados pelo caminho e derruídos pela grande quantidade de ar, ou porque o obrigou a passar a sua carreira para debaixo das terras a mesma força que lhe levou o globo por cima das terras.

Também num tempo certo leva Matuta pelas regiões do éter a rósea manhã e espalha os seus clarões, ou porque o próprio Sol, sempre o mesmo, voltando de debaixo das terras, começa a lançar os seus raios como experimentando o céu, ou porque os fogos se reúnem, e costumam, a uma hora determinada, juntar-se muitos germes de calor que fazem gerar-se sempre os novos lumes do Sol; é o que sucede, segundo se diz, nos altos montes do Ida, donde se vêem os fogos dispersos da luz que nasce reunirem-se depois como que num globo e formar um orbe perfeito.

Todavia, não há nada de admirável no fato de os germes, estes germes do fogo, se poderem reunir em tão certo tempo e reparar o brilho do Sol. Efetivamente, vemos muitas coisas que todas elas acontecem, e em tudo, em tempo certo. Em tempo certo florescem as plantas e em tempo certo deixam elas cair as suas flores. E não é em tempo menos certo que ordena a idade que nos caiam os

dentes e que na puberdade se cubra o impúbere dum brando vestuário e igualmente lhe apareça nas faces uma delicada barba. Finalmente, os raios, a neve, as chuvas, as nuvens e os ventos não sucedem em épocas do ano demasiado incertas. De fato, tais foram os primeiros elementos das causas e tais sucederam as coisas do mundo desde a sua primeira origem; por isso voltam também segundo uma ordem determinada.

Do mesmo modo, é possível que vejamos crescer os dias e diminuir as noites, ou então encurtarem-se os dias ao passo que tomam as noites seus aumentos, porque o mesmo Sol, debaixo das terras e por cima delas, correndo pelas regiões do céu, faz cursos desiguais e divide a órbita em partes não idênticas, colocando de um lado aquilo que retira do outro, descrevendo para isso uma curva maior, nas mesmas proporções, até que chegue àquele ponto do céu em que o fulcro do ano iguala aos dias as noturnas sombras.

A meio do curso entre o sopro do Aquilão e o do Austro, indica o céu com igual distância as duas metas por causa da posição da órbita dos astros dentro da qual o Sol, deslizando, conclui o seu tempo, iluminando com luz oblíqua as terras e o céu, como o expõe a explicação daqueles que assinalaram todos os lugares do céu marcados pela disposição das estrelas.

Mas também é possível que o ar seja mais espesso em certos lugares e que demore debaixo das terras o trêmulo facho do fogo, de maneira que ele não possa penetrar facilmente e emergir para nascer; seria por isso que as noites se demoram mais longamente durante o tempo de inverno e tarda a brilhante radiação do dia. Ou então é porque, segundo as partes do ano, costumam reunir-se mais cedo ou mais tarde os lumes que fazem o Sol surgir de um lugar determinado; neste caso, parecem ter razão...

(Lacuna)

Pode a Lua brilhar batida pelos raios do Sol e de dia para dia mais voltar para nós a sua luz, à medida que se afasta da órbita do Sol até lhe brilhar plenamente, bem de frente, e ver o seu declínio lá de cima quando nasce. Depois, voltando para

trás, deve, por assim dizer, esconder pouco a pouco a mesma luz, à medida que se aproxima do fogo do Sol, vindo do outro lado do círculo dos astros. Esta é a opinião dos que imaginam ser a Lua semelhante a uma péla e ter seu curso por baixo do Sol.

É possível também que ela vá girando com o seu próprio lume e apresente vários aspectos do seu esplendor. Pode ser que outro corpo, levado juntamente com ela e girando no mesmo movimento, lhe ande no encalço e se interponha, sem que seja possível distingui-lo, por ser levado sem luz alguma.

Pode também rodar sobre si própria, como, por exemplo, uma espécie de bola, tingida na metade por uma luz resplandecente, e produzir, girando o globo, as formas variadas, até que nos mostre e apresente aos nossos olhos a parte que está inteiramente cheia de luz; depois, a pouco e pouco, volta para trás e retira a parte luminosa do volume da esfera. É esta a babilônica doutrina dos caldeus que tende a refutar a arte dos astrônomos, como se não pudesse acontecer aquilo por que cada qual se bate e houvesse razão para mais se adotar uma doutrina do que a outra.

Finalmente, por que haveria de ser impossível que se criasse uma nova Lua, com uma sucessão regular de formas e figuras determinadas, desaparecendo em cada dia a que tivesse sido criada, para em seu lugar outra nascer? É difícil demonstrar o contrário, vencendo com palavras, quando é certo que muitas outras coisas se criam pela mesma ordem determinada.

Vão juntamente a primavera e Vênus, e logo antes o alado arauto de Vênus, enquanto junto dos passos de Zéfiro, Flora, sua mãe, cobre todos os caminhos de cores egrégias e de perfumes. Seguem-se o árido calor e a sua companheira, a poeirenta Ceres e os sopros etésios dos Aquilões. Vem depois o outono e juntamente Évio Evan. Seguem-se outros tempos, outros ventos, o Vulturno de altos trovões e o Austro com a força dos seus relâmpagos. Finalmente o frio traz as neves e o inverno a gelada preguiça; logo depois, castanholando os dentes, vêm os arrepios. É menos de admirar que a Lua nasça em tempos certos e em tempos certos seja destruída, quando em tempo certo tantas coisas podem acontecer.

Pelo que se refere às faltas do Sol e aos desaparecimentos da Lua, podem apresentar-se quanto às causas várias maneiras de pensar. Por que motivo pode a Lua privar a Terra da luz do Sol e interpor a elevada cabeça entre ele e as terras, apresentando aos seus raios um orbe opaco, e não se pode admirar que o faz um outro corpo que giraria sempre sem luz? Não poderia também o Sol em determinado tempo abandonar, cansado, os seus fogos, para renovar depois a sua luz, em seguida a ter passado pelos lugares do ar que são inimigos das suas chamas, que fazem perecer e extinguir os fogos? E por que motivo só a Terra poderá despojar de luz a Lua e oprimir o Sol colocando-se-lhe por cima, na altura do mês em que a Lua percorre as rígidas sombras do cone? Por que não há de poder, nesse mesmo tempo, vir outro corpo por debaixo da Lua ou por cima do orbe do Sol interrompendo-lhe os raios e a profusa luz? E depois, se a Lua fulge com o seu próprio brilho, por que motivo não há de poder enfraquecer num determinado lugar do mundo, quando percorre as regiões inimigas de seus próprios lumes?

E agora, já que expliquei de que maneira pode suceder cada coisa através dos espaços azuis do grande mundo, para que possamos conhecer os vários cursos do Sol e os caminhos da Lua e a força e a causa que os provocam e a forma por que podem desaparecer pelo ocultamento da luz cobrindo de treva a Terra que o não esperava, à maneira de olhos que se fechassem e se abrissem de novo para ver os lugares iluminados por sua clara luz, vou, então, voltar à juventude do mundo e aos moles campos da Terra e às novas produções que eles julgaram por bem fazer surgir nas margens da luz e confiar aos incertos ventos.

Primeiro produziu a terra,[80] à volta das colinas e por todos os campos, as espécies de ervas com seu verde esplendor; com sua cor verdejante brilharam os prados floridos e foi concedido às várias árvores crescer à compita pelos ares, sem que nenhuma rédea as contivesse. E assim como primeiro aparecem as penugens, os pêlos e as sedas nos membros dos quadrúpedes e no corpo das aves de asas

[80] *O quadro dos princípios da vida na Terra é um tanto confuso quanto à cronologia: parece, no entanto, que Lucrecio põe como tendo aparecido primeiro a vida vegetal, depois a vida animal; da vida vegetal teriam surgido logo de início ervas e arbustos, dos animais, as aves; a raça humana seria quase contemporânea, com a vida facilitada pelo clima quente e úmido. Como se sabe, a paleontologia não justifica nenhuma das idéias de Lucrecio.*

poderosas, assim também a jovem terra produziu primeiro as ervas e os arbustos e criou depois, de várias maneiras, numerosas gerações mortais de formas variadas.

Efetivamente os animais não podem ter caído do céu nem o que é terrestre pode provir das lagoas salgadas. Resta, portanto, aceitar que merecidamente recebeu a terra o nome de mãe, visto que tudo veio a nascer da terra. E, mesmo agora, muitos animais saem da terra gerados pelas chuvas e pelo cálido vapor do Sol; não há, pois, que estranhar que muitos mais e muito maiores tenham nascido quando estavam em plena juventude a Terra e o éter.

A princípio, as espécies aladas e as várias aves abandonavam os ovos e eclodiam na época primaveril, exatamente como agora as cigarras abandonam no verão espontaneamente os seus redondos envoltórios e procuram o alimento e a vida. Foi então que a terra produziu primeiro as gerações mortais, visto que havia no ar em grande quantidade calor e umidade.

Em toda parte em que o lugar dava qualquer oportunidade, apareciam úteros ligados à terra por meio de raízes; logo que em devido tempo eles se abriam pelo esforço dos filhotes, já em idade de fugirem ao úmido e procurarem os ares, para eles dirigia a natureza os canais da terra, obrigando-a, pelas veias abertas, a lhes escorrer um líquido semelhante a leite, como acontece agora às mulheres paridas que se enchem de doce leite, visto se lhes dirigir para os peitos toda a força do alimento.

A terra dava aos meninos o sustento; o calor, vestuário, e as ervas numerosas e cheias de branda lanugem lhes forneciam um leito. De resto, a juventude do mundo não trazia ainda os duros frios, nem o demasiado calor, nem os ventos de grandes forças. Tudo por igual vai crescendo e ganhando o seu vigor.

É por tudo isto que, digamo-lo ainda uma vez, a terra merecidamente recebeu o nome de mãe: ela própria criou a raça humana e produziu, por assim dizer, em tempo determinado toda a raça de animais que vagueia e folga pelos montes e ao mesmo tempo as aves aéreas de variadas formas. Mas, como deve

haver algum termo para a fecundidade, por fim parou à maneira da mulher cansada pela longa idade.

O tempo modifica a natureza de todo o mundo, um estádio se sucede a outro, segundo uma ordem determinada, e nada fica semelhante a si próprio: tudo passa, a tudo a natureza muda e obriga a transformar-se. Apodrece um corpo e se enfraquece de velhice e logo outro cresce e sai daquilo que se desprezava. Assim, pois, modifica o tempo a natureza de todo o mundo e passa a terra de um estádio a outro: acaba por não poder o que já pôde e por ser capaz do que lhe era impossível.

Foi nessa altura que a Terra[81] tentou criar numerosos monstros de estranho aspecto e membros, por exemplo, o andrógino, intermediário entre os dois sexos, e que não é nem um nem outro e que de ambos se afasta, e os seres que não tinham pés ou que não tinham mãos, e também os que não tinham boca e eram mudos e os que se encontravam cegos e sem face e os que tinham os membros inteiramente presos ao corpo e não podiam fazer coisa alguma, nem andar nem evitar o mal nem apanhar aquilo que seria útil.

Outros monstros criava e outros portentos, e tudo inútil porque a natureza lhes impediu o crescimento e não puderam alcançar a desejada flor da idade nem encontrar alimento nem unir-se pelo ato de Vênus. Vemos efetivamente que deve existir um concurso de circunstâncias para que seja possível às gerações o propagar-se; é necessário primeiro que haja alimentos e depois que exista para os elementos seminais uma saída por onde possam correr dos membros cansados; para que a fêmea se possa juntar aos machos é preciso que tenha cada um o que permita a troca de gozos.

Tiveram então que desaparecer muitas raças de seres vivos que não puderam, reproduzindo-se, dar origem a uma descendência. Todas aquelas que vês se alimentarem das auras vitais têm, ou a manha, ou a força, ou então a mobilidade que, desde o princípio, protegeram a raça e a conservaram. Há também muitas que

---

[81] *Lucrécio tem a noção da existência de espécies diferentes das atuais; no entanto, parece que não se devem interpretar tais concepções no sentido que lhe dá a paleontologia: os exemplos apresentados pelo poeta são propriamente do domínio da fábula e fazem parte do corpo de lendas tradicionais da Antigüidade. Lucrécio não deixa, porém, de combater a crença nos centauros, quimeras e monstros semelhantes, como já fizera atrás. O andrógino era metade homem e metade mulher.*

nos foram recomendadas pela sua utilidade e que se conservam entregues à nossa guarda.

A cruel espécie dos leões e as gerações bravias foram guardadas pela força, as raposas pela manha e os veados pela fuga. Mas os cães de sono leve e coração fiel, a raça que nasceu de germe cavalar, os lanígeros gados e as gerações corníferas, todas elas foram, ó Mêmio, entregues à tutela dos homens. Trataram de fugir das feras, de conseguir a paz, de obter, sem fadiga sua, uma farta alimentação, a qual nós lhes damos como prêmio da sua utilidade. Mas todos aqueles a quem a natureza não concedeu nada disto nem podiam viver por si próprios nem trazer-nos qualquer utilidade, em troco da qual nós asseguraríamos a segurança da nossa proteção e o alimento, decerto ofereciam aos outros uma presa vantajosa, visto se encontrarem encadeados pelos laços do destino, até o dia em que a natureza levou toda a raça ao extermínio.

Mas não houve centauros nem podem em tempo algum existir conjuntos de dupla natureza e de dois corpos, formados de membros díspares, nem haver forças desiguais. E qualquer o pode reconhecer pelas razões seguintes, mesmo que seja de espírito obtuso. Primeiro, ao fim de cerca de três anos, está o cavalo em pleno vigor, mas não o está uma criança; mesmo nesta idade, procurará em sonhos a ponta do seio que o amamentou. Depois, quando o cavalo começa a não ter já as mesmas forças vigorosas por causa da idade e lhe falham os membros e o deserta a fatigada vida, então floresce para o menino o tempo da sua juventude e lhe veste as faces uma branda penugem.

Não julgues, pois, que possam ter existido ou existir centauros provenientes de germe de homem e germe de cavalo, ou Cilas de corpos meio marinhos e rodeadas embaixo de raivosos cães, ou qualquer outra coisa deste gênero, desde que a vejamos com membros discordantes. De fato, não florescem a par, nem os corpos lhes tomam vigor ao mesmo tempo, nem simultaneamente os atinge a velhice; também não é igual neles o ardor de Vênus nem têm os mesmos costumes, nem lhes correm pelos membros os mesmos prazeres; muitas vezes engorda os

animais de barba a mesma cicuta que é para o homem um terrível veneno. E, como a chama costuma carbonizar e abrasar não só os fulvos corpos dos leões como também tudo o que na terra existe de víscera ou de sangue, como é que poderia acontecer que houvesse alguma coisa de três corpos, na frente um leão, atrás um dragão, no meio realmente uma quimera, lançando do corpo, pela boca, uma terrível chama?

Portanto, aquele que imagina que, por ser nova a Terra, e por ser recente o céu, poderiam ter surgido animais deste gênero e se apóia, para isso, só nesse nome vão de juventude, também pode, do mesmo modo, afirmar muitas coisas, por exemplo, que corriam por toda parte pelas terras rios de ouro, que as flores das árvores costumavam ser pedras preciosas e que nascera um homem de tão prodigiosos membros que podia, só por um esforço dos pés, transpor o fundo mar e fazer, com as mãos, que à sua volta girasse todo o céu.

Do fato de ter havido nas terras muitos germes de coisas no tempo em que a terra produziu os primeiros animais não se pode concluir que se tenham podido gerar por uma conjunção de partes de animais criaturas tão híbridas; efetivamente, tudo aquilo que ainda agora abunda pelas terras, as espécies de ervas e os frutos e as vigorosas árvores, não pode aparecer em confusão, mas cada uma surge segundo a sua lei e todas elas, por especial determinação, conservam as suas diferenças.

Mas a raça humana que houve[82] naqueles campos foi muito mais dura, como era natural, dado que a tinha criado uma dura terra; tinha como fundamento ossos maiores e mais sólidos e as carnes estavam ligadas por fortes nervos, de modo que nem os impressionava facilmente ou o calor ou o frio ou a novidade da comida ou qualquer das ruínas do corpo. E, enquanto muitos lustros se desenrolavam pelo céu marcados pelo Sol, levavam eles uma vida errante à maneira dos animais bravios.

---

[82] *A idéia de homens primitivos de grandes esqueletos não concorda com os dados atuais da antropologia pré-histórica; a duração média da vida era também muito inferior à do homem contemporâneo. O quadro geral da vida do homem pré-histórico tem muitos pontos de contato com a visão da Idade de Ouro familiar aos poetas da Antigüidade; distingue-se, contudo, por certos pormenores, como o da força primando ao sentimento da fraternidade e de organização de grupo. Embora não seja inteiramente legítima a comparação dos primitivos atuais com os primitivos pré-históricos, a etnologia parece ir neste ponto contra Lucrécio: a Idade de Ouro deve ter realmente existido, como existe nos grupos de primitivos atuais que se puderam estudar; a transformação de vida, a passagem ao tipo de sociedade que conhecemos, e que fez ter sobre a natureza humana idéias não autorizadas pelos fatos, parece ter sido devida à modificação do conceito de propriedade, ou, antes, ao aparecimento do conceito de propriedade; é, porém, muito possível que o aparecimento deste conceito seja, por sua vez, a conseqüência de um fenômeno de caráter biológico, o que ligaria toda a questão às idéias da Darwin, imediatamente, e às de Lamarck, em perspectiva mais larga.*

Não havia quem vigorosamente guiasse o curvo arado nem se sabia amansar os campos com o ferro, nem enterrar no solo novas mudas, nem cortar com as podas os ramos velhos das altas árvores. O que o sol e as chuvas tinham dado, o que espontaneamente tinha criado a terra, bastava como oferta para lhes aplacar o peito. Na maior parte das vezes sustentavam o corpo com as bolotas dos azinhos; e também naquele tempo produzia a terra em maior quantidade e maiores as bagas que se vêem agora no inverno tingir-se, ao amadurecerem, da cor purpúrea. Além disto, a florida juventude do mundo produzia nessa altura alimentos grosseiro? que eram bastantes para os míseros mortais.

Os rios e as fontes os chamavam para aplacarem a sede, como agora as águas, correndo do cimo dos altos montes, fazem apelo para que se dessedentem as gerações das feras. Finalmente, como andavam errantes, conheciam os silvestres abrigos das ninfas, donde sabiam que fluía, lavando sem cessar os úmidos rochedos, por cima do musgo verde e gotejante, uma água rápida e clara; e sabiam das que irrompem e se derramam em campo aberto.

Não sabiam tratar ainda os objetos pelo fogo, nem fazer uso das peles, nem vestir o corpo com os despojos das feras; habitavam as florestas, os cavos montes e os bosques e, forçados como estavam a evitar as chicotadas dos ventos e as chuvas, escondiam com ramagens os membros esquálidos.

Não podiam compreender o bem comum nem sabiam usar entre si de quaisquer costumes ou de leis. Cada um levava espontaneamente a presa que a sorte lhe oferecia, porque estava habituado a usar da sua força e a viver apenas para si.

Vênus juntava pelos bosques os corpos dos amantes, quer houvesse efetivamente um desejo mútuo, quer a violenta força do homem e a paixão dominadora, quer uma recompensa, bolotas, bagas ou frutas escolhidas.

Confiados no vigor admirável das mãos e dos pés, perseguiam as gerações silvestres dos animais bravios, atirando-lhes pedras ou com o peso enorme das clavas; a muitas venciam, a poucas evitavam com seus esconderijos semelhantes aos

javalis cobertos de secas; estendiam nus no solo os rudes membros, de cada vez que a noite vinha e os tomava, e punham à volta ramos e folhas.

Não procuravam, em clamores pelos campos e errando, cheios de medo, pelas sombras noturnas, o Sol e o dia: ficavam calados e mergulhados no sono até que o Sol, com o seu róseo facho, trouxesse a luz ao céu; acostumados desde pequenos a ver sempre as trevas e a luz surgirem em tempos alternados, não tinham nada que pudesse espantá-los ou que pudesse fazê-los desconfiar de que as terras ficariam para sempre mergulhadas numa noite eterna, por ter sido roubada a luz do Sol.

O que mais os preocupava era a raça das feras, que sempre tornava perigoso o descanso para aqueles infelizes; expulsos de casa, fugiam de seus tetos de pedra quando chegava o espumante javali, ou um vigoroso leão; e a horas intempestivas da noite tinham de ceder a estes hóspedes terríveis as suas camas juncadas de ramagens.

Não era então mais freqüente do que é hoje que as gerações mortais abandonassem com lamentos as doces luzes da vida. Só havia mais quem fosse apanhado como um pasto vivo pelas feras e, tragado pelos dentes, enchesse de gemidos as florestas, os bosques e os montes, ao ver as vivas vísceras se enterrarem num vivo túmulo. Outros, a quem a fuga salvara com o corpo meio comido, punham as trêmulas mãos sobre as terríveis feridas e com tremendos gritos chamavam pelo Orco, até que os privavam da vida tremendas convulsões, e sem socorro algum, sem saberem o que haviam de fazer às suas feridas.

Mas não havia num só dia a morte de milhares de homens arregimentados debaixo de bandeiras, nem os revoltos plainos do mar partiam nos rochedos os navios e os homens. Era em vão, inutilmente, e sem fim, que na maior parte das vezes o mar se levantava colérico ou, sem razão, depunha as suas cóleras inanes; e também não podia seduzir ninguém a traidora sedução do mar tranqüilo com suas ondas ridentes. Estava ainda nas trevas a funesta arte da navegação. Depois, a penúria de alimentos dava à morte os membros enfraquecidos, ao passo que hoje é

a abundância que nela os mergulha. Muitas vezes, porque o não sabiam, a si próprios administravam veneno; agora mais hábeis, administram esse veneno aos outros.

Em seguida, depois que prepararam cabanas, peles e o lume, e depois que a mulher, ligando-se ao marido, *(Lacuna)* entrou em matrimônio, e viram nascer a prole sua descendente, então começou o gênero humano a abrandar. O fogo tornou-lhes os corpos sensíveis ao frio e menos capazes de suportá-lo só com o abrigo do céu; Vênus diminuiu-lhes as forças e os meninos, com suas carícias, facilmente quebraram a dura natureza de seus pais.

Foi também por essa altura que a amizade começou a juntar os vizinhos entre si, pelo desejo que tinham de não se prejudicar nem de usar de violência uns contra os outros; recomendaram-se as mulheres e a raça feminina, balbuciando e exprimindo por gestos que era justo cuidar-se dos mais fracos. Não é que a concórdia pudesse nascer em todos os casos, mas uma boa e grande parte conservava fielmente os seus tratados; caso contrário, já todo o gênero humano teria desaparecido, nem poderia a descendência ter-se propagado até hoje.

Quanto aos vários sons[83] da linguagem, foi a natureza que obrigou a emiti-los e foi a utilidade que levou a dar nomes às coisas; é do mesmo modo que vemos os meninos recorrerem ao gesto por não saberem pronunciar as palavras apontando com o dedo os objetos que estão presentes. Sente, de fato, cada qual o uso que pode fazer das suas capacidades. Ainda antes que os cornos, nascendo, façam saliência na fronte do vitelo, já ele saber atacar e perseguir, iracundo e cheio de hostilidade. Os filhotes de panteras e leões sabem defender-se com as garras, os pés e as mordidelas, quando ainda mal lhes apareceram os dentes e as unhas. Vemos depois como a raça das aves se fia nas asas e pede às penas um auxílio ainda trêmulo.

Pensar que alguém podia ter distribuído nomes às coisas e que depois teriam os homens aprendido esses primeiros vocábulos é realmente ignorar tudo. De fato,

[83] *A doutrina de Lucrecio quanto à origem da linguagem é de tipo naturalista, de acordo com as linhas gerais do seu pensamento; repele a teoria a que poderíamos chamar voluntarista e ignora a de um deus inventor e dador da palavra; os epicuristas repeliam também esta última hipótese.*

como poderia ele ter assinalado tudo com palavras e ter emitido os vários sons de uma língua, quando se supõe que os outros eram por esse tempo incapazes de fazer o mesmo? Além disso, se os outros não tivessem usado de palavras entre si, donde teria vindo a noção de utilidade, e donde lhe teria sido dado o primeiro poder para que ele soubesse e visse no seu espírito aquilo que pretendia fazer?

Depois, não podia um só dominar e vencer muitos, de maneira a que quisessem aprender os nomes das coisas. Por outro lado, não é fácil ensinar de qualquer modo e persuadir os surdos àquilo que é necessário que se faça; efetivamente nem obedeceriam nem permitiriam, fosse como fosse, que os ouvidos lhes fossem magoados em vão pelos sons que ninguém tinha ouvido.

Finalmente, que há de tão estranho no fato de o gênero humano, que tinha força de voz e língua, marcar as coisas com várias palavras, segundo as várias sensações, quando os mudos animais, quando as gerações das feras costumam soltar gritos diferentes e variados quando têm medo, ou quando sentem dor, ou quando lhes entra o prazer? Tudo isto se pode reconhecer com exemplos bem sabidos.

Quando os cães molossos principiam a irritar-se e lhes tremem os lábios moles, desnudando os duros dentes, os sons com que nos ameaça a raiva reprimida são muito diferentes de quando ladram e enchem tudo com seus latidos. Quando se põem a lamber brandamente com a língua os seus cachorros ou quando os derrubam, brincando com as patas e, ameaçando-os de os morder, mas tendo cuidado com os dentes, fingem que os devoram, acariciam-nos com ladridos que são também muito diferentes de quando ladram sozinhos à porta das casas ou de quando, chorando, fogem às pancadas, baixando o corpo. Finalmente, não parecem diferir os nitridos, quando o cavalo, na flor da idade, se precipita entre as éguas, acicatado pelo alígero amor e, com as narinas dilatadas, freme pronto aos combates, ou quando outra emoção lhe abala os membros?

Também a raça alada das várias aves, os açores, os abutres e os petréis, que nas ondas marinhas vão procurar entre a água salgada o alimento e a vida, têm em

certo tempo vozes muito diferentes de que quando lutam por comida e as presas se defendem. Há outros que mudam segundo os tempos os seus cantos roucos, como, por exemplo, as velhas gerações de gralhas e os bandos de corvos quando se diz que pedem água e chuva, ou quando anunciam os ventos e os temporais. Portanto, se as várias sensações podem levar os animais, apesar de mudos, a emitir sons variados, quanto mais de aceitar é que tenham podido os mortais ir marcando com uma e outra palavra as várias coisas.

Para que não guardes para ti, nestes assuntos, uma pergunta, direi que foi o raio que primeiro trouxe à Terra fogo para os mortais e que daí se originou todo o ardor das chamas. Vemos muitas coisas abrasarem-se com as chamas celestes, quando o raio lhes trouxe o calor do céu. No entanto, quando uma árvore frondosa vacila, impelida pelos ventos, e aquece caindo sobre os ramos de outra árvore, faz saltar um fogo a grande violência do atrito e brilha às vezes o ardor férvido da chama, enquanto os ramos e o tronco se entrechocam. Uma ou outra destas duas causas pode ter dado o fogo aos mortais. Depois o Sol os ensinou a cozer o alimento, a amolecê-lo com a vaporação da chama, porque viam muita coisa tornar-se branda com o golpe de seus raios e ser, através dos campos, vencida pelo seu calor.

De dia para dia modificavam[84] mais a sua alimentação e a sua vida, em virtude de novas descobertas e do fogo, graças às demonstrações dos que estavam mais à frente, pela inteligência e pela força de alma. Começaram os reis a fundar cidades e a levantar cidadelas para sua guarda a noite, e os severos astros da noite, e os fachos que de noite vagam pelo céu, e as voadoras chamas, e as nuvens, o Sol, as chuvas, a neve, os ventos, os raios, o granizo, e o rápido fremir, e os grandes murmúrios de ameaças, tudo isto é no céu que se passa[85].

---

[84] *Para Lucrecio, existiu primeiro o rei, depois a propriedade; parece que se deu o contrário ou, pelo menos, que, tomando o rei no sentido mais elementar, o de que domina, o aparecimento foi simultâneo. Lucrecio aproveitou o ensejo para dar algumas indicações, embora muito ligeiras, sobre o ideal de vida epicurista.*

[85] *Idem.*

Ó raça humana tão infeliz por ter atribuído tais fatos aos deuses e por lhes ter juntado as cóleras acerbas! Quantos lamentos para si próprios, quantas feridas para nós, quantas lágrimas para os nossos descendentes não originaram eles!

Não é piedade alguma mostrar-se muitas vezes aproximando-se velado duma pedra e a correr a todos os altares e deitar-se prostrado no solo e abrir as mãos diante dos templos dos deuses ou espargir os altares com muito sangue de quadrúpedes ou atar votos aos votos: o que vale é poder olhar tudo com um espírito pacífico[86].

Efetivamente, quando olhamos cá debaixo os espaços celestes do grande mundo e as estrelas brilhando no alto sobre o fixo éter, e vêm ao espírito os caminhos do Sol e da Lua, então o cuidado que no peito outros males oprimem acorda e começa a levantar a cabeça, a saber se por acaso não haverá frente a nós num imenso poder dos deuses que seja capaz de dirigir com variado movimento as resplandecentes estrelas. A pobreza da ciência traz uma tentação à mente que duvida e quer saber se houve realmente uma origem do mundo, se há realmente um fim para ele e até quando poderão as muralhas do mundo suportar a fadiga do inquieto movimento, se revestidas por divino poder duma força eterna poderão, batidas pela passagem do tempo, desprezar para sempre as fortes forças desse tempo imenso.

Além disto, a quem se não aperta o ânimo com o pavor dos deuses, a quem se não arrepiam de medo os membros, quando a terra abrasada treme toda com o choque horrível dos raios, quando os rugidos percorrem todo o céu? Não tremem os povos e as nações, não encolhem seu corpo os reis soberbos, tomados pelo pavor dos deuses, com o receio de que tenha chegado o terrível tempo de sofrer castigo por algum crime vergonhoso ou por uma palavra insolente?

E também quando pelos mares a força do vento violento varre pelas ondas o comandante da esquadra juntamente com as fortes legiões e os elefantes, não procura ele com promessas a benevolência dos deuses e não pede com orações,

---

[86] *Ibidem.*

cheio de terror, a paz dos ventos e sopros favoráveis, embora tudo isto seja inútil, porque muitas vezes, levado pelo violento turbilhão, não deixa de ser arrastado aos vaus da morte?

Sem dúvida, existe escondida[87] qualquer força que destrói as coisas humanas e que parece ter gosto em calcar os belos feixes e as machadas cruéis. E quando toda a terra vacila debaixo dos pés e caem abaladas as cidades, ou estremecem e ameaçam ruína, que há de estranhável em que as gerações mortais se humilhem e deixem às forças dos deuses o poder grande e admirável capaz de governar tudo no mundo?

Digamos agora que o bronze,[88] o ouro e o ferro e, ao mesmo tempo, o peso da prata e o poder do chumbo foram encontrados quando, pelos grandes montes, o fogo queimara com seu ardor os imensos bosques, quer porque tivesse um raio sido enviado pelo céu, quer porque, fazendo a guerra nos bosques, lhes tivessem posto fogo para atemorizar o inimigo, quer ainda porque desejassem, levados pela bondade da terra, expandir os pingues campos e converter as terras em pastagens, quer, finalmente, para matar as feras e enriquecer-se com a presa; de fato, começou-se a caçar com armadilhas e fogo antes de encerrar o bosque com as redes e de incitar os cães.

Seja como for, e qualquer que tenha sido a causa, o ardor das chamas tinha devorado com horrível som os bosques, até as raízes, e cozera com o fogo por completo a terra; então, reunindo-se nos lugares côncavos da terra, manavam das veias referventes rios de prata e de ouro e de bronze e de chumbo. Quando, depois de solidificados, os viram os homens resplandecer na terra com uma clara cor, levantavam-nos seduzidos pelo encanto liso e nítido e viam que tinham o mesmo feitio da cavidade em que se tinham formado. Então penetrou-os a idéia de que podiam dar-lhes, liquefazendo-os pelo calor, a forma e o aspecto que quisessem, e,

---

[87] *No fundo, o pessimismo de Lucrecio, que deveria ter desaparecido perante os ensinamentos da doutrina, revela-se nesta sua idéia de uma força secreta, escondida, que parece tirar prazer dos tormentos dos homens; e é fora de dúvida que a beleza mais profunda do poema vem exatamente deste estado de incerteza que se mantém como base da personalidade de Lucrecio, embora o pensador, que é em Lucrecio muito superficial, se declare satisfeito com o epicurista, e o homem de combate, que é profundo, nele veja uma arma perfeita.*

[88] *Depois de ter posto a pedra e a madeira como matérias-primas dos primeiros instrumentos humanos, Lucrecio fala da utilização do bronze e do ferro, na ordem ainda hoje reconhecida pela arqueologia. Parece também correto o que diz do vestuário e da agricultura.*

mais ainda, que podiam, forjando-os, fazer deles as agudas e finas pontas das espadas, de maneira a poderem fornecer a si próprios as armas e a poderem cortar as árvores dos bosques, aplainar a madeira, raspar os lenhos até ficarem lisos e furá-los, trespassá-los, abrir-lhes um buraco.

Para fazer isto empregavam tão freqüentemente o ouro e a prata como a princípio tinham empregado as violentas forças do robusto bronze; mas inutilmente, porque cedia, vencido, o seu vigor, e não podiam fornecer do mesmo modo um duro trabalho. Então foi mais apreciado o bronze, e o ouro ficava abandonado, por ser inútil devido à embotada ponta. Agora, jaz de lado o bronze e nas supremas honras lhe sucedeu o ouro; assim o tempo rodando muda as épocas das coisas. O que esteve em apreço por fim não recebe honra nenhuma; outra coisa lhe sucede e sai o que tinha sido desprezado; de dia para dia, mais o procuram, se, descoberto, floresce em louvores, e obtém, entre os mortais, honras admiráveis.

Tu próprio poderás, ó Mêmio, conhecer facilmente de que maneira se descobriu a natureza do ferro. As armas antigas eram as mãos, as unhas e os dentes, e as pedras, os pedaços de ramos dos bosques, as chamas e o fogo, logo que foram descobertos. Mais tarde se encontrou a força do ferro, e a do bronze. O uso do bronze foi conhecido antes do do ferro, porque é mais maleável a sua natureza e maior a abundância. Só com o bronze cultivavam a terra, com o bronze revolviam as ondas dos combates e semeavam as grandes feridas e arrebatavam os campos e os gados; efetivamente, tudo quanto estava nu e desarmado cedia aos que vinham armados. Depois, a pouco e pouco apareceu a foice de ferro e caiu em desonra a foice de bronze; com ferro principiaram a fender o chão da terra e a tornar iguais os combates da guerra.

Soldados armados subiram para o dorso dos cavalos e os guiaram com o freio, enquanto faziam proezas com a mão direita antes que se tentassem os perigos da guerra com o carro de dois cavalos; e houve os carros de dois cavalos antes que se atrelassem duas parelhas e se subisse armado aos carros de foices. Depois os bois da Lucânia, com as torres no lombo, esses monstros horríveis de tromba de

serpente, foram ensinados pelos cartagineses a sofrer as feridas da guerra e a confundir os grandes batalhões de Marte. Assim a terrível discórdia fez que de uma coisa outra nascesse para aterrorizar os povos humanos em armas, e de dia para dia acrescentou os horrores da guerra.

Experimentaram também os touros nos trabalhos da guerra e tentaram lançar contra os inimigos javalis furiosos. Alguns mesmo lançaram à sua frente vigorosos leões com domadores armados e duros condutores que os pudessem guiar e prender com cadeias; tudo foi inútil porque, enraivecidos na confusão do combate, atacavam furiosamente e sem discriminação os esquadrões, sacudindo por toda parte as terríveis jubas da cabeça, e não podiam os cavaleiros abrandar o peito dos cavalos aterrorizados pelo rugido e por meio do freio atirá-los contra o inimigo. Por toda parte as leoas furiosas se atiravam saltando e atacavam as faces dos que vinham de frente, ou, por detrás, derrubavam-nos sem que eles esperassem e, abraçando-os, lançavam-nos por terra, vencidos pelas feridas, e a eles seguravam-se com as fortes mordidelas e as unhas aduncas.

Os touros atiravam os seus ao ar e pisavam-nos a pés e, metendo os cornos por debaixo, dilaceravam os flancos e os ventres dos cavalos e escarvavam a terra com o espírito cheio de ameaças. Os javalis despedaçavam com os dentes poderosos os seus próprios aliados e, quebrando-lhes as armas, cruelmente os tingiam com o seu próprio sangue, e misturavam os restos dos cavaleiros e dos infantes. Os cavalos, atravessando-se, fugiam aos ferozes ataques a dentadas, ou, levantando-se, atacavam os ventos com as patas; tudo inútil porque logo, cortados os nervos das pernas, se viam cair e cobrir a ferra com seu pesado desabar.

Se se julgava que alguns dos animais tinham sido bastante domados no tempo de paz, logo se via que referviam durante o combate, com as feridas, o clamor, a fuga, o terror, o tumulto e que a nenhum podiam fazer recuar; fugia, espalhando-se, toda a variada raça das feras, como ainda agora muitas vezes os elefantes, malferidos pelo ferro, fogem para todo lado, depois de terem maltratado terrivelmente os seus.

Talvez tivessem procedido assim; mas com dificuldade me convenço de que não tenham podido pressentir com seu espírito, e ver, até, o mal comum e terrível que teria de suceder. E talvez fosse melhor pensar que tudo isto acontece no total dos mundos que de várias maneiras se criaram e não apenas num certo e único orbe de terras. Mas fizeram tudo isto, não tanto com a esperança de vencer como para dar que gemer aos inimigos, mesmo que morressem, quando não tinham confiança no seu número nem tinham armas suficientes.

Houve, primeiro, um vestuário cosido, depois uma cobertura tecida e veio o tecido depois do ferro, visto ser com o ferro que se prepara o tecido; não poderiam de outro modo ter-se feito instrumentos tão delicados como as rocas e os fusos, as lançadeiras e os sonoros pentes.

No trabalho da lã fez a natureza que os homens se adiantassem à raça feminina, porquanto todo o gênero masculino é muito mais hábil e mais engenhoso; mas um dia os lavradores severos o tomaram a mal e fizeram que se entregasse tal trabalho às mãos femininas, para que os outros participassem da mesma dura tarefa e no duro trabalho endurecessem os membros e as mãos.

A origem e o exemplo da sementeira e da enxertia encontram-se na própria natureza criadora das coisas, visto que as bagas e bolotas que caíam das árvores davam no devido tempo enxames de filhotes; daí veio também o enxertarem-se ramos nos troncos e o mergulhar nas terras pelos campos novas mudas. Depois, no seu querido campinho, experimentavam uma e outra cultura e viam os frutos selvagens domesticar-se à força de paciência e de carinhosa cultura.

De dia para dia mais forçavam as florestas a retirar-se para os montes e a ceder o lugar às culturas para terem, por campos e colinas, prados, lagos, rios, searas e esplêndidos vinhedos, e para que pudesse correr, espalhando-se pelos campos, pelas colinas e pelos vales, mas sempre bem distinta, a rede azulada das oliveiras; do mesmo modo, vês agora tudo se distinguir com uma graça variada, adornando-se de doces macieiras plantadas nos intervalos ou de árvores frutíferas que lhes formam sebe à volta.

Muito antes de poderem os homens[89] celebrar com um canto os versos harmoniosos e alegrar os ouvidos, imitaram-se com a boca as vozes límpidas das aves. E os silvos dos Zéfiros passando pelo oco dos cálamos ensinaram os lavradores a tirar os primeiros sons das escavadas canas. Depois, a pouco e pouco, aprenderam as doces queixas que derrama a flauta, tocada pelos dedos dos cantores, a flauta descoberta através dos bosques desviados, das florestas e dos matos, pelos desertos lugares que freqüentam os pastores em seus divinos ócios. Assim, lentamente, o tempo apresenta cada uma das coisas e a razão o traz às regiões da luz.

Tudo isto, juntamente com a comida, bastante os abrandava e alegrava; tudo, então, é grato ao ânimo. Muitas vezes estendidos uns com os outros na branda erva, junto de uma corrente de água, debaixo dos ramos duma elevada árvore, alegravam os corpos sem empregar grandes recursos, principalmente quando a estação sorria e o tempo do ano pintava de flores as ervas verdejantes. Costumava então haver jogos, conversas e doces risos.

Por esse tempo florescia a musa agreste; um alegre prazer levava a coroar a cabeça e os ombros de grinaldas entrelaçadas de folhas e de flores e de avançar, movendo os membros, fora de compasso, duramente e com seu duro pé pisando a terra-mãe; daí nasciam os risos e as brandas gargalhadas porque tudo era novo e de vigor admirável.

Mesmo quando estavam acordados, davam consolo ao sono concertando os cantos variados, modulando as vozes e percorrendo as flautas com lábio recurvado; também agora aqueles que estão acordados conservam o que receberam, mas aprenderam a conservar o ritmo: mas não tiram daí um prazer maior do que aquele que tirava a silvestre raça dos filhos da terra.

Efetivamente aquilo que temos à mão antes de conhecermos alguma coisa de mais agradável é o que nos dá mais prazer e o que parece ser mais forte; depois, uma coisa melhor faz perder as descobertas antigas e modifica o que sentimos a seu

---

[89] *O quadro idílico dos divertimentos do homem primitivo aparece em todos os escritos do mesmo gênero e pertence já à corrente bucólica alexandrina, que exprimia sobretudo, num tempo de desenvolvimento de grandes cidades, a nostalgia da vida rural.*

respeito. Assim começou a aborrecer a bolota, assim se abandonaram as camas feitas de ervas e guarnecidas de ramagens. Também do mesmo modo caiu no desprezo o vestuário feito da pele das feras; e, no entanto, creio que despertou ao aparecer uma tal inveja que o primeiro que o usou deve ter sido vítima duma cilada; mas naturalmente se perdeu entre eles, despedaçado e coberto de sangue, e não veio a servir para ninguém.

Naquele tempo eram as peles, agora é o ouro e a púrpura que fazem que os homens passem a vida em cuidados e a esgotem com as guerras; mas creio que a culpa nos cabe sobretudo a nós próprios. Com efeito, o frio apanhando-os nus, sem peles, torturava os filhos da terra; mas a nós nada nos prejudica carecer duma veste purpúrea e dourada enfeitada de grandes bordados, contanto que tenhamos um vestuário da plebe com que possamos defender-nos.

Portanto, trabalha a raça dos homens em vão e inutilmente, e sempre em vãos cuidados consome a sua idade; nada há nisto de admirar, porque não sabe que fim se tem de pôr às posses e até onde vai o prazer verdadeiro. E foi isto que a pouco e pouco levou a nossa vida para o mar alto e fez mover profundamente as grandes tempestades da guerra.

Mas o Sol e a Lua, esses vigias do mundo que percorrem o grande espaço móvel, tudo banhando com sua luz, ensinaram aos homens que se mudam as estações do ano e que tudo se faz segundo uma ordem certa e um plano certo.

Já passavam a vida defendidos por fortes torres e se cultivava a terra dividida e separada, já o mar florescia de velívolas naves, já tinham, por tratos concertados, auxílios, aliados, quando os poetas começaram a contar em verso os feitos; também não tinha sido muito antes que se inventara a escrita. É por isso que não pode o nosso tempo contemplar o que se fez antes, senão naquilo de que a razão pode mostrar os vestígios.

Quanto aos navios e à cultura dos campos e às muralhas, às leis, às armas, às estradas, aos vestuários e às outras coisas deste gênero, quanto a todas estas vantagens como também quanto a todas as delícias da vida, poesia, pintura e o

esculpir das estátuas perfeitas, foi o uso e foi ao mesmo tempo a experiência de um espírito diligente que a pouco e pouco deram o ensino e, lentamente, realizaram o progresso. Assim, lentamente, o tempo apresenta cada uma das coisas e a razão as traz às regiões da luz. E viam os homens em seu espírito que uma idéia esclarecia outra idéia, até que, valendo-se de tais artes, chegaram até o cimo dos cimos.

LIVRO VI

Foi Atenas, a de ilustre nome,[90] que primeiro concedeu aos infelizes mortais as searas e seus frutos e deu novo impulso à vida e criou as leis, e primeiro trouxe à vida doces consolações, quando gerou o homem de vasto coração que outrora tudo revelou com sua boca verídica; e, embora ele esteja morto, a sua glória por causa das divinas descobertas atravessa os tempos e é levada até o céu.

De fato, quando viu que já possuíam os mortais quase tudo aquilo que se torna necessário para que a vida se mantenha e que, na medida do possível, tinham posto em segurança sua existência; quando viu que os homens poderosos estavam cheios de riquezas, de honras e de glórias, e ainda sobressaíam com a boa fama dos filhos, e que, no entanto, no interior de cada um havia o mesmo coração ansioso que atormentava em vão a vida do espírito sem pausa alguma e o fazia enraivecer em queixas furiosas; quando viu tudo isto, compreendeu, então, que era o próprio vaso que provocava todo o mal e que era ele que por seu defeito corrompia tudo aquilo que lhe vinha de fora, mesmo o que houvesse de melhor, em parte porque parecia furado e frouxo, de modo que não poderia nunca encher-se, fosse como fosse, e em parte porque, segundo via, conspurcava ele com seu tremendo sabor tudo aquilo que lhe lançavam para dentro.

Purificou, portanto, os corações com suas palavras verdadeiras, pôs um termo à cobiça e ao temor e expôs em que consiste o bem supremo a que todos nós tendemos, mostrou o caminho, o percurso menor que podemos fazer para nos

[90] *Ao novo elogio de Epicuro, segue-se, muito mutilado nos manuscritos, o argumento do último livro do poema: Lucrécio vai explicar os fenômenos celestes para que do espírito do leitor se expulsem os últimos terrores e se ponha completamente de lado a idéia de uma intervenção dos deuses, considerando-se puras extravagâncias os manejos dos adivinhos de formação etrusca.*

dirigirmos a esse bem, todo o mal que existe em todas as coisas mortais, como aparece e voa de variados modos, ou naturalmente, ou por acaso, ou pela força, que assim o determinou a natureza, e por que portas seria conveniente sair a repeli-lo; e provou que, na maior parte das vezes, é em vão que o gênero humano revolve no peito as terríveis ondas dos cuidados.

De fato, assim como os meninos ficam sobressaltados e tudo temem nas trevas, assim nós à luz do dia receamos aquilo que não é mais temeroso do que as coisas de que os meninos, no escuro, têm pavor, julgando que vão acontecer. E é necessário que a este terror, a estas trevas do espírito, dissipem, não os raios do Sol nem os dardos luminosos do dia, mas a contemplação da natureza e suas leis.

E, como eu ensinei que é mortal a construção do mundo e que tem o céu de se compor de um corpo sujeito a nascimento; como expliquei a maior parte do que nele se passa e tem de se passar, escuta agora o que resta, uma vez que se sobe ao carro insigne.

(Lacuna)

dos ventos se levantem e de novo tudo se aplaque

(Lacuna)

o que foi se transformou e aplacou o seu furor.

Quanto às outras coisas que os mortais vêem acontecer no céu e na terra, quando ficam os espíritos suspensos de pavor, e se humilham os espíritos com o temor dos deuses, e deprimidos se abatem no chão,só a ignorância das causas pode levar a que se transfira para os deuses o governo das coisas e se lhes conceda o seu domínio. Não podem, de modo algum, explicar as causas do que acontece e julgam que tudo sucede por divino poder.

Efetivamente, aqueles que aprenderam com segurança que os deuses passam uma vida tranqüila todavia se aterram depois e perguntam de que modo tudo se pode passar, principalmente naquelas coisas que se vêem por cima das nossas cabeças nas regiões etéreas; e de novo voltam às antigas crenças religiosas e tomam amos terríveis que, segundo crêem os pobres, tudo podem, porque não sabem o

que é possível e o que não é possível existir, e o poder limitado que tem cada coisa, a barreira que intransponível se levanta; e assim vão errando, levados por uma cega doutrina.

Se não vomitas tudo isto do espírito e não lanças para longe de ti atribuir aos deuses coisas indignas deles e que são alheias à sua paz, sempre te hão de contrariar em castigo de lhes teres ultrajado as santas divindades; e não é porque o poder dos deuses possa sofrer seja o que for, nem porque eles, irritados, se dessedentem num castigo terrível: mas serás tu quem há de imaginar que eles, sossegados na sua paz, revolvem as grandes ondas das cóleras; não te aproximarás com ânimo plácido dos templos dos deuses, nem poderás receber com tranqüila paz de ânimo os simulacros emanados de seu corpo sagrado e que são para as mentes dos homens os mensageiros da beleza divina. Vês, por aqui, qual a espécie de vida que virá como conseqüência.

Ora, para que uma doutrina perfeitamente verdadeira a lance para longe de nós, é necessário, embora eu já tenha dito muito, que explique o muito que resta e o adorne de polidos versos; tenho que expor o aspecto e a lei do céu, tenho de cantar as tempestades e os resplandecentes raios e o que fazem e a causa que os provoca, para que não vás, desvairado de medo, dividir o céu em partes e saber donde voando chegou o fogo ou a que ponto se dirigiu ou de que maneira se meteu por lugares cercados e como se escapou depois de por lá ter dominado. Não podem, de modo algum, explicar as causas do que acontece, e julgam que tudo sucede por divino poder. E tu, quando eu me lanço na carreira para a branca meta derradeira, mostra-me o caminho, ó engenhosa Musa, ó Calíope, descanso dos homens e prazer dos deuses, para que eu, sob a tua guia, receba a coroa com insigne louvor.

Primeiro abala-se com o estrondo do trovão[91] o azul do céu, porque as nuvens etéreas, voando pelo alto, vão umas contra as outras, ao impulso dos ventos

[91] *Todo o trecho, bastante longo, sobre o trovão, o relâmpago, o raio e a natureza das nuvens, embora muito afastado do que hoje se considera aceitável como explicação científica, dá boa idéia do esforço de investigação e da convicção íntima de haver explicação natural para os fenômenos naturais de que deram provas, entre todos os pensadores gregos, os da escola epicurista; e foi decerto atendendo a este aspecto, e de modo algum aos resultados, que Kant pôde declará-los o melhor grupo de físicos da Antigüidade. Para a extensão da parte do Livro VI consagrada a estes problemas deve ter contribuído o fato de segundo a crença popular ser Júpiter, o próprio rei dos deuses, quem*

contrários. Efetivamente, o ruído não vem da parte serena do céu, lá onde na verdade as nuvens formam um mais denso batalhão: não é daí que vêm os frêmitos e os ruídos maiores. De resto, as nuvens não podem ser de estrutura tão densa como a pedra ou a madeira, nem tão tênues como as névoas e os fumos voadores. Se assim fosse, deveriam, como as pedras, cair oprimidas pelo peso ou não poderiam, como o fumo, permanecer unidas nem reter as neves gélidas e as chuvas de saraiva.

Dão também sobre as planícies do vasto mundo um ruído semelhante ao estrépito dos toldos que, estendidos sobre os nossos grandes teatros, vão de mastro a mastro e de trave a trave; outras vezes, furadas pelos ventos petulantes, enfurecem-se e imitam o som ligeiro do papel. É esta a espécie de ruído que se pode reconhecer no trovão; parece que os ventos levam e batem pelos ares com seus chicotes vestuários flutuantes e papéis voadores. Também acontece que as nuvens, em lugar de se chocarem de frente, o fazem de flanco e se raspam os corpos levados por diferentes movimentos; daí vem, até que tenham saído das estreitas regiões, o áspero som que arranha os ouvidos e longamente se arrasta.

Parece às vezes, ainda, que tudo se abala com o trovão, que tudo treme pesadamente e que rebentam despedaçadas de súbito as enormes muralhas do vasto mundo, quando um temporal de fortíssimo vento, juntando-se de repente,se mete pelas nuvens e, encerrando-se dentro, gira sobre si próprio e obriga a nuvem a tornar-se mais espessa à volta, mais cavada no meio, até que, não podendo resistir ao ímpeto violento, rebenta com tremendo estampido. Nada há nisto de estranho, visto que uma pequena bexiga cheia de ar dá de repente, explodindo, um grande som.

Também há outra razão pela qual podem os ventos produzir um som, quando sopram as nuvens: vemos muitas vezes passarem nuvens que levam como

---

manejava os fogos do céu; convinha demonstrar a natureza legal do fenômeno. No entanto, e pensando-se sobretudo neste trecho e naquele em que mais adiante se descreve a peste de Atenas, tem-se a impressão de que o editor do poema teria reunido neste livro trechos cujo lugar não fora definitivamente marcado por Lucrécio ou que ele pusera como primeiro esboço para depois resumir e utilizar numa exposição mais geral dos fenômenos da natureza.

que ásperos ramos de variados feitios; então tudo se passa como ao atravessar o vento do norte uma espessa floresta: ressoam as frondes e fragoram os ramos.

Acontece igualmente que a força desencadeada de um forte vento rasgue a nuvem e a despedace, assaltando-a de frente. Aí mostra à evidência o que pode o seu sopro, porque mesmo na terra, onde é mais brando, arranca as altas árvores desprendendo-as das mais fundas raízes.

Há também ondas nas nuvens e são elas, ao quebrarem-se pesadamente, que produzem como que um rugido; o que também sucede nos profundos rios e no vasto mar, quando as vagas se quebram.

Acontece igualmente que. ao cair de nuvem para nuvem a força ardente do raio, recebe por acaso o fogo uma que está saturada de umidade e logo o extingue com um grande ruído, exatamente como, ao sair da forja ardente, lança o ferro em brasa o seu estridor, quando a toda pressa o mergulhamos em água gelada. Se, pelo contrário, é uma nuvem seca a receber o fogo. arde ela com grande ruído ao incendiar-se de repente, como, pelos montes com sua cabeleira de loureiros, vaga a chama no turbilhão dos ventos e tudo abrasa impetuosamente; nada existe de fato que seja. como o délfico louro de Febo, capaz de arder com terrível ruído e crepitantes chamas.

Finalmente, muitas vezes o quebrar do gelo e a queda da saraiva fazem que as nuvens, lá no alto, produzam um ruído; quando o vento as acomete em lugar estreito, quebram-se as grandes montanhas de nuvens espessas e misturadas de granizo.

Há relâmpagos, quando as nuvens, chocando, fazem saltar muitos elementos ígneos, como quando uma pedra bate noutra pedra ou num ferro: também nesse caso brilha uma luz e também o fogo se dispersa em claras centelhas. Mas se só ouvimos o trovão, depois que os olhos dão pelo relâmpago, é porque aquilo que vem dirigido aos ouvidos chega mais devagar do que as coisas que impressionam a vista. É o que se pode reconhecer, se se vê abater ao longe um alto tronco de árvore com um machado de dois gumes; acontece que se vê o golpe antes que a

pancada produza som nos ouvidos; assim também vemos nós o relâmpago antes que sintamos o trovão, que é, no entanto, enviado ao mesmo tempo que o relâmpago, que vem da mesma causa e nasce do mesmo choque.

É desta mesma maneira que as nuvens tingem os lugares com sua luz ligeira e que refulge a tempestade com seu trêmulo raio. Quando o vento se meteu dentro de uma nuvem e, girando lá dentro, fez, como já antes ensinei, que a nuvem se escavasse e se tornasse mais espessa, principia a aquecer pela sua própria velocidade, exatamente como tudo vês a tal ponto aquecer com o movimento que até uma bola de chumbo, rodando sobre si própria, se torna líquida ao fim de uma longa carreira. Portanto, quando, ardendo, despedaça a escura nuvem, expulsa, por assim dizer, como que à força os átomos de fogo que formam os trementes relâmpagos; segue-se, depois, o som que nos impressiona os ouvidos mais tarde do que aquilo que chega até a pupila dos nossos olhos.

Tudo isto acontece com as nuvens que são densas e que ao mesmo tempo se acumulam umas sobre as outras com ímpeto admirável; não te deixes enganar pelo que vemos por debaixo, onde nos aparecem mais como extensas do que como dispostas de baixo para cima. Contemplando as nuvens semelhantes a montanhas que os ventos levam por todo lado pelos ares ou as nuvens que se acumulam umas sobre as outras e se comprimem e se oprimem pelos altos montes e paradas se quedam, enquanto os ventos estão sepultados por toda parte, poderás, então, ver bem como são grandes as suas massas e nelas distinguir uma espécie de cavernas feitas de rochedos suspensos; e quando os ventos, ao desencadear-se a tempestade, enchem estas cavernas, logo se enfurecem com grandes rugidos ao verem-se enclausurados nas nuvens e ameaçam como as feras nas jaulas; ora de um ponto, ora de outro, lançam eles seus mugidos pelas nuvens e giram, procurando uma saída, e fazem sair das nuvens os elementos do fogo; acumulam, assim, um grande número, rolam a chama lá dentro pelas escavadas fornalhas, até que, despedaçando a nuvem, coruscantes lampejam.

E também, talvez, pela causa seguinte que voa para a terra aquela áurea cor de seu líquido fogo: é fatal que as próprias nuvens contenham muitos elementos de fogo, visto que, quando não têm umidade alguma, apresentam, na maior parte das vezes, a cor e o esplendor das chamas. Para se avermelharem como o fazem e para espalharem os seus fogos, devem com certeza receber muitas coisas do Sol. Quando, por conseguinte, o vento, agindo, as acumula, as comprime, as leva à força a um lugar, elas de si derramam os elementos que fazem brilhar as cores da chama.

Há também relâmpagos quando as nuvens se rarefazem no céu. Quando o vento brandamente as dispersa e dissolve, têm de lhes cair os germes que produzem o relâmpago; é então que relampeja sem tremendo terror e sem ruído, nem tumulto algum.

Quanto à natureza de que se compõem os raios, há ainda a dizer que a revelam os golpes, as queimaduras de seu fogo e o forte cheiro a enxofre que se exala nos ares. Tudo isto é sinal de fogo, não de vento ou de chuva.

Muitas vezes incendeiam também os telhados das casas e com rápida chama dominam nos nossos próprios lares. A natureza os constituiu como um fogo sutil entre todos os fogos, feito de elementos diminutos e móveis a que coisa alguma pode opor-se. Passa efetivamente o forte raio pelas paredes das casas como se fossem gritos ou palavras, passa pelas pedras, pelo bronze, e num momento torna líquido o bronze e o ouro; faz que, deixando intato o vaso, se evapore o vinho num momento, porque o calor que chega evidentemente relaxa tudo à volta e torna porosas as paredes do vaso; depois, mete-se pelo próprio vaso e decompõe, dispersa rapidamente os elementos do vinho. Ora, parece que o calor do Sol, apesar da força de seu coruscante fogo, e mesmo com ajuda do tempo, não conseguiria tais efeitos. Tanto mais rápida e mais irresistível é esta última força.

Vou agora explicar de que maneira tudo isto se gera e como pode com tanta força abrir fendas nas torres, derrubar as casas, arrancar vigas e traves, demolir e destruir os monumentos dos homens, matar as pessoas, abater os rebanhos, e qual

é a origem da violência que produz todas as outras coisas deste gênero; e não me vou demorar mais em promessas.

Tem de se supor que o raio se origina a partir de nuvens espessas acumuladas a uma grande altura; com efeito, não há nenhum que seja lançado de um céu sereno e de nuvens pouco densas. Disto nos dá a realidade uma prova manifesta, porque é nessa altura que as nuvens se acumulam por todo o ar, como para crermos que as trevas deixaram todas o Aqueronte e vieram encher as grandes abóbadas do céu. Quando a tempestade começa a agitar os seus raios, uma noite temerosa sai das nuvens e lá de cima nos ameaça a face do terror.

Também sucede freqüentemente que uma negra nuvem se lança sobre o mar como um rio de pez que se atirasse do céu e caindo sobre as ondas, toda cheia de trevas, traz consigo uma sombria tempestade pejada de raios e de furacões, e vem ela própria tão cheia de ventos e de fogos que também na terra se sente o seu horror e todos procuram um abrigo. É por isto que temos de conceber a tempestade como originando-se no alto sobre as nossas cabeças. Nem poderiam cobrir as terras de tanta escuridão se, por se acumularem umas por cima das outras em grande quantidade, não ocultassem o Sol com seu número; e não poderiam igualmente vir oprimir-nos com tanta chuva, fazer transbordar os rios e haver cheias nos campos, se não houvesse no éter uma grande altura de nuvens acumuladas.

Aí está tudo cheio de vento e de fogos e por isso em toda parte se produzem os trovões e relâmpagos. Como já ensinei, as escavadas nuvens em si contêm muitos elementos de calor e muitos recebem também dos raios do Sol o seu ardor. Logo que o vento que as reúne, de súbito, num mesmo lugar, faz sair, apertando-as, muitos elementos de calor e ao mesmo tempo se mistura com aquele fogo, logo gira lá dentro um turbilhão que no meio da ardente fornalha aguça o raio. Com efeito, é de duas maneiras que ele se acende, visto que aquece com o seu próprio movimento e com o contato do fogo.

Depois, quando já a aqueceu a força do vento e quando já veio o forte choque do fogo, então o raio, por assim dizer maduro, rompe subitamente a nuvem e a rápida chama é levada a iluminar todos os lugares com sua luz coruscante. Logo se lhe segue um pesado estrondo, de tal modo que parece que os espaços do céu, rebentando de repente, nos vão cair em cima. Depois um violento tremor passa nas terras e rugidos percorrem o elevado céu, porque toda a tempestade se abala e treme e se move rugindo.

Vem deste abalo uma chuva pesada e abundante, de tal modo que parece que todo o éter se transforma em chuva e que, precipitando-se, vai trazer de novo o dilúvio, tão grande é o vento e a tempestade que vem do rasgar da nuvem quando voa o estrondo com seus ardentes golpes.

Também acontece que a força do vento, concitada de fora, cai sobre uma nuvem pejada de maduros raios; logo que a rompe, se precipita aquele ígneo turbilhão a que em nossa pátria linguagem damos o nome de raio. O mesmo se passa em todo lado a que se dirigiu tal força.

Sucede ainda que a força do vento, emitida sem fogo, se incendeia pelo caminho devido ao longo espaço do percurso; enquanto vem, perde na carreira certos corpos maiores que não podem penetrar pelos ares com a mesma velocidade e vai, do próprio ar, raspando e arrastando consigo pequenos corpos que, voando misturados, produzem o fogo; é mais ou menos da mesma maneira que muitas vezes, correndo, se torna ardente a bola de chumbo, quando, abandonando muitos elementos do frio, recebe nos ares o fogo.

Acontece também que a força da própria pancada faz surgir o fogo, quando a força frígida do vento veio chocar, embora enviada sem fogo; nada há nisto de admirar, visto que, dada a violência do golpe, dela própria surgiram elementos de calor e ao mesmo tempo do objeto que recebeu a pancada; é exatamente como voa o fogo quando batemos com um ferro numa pedra: embora seja frígida a força do ferro, não é por isso que deixam de confluir com a pancada os elementos da ardente chama. Portanto, todo corpo se deve incendiar com os raios, se por acaso é

próprio, idôneo para as chamas. De resto, não deve ser totalmente fria a força do vento, visto que é enviada tão de cima e com tal violência; mesmo que não se incendeie na carreira, chega pelo menos lépida e misturada com calor.

A mobilidade do raio, e o seu forte golpe, e a rápida carreira em que caem os raios, devem-se ao fato de que nas nuvens, já antes de sair, se acumula a sua força e toma o ímpeto imenso de partiu depois, como não podem as nuvens conter esta força que aumenta, é ela atirada para fora e voa com ímpeto extraordinário, como os projéteis lançados pelas fortes máquinas de guerra. Acrescenta ainda que é de elementos pequenos e lisos e que não é fácil opor-se coisa alguma a uma tal estrutura. Foge e penetra pelos interstícios dos caminhos e por isso não hesita, demorada por numerosos choques; voa, por conseqüência, deslizando impetuosamente.

Depois, como todos os corpos pesados tendem por sua natureza para baixo, duplica-se a mobilidade e torna-se mais forte o seu impulso, porque a tudo se junta o choque; desse modo afasta com mais violência e mais depressa todos os obstáculos que a demoram, opondo-se aos seus golpes, e lá vai seguindo o seu caminho. Finalmente, como o ímpeto vem de longe, deve ir ganhando velocidade a pouco e pouco, deve crescer com a carreira, aumentar as fortes forças e dar vigor à pancada. É ele que reúne todos os elementos e faz que se juntem num só ponto a todos empurrando e fazendo girar numa só carreira. É possível também que do próprio ar tire no caminho vários corpos que, pelos seus choques, mais incendeiam essa velocidade.

Passa incólume pelas coisas e atravessa ilesa muitos corpos porque se mete o fluido fogo pelos poros. Muitas coisas atravessa também quando os elementos do raio caem sobre o elementos dos corpos que formam as suas estruturas. É por isso que facilmente dissolve o bronze e faz ferver o ouro; a força é feita de corpos minúsculos, de lisos elementos que facilmente se introduzem e que, depois de introduzidos, dissolvem todas as ligações e afrouxam todos os laços.

É sobretudo no outono que mais se abala o palácio do céu adornado de fulgentes estrelas e depois a Terra inteira, e também quando se abre a florida estação da primavera. Com efeito, faltam os fogos durante o frio, não têm os ventos calor algum, nem as nuvens são de corpo tão denso. É, portanto, quando há no céu as estações intermédias que se encontram todas as variadas causas do raio: só estas passagens do ano têm, misturados, o frio e o calor que são ambos necessários para se gerar o raio nas nuvens, haver discórdia de elementos e agitar-se furiosamente o ar num grande tumulto de ventos e de fogos.

Efetivamente, é o princípio do calor e o final do frio que formam a estação primaveril e é por isso fatal que lutem suas diferentes naturezas e que tudo perturbem ao se misturarem entre si. Também o fim do calor vem depois misturar-se com o princípio do frio e é a esta época que se dá o nome de outono, quando os duros invernos combatem igualmente com os estios. É por isso que estas épocas devem denominar-se épocas de transição e é por isso também que não é de admirar que seja nestes tempos que mais aparecem os raios e que se agita no céu a torga tempestade, visto, que uma dupla guerra envolve os elementos, dum lado com as chamas, do outro lado com os ventos e a umidade dos prados.

Isto é verdadeiramente penetrar na própria natureza do ignífero raio e ver por que motivo sucede cada coisa, sem que se vá andar para trás e para diante e inutilmente com os carmes tirrenos, procurando por lá indicações do oculto espírito dos deuses e sem que nos ponhamos a observar de que ponto chega voando o fogo, ou a que parte se dirigiu, ou de que maneira se meteu pelos lugares fechados, ou de que forma saiu depois de por lá ter dominado, ou em que nos pode prejudicar o choque do raio que vem do céu.

Se, realmente, é Júpiter e os outros deuses que abalam com o terrível som os resplandecentes espaços do céu, e lançam o fogo para toda parte que lhes apeteceu, por que razão não fazem que aqueles que cometeram um crime abominável, sem temor algum, não exalem do peito trespassado as chamas do raio que os fulminou, servindo assim de terrível ensinamento para os mortais, e por que razão aquele que

não tem crime algum na consciência se vê envolvido inocente nas chamas e é levado e arrebatado subitamente pelo turbilhão daquele fogo celeste? Por que razão atacam lugares desertos e trabalham inutilmente? Acaso estão dando exercício aos braços e fortificando os músculos? Por que razão permitem que o ardor de seu pai venha embotar-se na Terra? Por que razão o consente ele próprio e não o poupa para os inimigos? Finalmente, por que é que Júpiter não lança dum céu inteiramente limpo e não espalha pelas terras o raio e seu trovão? Então, é quando lhe passam as nuvens por debaixo que ele desce para elas e daí determina o lançamento do dardo? Nesse caso, por que os atira para o mar? Que censura ele às ondas e à massa líquida e às flutuantes planícies?

Além disso, se ele quer que nos acautelemos com o choque do raio, por que razão hesita em fazer que possamos dar pelo seu lançamento? Se quer, no entanto, que venha o fogo cair sobre aqueles que o não esperam, por que razão troveja nesse ponto, para que possamos evitá-lo, por que razão concita anteriormente as trevas, os frêmitos, os rugidos? Acaso se poderia acreditar que ele os lança para vários pontos? Ousar-se-ia sustentar que jamais ao mesmo tempo tivessem caído vários raios? Mas se é o que já tem acontecido inúmeras vezes: assim como chove e cai a água em vários pontos, assim também chegam, ao mesmo tempo, vários raios.

Finalmente, por que motivo destrói ele os sagrados templos dos deuses e, com raio inimigo, as suas preclaras moradias, por que razão quebra as excelentes estátuas dos deuses e, com a violenta ferida, diminui o prestígio das suas imagens? E por que motivo ataca ele os lugares elevados e encontramos nós nos altos montes a maior parte dos sinais dos seus fogos?

É fácil agora, pelo que ficou dito, compreender a razão daquilo a que os gregos chamaram *prestér* e o motivo por que de lá de cima cai ele sobre o mar. Acontece algumas vezes que desce e cai do céu sobre o mar uma espécie de coluna à volta da qual o mar se põe a ferver, levantado pelos sopros tempestuosos do vento; e todos os navios que nesse momento estão no mar são apanhados pelo turbilhão e atirados para um grandíssimo perigo. Produz-se isto quando a rápida

força do vento não consegue, depois de o ter começado, romper uma nuvem qualquer; abaixa-a então, à maneira de uma coluna que tivesse descido do céu até o mar, como se à força de punho e de braço tivesse sido obrigada a estender-se sobre as ondas.

Quando, por fim, o vento a despedaça, sai para o mar a força do vento e nas ondas provoca uma agitação extraordinária. Desce o turbilhão girando sobre si próprio e consigo arrasta o corpo maleável da nuvem; e logo que. pejando-a, a traz ao contato das planícies do mar, subitamente se mergulha todo na água e obriga todo o mar a referver excitado e com enorme estrondo.

Acontece também que o próprio turbilhão de vento se envolve em nuvens, raspando do ar os elementos de nuvem como se imitasse *um prestér* lançado do céu. Logo que chega à Terra e se dispersa, vomita a força imensa do turbilhão e da procela. Mas, porque raramente sucede e porque na Terra os montes se lhe põem à frente, aparece com mais freqüência nas perspectivas do mar e no grande céu aberto.

Formam-se as nuvens, quando um grande número de elementos, voando lá por cima, pelos espaços do céu, se encontra de repente; como eles são ásperos, prendem-se uns aos outros de maneira não muito forte, mas suficiente para lhes manter a ligação. Começam assim por constituir pequenas nuvens e depois estas se vão juntando umas às outras e juntando-se crescem e são levadas pelos ventos, até que se levanta uma terrível tempestade.

Acontece também que, quanto mais os cumes das montanhas são vizinhos do céu, tanto mais parece que as alturas fumegam assiduamente, com um espesso negrume de fulva nuvem, porque, como as nuvens, a princípio, antes que os olhos as possam ver, são tênues, os ventos, transportando-as, as obrigam a ir aos mais altos picos das montanhas. É somente ali que, tendo aumentado o grupo e tendo-se condensado, começam elas a aparecer e ao mesmo tempo parecem surgir no ar do próprio vértice do monte.

Com efeito, os lugares altos, como o demonstram a realidade e os sentidos, quando subimos aos altos montes, são extremamente ventosos. Além disso, um número muito grande de elementos se levanta de todo o ar, como o demonstram as roupas penduradas no litoral, quando se enchem de umidade. Parece, portanto, que o aumento das nuvens pode vir em grande parte do salgado movimento do mar, porque há relação consanguínea entre estas umidades.

Além disso, de todos os rios e, ao mesmo tempo, da terra, vemos nós levantarem-se névoas e vapores que são levados para cima como um hálito exalado do solo e que espalham pelo céu o seu negrume e formam as altas nuvens pela sua lenta reunião. Efetivamente, o calor do céu estrelado comprime de cima para baixo e é ele que, pela condensação, cobre de nuvens o azul.

Pode ser também que venham para o céu, de fora, aqueles elementos que constituem as nuvens e as névoas voadoras. Com efeito, já ensinei que é inumerável o seu número e que é infinita a extensão do espaço e demonstrei como é grande a velocidade destes elementos e que distância imensa eles costumam percorrer num só instante. Não é, pois, de admirar que em breve tempo muitas vezes grandes nuvens de tempestade e as trevas cubram os mares e as terras, pesando-lhes em cima, visto que, de todos os lados, por todos os pólos do éter, e, por assim dizer, por todos os respiradouros do vasto mundo, há saída e entrada livres para todos os elementos.

E agora explicarei eu de que maneira se acumula nas altas nuvens o líquido da chuva e de que maneira a água cai lançada à terra. Terei, primeiro, como certo que muitos elementos de água surgem com as próprias nuvens e de todas as coisas, e que há portanto crescimento simultâneo e mútuo das nuvens e da água que nas nuvens se encontra, exatamente como o nosso corpo cresce com o sangue, com o suor e com toda a umidade que existe pelos membros.

Também recebem muitas vezes a umidade marítima quando, à maneira de velos de lã, levam os ventos as nuvens por cima do grande mar. É igualmente do mesmo modo que é levada para as nuvens a umidade de todos os rios. Quando

todos estes germes de água se reuniram de vários modos e aumentam muito, as nuvens cheias procuram expelir esta umidade por dois motivos: primeiro, porque as ataca a força do vento, depois, porque a própria massa das nuvens, acumulando-se, cada vez mais exerce a sua pressão, comprime de cima para baixo e obriga a soltar a chuva.

Além disso, quando as nuvens se rarefazem com o vento ou se desfazem tocadas pelo calor do sol, logo fazem sair e destilam o líquido da chuva, como a cera, colocada em cima de um fogo ardente, amolece e se liqüefaz. Mas a chuva se torna violenta, quando as nuvens são oprimidas por uma dupla força, a do vento e a que vem da sua acumulação.

Persistem as chuvas e duram mais tempo quando se movem muitos germes de água e quando as nuvens e as névoas, comprimindo-se umas às outras, começam a derramá-la e escorre de todos os lados e a Terra, fumegando, toda exala umidade.

Então, se nessa altura o Sol refulge com seus raios por entre a tempestade opaca e vem de frente contra as nuvens, logo as cores do arco se levantam no meio das escuras nuvens.

Tudo aquilo que se desenvolve no ar, tudo o que se gera no ar e o que se acumula nas nuvens, tudo, realmente tudo, a neve, os ventos, a saraiva e as geadas glaciais, e a grande força do gelo que tanto endurece as águas e que tanto demora a passagem dos rios, tudo isso é muito fácil de descobrir e também muito fácil o saber-se por que razão acontece e de que modo se gera, desde que se conheçam bem as propriedades dos elementos.

Vais aprender, agora, qual a razão dos tremores de terra.[92] Tens de acreditar, primeiro, firmemente, que a terra, tanto na superfície como nas suas profundidades, está cheia de ventosas cavernas e que tem no seu seio muitos lagos, muitos brejos, e penedos e rochas deslocadas; também se tem de supor que, recobertos pelo dorso da Terra, rios numerosos fazem rolar suas ondas e rochedos submersos;

[92] *Ao passo que os versos de Lucrécio sobre o trovão são destituídos de qualquer valor científico, o mesmo não acontece com o que diz respeito aos tremores de terra, no ponto em que se refere a desabamentos subterrâneos.*

efetivamente, exige a evidência que a terra seja semelhante a si própria em toda parte.

Tendo assim, por baixo dela, tais estruturas e disposições, treme a terra por cima, em virtude dos desabamentos, de cada vez que a idade faz derruir as imensas cavernas; com efeito, caem montanhas enormes e com o grande e repentino abalo muito longe se propagam os tremores. Muito naturalmente, porque também tremem as casas abaladas por carros, ainda que não vão muito carregados, e que tudo salta também quando o caminho sacode os aros de ferro das rodas.

O mesmo acontece quando se produz por velhice um desabamento de terra para dentro de grandes e vastos brejos, de maneira a que se agite e vacile com a ondulação da água; também um vaso não fica sossegado se o líquido que tem dentro não deixa de se agitar em incertas ondas.

Além disso, quando o vento que existe pelos lugares socavados da Terra se reúne para um lado e aí se deita e exerce a sua pressão, apoiando-se com todas as forças nas profundas cavernas, então toda a Terra se inclina para o lado em que a força se exerce. Então, todos os edifícios que existem construídos sobre a Terra, e principalmente aqueles que mais se levantam para o céu, ameaçam ruína levados na mesma direção e as traves, inclinando-se, parecem prontas a retirar-se.

E ainda há quem ouse acreditar que não existe para a natureza do vasto mundo um tempo de morrer e um desastre, mesmo quando vêem iminente o desabar de uma tão grande massa de terra! Porque, se os ventos não tivessem de respirar, nenhuma força refrearia os acontecimentos e faria retroceder da morte o que já para ela iria caminhando. Mas como, alternadamente, tomam fôlego e exercem pressão, como voltam formados e depois, repelidos, se retiram, muito mais freqüentemente ameaça a terra ruína do que realmente desaba: inclina-se e volta para trás, e depois de quase ter caído assenta o seu peso nos próprios fundamentos. É por este motivo que vacilam todas as casas, no cimo mais que na parte média, no meio mais do que embaixo, e embaixo quase nada.

Há ainda uma outra causa deste grande tremor, quando se levanta de súbito com enormíssima força um vento que vem de fora ou que nasceu da própria Terra e se lança para as cavidades do solo; aí, por entre as grandes cavernas, freme e tumultua e gira em turbilhão, até que finalmente se precipita impetuoso para fora e, fendendo, a terra lhe abre um vasto abismo.

Foi isto o que sucedeu na Síria, em Sídon, e em Égio, no Peloponeso, onde uma erupção de vento e o abalo de terra que se seguiu destruíram estas cidades. E muitas outras cidades cercadas de muralhas pereceram por causa de grandes terremotos, muitas outras foram tragadas até o fundo do mar juntamente com os seus cidadãos.

E, se não há erupção, no entanto o próprio sopro e a fera força do vento, passando pelos numerosos poros da terra, provocam um tremor parecido com o arrepio: do mesmo modo, quando o frio penetra profundamente nos nossos membros, obriga-os a tremer e mover-se, mesmo sem o querermos. Então, um duplo terror a todos agita pelas cidades, porque temem os telhados que lhes podem cair em cima e porque temem que, por baixo, a terra não desapareça nas cavernas ou se não abra escancarando vastos abismos e não queira enchê-los com suas próprias e confundidas ruínas.

É por isso que, embora se creia que céu e Terra se não corrompem e estão entregues a uma eterna segurança, o aparecer de quando em quando bem presente à própria força do perigo nos dá por qualquer modo uma ferroada de medo, fazendo temer que a Terra nos não seja arrebatada subitamente de debaixo dos pés para o báratro, que o Universo a não siga todo inteiro e que o mundo se não torne uma confusa ruína.

Espanta, primeiro, que a natureza[93] não torne o mar maior, quando para lá corre tão grande quantidade de água, quando para lá de toda parte vêm os rios. Acrescenta a isto as chuvas errantes e as voadoras tempestades que espalhando-se regam todos os mares e terras; junta-lhe ainda as fontes próprias; todavia, em

[93] *A introdução do passo sobre o mar é um tanto abrupta e caracteriza bem a falta de ordenação e proporções de todo este Livro.*

comparação com o tamanho do mar, todo o aumento mal chegará a uma gota; por isso é menos de estranhar que não se aumente o mar imenso.

Por outro lado, uma grande parte a leva o Sol com seu calor; vemos, com efeito, que o Sol seca, com seus ardentes raios, a roupa impregnada de umidade: ora, os oceanos são muitos e estendem-se por grandes superfícies. Por isso, ainda que seja pequena a quantidade de líquido que em cada lugar o sol aspira da superfície do mar, todavia, no conjunto, é muito o que ele toma das ondas.

Também os ventos que varrem a superfície do mar podem levar uma grande porção de líquido, porquanto vemos muitas vezes que os ventos, numa só noite, podem secar os caminhos e fazer endurecer as brandas crostas de lama.

Já mostrei, além disso, que as nuvens levam consigo muita umidade tirada da superfície do mar e que por todo lado a derramam sobre a superfície das terras quando chove nas terras a que o vento leva as nuvens.

Finalmente, como a terra tem um corpo permeável e por todo lado está ligada ao mar, cingindo-o com suas costas, deve, assim como o líquido da água vai das terras para o mar, manar para as terras a superfície salgada; filtrado o amargor, volta para trás a matéria do líquido e conflui para a cabeceira de todos os rios, donde em seguida, com doce curso, torna a ir pelo caminho que já uma vez traçaram as ondas com seu líquido pé.

Vou, agora, explicar por que motivo[94] pelas fauces da montanha do Etna se exalam fogos com tão grande turbilhão; não é, efetivamente, de pequena importância o desastre, a tempestade de fogo que, dominando os campos da Sicília, para aí faz voltar o rosto dos povos vizinhos, quando o peito se lhes enche de cuidados e de terror ao verem os espaços celestes cheios de fumos e de chamas sem saberem de que espécie são estes novos fenômenos.

É necessário que, nestes assuntos, olhes de longe e de alto, que para toda parte, por mais distante, dirijas o teu olhar, para que te lembres de como é profundo o Universo e vejas como o céu não é mais de que uma pequena parte do

[94] *Escusado será dizer que a explicação do vulcanismo é totalmente fantasiosa. O fogo sagrado de que fala o poeta 6 a erisipela.*

total, uma fração mínima, mais insignificante ainda de que um homem comparado com o conjunto da Terra. Se tu vires claramente todos estes bons princípios, se os contemplares com clareza, então deixarás de te admirar de muita coisa.

Quem há entre nós que se admire de ter alguém sentido nos membros o calor de um acesso de febre ou, pelo corpo, a dor de qualquer outra doença? Umas vezes incha de repente um pé, muitas outras toma a dor aguda conta dos dentes, ou ataca os próprios olhos, ou então é o fogo sagrado que aparece e que, serpenteando por todo o corpo, queima todo o ponto que tomou e se insinua pelos membros; não há que estranhar, porque existem muitos elementos de corpos e há na Terra e no céu bastantes germes de doenças para que possa desenvolver-se a força do imenso mal.

É, sem dúvida, assim que vêm do infinito ao céu e Terra todas as coisas necessárias, para que de repente a terra abalada se mova, e corra pelo mar e pelas terras um rápido turbilhão, apareça em abundância o fogo do Etna e flameje o céu. Também isto acontece, também ardem os espaços celestes, também as chuvas de tempestade se levantam com maior violência no lugar em que por acaso se reuniram os elementos das águas.

"Mas é grande demais o ardente turbilhão deste incêndio."

Claro, mas também não há rio que não pareça imenso a quem nunca viu outro maior, como parecem enormes o homem ou a árvore e todas as coisas do mesmo gênero que se vêem maiores; tudo nos surge imenso; e, no entanto, tudo quanto existe no céu e na Terra nada é em comparação com o conjunto dos conjuntos universais.

Explicarei, então, agora, de que maneira as chamas de súbito irritadas se exalam das vastas fornalhas do Etna. Primeiro, a estrutura de todo o monte é cavernosa e quase todas as cavidades se apóiam em sílex; além disso, todas estas grutas estão cheias de ar e de vento, porque o vento se produz ao agitar-se o ar. Logo que ele aquece e, furioso, abrasa à volta toda a pedra em que toca e toda a

terra, faz saltar um ardente fogo de velozes chamas que se lança pelas retas fauces e delas sai no alto.

Assim leva até o longe o seu ardor, assim dispersa ao longe a sua cinza, faz voar um fumo de espessa escuridão ao mesmo tempo que projeta pedras de peso extraordinário; não se pode duvidar que haja nisto tudo um turbilhão de vento. Por outro lado, o mar, que em grande parte banha as faldas do monte, vai quebrando-as com ondas e marés. As cavernas do monte vão do mar até as profundas fauces que ele tem por debaixo; tem de se dizer que passa por aqui [o vento?]

(Lacuna)

e obriga a evidência a que penetre pelo mar aberto e que por isso se exale e se levante aquela chama e atire pedras para o ar e levante nuvens de areia. Efetivamente, bem no cimo do monte existem as crateras, como eles dizem por lá: nós lhes chamamos gargantas e bocas.

Há ainda alguns fenômenos a que se não pode atribuir uma só causa, mas de que se têm de enumerar várias, uma das quais será, no entanto, a verdadeira. Do mesmo modo, se, por acaso, se vir o corpo deitado e sem vida de um homem, é necessário que se enumerem todas as causas de morte, para que se diga a que a provocou. Com efeito, não se poderia assegurar que morreu pelo ferro, ou pelo frio, ou por uma doença, ou talvez por um veneno; mas o que é certo é que foi por algum destes acidentes. O mesmo temos de dizer de muita coisa.

O Nilo, o rio que banha todo o Egito,[95] é o único na Terra que no verão enche e inunda os campos. É no meio do calor que ele banha o Egito com suas águas, porque é no verão que sopram os Aquilões contra as bocas do rio, visto serem ventos periódicos, e desta época do ano; como sopram em direção contrária à do rio, demoram as águas, levam-nas a acumular-se para montante e obrigam-nas a parar. Com efeito, é fora de dúvida que estes ventos sopram contra o rio, porque vêm da região das constelações frias. O rio, porém, vem do sul, da zona quente,

[95] *As cheias do Nilo impressionaram a todos os antigos por se darem no verão, ao contrário do que sucedia com os outros rios conhecidos, e as explicações foram numerosas; como de costume, Lucrécio acolhe várias, sendo uma delas a verdadeira, a do filósofo Anaxágoras (fusão das neves), o que prova que os epicuristas não condenavam na totalidade os autores de que discordavam.*

visto que nasce bem do meio-dia, dentre as gerações de homens que negras ficaram por as ter torrado o sol.

É possível, também, que uma grande acumulação de areia, juntando-se na embocadura, em direção contrária à das ondas, quando o mar, levantado pelos ventos, atira a areia para dentro, torne menos livre o desaguar do rio e faça menor o seu ímpeto, diminuindo a inclinação das águas.

E é possível ainda que as chuvas sejam por essa altura mais abundantes na cabeceira do rio, porque é então que o sopro etésio dos Aquilões acumula nesses lugares um maior número de nuvens. É evidente que as nuvens, ao reunirem-se no sul, vão chocar aí com altos montes e são comprimidas e espremidas à força.

Mas talvez também cresça das altas montanhas dos etíopes quando descem para os campos as alvas neves derretidas pelos raios do Sol que tudo vai iluminando.

Vou agora explicar-te a natureza[96] e a estrutura de todos esses lugares e lagos a que chamam os Avernos.

Em primeiro lugar são eles designados pelo nome de Avernos em virtude de serem contrários a todas as espécies de aves; quando, de qualquer região, chegaram voando àqueles lugares, logo, esquecendo-se de voar, abandonam as velas das asas, e, com o pescoço mole, caem de cabeça para baixo, ou no chão, se por acaso é essa a natureza dos lugares, ou então na água, se por acaso se encontra por debaixo um dos lagos Avernos.

Este lugar é junto de Cumas, e aí os montes, cobertos de áspero enxofre, fumegam ainda com suas fontes termais. Mas há também nas muralhas de Atenas, mesmo no cimo da cidadela, junto do templo da criadora Palas Tritônia, um lugar onde as rouquejantes gralhas jamais dirigem os corpos com seu vôo, mesmo quando os altares fumegam com as dádivas, de tal modo evitam, não as iras de Palas, enfurecida pela vigilância delas, como cantaram os poetas gregos, mas a própria natureza do lugar que é bem suficiente para isso.

---

[96] *A etimologia que os antigos propunham para Auerna era o grego aornos, que significa "privado de aves"; o fato de o u se ler realmente como u e não como v e de. em numerosas, palavras, haver entre o grego e o latim a diferença de vocalismo e/o, que remontava ao indo-europeu. fazia que aos olhos dos romanos a etimologia aparecesse como aceitável.*

Também, segundo se diz, se pode ver na Síria um lugar onde, mal aí trouxeram seus passos os quadrúpedes, uma força os obriga a cair pesadamente, como se tivessem sido, de súbito, sacrificados aos deuses Manes.

Tudo isto se produz segundo razões naturais[97] e é evidente a sua origem e causa. Não se acredite, pois, que, por acaso, seja a porta do Orco por estas regiões, nem se creia que daqui levem os deuses Manes as almas para as regiões infernais do Aqueronte, como se conta que os veados de ligeiros pés podem, com o focinho, atrair para fora do seu esconderijo a ferina raça das serpentes. Vê como tudo isto se encontra longe da verdadeira razão; com efeito, vou tentar dizer o que existe na realidade.

Direi, em primeiro lugar, aquilo que já várias vezes disse, que existem na Terra elementos de toda espécie: muitos são indispensáveis à vida e servem para a nossa alimentação e há muitos que podem introduzir a doença e acelerar a morte. Muitos existem que são mais adaptados do que outros aos seres vivos e que mais servem ao seu modo de vida, em vista da diferença de natureza e da diferença de texturas e de primeiros elementos. Muitos se insinuam pelos ouvidos e lhes são inimigos, muitos entram pelo nariz e são adversos e de áspero contato; não são menos aqueles cujo contato temos de evitar, ou a cuja vista temos de fugir, ou que são de sabor desagradável.

Pode-se ver, em seguida, quantas coisas são fortemente inimigas do homem, quantas são repugnantes e insuportáveis. Em primeiro lugar, há certas árvores cuja sombra é funesta, e a tal ponto que muitas vezes provoca dores de cabeça àqueles que ficam deitados nas ervas por baixo delas. Há até, sobre as grandes montanhas do Hélicon, uma árvore cuja flor, com seu terrível cheiro, é capaz de matar um homem. Sem dúvida, todas estas coisas surgem da terra, porque o solo traz misturados consigo e os produz, depois de os separar, numerosos elementos de muitas espécies de coisas.

---

[97] *A grande preocupação de Lucrécio é a de apontar as leis naturais dos fenômenos que podiam ser, e eram habitualmente, atribuídos à influência dos deuses ou a fatos miraculosos.*

Se uma luz noturna recentemente extinta vem, com seu cheiro desagradável, tocar o nariz de alguém que está acostumado, por doença, a cair espumejando, logo essa pessoa mergulha num profundo sono. As mulheres caem adormecidas com o pesado cheiro do castóreo, e escapa-se lhes das brandas mãos o formoso trabalho, se por acaso sentem esse odor nas suas épocas mensais. Muitas outras coisas fazem desfalecer os membros corporais e abalam a alma nos seus mais íntimos fundamentos.

Finalmente, se alguém, cheio de comida, se demorar num banho quente, como é fácil cair desacordado no meio da banheira de água fervente. E quão facilmente a força e o cheiro dos carvões se insinuam no cérebro, se por acaso não tomamos água antes.

Quando a ardente febre domina o corpo, então se torna o cheiro do vinho como um golpe mortal. Não vês, também, como o enxofre se gera na própria terra e cresce o betume com seu terrível odor; como nos lugares em que se exploram veias de ouro e prata, em que se procura profundamente com o ferro o que se esconde na terra, se exalam odores como os de Scaptênsula?

Que emanações maléficas não saem das minas de ouro? O que elas fazem do rosto e das cores dos olhos! Não tens visto ou não tens ouvido como costumam acabar em pouco tempo, como têm pouca abundância de vida aqueles que a grande força da necessidade obriga a tais trabalhos? Portanto, é a terra que lança todas estas exalações e que as expira para o ar livre, para o céu aberto.

Do mesmo modo, deve os lugares do Averno lançar às aves uma força mortífera, que da Terra surge para os astros, de maneira a envenenar numa certa parte os espaços do céu; logo que uma ave é levada pelas asas a tais lugares, se vê presa e tomada pelo invisível veneno e cai do lugar onde a emanação se dirige. Mal desaba, logo esta mesma força daquela emanação lhe rouba dos membros todos os restos de vida. Primeiro nela provoca apenas uma certa agitação; depois, ao cair na própria fonte do veneno, tem que vomitar ali mesmo a sua vida, visto que há à volta uma grande quantidade de mar.

Acontece também muitas vezes que esta força, que esta exalação do Averno, expulsa o ar que está colocado entre a terra e os pássaros, de maneira que este lugar seja deixado vazio. Logo que de qualquer ponto ali chegaram, imediatamente o esforço das asas se exerce claudicamente no vazio e é atraiçoado por todos os lados. Como não podem apoiar-se ou sustentar-se nelas, é claro que a natureza as obriga, dado o seu peso, a cair até o solo e que, por causa de atravessarem o vago vácuo, lançam a alma por todos os poros do corpo.

Se a água se torna mais fresca nos poços durante o verão, é porque a terra se torna mais rala devido ao calor e lança para os ares todos os germes de calor que pode ter consigo. Assim, à medida que a terra é mais afetada pelo calor, tanto mais fria se torna a água que está encerrada no solo. Por outro lado, quando, devido ao frio, a terra se comprime e contrai, e como que se torna mais densa, acontece que, ao contrair-se, espreme para os poços tudo o que em si tem de calor.

Diz-se que há junto do templo de Ámon uma fonte que é fresca enquanto existe luz do dia e quente durante o tempo da noite. Os homens admiram-na muito e julgam que as terras fervem de repente quando o ardor do sol lhes passa por debaixo, quando a noite cobre as terras com sua terrível escuridão. Mas tudo isto está muito longe da verdadeira razão. Com efeito, não tendo podido o Sol, ao bater a descoberto ao corpo da água, torná-la quente da parte de cima, como poderá ele aquecer o líquido e saturá-lo de seu cálido vapor, quando está por baixo do corpo da Terra, tão espesso? Principalmente quando mal pode fazer atravessar as paredes das casas ao calor de seus ardentes raios.

Qual é, então, o motivo? É evidente que a terra é mais rala à volta da fonte do que o solo à volta e que há muitos germes de fogo mesmo à volta da água; logo que a noite cobre a terra com suas ondas de orvalho, imediatamente a terra arrefece e se contrai até o mais profundo. Acontece deste modo que, como se fosse espremida à mão, lança para a fonte todos os seus elementos de calor e eles tornam quentes o contato e o vapor do líquido. Depois, quando o Sol, nascendo, move a terra com seus raios e a rarefaz, misturando-lhe o seu quente vapor, de novo

voltam às antigas residências os elementos de calor e para a terra passa todo o calor da água. É por isso que a fonte se torna fresca à luz do dia. Além disso, o líquido da água é batido pelos raios do Sol e se rarefaz à luz do dia sob a influência do trêmulo calor; acontece, então, que lança fora todos os elementos de calor, como também muitas vezes larga o frio que em si contém, liberta os gelos e lhes afrouxa os nós.

Há também uma fonte fria em que imediatamente se incendeia, com um fogo que de súbito se concebe, a estopa que se lançou em cima; do mesmo modo, se acende uma tocha e vai brilhando pelas águas, flutuando para todo lado para onde a impelem as auras. Nada há nisto de admirar, porque existem nas águas muitíssimos elementos de calor, e devem, das profundidades da Terra, atravessando toda a fonte, vir outros germes de fogo que, depois, se exalam e saem para os ares, sem que se possa, no entanto, tornar a fonte quente; além disso, o próprio impulso os obriga a vir dispersos, enquanto atravessam a água, e a só em cima se juntar.

Há uma fonte desta espécie no mar de Arado: jorra água doce e as salgadas ondas afasta à sua volta; e em muitos outros lugares oferece o mar uma oportuna utilidade aos marinheiros sedentos, porque lança uma água doce entre as suas ondas salgadas.

Podem, portanto, os elementos passar por esta fonte e lançar-se para fora e, ao se juntarem na estopa ou ao aderirem ao corpo da tocha, ardem imediatamente com toda facilidade, porque já muitos germes de fogo têm escondidas em si a estopa e a tocha. Não vês também como, ao chegar-se a uma luz noturna uma torcida apagada há pouco, se acende ela, mesmo antes de tocar na chama, e que o mesmo sucede com a tocha? E há muitos outros corpos que se inflamam de longe, só pelo contato do calor, antes mesmo de o fogo os penetrar. É isto o que se tem de pensar que sucede na tal fonte.

Vou agora começar a explicar outro assunto,[98] a dizer por que leis naturais pode atrair ao ferro a pedra a que chamam os gregos magnete, nome que lhe designa a origem, porquanto se diz que provém de Magnésia. Os homens admiram

[98] *O ponto essencial da explicação da força atrativa é a de que os átomos do magnete, por uma propriedade especial, expulsam pelo choque o ar que está entre eles e o corpo a atrair; os elementos deste, logo que o ar desaparece, precipitam-se no vazio, empurrados além disso pelo ar que existe por trás deles. A "pedra magnética" é, como se sabe, um oxido de ferro natural.*

esta pedra; com efeito, muitas vezes se vê formar uma cadeia com vários anéis que dela pendem. É possível verem-se cinco e mais ainda, suspensos uns dos outros, balançar-se nas ligeiras auras, uns aos outros passando a força e as ligações da pedra, de modo que essa força se exerça sem interrupções.

Em tudo o que é desta espécie se têm de pôr muitos fundamentos antes que se possa apresentar a própria razão do fenômeno e é com grandes voltas que se tem de fazer a aproximação; por isso, peço agora ânimo e ouvidos mais atentos.

Primeiro, deve haver de todos os corpos que nós vemos um perpétuo fluxo, uma emissão, um emanar de elementos que nos impressionam os olhos e os movem à visão. Perpetuamente fluem os cheiros de certos corpos, como o frio saí dos rios, o calor do Sol, e das ondas do mar, a vaga que vai roendo os diques do litoral. Também não deixam os sons de correr pelos ares. Finalmente, muitas vezes nos vem ao rosto, quando passeamos junto do mar, um líquido com sabor a sal; e igualmente, quando vemos preparar uma solução de absinto, nos vem atingir o seu amargor. É, portanto, bem certo que de todos os corpos fluem e que para toda parte são lançados; nenhuma demora, nenhum descanso, se dão neste fluir, porquanto sempre temos sensações e a tudo podemos sempre ver, cheirar e ouvir.

Tornarei agora a lembrar como todas as coisas têm uma estrutura rarefeita, conforme se explica no canto primeiro. Com efeito, e embora tenha isto grande importância pelo que diz respeito a muitos fatos, é principalmente por aquilo de que vou tratar que vai necessariamente ficar bem firme que nada existe que não seja mistura de matéria e de vazio.

Vemos, primeiro, que, nas cavernas, as pedras de cima como que suam um líquido e gota a gota o vão destilando e fazendo correr. Assim também a nós mana o suor por todo o corpo e nos cresce a barba, nos crescem os pêlos por todo o corpo. Todo alimento é distribuído pelas veias e tudo aumenta e alimenta, até a extremidade do corpo, até as pontas das unhas. Sentimos o frio e o ardente calor passarem pelo bronze, sentimo-los passar pelo ouro e pela prata, quando temos nas mãos os copos cheios. Finalmente passam os sons pelas paredes de pedra de nossas

casas, passam o cheiro, o frio e o calor do fogo que também costuma penetrar a própria resistência do ferro. Enfim, de todos os lados por que nos cerca a loriga do céu

(Lacuna)

E ao mesmo tempo a força da doença, quando vem de fora, e os temporais que nascem do céu e da Terra, naturalmente, ao afastar-se, entram no céu e na Terra, visto não haver nenhum corpo que não seja uma ligação de matéria e de vazio.

A isso se acrescenta que todos os princípios emitidos pelos corpos não produzem em toda parte os mesmos efeitos nem convém igualmente a todos os corpos.

Em primeiro lugar, o Sol recoze e seca a terra, mas derrete o gelo e com seus raios obriga as altas neves a fundirem-se pelas altas montanhas. Por fim, liqüefaz a cera exposta ao seu calor.

Também o fogo torna líquido o bronze e derrete o ouro, mas contrai os couros e as carnes, e os aperta. Por seu lado, o ferro se endurece ao sair do fogo para a água, mas abrandam-se os couros e as carnes que tinham sido endurecidas pelo fogo.

A oliveira brava agrada às cabras barbudas, como se derramasse ambrosia e estivesse impregnada de néctar; e, no entanto, para o homem, nada existe mais amargo do que seus ramos.

Finalmente, o porco foge da manjerona e detesta todo perfume; tudo isto é um terrível veneno para o seu corpo coberto de sedas: mas a nós nos parecem muitas vezes capazes de nos dar uma nova vida. Pelo contrário, a lama que nos parece a nós a mais terrível das imundícies é para o porco tão deliciosa que todos eles insaciavelmente nela se espojam.

Há ainda uma outra coisa que tenho de dizer antes que principie a tratar da questão em si própria. Os numerosos poros que todas as coisas apresentam devem, no entanto, ter entre si diferenças de natureza e ter em cada caso sua estrutura e

seus caminhos. Efetivamente, os seres vivos possuem vários sentidos e cada um por si percebe o que é de seu domínio: vemos que por um lado, penetram os sons, por outro, os sabores dos sucos, por outro, ainda, os cheiros.

Além disso, existem corpos que parecem atravessar pelas pedras, outros pela madeira, outros pelo ouro, e escapar outros ainda pela prata e pelo vidro. Por um passam as imagens, pelo outro parece ir o calor e haver corpos que mais rapidamente passam do que outros. Tudo isto é, naturalmente, devido à natureza do caminho, que varia de muitos modos, como já antes mostramos, por causa da diferente natureza e da diferente estrutura dos corpos.

É por isso que, depois de bem confirmados e bem estabelecidos estes princípios, nos é fácil explicar a razão daquilo que falta, e ficará inteiramente clara a causa por que o ferro é atraído.

É necessário, primeiro, que saiam desta pedra numerosos elementos ou uma corrente que por seus golpes dissipe o ar que se encontra colocado entre a pedra e o ferro. Logo que o espaço se encontra vazio, logo que se despeja o lugar que está no meio, imediatamente os elementos do ferro, caindo, se lançam juntos no vácuo, de maneira que o próprio anel os segue e vai com toda a sua substância. Não há nenhum corpo cujos primeiros elementos estejam tão ligados e tão entrelaçados entre si como o ferro, cuja estrutura é tão forte e que dá um tão glacial arrepio.

É por isso que é menos de admirar se possa dizer que não podem sair do ferro para o vazio certos elementos do ferro, sem que o próprio anel os siga; mas é o que ele faz e lá os segue, até que chega à própria pedra e a ela adere com invisíveis ligações. É isto o que sucede em todas as direções, qualquer que seja o lugar em que se faz o vácuo, quer seja debaixo quer seja de cima: imediatamente os elementos vizinhos se precipitam para o vácuo. Com efeito, são postos em movimento pelos choques, visto que não poderiam por si próprios elevar-se para os ares.

Vem ainda sobre isto que uma outra causa torna mais fácil o fenômeno, e, chegando como ajuda, lhes auxilia o movimento: efetivamente, logo que o ar que

está à frente do anel se rarefaz e o lugar se torna mais livre e vazio, logo sucede que todo o ar que se encontra por detrás como que empurra e impele para a frente. De fato, o ar sempre bate nos corpos que cerca, mas nessa ocasião impele o ferro para a frente, porque há dum lado um espaço vago e ele o toma para si.

Logo que este ar de que te vou falando sutilmente se introduz pelos numerosos poros do ferro, então empurra e põe em movimento as pequenas partículas, como se fosse um vento a empurrar as velas de um navio. Finalmente, todos os corpos devem conter ar nas suas estruturas, visto que todos são de substância porosa e a todas as coisas o ar se encosta e circunda. Por conseguinte, este ar que está escondido no fundo do ferro sempre é agitado por um movimento contínuo e sempre, sem dúvida, bate naquele anel e certamente o empurra para o interior: então é levado o anel para o lado a que já uma vez se tinha lançado e com seu ímpeto se dirige para a parte vazia.

Acontece também que algumas vezes foge desta pedra a substância do ferro, habituada como está a alternadamente se retirar e seguir. Eu mesmo vi saltarem pedaços de ferro da Samotrácia e enfurecer-se limalha de ferro dentro de taças de bronze, sempre que se lhe punha por debaixo esta pedra magnete: a tal ponto pareciam impacientes por fugirem da pedra. A interposição do bronze provoca tal discórdia porque as emanações do bronze, como é evidente, entram primeiro nos canais abertos do ferro, e só depois vêm as da pedra, que já encontram tudo cheio de ferro e não têm já por onde passar como dantes o faziam. Tem, portanto, que bater e atacar com suas ondas a contextura do ferro e é por isso que atira para longe e que agita através do bronze aquilo mesmo que, sem ele, tantas vezes atrai.

E, já que estamos neste assunto, deixa também de te admirar pelo fato de que as emanações desta pedra não possam igualmente atrair outros corpos. Há, com efeito, alguns que, por seu próprio peso, são estáveis, por exemplo, o ouro, e outros que têm o corpo tão rarefeito que a emanação os atravessa intata e lhes não dá impulso algum: parece encontrar-se neste caso a substância da madeira. Como a estrutura do ferro se encontra colocada entre uma e outra, desde que receba alguns

corpúsculos de bronze, sucede que pode ser impelida pela corrente das pedras de Magnésia.

Além de tudo, não são estes fenômenos tão diferentes de outros que eu não possa lembrar muitos do mesmo gênero, em que um corpo apenas a outro se pode ligar. Vês primeiro que só a cal pode juntar as pedras. Tão bem se prende a madeira com a cola de touro que é mais fácil que cedam os próprios veios das tábuas do que possam dar de si as ligações realizadas com aquele laço taurino. Ousam os sucos da vinha misturar-se às fontes de água, mas não o podem fazer nem o pesado pez nem o leve azeite. A purpúrea cor da concha de tal modo se junta com a substância da lã, que já não se poderia separar, mesmo que se desse às ondas de Netuno o encargo de renovar o trabalho, mesmo que todo o mar a quisesse lavar com suas ondas.

E não se vê, finalmente, que só um corpo é capaz de juntar o ouro ao ouro, e que o bronze só ao bronze se junta por meio do estanho? E quantos outros exemplos se poderiam encontrar?

Mas para quê? Para ti não são necessários tantos rodeios, nem é justo que eu tenha de empregar muito trabalho: o que convém é resumir muitas coisas em poucas palavras. Os corpos cujas texturas são mútuas e contrárias, de modo a corresponderem as depressões de um às saliências do outro, esses corpos são os que têm entre si uma união mais perfeita. Acontece também que um conjunto de anéis e de ganchos possa manter os corpos ligados entre si: é o que sucede, segundo parece, com esta pedra e o ferro.

Explicarei agora qual é a causa das doenças[99] e donde pode nascer esta força mórbida capaz de repentinamente provocar um desastre mortífero na raça humana e nos rebanhos de animais.

Há primeiro, como já ensinei acima, os elementos de muitas coisas que são vitais para nós, mas é fatal que voejem também aqueles que trazem consigo a doença e a morte. Quando eles por acaso se levantam e perturbam o céu, torna-se

[99] *A passagem à explicação das doenças é também muito brusca; a ligação com tudo o que precede faz-se, de certo modo, porque se trata de movimentos de ar e de átomos.*

mórbido o ar. Toda esta força de doença, toda esta pestilência, ou vêm de fora, como vêm as nuvens e as névoas lá por cima pelos céus, ou nascem da própria terra, quando o solo úmido se decompõe, batido ao mesmo tempo pelas chuvas intempestivas e pelos raios do Sol.

Não vês também que são experimentados pela novidade do clima e da água todos aqueles que se afastam de sua pátria e de seu lar. e isto apenas porque as coisas são muito diferentes? Efetivamente que distinto é o céu da Bretanha do do Egito, em que se dobra o eixo do mundo, e que diferente é o do Ponto e o que vai desde Gades até as negras gerações de homens com sua cor torrada! Não só vemos que os quatro são diferentes entre si como também que estão cada um para cada um dos ventos, para cada uma das partes do céu, e que são muito diversas a cor e a fisionomia dos homens, e que tem cada raça as suas moléstias especiais. No meio do Egito, junto do rio Nilo, há a elefantíase, que não se encontra em nenhuma outra parte. Na Ática é atacado o andar, e os olhos nos confins da Acaia. Há ainda outros lugares que são inimigos doutras partes do corpo e outros membros: o que tudo é devido à diferença do ar.

Por conseguinte, quando se move um céu que nos é estranho e começa um ar inimigo a deslizar como serpente, então se arrasta a pouco e pouco, tal uma névoa ou as nuvens, e começa a perturbar e obriga a mudar-se tudo aquilo por onde caminha; acontece, então, que finalmente chega até o nosso céu e o corrompe e o torna inimigo e semelhante a si próprio.

Então, de súbito, essa nova doença, essa pestilência, ou cai nas águas ou se deposita nas próprias searas e outros alimentos dos homens ou pastos de animais, ou então permanece como que suspensa a sua força no próprio ar e, quando aspiramos as auras que se misturaram com ela, é fatal que ao mesmo tempo a absorveremos no próprio corpo. É do mesmo modo que chega aos bois a pestilência e que chega a doença aos tardos rebanhos baladores. E também não importa que venhamos nós aos lugares que nos são adversos e troquemos a proteção do céu ou que a natureza espontaneamente nos traga um céu corrupto ou

outra qualquer coisa a que não estejamos acostumados e que nos possa dar trabalhos com sua recente chegada.

Foi esta forma de doença,[100] foi esta mortífera emanação que outrora nos territórios de Cécrope tornou os campos funestos, tornou desertas as estradas e esvaziou de cidadãos toda a cidade. Tendo nascido no mais longínquo do território do Egito e de lá vindo, tendo percorrido muito ar e muitos plainos flutuantes, finalmente se precipitou sobre todo o povo de Pandíon. Então, era aos batalhões que eles caíam em poder da doença e da morte.

Sentiam primeiro a cabeça ardendo de calor, depois os olhos vermelhos e cheios de um brilho estranho. Por dentro, a garganta negra suava sangue, e se fechava o caminho da voz, coberto de feridas; a língua, intérprete do espírito, escorria sangue e estava enfraquecida pelos males, pesada no mover-se e áspera ao tato. Depois, pela garganta a força mórbida enchia o peito e acudia toda ao abatido coração dos doentes; então, na verdade, se derrubavam todas as barreiras da vida.

A exalação que saía da boca espalhava um cheiro terrível, semelhante ao que deitam os cadáveres corrompidos abandonados no chão. Depois caíam todas as forças da alma e o corpo inteiro se enfraquecia, já quase no limiar da morte. Uma ansiosa angústia e uma queixa misturada de gemidos eram as assíduas companheiras destes insuportáveis males. Por vezes um soluço, que surgia quer de dia quer de noite e sem descontinuar abalava os nervos com sua freqüência, oprimia os membros e os despedaçava, a eles que já estavam tão cansados.

Em ninguém se notava que houvesse ardor de corpo ou que existisse em qualquer parte externa calor demasiado, antes ao tocar-se sentia-se apenas uma impressão tépida; ao mesmo tempo, o corpo todo coberto de feridas como de queimadura estava inteiramente vermelho, exatamente como acontece quando o fogo sagrado se espalha pelos membros. A parte interna dos homens estava porém abrasada até os ossos e o estômago ardia com uma chama tal que por dentro tudo

---

[100] *A descrição da peste de Atenas, com que termina o poema, é baseada nas páginas célebres da Guerra do Peloponeso, de Tucídides (Livro II); Ernout lembra como fonte secundária os escritos hipocráticos; efetivamente, encontra-se entre eles um que parece realmente de Hipocrates (Littré) e que se intitula Acerca das Epidemias (Livros I e III); mas, como acontece com os filósofos, é mais possível que Lucrécio tenha lido manuais do que um texto original.*

era uma fornalha. Não se podia pôr por cima dos membros nada que se pudesse usar, por mais leve e tênue que fosse: só o vento e os frios lhes serviam.

Uma parte entregava os membros que ardiam com a doença aos gélidos rios e apresentavam o corpo nu às ondas. Muitos caíram de cabeça para baixo nas águas dos profundos poços a que se dirigiam de boca aberta. A ardente sede insaciável, mergulhando-lhes os corpos, punha-lhes como iguais uma pequena ou uma grande quantidade de água.

E não havia nenhum descanso naquele mal; os corpos jaziam exaustos. A medicina, com tácito medo, apenas balbuciava, enquanto eles, uma porção de vezes, volviam os olhos abertos, os olhos que ardiam com a doença e que não sentiam sono algum.

Apareciam, então, muitos outros sinais de morte, o espírito perturbado de tristeza e de medo, o sobrolho carregado, a fisionomia furiosa e dura, os ouvidos inquietos e cheios de ruídos, a respiração acelerada ou então profunda e lenta, o líquido do suor brilhando pelo pescoço umedecido, os escarros pequenos, ralos, cor de açafrão e salgados, dificilmente arrancados da garganta por uma tosse rouca. Nas mãos, os nervos contraíam-se, os membros tremiam, e não deixava o frio de ir subindo dos pés a pouco e pouco. Depois, na hora suprema, as narinas se apertavam, afilava-se a ponta do nariz, cavavam-se os olhos, abatiam-se as fontes, a pele do rosto ficava dura e fria, havia um ricto na boca, fazia-se tensa a fronte. Não muito tempo depois, o corpo ficava rígido com a morte. E entregavam a vida cerca da oitava ou nona resplandecente lâmpada do Sol.

Se algum deles, como acontece, evitava os funerais da morte, um pouco mais tarde, todavia, o aguardavam o enfraquecimento e a morte, com terríveis úlceras e um negro fluxo de ventre; ou, então, uma grande quantidade de sangue corrupto, muitas vezes com dores de cabeça, lhe saía das narinas inchadas: e com ele corriam todas as forças, toda a substância do homem. Se, no entanto, ele escapava desta tremenda hemorragia, logo a doença lhe atacava os nervos e os membros, e as próprias partes genitais do corpo. Uns. temendo fortemente os limiares da morte,

viviam depois de se terem privado com o ferro de suas partes viris alguns, sem mãos e sem pés, continuavam, no entanto, na vida, e havia outros ainda que perdiam a luz dos olhos: a tal ponto entrara neles o terrível medo da morte. E havia também alguns a quem de tal modo tomava o esquecimento de todas as coisas que nem sequer a si próprios se podiam reconhecer.

Embora estivessem jazendo no solo numerosos corvos uns por cima dos outros, a raça das aves e das feras afastavam-se para longe, para fugir ao terrível cheiro, ou então, se acaso os provavam, logo enfraqueciam e lhes chegava a morte. Também, durante aqueles dias, não aparecia ave nenhuma nem saíam dos bosques as agressivas gerações de feras. A maior parte enfraquecia com doença e morria. Os cães, principalmente, com sua força fiel, exalavam a alma, estendidos, cheios de dor, por todos os caminhos; efetivamente, a força da doença lhes arrancava dos membros a vida.

Funerais desolados e sem acompanhamento procuravam ir o mais rápido possível. Não se apresentava nenhum remédio que o fosse para todos: com efeito, aquele que dera a um o voltar a sentir no rosto as vitais auras do ar e a contemplar os espaços do céu preparava para outros o extermínio e a morte.

O pior mal de todos, e o mais lamentável neste caso, era que, se alguém se via contaminado pela doença, logo, como se estivesse condenado à morte, ficava prostrado, sem ânimo e de triste coração e ali mesmo, contemplando os seus funerais, exalava o seu espírito. Efetivamente, o contágio da doença passava avidamente de uns a outros sem pausa alguma, como se fossem gado lanígero ou gerações bovinas. Era isto que principalmente acumulava um funeral sobre outro funeral. Todos aqueles que evitavam visitar os seus doentes, demasiado cobiçosos da vida e temerosos da morte, pouco depois eram punidos com morte vergonhosa e difícil, e morriam abandonados, sem socorro, vítimas da sua incúria. Aqueles que, ao contrário, tinham estado ao pé dos seus também sucumbiam devido ao contágio e à fadiga que os obrigavam a tomar não só o sentimento do dever como também a

branda voz dos doentes, misturada com o som das suas queixas. Assim sofriam os melhores este gênero de morte.

(Lacuna)

uns sobre os outros, procurando enterrar o povo dos seus mortos; voltavam lassos de lamentos e lágrimas, e uma boa parte se metia na cama por causa da tristeza. E não se podia encontrar ninguém que, numa tal ocasião, não tivesse sido experimentado pela doença, pela morte ou pelo luto.

Além disso, já todo pastor e todo guardador de rebanho e todo o que vai guiando o recurvo arado caía de fraqueza e ficava deitado no fundo das cabanas, com o corpo entregue à morte pela pobreza e pela doença. Os corpos inanimados dos pais acumulavam-se sobre os corpos inanimados dos filhos, e algumas vezes também se poderia ver abandonarem a vida os filhos, por cima de seus pais e suas mães.

E não foi numa pequena parte que o flagelo veio dos campos para a cidade, trazido pelo grande número de lavradores que chegavam de toda parte, já enfraquecidos e doentes. Enchiam todos os lugares, todas as casas, e mais facilmente a morte, por estarem reunidos, os acumulava aos montes. Muitos caindo de sede pelas ruas, e rolando o corpo, ficavam estendidos junto das fontes de água, com o espírito sufocado pela demasiada quantidade da agradável água. Também se via um grande número com o corpo estendido por todas as ruas e lugares públicos, com os membros enfraquecidos, meio exânimes, cobertos de porcaria e de farrapos; e assim morriam entre a horrível sujidade de seu corpo. Sobre seus ossos só restava a pele, já quase toda sepulta sob as asquerosas úlceras e a camada de sujeira.

Finalmente, até os sagrados templos dos deuses tinha a morte enchido de inanimados corpos, e por toda parte os templos dos celestes seres estavam todos carregados de cadáveres dos hóspedes com que os guardas os tinham enchido. Já não tinham importância nenhuma nem a religião nem os numes dos deuses: a dor presente era muito mais forte.

Também já não havia na cidade os costumes de sepultura com que o povo piedoso sempre tinha enterrado os seus mortos; com efeito, todos estavam perturbados e se agitavam e cada um cheio de tristeza enterrava os seus mortos, segundo as possibilidades presentes. As inesperadas circunstâncias e a pobreza aconselharam muitas coisas horríveis. Alguns, com grande clamor, colocavam os seus parentes sobre piras que tinham sido acumuladas para outros e depois chegavam-lhes as tochas, e preferiam bater-se, com grande derramamento de sangue, a abandonar aqueles corpos.

GLOSSÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

ACAIA: designando a princípio apenas uma região da Grécia, veio a ser tomada como designando a totalidade do território grego.

AGRIGENTO: cidade da Sicília, pátria de Empédocles.

ANAXÁGORAS: nascido provavelmente em 500 a.C. e falecido em 428, sustentou a existência de germes minúsculos, idênticos aos corpos em estrutura *(homeomerias),* num conjunto ordenado por um *nous,* uma inteligência, que os textos não permitem pôr como espiritual ou material.

ANCO: é o quarto da lista tradicional, e muito incerta historicamente, dos reis de Roma; era sempre apresentado como o tipo do homem justo e piedoso.

AQUERONTE: nome dum lago ou rio dos infernos que passou depois a designar o próprio inferno.

AQUILÃO: nome do vento norte.

ARADO: ilha da costa da Fenícia.

ARCÁDIA: região da Grécia, essencialmente pastoril.

ÁTICA: a região da Grécia de que Atenas era a capital.

ATLAS: O gigante divino que sustentava o mundo sobre os ombros ou, segundo outra versão, as colunas do céu.

ÁULIDA: porto da Beócia.

AUSTRO: nome por que era designado o vento sul.

BACO: um dos nomes do deus do vinho (Dioniso), festejado nas vindimas e símbolo da vida instintiva.

BARBARIA: designa, no passo do poema em que aparece, a Província da Frígia, na Ásia Menor.

BISTÔNIA: região da Trácia, na Grécia.

CALÍOPE: uma das nove musas; era a inspiradora dos poetas épicos.

CAMPO DE MARTE: O lugar de Roma onde se realizavam os exercícios militares.

CECROPE: O fundador mítico de Atenas.

CEOS: uma das ilhas do arquipélago grego.

CERES: a deusa das searas, e dum modo mais geral, da produção agrícola.

CILA: monstro que se encontrava no estreito de Messina.

CILÍCIA: província da Ásia Menor.

Cipião: trata-se de Cipião, o Africano, vencedor de Aníbal na guerra entre Roma e Cartago (sécs. III-II a.C).

CRETA: a ilha do Mediterrâneo onde, segundo a fábula, tinha nascido Zeus (Júpiter).

CUMAS: a cidade da Itália onde a Sibila proferia os seus oráculos.

CURETAS: sacerdotes cretenses de Zeus, confundidos desde muito cedo com os coribantes de Cibele.

DEMÓCRITO: viveu, possivelmente, de 460 a 373 a.C; como praticamente se desconhece Leucipo (c. 430 a.C), é a ele que se atribui toda a teoria atômica, que, por não admitir a declinação, era puramente mecanicista.

DICTE: monte de Creta.

DIOMEDES: rei grego, filho de Ares.

EMPÉDOCLES: nascido em Agrigento em 490 (?) a.C. e morto por volta dos sessenta anos, era filósofo e médico, e foi considerado como deus pelos contemporâneos. O mundo para ele era formado por quatro elementos, ar, água, terra e fogo, e movido por duas forças contrárias, a do amor e a do ódio, a da atração e a da repulsão. Aceitava igualmente a crença órfico-pitagórica da transmigração das almas.

ENEADES: OS descendentes de Enéias, isto é, os romanos; Enéias era, por seu turno, filho de Vênus.

ERIMANTO: nome de um monte da Arcádia e de um afluente do Alfeio.

ESTINFALO: lago da Grécia (Zaraca).

ETNA: dizia-se na Antigüidade que Vulcano (Hefesto) estabelecera as suas forjas na Sicília sobre o Etna e que ao fogo da forja se deviam as erupções do vulcão; o trabalho dos ciclopes, que o ajudavam, causava igualmente os tremores da terra.

Évio EVAN: epítetos de Baco e gritos das bacantes.

FAETONTE: filho do Sol, roubara o carro de seu pai e abrasara as terras, porque não sabia conduzi-lo.

FAVÔNIO: era o vento do oeste que soprava nos princípios de fevereiro e anunciava a volta da primavera.

FEBO: propriamente, "o brilhante"; era um dos nomes de Apoio, o deus do Sol e da poesia ou, mais largamente, de uma vida racionalmente harmoniosa que se opunha, talvez, para os gregos, à vida dionisíaca de que Baco era o símbolo.

FLORA: deusa da primavera e das flores.

HAMON: nome egípcio de Zeus (Júpiter).

HELICON: monte da Beócia, onde se prestava culto a Apoio.

GERIÃO: filho de Crisaor, morto por Hércules.

HERÁCLITO: viveu provavelmente de 536 a 470 a.C; sustentou que o elemento essencial é o fogo ou o bafo, que o mundo é um contínuo fluxo e que o único elemento fixo, identificador dos vários estados, é a Lei ou a Razão.

HERCULES: filho de Alcmena e de Júpiter, tinha, por imposição dum irmão, realizado notáveis trabalhos, entre os quais se contavam: a vitória sobre o leão de Neméia; a destruição do javali de Erimanto, da hidra de cem cabeças dos pântanos de Lerna, das aves do Estinfalo, dos cavalos de Diomedes, que devoravam gente; a descida aos infernos, vencendo o cão de tríplice fauce; o descanso dado a Atlas. Como prêmio, tinha sido equiparado aos deuses.

HOMERO: poeta grego, dos sécs. VIII-VII a.C, a quem se atribuem, parece que acertadamente, a *Ilíada,* epopéia sobre a guerra de Tróia (Ílion), e a *Odisséia,* que narra o regresso de Ulisses (Odisseus); não devem ser de Homero os *Hinos* e a *Batracomiomaquia (Guerra dos Ratos e das Rãs).*

IDA: montanha de Creta, onde Zeus (Júpiter) tinha sido oculto pela mãe, Réia, para que o pai, Cronos (Saturno), o não devorasse; o mito de Réia confundiu-se muito cedo com o de Deméter, a Terra-Mãe (Cibele).

IFIANASSÀ: nome que dá Homero a Ifigênia, filha de Agamêmnon, sacrificada em Áulida, para que os deuses concedessem ventos favoráveis à esquadra grega que se dirigia a Tróia para resgatar Helena, que fora raptada pelo príncipe Páris (Alexandre).

ISMAR: rio da Trácia.

JÚPITER: O rei dos deuses do panteão romano, assimilado a Zeus, que tinha entre os gregos um papel similar.

LERNA: lago da Argólida, na Grécia.

LÍBER: outro nome de Baco.

LUCÀNIA: região da Itália onde tinham aparecido, trazidos por Pirro, os primeiros elefantes ("bois da Lucânia").

MAGNÉSIA: cidade da Ásia Menor ou de Tessália, na Grécia.

MANES: deuses funerários aos quais se faziam sacrifícios para repouso das almas.

MARTE: deus romano, assimilado a Ares, o deus grego que presidia à guerra.

MATUTA : a deusa da manhã.

MELIBEIA: cidade da Tessália.

MEMIO: talvez C. Mêmio, tribuno em 66 a.C, pretor em 58, governador da Bitínia em 57.

NETUNO: O deus romano assimilado a Poseidon, deus grego que representava o mar.

ORCO: semideus que presidia aos juramentos e que residia nos infernos.

PALAS: deusa da inteligência e da sabedoria, protetora de Atenas e a que foi assimilada a Minerva romana.

PANDION: rei de Atenas, filho de Cécrope.

PARIS: um dos nomes do príncipe troiano que, raptando Helena, desencadeou, segundo a versão tradicional, a Guerra de Tróia.

PELOPONESO: a península da Grécia em que ficava a Lacedemônia (Esparta).

PERGAMO: um dos montes de Tróia.

PIERIDES: as Musas, adoradas na Piéria (Macedônia).

PÍTIA: a profetisa de Febo, cujos oráculos eram dados em Delfos, à sombra dum loureiro e de cima de um banco de três pés.

PONTO: o Ponto Euxino ou mar Negro.

SAMOTRACIA: situada na costa grega, na embocadura do Hebro (Maritza), e célebre pela estátua da Vitória alada.

SCAPTENSULA: cidade da Trácia, perto da qual ficavam minas de prata.

SÍSIFO: era o nome do condenado que tinha, nos infernos, de rolar eternamente um rochedo por uma ladeira acima; logo que atingia o alto, a pedra descia.

TÂNTALO: em geral, representava-se Tântalo como condenado à fome e à sede, embora tivesse junto de si comida e água em abundância; mas Lucrécio apresenta outra versão, comum a vários autores: Tântalo estaria sempre ameaçado pela queda de uma rocha.

TÁRTARO : subterrâneo dos infernos, na sua parte mais profunda.

TEBAS: a cidade da Beócia, célebre, na lenda, pela guerra entre Etéocles e Polinice (cf. *Os Sete contra Tebas,* de Esquilo, e *Antígona,* de Sófocles).

TINDARO: o pai de Helena, cujo rapto foi a causa da Guerra de Tróia.

TÍTIOS: um dos gigantes, filhos da Terra, e morto por Apolo ou Artemísia; tinham-no condenado a ser devorado nos infernos por dois abutres.

TRÁCIA: região do norte da Grécia.

TRÍVIA: propriamente, "das encruzilhadas", sobrenome dado a Diana ou Hécate, deusa da magia.

VÊNUS: a deusa romana assimilada a Afrodite, deusa da beleza e do amor, e cujo filho, Cupido (Eros), era o deus alado do amor, e o mensageiro da deusa.

VULTURNO: vento do sudoeste.